

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Marcos Rogério Ribeiro

**ANÁLISE DE GÊNERO E RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS EM BOLETINS DE
OCORRÊNCIA DE CRIMES DE LINGUAGEM CONTRA A HONRA REGISTRADOS
PELA POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Santa Maria, RS
2018

Marcos Rogério Ribeiro

**ANÁLISE DE GÊNERO E RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS EM BOLETINS DE
OCORRÊNCIA DE CRIMES DE LINGUAGEM CONTRA A HONRA REGISTRADOS
PELA POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Tese apresentada ao curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Letras, na área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Letras**.

Orientadora: Prof. Dra. Cristiane Fuzer

Santa Maria, RS
2018

Ribeiro, Marcos Rogério

Análise de gênero e relações lógico-semânticas em boletins de ocorrência de crimes de linguagem contra a honra registrados pela Polícia Civil do Estado do Rio Grande do Sul / Marcos Rogério Ribeiro.- 2018.

393 p.; 30 cm

Orientadora: Cristiane Fuzer

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2018

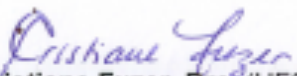
1. Relato de ofensa 2. Boletim de ocorrência 3. Crimes linguagem contra a honra 4. Análise de gênero 5. Relações lógico-semânticas I. Fuzer, Cristiane II. Título.

Marcos Rogério Ribeiro

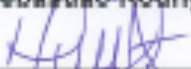
**ANÁLISE DE GÊNERO E RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS EM BOLETINS DE
OCORRÊNCIA DE CRIMES DE LINGUAGEM CONTRA A HONRA
REGISTRADOS PELA POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO RS**


Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Letras**.

Aprovado em 02 de maio de 2018:


Cristiane Fuzer, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)


Adail Sebastião Rodrigues Jr., Dr. (UFOP)


Maria Izabel Plath da Costa, Dra. (SSP-RS)


Sara Regina Scotta Cabral, Dra. (UFSM)


Valéria Iansen Bortoluzzi, Dra. (UFN)

Santa Maria, RS
2018

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Íris Terezinha Ribeiro (in memoriam), exemplo de trabalho, luta e perseverança, e a meu pai, Arcenino Bueno (in memoriam), exemplo de dignidade profissional, que nos inspiram como fonte perene de motivação.

AGRADECIMENTOS

Após o decorrer de mais de seis anos de estudos árduos e de privações para finalizar os projetos de pesquisa que se iniciaram no Mestrado e tiveram continuidade no Doutorado, este é o momento de agradecer a todas aquelas pessoas que, de uma forma ou de outra, colaboraram para que eu pudesse alcançar os objetivos propostos e chegar à conclusão desta importante etapa de altos estudos acadêmicos.

Por isso, agradeço especialmente à minha orientadora, Prof. Dra. Cristiane Fuzer, o seu senso de profissionalismo, dedicação e gentileza por partilhar o seu saber, sempre incentivando e acreditando no potencial de seu orientando, mesmo nos momentos de arrefecimento da motivação. O seu constante estímulo e sua inestimável orientação foi fundamental para que eu chegasse ao sucesso desta empreitada.

Aos meus familiares, minha companheira Maria Lédia Girolometto Ribeiro, minhas filhas Íris Girolometto Ribeiro, Márcia Yane Girolometto Ribeiro e Fernanda Girolometto Ribeiro, agradeço a paciência e compreensão com o fato de eu ter, em muitos momentos, dividido a atenção da família com as atividades da pesquisa. Ao meu irmão Antônio Rocir Ribeiro, nas visitas recíprocas entre Porto Alegre e Santa Maria, agradeço-o pelos mesmos motivos.

À Prof. Dra. Désirée da Motta Roth, minha orientadora no trabalho final de graduação em Letras-Inglês, agradeço por ter-me proporcionado as condições que me incentivaram a ingressar na pós-graduação.

Agradecemos igualmente as contribuições da Prof. Dra. Sara Scotta Cabral, co-coordenadora do NELP, pelas suas valiosas lições nos seminários e reuniões de nosso grupo de pesquisa.

Aos integrantes da banca, agradeço pelas valiosas contribuições e sugestões dadas para o aprimoramento da tese, incluída a recomendação, no exame de qualificação, para participar de aprofundamento da pesquisa no programa de doutorado sanduíche no exterior, o que acabou se concretizando na Universidade de Sydney de abril a julho de 2017. Aqui, aproveito para agradecer à Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter-me concedido a bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), que financiou os meus estudos na Universidade de Sydney.

Ao Prof. PhD James Martin, da Universidade de Sydney, fico grato por ter prontamente aceitado o convite que lhe fiz para ser meu orientador e me brindado com seus ensinamentos em suas aulas e nos encontros de orientação individual e me estimulado a participar dos instigantes seminários com seus orientandos e demais pesquisadoras da denominada Escola de Sydney. Suas orientações e análises que fizemos em conjunto foram cruciais para a revelação do gênero instanciado no boletim de ocorrência.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), agradecemos pelas discussões e disciplinas ministradas, que contribuíram para o embasamento teórico da pesquisa.

As colegas do Mestrado, do Doutorado, do Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP), agradecemos o compartilhamento de saberes e experiências nos seminários, participações em eventos e bancas simuladas realizados com nossos grupos de pesquisa.

Aos funcionários da secretaria da Coordenação do PPGL agradeço a atenção e o suporte dados às nossas questões administrativas, que contribuem para o êxito de nossas atividades e do programa.

À Chefia de Polícia Civil do Rio Grande do Sul, agradeço, na pessoa do delegado Ranolfo Vieira Júnior, por autorizar o uso dos boletins de ocorrência que integraram o *corpus* desta pesquisa, e, na pessoa do delegado Émerson Wendt, por deferir a licença remunerada de minhas funções a fim de cursar o doutorado sanduíche na Universidade de Sydney. Em nome de todos os aqui mencionados, agradeço, por fim, as demais pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização e conclusão desta pesquisa de doutorado.

*Cada século tem seus vícios
dominantes, no nosso creio que seja
a calúnia.*

(Voltaire)

RESUMO

ANÁLISE DE GÊNERO E RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS EM BOLETINS DE OCORRÊNCIA DE CRIMES DE LINGUAGEM CONTRA A HONRA REGISTRADOS PELA POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

AUTOR: Marcos Rogério Ribeiro
ORIENTADORA: Cristiane Fuzer

A presente pesquisa de Doutorado visa a analisar a estrutura esquemática de gênero e de relações lógico-semânticas em boletins de ocorrência (doravante BOs) da Polícia Civil sobre crimes de calúnia, difamação e injúria, investigando os traços léxico-gramaticais e semântico-discursivos que os tipificam. Este estudo está inserido na área de concentração dos *Estudos Linguísticos*, mais especificamente na linha de pesquisa *Linguagem no Contexto Social* e no GRPesq *Linguagem como prática Social* do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. A pesquisa tem como base os princípios da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e, dentro dessa, as ferramentas teóricas da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), e a perspectiva da pedagogia de gêneros da Escola de Sydney (ROSE; MARTIN, 2012). O universo de pesquisa é constituído de 2.795 BOs sobre crimes contra a honra, consistentes em 629 BOs sobre crimes de Calúnia, 449 sobre crimes de Difamação e 1717 sobre crimes de Injúria, registrados no período de 01-09-2011 a 30-09-2011, no Estado do Rio Grande do Sul, a partir dos quais selecionamos os 60 BOs que constituem o *corpus* de análise. A pesquisa evidenciou que o BO de crimes de linguagem contra a honra instancia o gênero que denominamos de *relato de ofensa*, integrante da família das estórias, dividido em sete etapas: 1) Circunstâncias gerais; 2) Fato Ofensivo 3) Implicações legais; 4) Destinação 1; 5) Participantes; 6) Destinação 2 e 7) Policiais plantonistas, cada uma com suas respectivas fases. O propósito principal do gênero é, do ponto de vista linguístico, representar o dizer ofensivo para fins legais. As análises dos significados lógico-semânticos entre as etapas do gênero revelaram relações lógico-semânticas acima do nível interoracional e interfásico. Nessas relações, as categorias do complexo oracional demonstraram como o texto do BO se expande a partir das etapas que compõem o histórico, ora elaborando-o para explicitar dados dos participantes, ora intensificando-o para acrescentar circunstâncias gerais (relativas ao registro do BO e ao fato ofensivo) e para trazer as implicações legais decorrentes do fato ofensivo e a destinação do BO. A projeção verbal, por sua vez, demarca a sequência de eventos, que pode irradiar-se por todo o texto na representação e atribuição de vozes, tais como o dizer do ofensor, o dizer do ofendido, ou o dizer de outros participantes, possibilitando-se atribuir à fonte o que foi dito e delimitar a representação produzida pelo policial atendente. Nas relações entre as fases do gênero predominaram as relações lógicas de consequência, que dizem respeito tipicamente às conclusões no final do texto relativas às manifestações da vítima da ofensa e as instruções emanadas do policial atendente, encerrando com as expressões cristalizadas que realizam o fecho final do relato. As relações lógicas de tempo sucessivo evidenciam basicamente as circunstâncias temporais da etapa do fato ofensivo. As relações aditivas revelam sobretudo o acréscimo de fatos complementares relacionados à fase do *comportamento ofensivo*, enquanto as relações de comparação, na mesma fase, podem servir para explicitar ou parafrasear a ofensa sinalizada na fase de *preambulação*. As relações lógico-semânticas reveladas, assim como as relações coesivas, superam os limites da constituição oracional e, nesse sentido, não são apenas relações lógicas entre orações, mas entre as etapas do gênero e suas fases, fato sociossemiótico a demonstrar que os gêneros são instanciações de culturas.

Palavras-chave: Gênero. Relato de Ofensa. Relações lógico-semânticas. Boletim de ocorrência.

ABSTRACT

GENRE ANALYSIS AND LOGICAL-SEMANTIC RELATIONS IN POLICE REPORTS ON CRIMES OF LANGUAGE AGAINST HONOUR FILED AT RIO GRANDE DO SUL STATE CIVIL POLICE

AUTHOR: Marcos Rogério Ribeiro
ADVISOR: Cristiane Fuzer

This doctorate research aims at analysing the genre schematic structure and logical-semantic relations in police reports (henceforth PR) on crimes of calumny, defamation and injury, by investigating the lexicogrammatical and semantic-discursive features that typify them. This study is within the area of concentration in *Linguistic Studies*, more specifically in the line of research *Language in Social Context* and *Language as a Social Practice* research group from the Postgraduate Program in Letters at UFSM. The research is based on the principles of Systemic-Functional Linguistics (LSF) and, within this, on the theoretical tools of Systemic-Functional Grammar (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014), and on the Sydney School's genre-based pedagogy perspective (ROSE; MARTIN, 2012). The research universe consists of 2,795 PRs on crimes against honor, of which 629 PRs are on Calumny crimes, 449 PRs on Defamation crimes and 1717 PRs on Injury crimes, filed from 01-09-2011 to 30-09-2011, in Rio Grande do Sul state, from which the selection of the 60 texts that constitute the corpus of analysis was made. The research demonstrated that the PR on crimes of language against honor instantiates a genre, which we call *derogation report*, member of the story family genres, being divided into seven stages: 1) General circumstances; 2) Offensive Fact; 3) Legal Implications; 4) Destination 1; 5) Participants; 6) Destination 2 and 7) Police officers on duty, each with its respective phases. The main purpose of the genre is, from the linguistic point of view, to represent the verbal offense for legal purposes. The analysis of logical-semantic meanings between the genre stages revealed logical-semantic relations beyond the interclause and interphase level. In these relations, the clause complex categories demonstrated how the text of the PR expands from the stages that compose the PR history section, sometimes elaborating it to make explicit the participants data, sometimes intensifying it to add general circumstances (related both to PR production and offensive fact) and to bring both the legal implications arising from the offensive fact and the destination of PR. The verbal projection, in turn, demarcates the sequence of events, which can irradiate across the text in the representation and assignment of voices, such as the offender's, victim's, and other participants' voices, making it possible to assign the source of what was said and to delimit the representation produced by the police officer on duty. In the relations between genre phases, the consequence logical relations predominated, which typically concern the conclusions at the end of the text regarding the manifestations of the victim of the offense and the guidelines given by the policeman on duty, ending with the crystallized expressions that realize the final closing of the recount. The logical relations of successive time basically evidence the temporal circumstances of the offensive fact stage. The additive relations reveal, above all, the addition of complementary facts related to the *offensive behavior* phase, while the relations of comparison, in the same phase, can serve to explain or paraphrase the offense that is signaled in the *preambulation* phase. The logical-semantic relations which were revealed, as well as the cohesive relations, surpass the limits of the clause structure and, in this sense, they are not only logical relations between clauses, but between the stages of the genre and its phases, a socio-semiotic fact which demonstrates that genres are instantiations of cultures.

Keywords: Genre. Derogation recount. Logical-semantic relations. Police report.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxograma dos sistemas de atividades e de gêneros da Polícia Judiciária.....	36
Figura 2 – Cópia de um exemplar impresso de um BO.....	38
Figura 3 – O sistema de estratos da linguagem.....	54
Figura 4 – Complexo oracional representando uma sequência em um episódio da narrativa.....	63
Figura 5 – A localização do complexo oracional em termos de estratificação, metafunção e nível.....	72
Figura 6 – Os sistemas do complexo oracional e notações.....	77
Figura 7 – Gênero como um estrato adicional de análise além de relações, campo e modo.....	133
Figura 8 – Mapa de gêneros escolares.....	137
Figura 9 – Sistema dos gêneros estória.....	140
Figura 10 – Estrutura canônica do macrogênero Encontro de Justiça Juvenil.....	154
Figura 11 – Gênero relato comissionado, um passo dentro do macrogênero testemunho, e este um passo no macrogênero Encontro de Justiça Juvenil.....	155

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura policial brasileira.....	30
Quadro 2 – Classificação da polícia brasileira conforme tipo de atividade policial....	31
Quadro 3 – Crimes contra a honra: resumo das características distintivas.....	51
Quadro 4 – Relação entre variáveis do contexto e metafunções da linguagem.....	55
Quadro 5 – Convenções notacionais para representar constituinte lexicogramatical.....	60
Quadro 6 – Notação do texto: marcadores de limites.....	60
Quadro 7 – Complexos oracionais em um episódio dentro de uma narrativa.....	65
Quadro 8 – Complexos oracionais no histórico de um BO de difamação.....	66
Quadro 9 – Projeção e expansão manifestadas na oração e no complexo oracional.....	69
Quadro 10 – Circunstâncias na oração e orações agnatas no complexo oracional..	70
Quadro 11 – Unidades de nível através dos estratos.....	75
Quadro 12 – Orações primárias e secundárias no nexos oracional.....	81
Quadro 13 – Complexo oracional com aninhamento.....	81
Quadro 14 – Subtipos de expansão e projeção com notações correspondentes.....	83
Quadro 15 – Relações lógico-semânticas básicas.....	85
Quadro 16 – Elaboração paratática e hipotática.....	87
Quadro 17 – Relações de intensificação paratáticas com orações finitas.....	93
Quadro 18 – Relações de Intensificação hipotáticas com orações finitas.....	94
Quadro 19 – Relações de Intensificação hipotáticas com orações não finitas.....	95
Quadro 20 – Marcadores de limites para orações e sintagmas encaixados.....	98
Quadro 21 – Tipos de encaixamento (deslocamento de nível).....	99
Quadro 22 – Tipos básicos de expansão encaixada.....	100
Quadro 23 – Substantivos de expansão por intensificação.....	101
Quadro 24 – Ambientes das orações “ato” conforme os tipos de processos.....	102
Quadro 25 – Grupo nominal com projeção encaixada.....	106
Quadro 26 – Substantivos de projeção e substantivos de fato.....	108
Quadro 27 – Visão geral da projeção.....	111
Quadro 28 – Sistemas discursivos, suas funções e respectivas metafunções.....	113
Quadro 29 – Opções gerais para conjunções externas.....	115
Quadro 30 – Opções gerais para conjunções internas.....	116
Quadro 31 – Tipos de conjunções externas/internas.....	117
Quadro 32 – Itens continuativos.....	118
Quadro 33 – Gêneros da primeira fase da pesquisa	136
Quadro 34 – Gêneros e etapas.....	139
Quadro 35 – Fases comuns nas histórias.....	141
Quadro 36 – Etapas do Relato comissionado: Comissão, Orientação e Registro de eventos.....	156
Quadro 37 – Etapas do Relato comissionado: Extensão.....	157

Quadro 38 – Etapas do Relato comissionado: Interpretação.....	158
Quadro 39 – Etapas do Relato comissionado: Ramificações.....	159
Quadro 40 – Relato pessoal e suas etapas.....	161
Quadro 41 – Etapa <i>Circunstâncias Gerais</i> e suas fases.....	172
Quadro 42 – Etapa <i>Fato ofensivo</i> e suas fases.....	174
Quadro 43 – Etapa <i>Fato ofensivo</i> com a fase da <i>preambulação</i>	176
Quadro 44 – Etapa <i>Implicações legais</i> e suas fases.....	177
Quadro 45 – Etapa <i>Destinação 1</i> e sua fase.....	178
Quadro 46 – Etapa <i>Participantes</i> e suas fases.....	179
Quadro 47 – Etapa <i>Destinação 2</i> e sua fase.....	182
Quadro 48 – Etapa <i>Policiais plantonistas</i> e suas fases.....	182
Quadro 49 – Resumo das relações lógico-semânticas entre etapas do Relato de Ofensa comuns a BOs de calúnia, difamação e injúria	197
Quadro 50 – Abreviaturas por tipos de conjunção.....	200

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados de seleção do <i>corpus</i>	146
Tabela 2 – Etapas e quantitativo de fases dos crimes de linguagem contra a honra do <i>corpus</i> (calúnia, difamação e injúria).....	170
Tabela 3 – Quantitativo Geral de conjunções interfásicas nas etapas 2 e 3 (histórico do BO).....	199

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E NOTAÇÕES

BO	Boletim de ocorrência
BOC	Boletim de ocorrência de Calúnia
BOD	Boletim de ocorrência de Difamação
BOI	Boletim de ocorrência de Injúria
GSF	Gramática Sistemico-Funcional
LSF	Linguística Sistemico-Funcional
^	Sequência
+	Extensão
=	Elaboração
x	Intensificação
 	Complexo oracional
 	Oração
 	Sintagma, grupo
[[[]]]	Encaixamento de complexo oracional
[[]]	Encaixamento de oração
[]	Encaixamento de sintagma ou grupo
α β	Sequência hipotática
1 2	Sequência paratática
‘	Projeção de ideia
..	Projeção de locução

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Análises-piloto da estrutura esquemática do histórico de BOs de calúnia, difamação e injúria.....	225
Apêndice B – Análises-piloto de relações lógico-semânticas em BOs de calúnia, difamação e injúria.....	230
Apêndice C – Tabelas de etapas e fases nos BOs de calúnia.....	237
Apêndice D – Resumo das etapas e de quantitativo de fases nos BOs de calúnia.....	273
Apêndice E – Quantitativo detalhado de fases nos BOs de calúnia.....	274
Apêndice F – Tabelas de etapas e fases nos BOs de difamação.....	275
Apêndice G – Resumo das etapas e de quantitativo de fases nos BOs de difamação.....	309
Apêndice H – Quantitativo detalhado de fases nos BOs de difamação.....	310
Apêndice I – Tabelas de etapas e fases nos BOs de injúria.....	311
Apêndice J – Resumo das etapas e de quantitativo de fases nos BOs de injúria.....	333
Apêndice K – Quantitativo detalhado de fases nos BOs de injúria.....	334
Apêndice L – Tabelas de análises interfásicas em BOs de calúnia.....	335
Apêndice M – Tabelas de análises interfásicas em BOs de difamação.....	355
Apêndice N – Tabelas de análises interfásicas em BOs de injúria.....	374

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 – CONTEXTO DE CULTURA DA POLÍCIA JUDICIÁRIA	25
1.1 O CONTEXTO DA POLÍCIA JUDICIÁRIA BRASILEIRA	29
1.2 O CONTEXTO DA POLÍCIA JUDICIÁRIA GAÚCHA	31
1.3 O BOLETIM DE OCORRÊNCIA POLICIAL (BO)	34
1.4 OS CRIMES DE LINGUAGEM CONTRA A HONRA: CALÚNIA, DIFAMAÇÃO E INJÚRIA	41
CAPÍTULO 2 – LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	53
2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	53
2.2 METAFUNÇÕES DA LINGUAGEM E SEUS SISTEMAS DE REALIZAÇÃO	56
2.3 COMPLEXO ORACIONAL: NOÇÕES GERAIS INTRODUTÓRIAS	56
2.4 COMPLEXO ORACIONAL E TRANSITIVIDADE EM ORAÇÕES	68
2.5 O COMPLEXO ORACIONAL, FORMAÇÃO DE GRUPOS E O PERÍODO	74
2.6 TIPOS DE RELAÇÕES ENTRE ORAÇÕES	77
2.6.1 Sistema de Taxe: hipotaxe e parataxe	78
2.6.2 Relações lógico-semânticas: expansão e projeção	82
2.6.3 As relações lógicas de expansão	85
2.6.3.1 <i>Elaboração</i>	86
2.6.3.2 <i>Extensão</i>	89
2.6.3.3 <i>Intensificação</i>	92
2.6.3.4 <i>Expansões encaixadas</i>	97
2.6.4 As relações lógicas de projeção: relatos, ideias e fatos	103
2.7 SISTEMAS SEMÂNTICO-DISCURSIVOS: ASPECTOS GERAIS DO SISTEMA DE CONJUNÇÃO	112
2.7.1 Sistema de Conjunção	113
2.8 CONCEPÇÕES DE GÊNERO: A ABORDAGEM DE GÊNERO DA ESCOLA DE SYDNEY	118
2.8.1 Abordagem sociodiscursiva: a perspectiva bakhtiniana	125
2.8.2 Gêneros elementares da Escola de Sydney	130
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	143
3.1 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE	144
3.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	148
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	151
4.1 CONFIGURAÇÃO CONTEXTUAL DO BO	166
4.2 ESTRUTURA ESQUEMÁTICA DO GÊNERO RELATO DE OFENSA	169
4.2.1 Etapa 1: Circunstâncias gerais	171
4.2.2 Etapa 2: Fato ofensivo	173
4.2.3 Etapa 3: Implicações legais	177
4.2.4 Etapa 4: Destinação 1	178
4.2.5 Etapa 5: Participantes	179
4.2.6 Etapa 6: Destinação 2	182

4.2.7 Etapa 7: Policiais plantonistas.....	182
4.3 RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS ENTRE ETAPAS DO RELATO DE OFENSA	186
4.3.1 Relações lógico-semânticas a partir da etapa <i>Circunstâncias Gerais</i> ...	187
4.3.2 Relações lógico-semânticas entre as etapas <i>Fato ofensivo e Implicações legais</i>	189
4.3.3 Relações lógico-semânticas entre as etapas <i>Fato ofensivo - Implicações legais</i> e as etapas <i>Destinação 1 e Destinação 2</i>	191
4.3.4 Relações lógico-semânticas entre as etapas <i>Fato ofensivo - Implicações legais</i> e a etapa <i>Participantes</i>	192
4.3.5 Relações lógico-semânticas entre as etapas <i>Fato ofensivo - Implicações legais</i> e a etapa <i>Plantonistas</i>	195
4.4 RELAÇÕES CONJUNTIVAS INTERFÁSICAS NAS ETAPAS <i>FATO OFENSIVO - IMPLICAÇÕES LEGAIS</i> (HISTÓRICO DO BO)	199
4.4.1 Relações lógico-semânticas expoentes na fase <i>circunstâncias específicas</i>	201
4.4.2 Relações lógico-semânticas expoentes na fase <i>comportamento ofensivo</i>	202
4.4.3 Relações lógico-semânticas expoentes na fase <i>negativa da vítima</i>	203
4.4.4 Relações lógico-semânticas expoentes na fase <i>fatos complementares</i>	204
4.4.5 Relações lógico-semânticas expoentes na fase <i>arrolamento testemunhal</i>	205
4.4.6 Relações lógico-semânticas expoentes na fase <i>motivação da ofensa</i> ..	205
4.4.7 Relações lógico-semânticas expoentes na fase <i>manifestação da vítima</i>	206
4.4.8 Relações lógico-semânticas expoentes na fase <i>instruções</i>	207
4.4.9 Relações lógico-semânticas expoentes na fase <i>fechamento</i>	208
CONSIDERAÇÕES FINAIS	210
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	215
ANEXOS	222
APÊNDICES.....	224

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de Doutorado versa sobre a análise da estrutura esquemática de gênero e de relações lógico-semânticas em boletins de ocorrência (doravante BOs) da Polícia Civil sobre crimes de calúnia, difamação e de injúria, investigando-se os traços léxico-gramaticais e semântico-discursivos que os tipificam. Este estudo está inserido na área de concentração dos *Estudos Linguísticos*, mais especificamente na linha de pesquisa *Linguagem no Contexto Social* e no GRPesq *Linguagem como prática Social*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria.

Essa linha de pesquisa, que busca estudar as relações estabelecidas nas atividades sociais mediadas discursivamente por meio da descrição da língua em uso, abrange o projeto guarda-chuva denominado *Leitura e escrita em Língua Portuguesa na perspectiva sistêmico-funcional* (registro GAP/CAL n.º 037375), coordenado pela professora Dra. Cristiane Fuzer. Esse projeto tem como uma de suas ênfases a função social, os elementos composicionais e as características léxico-gramaticais e semântico-discursivas de gêneros das variadas esferas sociais, objetivando o estudo e a sistematização de padrões de significados em textos (discursivos) e orações (gramaticais) na perspectiva sistêmico-funcional da linguagem (FUZER, 2014).

Sob a perspectiva social de linguagem, dentro do contexto jurídico-policial, objetivamos estudar como a linguagem é usada em boletins de ocorrência para organizar o texto e encadear eventos em fases e etapas em relatos de conflitos verbais que configuram, no âmbito jurídico, os crimes de calúnia, difamação e injúria. Para tanto, focalizamos nas categorias dos sistemas do complexo oracional e semântico-discursivos da conjunção, enfatizando as relações lógico-semânticas entre fases e etapas. A pesquisa será informada pelos princípios da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e, dentro dessa, as ferramentas teóricas da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), e pela perspectiva da pedagogia de gêneros da Escola de Sydney (ROSE; MARTIN, 2012), sobretudo para a descrição das etapas e fases do BO, a fim de revelar a sua natureza genérica.

Além disso, salientamos que a presente pesquisa é uma ampliação de nosso projeto de mestrado denominado *A representação social e linguística da ofensa*

verbal nos crimes de linguagem contra honra (calúnia, difamação e injúria) (registro GAP/CAL 032104) que resultou na dissertação de mestrado intitulada *Representações para atores sociais em boletins de ocorrência de crimes de injúria*, defendida em 2014, a qual foi um aprofundamento de trabalho final de graduação (RIBEIRO, 2010) em letras-inglês e respectivas literaturas¹. A pesquisa de mestrado, por sua vez, integrou os estudos realizados no âmbito do projeto guarda-chuva denominado *Gramática Sistêmico-Funcional para análise de representações sociais* (Registro GAP/CAL nº 25406), também coordenado pela professora Dra. Cristiane Fuzer, já finalizado.

Destarte, levando-se em conta o objetivo proposto e o arcabouço teórico que sustenta o presente estudo, está devidamente justificada a sua inclusão na linha de pesquisa Linguagem no contexto social, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria.

A fim de verificarmos o estado da arte, nos últimos 10 anos, dos estudos abrangendo linguagem e direito que versassem sobre o BO, pesquisamos os periódicos CAPES e o google acadêmico no período entre 2007 e 2018. Nessas buscas, encontramos diversos trabalhos, dos quais destacamos dissertações e teses com pesquisas baseadas em variadas concepções de linguagem, conforme discorreremos a seguir, obedecendo à ordem temporal de publicação.

Tristão (2007) efetuou análise relativa à *dêixis espacial*, usando a teoria da enunciação, em um *corpus* composto por 20 BOs (de contravenções e crimes de trânsito e ambientais) produzidos pela Polícia Militar do Estado de Minas Gerais.

Jesus (2008), por sua vez, procurou analisar o discurso escrito nos BOs, levando em conta a escolha vocabular feita pelo escrivão (discurso policial); as estratégias discursivas da vítima (depoente) com vista a sua defesa e acusação ao infrator; o uso das dêixis como recursos argumentativos; as marcas de subjetividade no discurso policial e a subjetividade em boletins de ocorrência como pressuposto do discurso (narrativo) analisado.

Costa (2009), por seu turno, analisou, em um *corpus* contendo históricos de 12.000 BOs, uma fração da terminologia empregada pela Polícia Civil do Estado do Rio Grande do Sul, através de quatro termos (*furto chuca, furto descuido, furto mão*

¹O trabalho, que consistiu em uma análise da configuração contextual e da estrutura retórica do BO, na perspectiva sociorretórica, intitulou-se “**Judiciary police system of genres: a genre analysis of police report on language crimes against honour (calúnia, difamação and injúria)**”.

grande e furto punja), referentes ao modo da ação praticada por autor de subtração criminosa, utilizados como forma de qualificar as circunstâncias que determinam a natureza da infração penal.

Paula, Oliveira e Tomé (2011), estudou a posição sujeito policial militar na elaboração dos Boletins de Ocorrência de Furto e roubo a residência no município de Sinop – MT.

Nascimento Júnior (2012), realizou uma análise crítica de discurso em boletins de ocorrência e termos circunstanciados, utilizando os aparatos teóricos da gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1985) e da representação dos atores sociais (VAN LEEUWEN, 1997).

De Conto (2012), por meio da análise de vinte BOs de violência doméstica e familiar contra a mulher, coletados na Delegacia de Polícia de São Borja, buscou investigar e interpretar as representações sociais da mulher que sofre ou sofreu agressão praticada por seu companheiro/marido no âmbito privado.

Oliveira (2014) analisou notícias de crimes quando veiculadas concomitantemente às investigações policiais, logo após o acontecimento de um crime, e que fosse de grande repercussão na imprensa. Isso foi feito com base em um *corpus* constituído por boletins de ocorrência, peças de denúncias e de sentenças, além de notícias de crimes de jornais selecionados acerca dos casos de morte de Isabella Nardoni e Eloá Cristina.

Além disso, também encontramos estudos com base na Linguística Sistêmico-Funcional que abrangem direito e linguagem, como Fuzer (2008), que estuda a representação de atores sociais nos autos de um processo penal sobre um crime contra a vida no contexto brasileiro, e Bortoluzzi (2008), que analisa representações da justiça em acórdãos de *habeas corpus* e cartas do leitor. Mais recentemente, encontramos Fuzer (2016), no capítulo de livro intitulado “*Análise contextual e léxico-gramatical da sentença condenatória no caso Isabella Nardoni*”, no qual, levando em conta aspectos do contexto e da léxico-gramática, é analisada a linguagem usada para realizar a prática social que consiste em estabelecer pena de privação de liberdade a pessoas acusadas de praticar um crime contra a vida.

Conforme já salientamos, a pesquisa que ora desenvolvemos teve início a partir de Ribeiro (2010) quando, em trabalho final de graduação intitulado “**Judiciary police system of genres: a genre analysis of police report on language crimes against honour (calúnia, difamação and injúria)**”, fizemos uma análise do BO sobre

crimes de linguagem contra a honra (calúnia, difamação e injúria) com base na abordagem sociorretórica, que resultou na publicação do artigo “*A estrutura potencial do gênero do boletim de ocorrência sobre crimes de linguagem contra a honra*” (RIBEIRO, 2014b). Na sequência, porém com esteio principal na Linguística Sistêmico-Funcional, desenvolvemos a pesquisa de mestrado intitulada “*Representações para atores sociais em boletins de ocorrência de crimes de injúria*”, na qual foram analisados 40 BOs de injúria com o fim de investigar o uso da linguagem para representar atores sociais envolvidos em BOs de crimes de injúria.

Em continuidade a esses trabalhos foram ainda publicados os artigos intitulados “*Representações para atores sociais em boletins de ocorrência de crimes de injúria*” (RIBEIRO, 2014a), e “*A atitude em boletins de ocorrência de crimes de linguagem contra a honra: um estudo da ofensa verbal na perspectiva do sistema de avaliatividade*” (RIBEIRO; FUZER, 2014), todos tendo como principal base teórica a Linguística Sistêmico-Funcional. Nessa mesma esteira teórica, foi publicado o capítulo de livro intitulado “*Realizações léxico-gramaticais de representações para atores sociais e para ofensa no ambiente de projeção oracional em boletins de ocorrência de injúria*” (RIBEIRO, 2017).

É mister mencionar, porém, que não encontramos nesses estudos prévios pesquisa similar à que está sendo proposta, que aborde os três crimes de linguagem contra a honra (calúnia, difamação e injúria) em BOs na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, utilizando os sistemas do complexo oracional e de conjunção, assim como a perspectiva de gênero da Escola de Sydney. Isso aumenta a relevância deste estudo para a linha de pesquisa no qual está inserido, uma vez que o seu possível ineditismo, no sentido de realizar estudo analítico de gênero da atividade policial com base em relações lógico-semânticas, poderá vir a contribuir para aprofundar os estudos sistêmico-funcionais em língua portuguesa num contexto ainda pouco explorado e que abrange os campos do direito e da linguagem.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em realizar uma análise da estrutura esquemática de gênero e de relações lógico-semânticas em BOs de crimes de calúnia, difamação e injúria, investigando-se os traços léxico-gramaticais e semântico-discursivos que os tipificam, a fim de revelar o (s) gênero (s) neles instanciado (s).

Os objetivos específicos são os seguintes:

- Descrever as variáveis contextuais do BO, a fim de investigar a influência do contexto situacional na sua estrutura esquemática e vice-versa;
- Analisar as relações lógico-semânticas no histórico dos BOs, revelando sequências que caracterizam o desenvolvimento do texto pela análise da projeção, da expansão e das relações discursivas conjuntivas;
- Descrever a estrutura esquemática do BO a partir de seus aspectos contextuais, semântico-discursivos e léxico-gramaticais,
- Revelar, a partir da descrição da estrutura esquemática, o(s) gênero(s) instanciado(s) no BO, identificando-se a sua natureza linguística, tendo em conta a influência recíproca entre texto e contexto.

Dito de outro modo, esta pesquisa objetiva perquirir qual é a natureza do texto do BO no sentido de revelar que gênero é nele instanciado por intermédio da análise das etapas e fases que o compõem e das relações lógico-semânticas entre essas etapas e fases a partir de categorias do sistema do complexo oracional e do sistema de conjunção. Para alcançar tal desiderato, serão objeto de análise textos que constituem o boletim de ocorrência, especificamente aqueles contendo fatos registrados pela Polícia Civil no ano de 2011 no Estado do Rio Grande do Sul.

As perguntas norteadoras da pesquisa, para as quais buscamos resposta, são as seguintes: *1) qual gênero é instanciado no boletim de ocorrência de crimes de linguagem contra a honra? e 2) Quais são suas etapas e fases, bem como as características das relações lógico-semânticas predominantes, sobretudo no nível do complexo oracional e semântico discursivo da Conjunção?*

A concepção de gênero adotada nesta pesquisa é a da Escola de Sydney, segundo a qual os gêneros constituem “processos sociais realizados em etapas e orientados para um objetivo” (ROSE; MARTIN, 2012, p. 54). Com base nessa perspectiva, o BO poderia ser considerado uma prática social que instancia um ou mais gêneros, entretanto pretendemos revelar pelas análises se a sua natureza consiste em um gênero ou macrogênero.

O BO contém a realização linguística da ocorrência de um fato criminoso e, em alguns casos, fatos não criminosos, sendo um dos documentos mais produzidos no sistema de atividades e de gêneros da Polícia Judiciária. Tipicamente, o BO traz a primeira notícia, para o Estado, de um evento criminoso passado e este é recapitulado sucintamente, porém em todas as suas circunstâncias, no BO. Este

servirá de ponto de partida para diversos outros atos posteriores nos quais pode ser necessária a tomada de decisões de toda ordem, inclusive judiciais, que podem influenciar a vida cotidiana das pessoas, devido ao caráter performativo dos gêneros legais. Embora seja um documento altamente padronizado, no histórico² do BO encontramos a sua parte mais variável e dinâmica. Nele está o relato de fatos que, no caso do tema desta pesquisa, podem configurar um dos crimes de linguagem contra a honra, no qual a palavra é utilizada como instrumento para a prática de uma infração penal. Há igualmente o relato de fatos que podem configurar outras infrações penais, tais como roubo, furto, homicídio, estupro, estelionato, ameaça, etc.

Assim sendo, percebemos a importância do estudo do BO para a análise das realizações léxico-gramaticais e semântico-discursivas das ofensas verbais. Isso porque este, com toda a sua riqueza e variedade linguística, traz o relato inicial de fatos criminosos passíveis de desencadear uma investigação criminal capaz de redundar na indicação de uma pessoa como vítima e outra como suspeita ou autora de uma infração, o que pode acarretar consequências jurídicas para os envolvidos.

Para o empreendimento da pesquisa, a estrutura da tese foi dividida em cinco capítulos, a seguir descritos, subdivididos em seções.

O primeiro capítulo apresenta o contexto de cultura da Polícia Judiciária brasileira no qual são apresentadas as suas atribuições legais, situando o BO em seus sistemas de atividades e de gêneros e trazendo as definições básicas dos crimes de linguagem contra a honra.

O segundo capítulo aborda os pressupostos basilares da Linguística Sistêmico-Funcional, versando sobre a linguagem como um sistema sociosemiótico e as metafunções da linguagem e seus sistemas de realização, destacando-se o complexo oracional com a abordagem dos tipos de relações entre as orações, abrangendo o sistema de taxa e as relações lógicas de expansão e projeção. Na sequência abordamos os sistemas semânticos discursivos com foco no sistema de conjunção. Nesse mesmo capítulo, apresentamos a concepção de gênero da abordagem sociosemiótica, com destaque para a perspectiva de gênero da Escola de Sydney e seus gêneros elementares, que será utilizada como base teórica para a descrição composicional do BO e revelação de sua natureza genérica.

² Em Ribeiro (2010), com base em Swales (1990), a estrutura retórica do gênero BO foi sistematizada em seis movimentos; no terceiro movimento está situado o histórico do BO.

O terceiro capítulo refere-se à metodologia de realização desta pesquisa e nele explicitaremos o processo de constituição do *corpus* e os procedimentos utilizados para efetuar a análise linguística dos textos selecionados.

O quarto capítulo se refere à análise e discussão dos resultados e nele abordamos a configuração contextual e estrutura composicional do histórico do BO, revelando as conexões lógico-semânticas entre suas etapas e fases e procurando evidenciar as suas características léxico-gramaticais e semântico-discursivas.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTO DE CULTURA DA POLÍCIA JUDICIÁRIA

A Linguística Sistêmico-Funcional, consoante veremos no próximo capítulo, considera a linguagem como um sistema sociosemiótico e, em decorrência disso, nessa concepção de linguagem é destacada a relação dialética entre texto e contexto. Conforme Halliday (1989), isso implica dizer que o contexto de cultura ou de situação influencia as escolhas do falante ou do escritor na construção de um texto. O contexto de cultura (macrocontexto) é mais amplo e estável e abrange ideologias, convenções sociais, instituições, bem como práticas consagradas em instituições como a justiça, igreja, escola, dentre outras. O contexto de situação (microcontexto), por sua vez, é imediato, e a formatação do texto varia de acordo com as variáveis do contexto: o campo (o que está acontecendo, a natureza da prática social manifestada linguisticamente), a relação (o vínculo e o papel dos participantes da prática manifestada no texto) e o modo (o papel da linguagem no texto) (HALLIDAY, 1989).

Assim sendo, neste capítulo, com base nessas noções, abordamos o contexto de cultura da Polícia Judiciária, o boletim de ocorrência e sua natureza linguística, assim como os crimes de linguagem contra a honra e, mais especificamente, os crimes de calúnia, difamação e injúria. Antes disso, porém, destacamos que a Polícia Judiciária brasileira está inserida em um contexto jurídico e ideológico mais amplo, conforme o critério de classificação de famílias de sistemas jurídicos.

David e Birley (1985, p. 22) reconhecem a existência de pelo menos três famílias de sistemas legais mais proeminentes no mundo atualmente: a do Direito Socialista, a do Direito Consuetudinário e a do Direito Romano-Germânico, porém ressaltam que há outros sistemas além dessas três principais tradições (que podem compartilhar algumas de suas concepções). Essas famílias nasceram na Europa e foram transplantadas para outras partes do mundo. A seguir, passamos a discorrer brevemente sobre cada uma dessas três famílias.

A família do Direito Socialista, segundo David e Birley (1985), constitui um sistema distinto das duas outras famílias. Para ambos, atualmente, no campo socialista estão países que outrora pertenceram à família Romano-Germânica e que preservaram dela algumas características. Essa tradição concebe a regra legal como uma norma geral de conduta e mantém, em grande parte, as mesmas divisões do direito e a terminologia jurídica como produto da ciência jurídica construída com

base no direito romano das universidades europeias. Apesar dessas semelhanças, o Direito Socialista constitui atualmente uma família distinta da Romano-Germânica e apresenta como originalidade a sua natureza revolucionária, uma vez que, se cotejado com o caráter um tanto estático do sistema Romano-Germânico, o intuito dos juristas socialistas estaria na derrubada do sistema social vigente para a criação de condições para o funcionamento de uma nova ordem social em que os próprios conceitos de estado e direito desapareceriam. Nesse sentido, afirmam David e Birley (1985) que a única fonte do estado de direito socialista estaria no trabalho revolucionário do legislativo como expressão da vontade popular, orientada estritamente pelo Partido Comunista. Porém, segundo os autores, o papel principal da ciência do direito nesse caso não seria somente criar uma nova ordem, pois o direito, como verdade científica, na perspectiva marxista-leninista, estaria subordinado à tarefa de criar uma nova estrutura econômica, na qual todos os meios de produção são coletivizados. Diante disso, as relações de direito privado entre os cidadãos são extremamente limitadas com a perda de proeminência do direito privado, fazendo com que todo o direito se torne direito público. De acordo com essa nova concepção, uma série de regras que os juristas burgueses considerariam regras legais é removida do campo do direito. Ainda segundo David e Birley (1985), a família do Sistema Socialista de Direito é originária da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, onde um novo direito se desenvolveu a partir da revolução de 1917. Por outro lado, o direito das repúblicas populares da Europa ou Ásia faz parte de um grupo distinto do Direito Soviético, ou seja, pertencem à família Socialista, mas constituem uma combinação dessas novas concepções jurídicas com os princípios da civilização do extremo oriente presentes antes da era socialista.

A família do Direito Consuetudinário (common law), segundo afirmam David e Birley (1985), mantém ainda traços marcantes de suas origens. Essa tradição inclui o direito inglês e outros direitos baseados no modelo inglês, formado principalmente por juízes responsáveis por resolver litígios específicos. De acordo com os autores, o Direito Consuetudinário procura dar uma solução a um julgamento em vez de formular uma regra geral de conduta para o futuro, sendo, dessa forma, bem mais abstrato do que a regra legal característica da família Romano-Germânica. Para os advogados do Direito Consuetudinário, questões concernentes à administração da justiça, procedimento, prova e execuções de sentença têm importância equivalente às regras legais substantivas, ou até mesmo superior, porque historicamente a sua

preocupação imediata tem sido reestabelecer a paz em vez de articular uma base moral para a ordem social. As origens do Direito Consuetudinário estão ligadas ao poder real, sendo desenvolvido como um sistema para aqueles casos em que a paz do Reino Inglês era ameaçada ou quando alguma outra motivação exigisse ou justificasse a intervenção do poder real. Na sua essência, parece ser um *direito público*, pois os litígios entre indivíduos privados não recaíam na alçada da justiça do Direito Consuetudinário, salvo quando elas envolviam o interesse da coroa ou do reino. Na formação e desenvolvimento do Direito Consuetudinário (um direito público vindo do procedimento), o aprendizado a partir dos Romanistas baseado no *Ius Civile* desempenhou um papel bem menor. As divisões do Direito Consuetudinário, seus conceitos e vocabulário, assim como os métodos do advogado no Direito Consuetudinário, são completamente diferentes daqueles relativos à família Romano-Germânica. Assim como na família Romano-Germânica, o Direito Consuetudinário também teve uma expansão considerável pelo mundo e pelas mesmas razões, quais sejam, a colonização ou recepção. Porém, aqui também há uma distinção entre o Direito Consuetudinário na Europa (Inglaterra e Irlanda) e aquele fora da Europa. Em certos países fora da Europa, o Direito Consuetudinário foi recebido apenas parcialmente, como no caso, v. g., de certos países muçulmanos ou da Índia; e onde foi recebido, houve transformação ou adaptação em razão de sua coexistência com a tradição das civilizações preexistentes. Acrescentam os autores que o ambiente diferente tem criado diferenças entre o Direito Consuetudinário dos países de origem e o daqueles para os quais ele foi importado, o que ocorre, por exemplo, em países como Estados Unidos e Canadá, onde se desenvolveu uma civilização diferente da Inglaterra e nos quais as leis desfrutam de um lugar amplamente autônomo na família.

Por fim, a família do Direito Romano-Germânico, conforme asseveram David e Birley (1985), abrange os países nos quais o seu sistema jurídico desenvolveu-se com base no *Ius Civile* (direito civil) romano, no qual as regras jurídicas são concebidas como regras de conduta intimamente ligadas às ideias de justiça e moralidade.

Nessa tradição, os juristas são os principais verificadores e formuladores dessas regras, compondo o que se chama de doutrina do direito, ficando a tarefa de aplicação prática e de administração real sob a responsabilidade da administração pública e de operadores do direito. A sua evolução ocorreu com base no direito

privado como meio de reger as relações privadas entre os indivíduos; outros ramos do direito se desenvolveram mais tarde com base nos princípios do direito civil, o qual continua atualmente sendo o principal ramo da doutrina do direito. Desde o século XIX, tem sido uma característica dessa tradição a importância dada, por vários países que dela fazem parte, à promulgação de legislação por meio de códigos. Por isso, Terrill (2009) salienta que uma característica marcante dessa família é a sua ênfase no desenvolvimento da lei na forma codificada e não na resolução de litígios individuais.

A família romano-germânica é originária da Europa e foi formada em universidades europeias que, a partir do século XII, com base nas compilações do Imperador Justiniano (483-565 d.C.) evoluiu e desenvolveu uma ciência jurídica comum a todos e adaptada às condições do mundo moderno. O termo Romano-Germânico foi escolhido como reconhecimento pelo esforço conjunto das universidades de países latinos e germânicos. A família Romano-Germânica conquistou vastos territórios, dentre os quais o do Brasil, onde os sistemas legais pertencem ou estão relacionados a essa família. O fenômeno da recepção voluntária produziu o mesmo resultado em países que não foram colonizados, mas onde a necessidade de modernização, ou o desejo de ocidentalização levou à penetração de ideias europeias.

No contexto da família Romano-Germânica está inserido o sistema jurídico brasileiro e, por conseguinte, a Polícia Judiciária, cuja origem remonta ao período da legislação pós-revolucionária francesa, sendo prevista no *Code d'Instruction Criminelle* de 1808 e considerada, em geral, na perspectiva de sua atividade precípua, como “um tipo de instrução preparatória que precede a instrução feita pelo juiz” (HÉLIE, 1866, p. 7). Seguindo a tradição romano-germânica, a Polícia Judiciária brasileira tem sua existência e atribuições codificadas no Código de Processo Penal e em leis esparsas e previstas constitucionalmente nas constituições estaduais e federal.

Dito isso, a seguir, abordamos o contexto da Polícia Judiciária brasileira, também denominada de Polícia Civil.

1.1 O CONTEXTO DA POLÍCIA JUDICIÁRIA BRASILEIRA

As atividades de segurança pública no Brasil são exercidas por diversas instituições públicas. Cada uma delas tem suas funções básicas delimitadas no artigo 144 da Constituição Federal Brasileira, o qual prescreve que a segurança pública “é dever do Estado, direito e responsabilidade de todos”, sendo “exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio”, pelos seguintes órgãos: “polícia federal, polícia rodoviária federal, **polícias civis** e polícia militares e corpo de bombeiros militares” (BRASIL, 1988, grifo nosso).

As funções básicas das polícias civis estão especificamente descritas no § 4.º do artigo 144 da Constituição Federal, o qual estabelece que “às polícias civis, dirigidas por delegados de polícia de carreira, incumbem, ressalvada a competência da União, as funções de polícia judiciária e a apuração de infrações penais, exceto as militares” (BRASIL, 1988). Na redação desse parágrafo, verifica-se que as polícias civis têm uma dupla função, uma relacionada à polícia judiciária e outra relacionada à apuração das infrações penais. A primeira função, por um processo metonímico, também designa uma das denominações da instituição.

Além disso, o § 6.º do artigo 144 prevê que “as polícias militares e corpos de bombeiros militares, forças auxiliares e reserva do Exército, subordinam-se, **juntamente com as polícias civis**, aos Governadores dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios” (BRASIL, 1988, grifo nosso). Conforme Ribeiro (2014), da leitura dessa disposição, podemos constatar que a Polícia Civil e as demais instituições de segurança estaduais possuem um vínculo de subordinação hierárquica com os poderes executivos estaduais, os quais possuem na sua organização, dentre as diversas secretarias de estado, a Secretaria de Segurança Pública, cujo dirigente é o Secretário de Segurança Pública, à qual está subordinada a Polícia Civil.

O Secretário de Segurança Pública, por sua vez, está subordinado diretamente ao Governador do Estado, a quem cabe livremente escolhê-lo, admiti-lo e exonerá-lo. Relativamente às instituições que integram a pasta da Secretaria de Segurança Pública, elas podem variar de estado para estado.

Segundo Choukr (2006, p. 05), para poder haver a compreensão da organização da estrutura policial brasileira, é necessário iniciar pela forma de

Estado, federativa, estabelecida na Constituição Federal. Nela está prevista uma divisão tripartite entre União (federal), Estado (estadual) e Município (municipal), níveis nos quais também ocorre a divisão das atribuições das polícias, inclusive a de guarda dos bens municipais, de competência das Guardas Municipais.

O Quadro 1 apresenta, resumidamente, a estrutura policial brasileira e suas denominações, conforme o sistema federativo e a sua estrutura organizativa.

Quadro 1 – Estrutura policial brasileira

QUANTO À UNIDADE FEDERATIVA (União, Estado e Município)	DENOMINAÇÕES	QUANTO À ESTRUTURA ORGANIZATIVA (civil e militar)
UNIÃO (Federal)	Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Polícia Ferroviária	Civil
ESTADO (Estadual)	Polícia Civil	Civil
	Polícia Militar ³	Militar
MUNICÍPIO (Municipal)	Guardas Municipais	Civil

Fonte: (RIBEIRO, 2014, adaptado de CHOUKR, 2006, p. 06).

Como podemos perceber no Quadro 1, em nível estadual, há uma dicotomia na estrutura policial estadual, a qual é dividida entre Polícia Civil e Polícia Militar. A Polícia Militar é força auxiliar e reserva do Exército e, por isso, as duas instituições militares possuem organização hierárquica semelhante. Em decorrência dessa dualidade, as atribuições entre as duas corporações são distintas, cabendo geralmente à Polícia Civil a atividade policial investigativa e à Polícia Militar a atividade policial ostensiva (caracterizada principalmente pelo uso da farda). Em nível federal, a atividade policial investigativa é tipicamente atribuição da Polícia Federal, ao passo que a atividade policial ostensiva é tipicamente realizada pela Polícia Ferroviária e pela Polícia Rodoviária Federal. Há ainda as ações preventivas e repressivas de segurança desempenhadas pelo Exército Brasileiro, como função

³ No Rio Grande do Sul a Polícia Militar recebe o nome de Brigada Militar.

subsidiária, em faixa de fronteira terrestre contra delitos transfronteiriços e ambientais, conforme estabelece a Lei Complementar n.º 97/99.

O Quadro 2 apresenta, resumidamente, a classificação dicotômica da polícia brasileira com base no tipo de atividade.

Quadro 2 – Classificação da polícia brasileira conforme tipo de atividade policial

TIPO DE ATIVIDADE POLICIAL	
INVESTIGATIVA⁴	POLICIAMENTO OSTENSIVO
<ul style="list-style-type: none"> •realizada pela Polícia Civil e Polícia Federal •realizada pela Polícia Militar (IPM)⁵ 	<ul style="list-style-type: none"> •realizada pela Polícia Militar estadual •realizada pela Polícia Rodoviária Federal e Polícia Ferroviária

Fonte: (RIBEIRO, 2014, adaptado de CHOUKR, 2006, p. 06).

A Polícia Civil, no cumprimento de sua dupla função básica, é, portanto, responsável pela elaboração de procedimentos policiais e a realização de investigações criminais destinadas a levar ao Poder Judiciário, por intermédio de ação penal promovida pelo Ministério Público, os elementos probatórios viabilizadores da instauração de um processo penal contra a pessoa a quem foi imputada uma infração penal⁶.

1.2 O CONTEXTO DA POLÍCIA JUDICIÁRIA GAÚCHA

No Estado do Rio Grande do Sul, a Constituição Estadual gaúcha, na sua redação mais recente, normatiza a ordem pública (título IV) estabelecendo, no artigo 124, que são órgãos integrantes da segurança pública a Brigada Militar (denominação da polícia militar gaúcha), a Polícia Civil, o Instituto Geral de Perícias e o Corpo de Bombeiros Militar. Há ainda a Superintendência dos Serviços

⁴ Em decisão prolatada em 2015 no Recurso Extraordinário 593727, o plenário do STF concedeu poder investigatório criminal ao Ministério Público.

⁵ A atividade investigativa das polícias militares é estritamente realizada, após instauração de um inquérito policial militar (IPM), somente em caso de crimes militares cuja competência de julgamento seja da justiça militar estadual.

⁶As infrações penais são divididas em crime e contravenção: no crime o apenamento é mais grave (pena de reclusão ou detenção e multa) enquanto a contravenção prevê um apenamento mais brando (prisão simples ou multa, alternativa ou cumulativamente).

Penitenciários (SUSEPE), que, embora não conste no rol constitucional da segurança pública, compõe a política penitenciária do Estado e igualmente integra a Secretaria da Segurança.

A direção geral da Polícia Civil gaúcha e os princípios que a regem também estão previstos na Constituição Estadual, que, em seu artigo 133, estabelece que a Polícia Civil é dirigida pelo Chefe de Polícia, delegado de carreira da classe mais elevada, de livre escolha, nomeação e exoneração pelo Governador do Estado. O parágrafo único do mesmo artigo dispõe que “são autoridades policiais os Delegados de Polícia de carreira, cargos privativos de bacharéis em Direito” e, em seguida, o artigo 134 diz que “a organização, garantias, direitos e deveres do pessoal da Polícia Civil serão definidos em lei complementar e terão por princípios a hierarquia e a disciplina” (RIO GRANDE DO SUL, 1989).

Esses princípios foram consolidados na Lei Estadual n.º 10.994/97, que estabelece a organização básica da Polícia Civil gaúcha e dispõe, em seu artigo 7.º, como princípios básicos da instituição a unidade de procedimento, a hierarquia e a disciplina (RIO GRANDE DO SUL, 1997). É possível perceber na redação de referido artigo, “o acréscimo de um terceiro princípio aos previstos na Constituição do Estado, ou seja, a unidade de procedimento, a qual implica, expressamente, a exigência de uniformidade das ações da Polícia Civil no cumprimento de suas atribuições” (RIBEIRO, 2014).

A hierarquia na Polícia Civil no Rio Grande do Sul, quanto aos funcionários policiais que a compõem é constituída atualmente pelas autoridades policiais: Delegado de Polícia; e pelos agentes da autoridade policial: Comissário de Polícia, Inspetor e Escrivão de Polícia, conforme dispõe o artigo 76 da Lei n.º 7.366/80 (RIO GRANDE DO SUL, 1980).

Essas carreiras são estruturadas por níveis (classes) que se estendem do mais baixo ao mais alto ranking hierárquico, um tendo precedência de autoridade sobre o outro. A carreira de Delegado de Polícia inicia-se na 1.a classe e vai até a 4.a classe, último degrau da carreira. Dentre esses últimos, é escolhido, pelo Governador de Estado, o Chefe de Polícia, o qual comanda a Polícia Civil. A carreira de agente da autoridade (escrivão e inspetor) inicia-se igualmente na primeira classe, porém, após passar pela 2.a e 3.a classes, no quarto e último degrau da carreira, passa a chamar-se Comissário de Polícia.

As atribuições dos integrantes das carreiras policiais gaúchas estão estabelecidas em regimento interno e legislação esparsa, mas estão reunidas de modo mais amplo em editais de concurso público expedidos pela Academia da Polícia Civil.

No Edital n.º 08/2018, publicado no Diário Oficial do Estado de 22-02-2018, há uma síntese das atribuições do cargo de Delegado de Polícia descrita no item 3:

3. DO CARGO DE DELEGADO DE POLÍCIA

3.1. Das atribuições do cargo:

3.1.1. São atribuições do Delegado de Polícia, entre outras previstas em Lei: presidir inquéritos policiais, termos circunstanciados e autos de prisão em flagrante; apreender objetos que tiverem relação com o fato delituoso e requisitar perícias em geral para a formalização da prova criminal; cumprir e fazer cumprir mandados de prisão; dirigir e orientar a investigação criminal e todos os atos de polícia judiciária de uma Delegacia de Polícia ou qualquer outro órgão policial; proceder à verificação e exame dos atos ilícitos que chegam a seu conhecimento, tomando as providências jurídicas que o caso requer; elaborar relatórios, bem como representar pela decretação judicial de prisões cautelares; proceder a sindicâncias administrativas, processos administrativos disciplinares; expedir e fiscalizar a emissão de documentos públicos de sua competência; gerenciar o órgão policial em que estiver lotado, em conformidade com as normas e princípios que regem a Administração Pública (RIO GRANDE DO SUL, 2018).

No Edital n.º 21/2017, publicado no Diário Oficial do Estado de 18-12-2017, há uma síntese das atribuições dos cargos de Escrivão de Polícia e Inspetor de Polícia.

3.1. Do cargo de Escrivão de Polícia:

3.1.1. São atribuições do Escrivão de Polícia, entre outras previstas em Lei: escriturar ou orientar a escrituração dos livros cartorários de delegacias; lavrar e expedir certidões; lavrar autos de prisão, de apreensão, de restituição, de depósito, de acareação e de reconhecimento; lavrar termos de declarações, de ocorrência, de fianças, de compromisso e de representação; recolher fianças, nos termos da legislação; exarar boletins estatísticos; atualizar arquivos e bancos de dados; cumprir e fazer cumprir as determinações das autoridades policiais; participar de diligências externas, cumprir mandados de busca, realizar prisões e intimações; portar arma de fogo de uso regulamentar, inclusive armas longas; conduzir veículos oficiais; executar tarefas administrativas.

3.2. Do cargo de Inspetor de Polícia:

3.2.1. São atribuições do Inspetor de Polícia, entre outras previstas em Lei: realizar diligências, operações, vigilâncias e atos investigatórios; efetuar prisões, buscas e apreensões; cumprir mandados; colaborar na execução de atividades procedimentais e administrativas; cumprir e fazer cumprir as determinações das autoridades policiais; manter atualizados os bancos de dados de interesse da investigação policial; elaborar relatórios de investigação; portar arma de fogo de uso regulamentar, inclusive armas longas; conduzir veículos oficiais; executar tarefas administrativas (RIO GRANDE DO SUL, 2017).

Os delegados de polícia e seus agentes (Inspetor e Escrivão de Polícia) são, portanto, os integrantes das carreiras policiais da Polícia Civil no Estado do Rio Grande do Sul, podendo haver nomenclaturas distintas para agentes policiais em outras unidades da federação.

Apresentado um panorama geral do contexto da Polícia Judiciária no sistema de segurança pública brasileira e na segurança pública gaúcha, a seguir discorreremos sobre o boletim de ocorrência policial e sua natureza linguística, apresentando, inicialmente, uma visão geral de atividades desempenhadas e textos produzidos pela Polícia Judiciária.

1.3 O BOLETIM DE OCORRÊNCIA POLICIAL (BO)

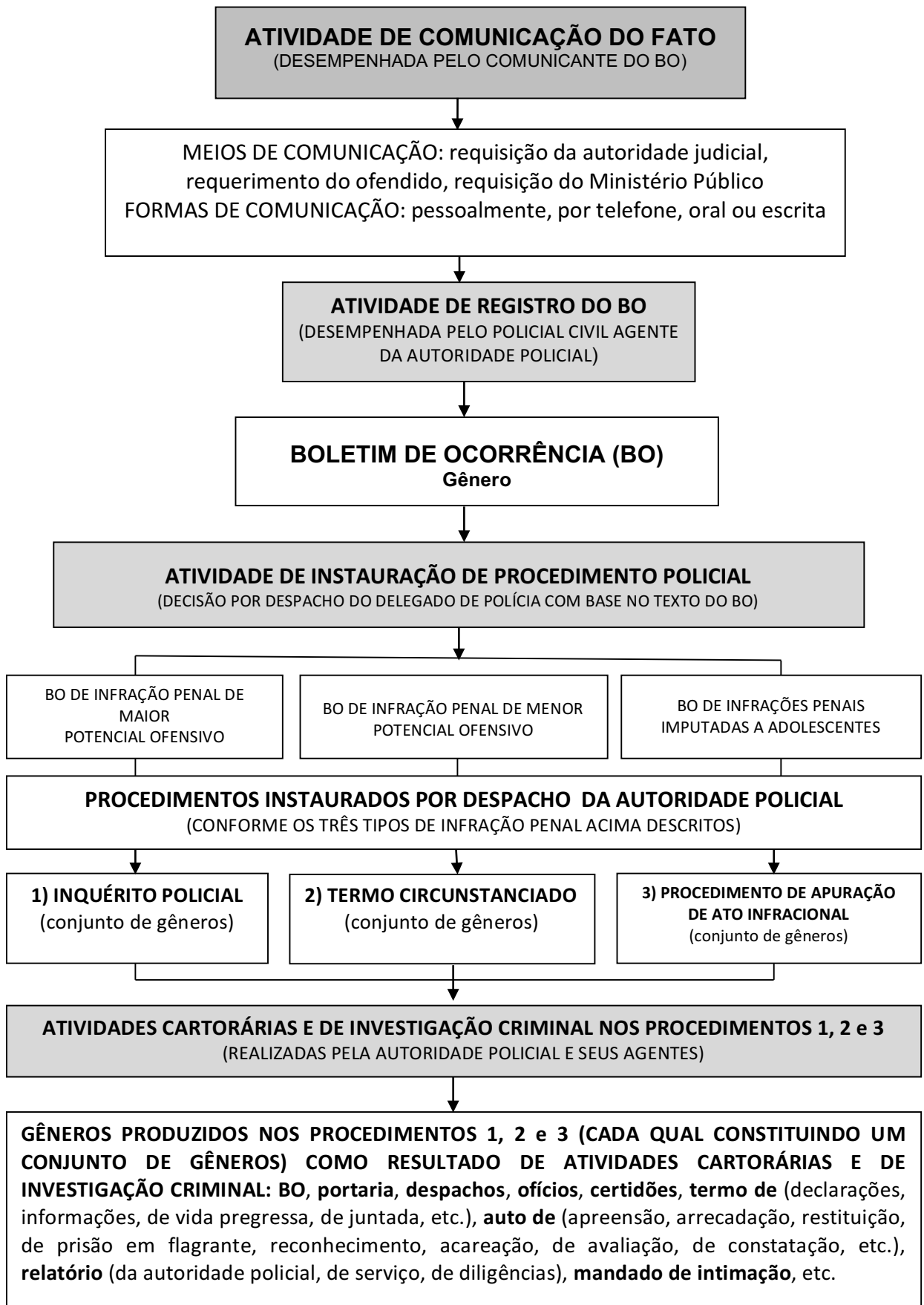
Para Halliday (1989), o contexto de situação e o contexto de cultura mais amplo compõem o ambiente não-verbal de um texto. Diferentemente do contexto de situação, não há um modelo linguístico específico para o contexto de cultura (HALLIDAY, 1989). Além disso, a descrição do potencial cultural de uma dada comunidade, em razão de sua amplitude, demandaria um empreendimento extraordinário. Do ponto de vista prático, porém, uma estratégia de pesquisa viável e mais fácil de empreender consiste em descrever um determinado domínio cultural ou instituição (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), conforme realizamos na seção anterior e continuamos na presente seção. Dessa forma, face à ausência de um modelo com categorias específicas para o contexto de cultura, utilizamos nessa descrição a noção de sistema de gêneros e de sistema de atividades formulada por Bazerman (2004), para o qual “os gêneros tipificam muitas coisas além da forma textual. Eles são parte do modo como os seres humanos dão forma à atividade social”⁷. Para o autor, o sistema de gêneros compõe-se de vários conjuntos de gêneros, os quais consistem em uma “coleção de tipos de textos que alguém em um determinado papel tende a produzir” (BAZERMAN, 2004, p. 318), e mais as relações padronizadas na produção, fluxo e utilização de tais documentos. E os conjuntos de gêneros, por sua vez, são produções de pessoas que trabalham juntas e de forma organizada.

⁷Genres typify many things beyond textual form. They are part of the way that humans give shape to social activity.

Em relação ao sistema de atividades, Bazerman (2004, p. 18) observa que o sistema de gêneros integra o sistema de atividades de um determinado grupo de pessoas e, quando definimos o sistema de gêneros em que as pessoas praticam a interação, identificamos a estrutura organizadora de seu trabalho, sua atenção e realização. Seguindo essa concepção, podemos considerar que a Polícia Judiciária possui um sistema de atividades organizadas e padronizadas que contém uma estrutura com uma pluralidade de gêneros produzidos pelos seus integrantes, tanto nas relações internas quanto externas, envolvendo outros atores sociais e constituindo as atividades sociais da Polícia Judiciária (RIBEIRO, 2014).

Um resumo do sistema de atividades e de gêneros da Polícia Judiciária é apresentado na Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma dos sistemas de atividades e de gêneros da Polícia Judiciária



Fonte: (RIBEIRO, 2014, p. 26).

Constatamos, em estudo anterior, que grande parte das atividades descritas na Figura 1 são procedimentos sequenciais organizados temporalmente e possuem previsão em regulamentos internos da instituição e em legislação específica, como o Código de Processo Penal. Esse diploma legal permite-nos situar o BO dentro do sistema de atividades da Polícia Judiciária (RIBEIRO, 2014).

Nesse sentido, no Título II do Código de Processo Penal está regulado o inquérito policial, principal procedimento da Polícia Judiciária destinado à apuração das infrações penais e de sua autoria. No inquérito policial encontramos a formalização escrita de atos cartorários e investigatórios criminais realizados pela Polícia Judiciária, sendo ele geralmente instaurado sempre quando houver conhecimento de ocorrência de infração penal de maior potencial ofensivo, ou seja, nos casos em que a pena prevista seja acima do quantum de dois anos de privação da liberdade (ex.: tráfico de drogas, roubo, furto, homicídio). Abaixo disso, em infrações penais de menor potencial ofensivo (crimes e contravenções), ou seja, nos casos em que a pena máxima não for superior a dois anos (ex.: lesão corporal simples, injúria simples, calúnia, difamação, ameaça), em vez do inquérito policial, o procedimento cabível nesses casos é o termo circunstanciado, o qual possui uma tramitação sumária e, portanto, mais célere, conforme preceitua a Lei n.º 9.099/95.

Além do inquérito policial e do termo circunstanciado, há o procedimento de apuração de ato infracional atribuído a adolescente, previsto na Lei 8.069/90, o qual é instaurado para investigação dos fatos, tanto nas infrações de maior potencial ofensivo quanto nas de menor potencial ofensivo, quando o autor ou suspeito da sua autoria for adolescente (entre 12 anos (inclusive) e 18 anos (exclusive) de idade).

Na Figura 1, também percebemos que há vários meios e formas de as infrações penais chegarem ao conhecimento da autoridade policial (Delegado de Polícia) e de seus agentes, podendo ser oral ou escrito, por telefone ou pessoalmente, por requisição da autoridade judicial (Juiz de Direito), do Ministério Público, ou ainda a requerimento do ofendido ou de quem tiver a qualidade para representá-lo.

Em todos esses casos, ao tomar conhecimento do fato, o policial elaborava um BO em que relata o histórico sucinto dos fatos, suas circunstâncias espaço-temporais e descreve a qualificação completa de todos os participantes do evento, sejam eles vítimas, testemunhas, suspeitos ou autores do fato. Nos três tipos de procedimento antes mencionados (inquérito policial, termo circunstanciado e

procedimento de apuração de ato infracional atribuído a adolescente), o BO é, na maioria das vezes, cronologicamente o primeiro documento a integrá-los, sendo também utilizado nas estatísticas para medir o número de ocorrências criminais e não criminais que chegam ao conhecimento da Polícia Civil (RIBEIRO, 2014). A Figura 2 mostra uma cópia de um BO de injúria impresso.

Figura 2 – Cópia de um exemplar impresso de um BO

```

POLICIA CIVIL -                               ITAARA                               FOLHA 1
OCORRENCIA 390/2005                           SIMPLES                               28/09/2009 10:24:00
ORGAO 150556 - ITAARA

REGISTRO : 26/09/2005 as 14:14 horas   COMUNICACAO: PESSOAL                   TRANSMIT.
MICRO    : 7802 - MONO

FATO     : INJURIA
          : CONSUMADO
INICIO   : 25/09/2005 as 17:30 horas   ate 25/09/2005 as 18:00 horas
LOCAL    : BR 158 - ITAARA RS - BRASIL
          : VIA PUBLICA
          : CEMITERIO
AREA     : URBANA
FORMA    :
INSTRUMENTO:
ATUACAO  :
VIAS ACESSO:

HISTORICO: A COMUNICANTE COMPARECE NESTA DP PARA REGISTRAR QUE EM DATA, HORARIO
E LOCAL ACIMA INFORMADOS O SR ██████████, O QUE ACUSOU O SEU COMPANHEIRO
██████████ DE ROUBO, LHE OFENDEU DIZENDO - PS GOSTOSA VEM DAR PARA MIM
- QUE A CHAMAVA FAZENDO GESTOS COM A MAO ENQUANTO DIZIA ISSO. QUE
NAO HOUVE TESTEMUNHAS DO FATO. FOI CIENTIFICADA DE QUE TEM O PRAZO
DECADENCIAL DE SEIS MESES CONTADOS DA DATA DO OCORRIDO PARA, EM
QUERENDO, EXERCER O SEU DIREITO DE REPRESENTACAO CRIMINAL.

ORGAO DE DESTINO: ITAARA / DELEGACIA DE POLICIA

PARTICIPANTE 1 - VITIMA                       PRESENTE
NOME          : ██████████
FILIAÇÃO     : ██████████ E ██████████
NASCIDO      : 12/11/1983 FEMININO             BRANCA SOLTEIRO
INSTRUCAO    : ENSINO FUNDAMENTAL             COR DOS OLHOS: CASTANHO
NATURAL      : SANTA MARIA - RS                BRASILEIRO NATO
DOCUMENTO    : CARTEIRA IDENTIDADE 1087085501 SJS - RS
C.N.H.       :
RESIDE EM    : RUA ██████████, ██████████/CASA, BALN JARDIM BRASILIA, ITAARA - RS -
              BRASIL CEP 97185-000
PROFISSAO    :
TRABALHA    :
C.FISICA    : NORMAL
A VITIMA DESEJA VER PROCESSADO? SIM( ) NAO(X)
                                                    (a) _____

DESTINO 1a VIA: _____
EQUIPE      : A
ATENDENTE   : 4063259421 LUIZA CAROLINA CARVALHO DE CASTRO (a) _____
CHEFE PLT   : 8002146226 JOAO CARLOS VILLANI LORENZONI (a) _____
TITULAR
DO ORGAO    : 6040889021 VLADIMIR PEUKERT URACH (a) _____

```

Destacamos que grande parte das atividades que integram o sistema de atividades procedimentais da Polícia Judiciária em seus atos investigatórios e que dão origem a vários textos que integram o seu sistema de gêneros estão elencados nos artigos 6.º, incisos I a IX, e 7.º do Código de Processo Penal (BRASIL, 1941), prescrevendo:

art. 6.º: logo que tiver conhecimento da prática da infração penal, a autoridade policial deverá:

I - dirigir-se ao local, providenciando para que não se alterem o estado e conservação das coisas, até a chegada dos peritos criminais;

II - apreender os objetos que tiverem relação com o fato, após liberados pelos peritos criminais;

III - colher todas as provas que servirem para o esclarecimento do fato e suas circunstâncias;

IV - ouvir o ofendido;

V - ouvir o indiciado, com observância, no que for aplicável, do disposto no Capítulo III do Título VII, deste Livro, devendo o respectivo termo ser assinado por duas testemunhas que lhe tenham ouvido a leitura;

VI - proceder a reconhecimento de pessoas e coisas e a acareações;

VII - determinar, se for caso, que se proceda a exame de corpo de delito e a quaisquer outras perícias;

VIII - ordenar a identificação do indiciado pelo processo datiloscópico, se possível, e fazer juntar aos autos sua folha de antecedentes;

IX - averiguar a vida pregressa do indiciado, sob o ponto de vista individual, familiar e social, sua condição econômica, sua atitude e estado de ânimo antes e depois do crime e durante ele, e quaisquer outros elementos que contribuam para a apreciação do seu temperamento e caráter.

Art. 7.º Para verificar a possibilidade de haver a infração sido praticada de determinado modo, a autoridade policial poderá proceder à reprodução simulada dos fatos, desde que esta não contrarie a moralidade ou a ordem pública (BRASIL, 1941).

A Polícia Judiciária, ao exercer suas funções, pratica uma série de atividades, inclusive as mencionadas no artigo 6.º acima referido, que são autuadas (transformadas em autos, ou seja, formalizadas em textos escritos), os quais recebem a designação conforme as atividades às quais se referem.

Assim, a título de exemplo, quando um policial **apreende**, para servir de prova, um revólver com o qual foi praticado um homicídio, ou, por outro lado, um bilhete contendo texto com ofensas à honra de uma pessoa, esta atividade desempenhada pelo policial é materializada linguisticamente pela confecção de um texto que recebe a designação de **auto de apreensão**. Em outro exemplo, quando uma vítima comparece em uma delegacia de polícia para o ato de **reconhecer**, dentre vários suspeitos, aquele que foi o autor de uma determinada infração penal contra a sua pessoa, essa atividade é realizada linguisticamente em um texto que recebe o nome de **auto de reconhecimento** (RIBEIRO, 2014, p. 28).

Dentre as práticas que compõem o sistema de atividades da Polícia Judiciária e o seu sistema de gêneros, encontramos a lavratura do BO, o qual tipicamente contém a comunicação de um fato criminoso, podendo, porém, registrar fatos não

criminosos, como perda de documentos, acidentes de trânsito com danos materiais (sem lesões corporais), dentre outros. De qualquer modo, o BO com notícia de infração penal constitui documento inicial de praticamente todos os três principais procedimentos apuratórios elaborados pela Polícia Judiciária (inquérito policial, termo circunstanciado e procedimento de apuração de ato infracional).

Geralmente a primeira notícia formal ao Estado acerca da ocorrência de um fato criminoso acontece por intermédio do BO, no qual o evento ocorrido é recapitulado, de forma sucinta, em todas as circunstâncias possíveis. O BO, nesse sentido, serve como desencadeador de diversos atos subsequentes e de base para decisões diversas, tanto judiciais quanto extrajudiciais, com potencial impacto no cotidiano das pessoas, servindo extrajudicialmente, por exemplo, como base para recebimento de prêmios de seguros, obtenção de segunda via de documentos, dentre outras finalidades. No que diz respeito às atividades de Polícia Judiciária, o BO geralmente é documento exordial na lista documental de instrução de representações formuladas à justiça pela autoridade policial, tais como pedidos de prisão, de busca e apreensão, interceptação telefônica, etc.

O BO é um documento altamente padronizado e formulaico e nele encontramos tanto o relato, especificamente, no caso em estudo, dos crimes de linguagem contra a honra, nos quais a palavra, escrita ou oral, é utilizada como instrumento para a prática criminosa, quanto de outros crimes como homicídio, ameaça, roubo, estupro, estelionato, dentre outros.

Nesse sentido, o estudo do BO, sobretudo a análise linguística do seu histórico, torna-se de fundamental relevância.

Isso porque este traz o relato inicial de um fato criminoso passível de desencadear uma investigação criminal capaz de redundar na indicação de uma pessoa como vítima e outra como suspeita ou autora de uma infração, o que pode acarretar em consequências jurídicas para os envolvidos (RIBEIRO, 2014, p. 29).

De fato, após o despacho do Delegado de Polícia no BO impresso, determinando seja instaurado um dos três procedimentos de Polícia Judiciária (inquérito policial, termo circunstanciado e procedimento de apuração de ato infracional) inicia-se a apuração dos fatos puníveis e sua autoria. No caso do inquérito policial, após o despacho do Delegado de Polícia, é expedida uma portaria de instauração, a qual contém uma descrição sucinta do fato punível e de suas circunstâncias com base na notícia inicial do BO, a qual procura conter uma

resposta às seguintes questões: o que?, como?, quem?, quando?, onde?, por que?, com o que? Entretanto, nem sempre essas questões podem ser respondidas nessa fase inicial, uma vez que, muitas vezes, a investigação criminal formalizada no inquérito policial busca justamente, por exemplo, elucidar a autoria (quem?), a motivação do crime (por que?) e os instrumentos utilizados para o seu cometimento (com o que?).

Por fim, salientamos que, em estudo prévio, Ribeiro (2010), com base em Swales (1990), revelou a estrutura retórica do BO, dividindo-a em seis movimentos retóricos, estando o histórico no terceiro movimento. O autor, orientado por princípios teóricos da sociorretórica, apresentou a sua configuração contextual com base em um *corpus* composto por 60 BOs de calúnia, difamação e injúria coletados entre 2006 e 2009 na delegacia de polícia do município de Itaara, no Rio Grande do Sul. Na presente pesquisa, porém, ampliamos as análises para abranger o histórico e as demais partes, desta vez na perspectiva teórica da Linguística Sistêmico-Funcional, podendo ser revelada uma nova estrutura do BO.

Apresentado, portanto, o BO e a sua contextualização no sistema de atividades e de gêneros da Polícia Judiciária, passamos a discorrer sobre os crimes de linguagem contra honra, nos quais estão inseridos os crimes de calúnia, difamação e injúria.

1.4 OS CRIMES DE LINGUAGEM CONTRA A HONRA: CALÚNIA, DIFAMAÇÃO E INJÚRIA

No âmbito internacional, a proteção à honra e reputação do indivíduo está inscrita na Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem, aprovada na XI Conferência Internacional em Bogotá no ano de 1948, a qual enuncia em seu artigo 5.º que: “toda pessoa tem direito à **proteção da lei contra os ataques abusivos a sua honra, a sua reputação** e a sua vida privada e familiar” (grifo nosso).

No mesmo ano de 1948, a Assembleia Geral da ONU aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, estabelecendo, em seu artigo 12, que: “ninguém será objeto de ingerências arbitrárias em sua vida privada, sua família, seu domicílio ou sua correspondência, **nem de ataques a sua honra ou a sua reputação. Toda pessoa tem direito à proteção da lei contra tais ingerências ou ataques**” (grifo

nosso). Posteriormente, a Convenção Americana sobre Direitos Humanos, firmada em 22-11-1969 na Costa Rica, estabeleceu no seu artigo 11 que:

“1. Toda pessoa **tem direito ao respeito de sua honra e ao reconhecimento de sua dignidade**”. 2. Ninguém pode ser objeto de ingerências arbitrárias ou abusivas em sua vida privada, na de sua família, em seu domicílio ou em sua correspondência, **nem de ofensas ilegais à sua honra ou reputação** (grifo nosso).

No âmbito nacional, a Constituição Federal da República coloca a tutela da honra entre os direitos e garantias fundamentais e prescreve, em seu artigo 5.º, inciso X, que: “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a **honra** e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação” (grifo nosso).

Dessa forma, podemos perceber que a honra integra o rol dos direitos humanos fundamentais e, no Brasil, possui status constitucional, sendo considerada uma das garantias fundamentais do cidadão. Nesse contexto normativo, a fim de ser resguardada contra violações criminosas, a honra constitui um bem jurídico tutelado pela legislação penal pátria. Nesse sentido, o capítulo V do Código Penal Brasileiro (BRASIL, 1940) nos artigos 138, 139 e 140 traz a descrição das condutas que caracterizam os crimes contra honra e as penas previstas para a violação dos três artigos, conforme discorreremos a seguir.

O crime de calúnia está descrito no artigo 138 do Código Penal (BRASIL, 1940), o qual estabelece a pena de seis meses a dois anos de detenção e multa para quem “caluniar alguém, imputando-lhe falsamente fato definido como crime”. Além disso, o § 1.º do artigo 138 estende a mesma pena para quem, sabendo falsa a acusação, a propala ou divulga, e o § 2.º do mesmo artigo diz que também é punível a calúnia contra pessoas mortas, de modo que, mesmo que a pessoa ofendida seja alguém já falecido, o autor da calúnia será punido. A título de exemplo, cometeria o crime de calúnia a patroa que acusa falsamente a empregada de ter-lhe furtado suas joias, divulgando isso a terceiros.

Damásio de Jesus (2014) elenca três formas de calúnia: 1) calúnia inequívoca ou explícita, exemplo: *fulano de tal é o sujeito que a polícia está procurando pela prática de vários estupros*; 2) calúnia equívoca ou implícita, exemplo: *não fui eu que, durante muitos anos, me agasalhei nos cofres públicos*; 3) calúnia reflexa, exemplo: *dizer que um promotor público deixou de denunciar um indiciado porque foi*

subornado. Nesse caso, além do promotor, o indiciado acaba também sendo vítima de calúnia. A seguir, apresentamos o extrato do histórico de um BO de calúnia.

Exemplo 1:

Relata que hoje, por volta das 12h30min, o Sr. Beltrano, proprietário de um bar próximo a sua residência, esteve na casa do comunicante e lhe acusou de ter comprado objetos furtados. Ele disse ainda que o indivíduo conhecido por Tetrano teria estado na casa do comunicante após ter praticado furto no estabelecimento dele. Que nada do que é acusado por Beltrano ocorreu. Não deseja representar contra o acusado. Foi orientado do prazo decadencial de seis meses para a representação (BOC #16).

No Exemplo 1, há o relato de uma calúnia explícita, na qual o agente ofende a vítima, atribuindo-lhe falsamente o fato criminoso de compra de objetos furtados de sua residência, o que caracteriza crime de Receptação, previsto no artigo 180 do Código Penal.

O crime de difamação, por sua vez, está descrito no artigo 139 do Código Penal (BRASIL, 1940), o qual prevê a pena de três meses a um ano de detenção e multa para quem “difamar alguém, imputando-lhe fato ofensivo contra a sua reputação”. Um exemplo de crime de difamação seria a conduta de quem divulga, falsamente, a outras pessoas que a vítima costuma chegar atrasada ao serviço todos os dias. A seguir, apresentamos o extrato do histórico de um BO de difamação.

Exemplo 2:

Declara que sua cunhada, Beltrana, está contando a pessoas vizinhas da vítima entre outras, que a declarante tem um caso com seu colega de trabalho Fulano, porém a história não seria verdadeira, que inclusive seu marido, irmão de Beltrana, e a esposa de Fulano não acreditam nas histórias de Beltrana. Não deseja representar. Ciente do prazo de seis meses (BOD #3).

No Exemplo 2, vemos o relato de uma difamação em que o agente ofende a vítima, atribuindo-lhe um fato ofensivo (não criminoso) a sua reputação, ao divulgar para vizinhos e terceiros que a ofendida mantém um caso com seu colega de trabalho Fulano.

Por último, o crime de injúria está descrito no artigo 140 do Código Penal (BRASIL, 1940), o qual prevê a pena de um mês a seis meses de detenção ou multa para aquele que “injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou decoro”. A título de exemplo, incorre no crime de injúria aquela pessoa que chama a vítima de prostituta, vagabunda, ladra, ou qualquer outro qualificativo ou atributo genérico ofensivo.

Face aos movimentos da sociedade contra todo tipo de conduta discriminatória, é importante destacar que o § 3.º do artigo 140 estabelece aumento de pena para um ano a três anos de reclusão e multa “se a injúria consistir no uso de elementos referentes a raça, cor, idade, etnicidade, religião, origem ou condição de deficiência física”. Nesse caso, haveria o aumento de pena nas hipóteses em que o agente, com a intenção de ofender, chama outrem de, v. g., *negro, preto sujo, velho gagá, batuqueiro, baiano preguiçoso, aleijado, etc.*

Além da definição legal, destacamos uma definição jurisprudencial para o crime de injúria, segundo a qual

Injuriar é humilhar, achincalhar, ofender, ridicularizar, atentar contra a honra. É o proposital, consciente e maldoso menosprezo à pessoa do próximo, condenado pelo direito positivo de todas as nações civilizadas e pela moral cristã, exteriorizado mediante os pronunciamentos verbais de impropérios ultrajantes ou por escritos, gestos ou qualquer outro meio malicioso. Por vezes a injúria é velada, como no caso em que além de expressões escritas ofensivas foram usados símbolos, enigma e caricatura, é pior que a explícita, máxime quando expõe a vítima ao escárnio público (FRANCO et al., 1995, p. 1783).

Da definição jurisprudencial acima podemos inferir que, além do predomínio da linguagem verbal, mediante uso da palavra escrita ou oral, a injúria pode ser praticada por quaisquer outros meios aptos à exteriorização do pensamento, tais como desenhos, pinturas, gestos, sinais, etc. (RIBEIRO, 2014).

Franco et al. (1995, p. 1782-1783) elenca diversas formas de injúria, classificando-as como tipos de ofensa, sendo elas a ofensa por omissão, ofensa imediata, ofensa mediata, ofensa por meios mecânicos, ofensa direta, ofensa oblíqua, ofensa indireta ou reflexa, ofensa explícita, ofensa equívoca, ofensa excludente, ofensa irônica, ofensa implícita, ofensa fingidamente involuntária ou por lapso e ofensa reticente.

A **ofensa por omissão** ocorre, por exemplo, quando uma pessoa chega em uma casa em que há várias pessoas reunidas e, ao cumprimentá-las, recusa-se, entretanto, a cumprimentar uma delas que lhe estende a mão.

A **ofensa imediata** é aquela proferida pelo próprio ofensor. A **ofensa mediata**, por sua vez, ocorre por utilização de outra energia humana, animal ou mecânica. A título de exemplo, a primeira hipótese ocorre quando se ensina uma criança a insultar a pessoa alvo da ofensa, e a segunda, quando, v. g., se adentra um papagaio para repetir a injúria ensinada. Nas duas hipóteses, a responsabilidade

pelas ofensas recai sobre a pessoa que se utiliza da criança e do animal para praticar a injúria.

A **ofensa por meios mecânicos** ocorre quando são utilizados, por exemplo, um gravador de som ou outros instrumentos para produzir a ofensa.

A **ofensa direta** ocorre quando o ofensor se refere a vícios ou defeitos do próprio ofendido, enquanto a **ofensa oblíqua** se dá quando o ofensor faz referência a alguém a quem o ofendido estima ou ama, por exemplo, ao proferir “tua mãe é uma vagabunda”. Na **injúria indireta ou reflexa**, ao ofender uma determinada pessoa, o ofensor também atinge outra vítima, como na hipótese em que o ofensor chama um homem de corno ou de filho da puta, caso em que a injúria também atinge concomitantemente a sua esposa ou a sua mãe.

A **ofensa explícita** é aquela com relação à qual não há quaisquer dúvidas ou ambiguidades, enquanto que a **ofensa equívoca**, ao contrário, contém dubiedades, vacilações ou incertezas. Já a **ofensa implícita** ocorre quando apresenta um juízo subentendido, como na afirmação: “quem não pensar como eu é um idiota”.

A **ofensa excludente** está em afirmações do tipo “de todos os prefeitos desta cidade, Vossa Excelência foi o único honesto”, enquanto que na **ofensa irônica** o sarcasmo é evidente: isso ocorre, v. g., quando o ofensor, ao falar de uma pessoa de pouquíssima ou nenhuma instrução formal, diz que ela é “cultíssima”.

A **ofensa fingidamente involuntária ou por lapso** está presente em afirmações do tipo “fulano é muito curto” (em vez de culto). Na **ofensa reticente**, em afirmações do tipo “a fulana é campeã de natação ... e outros esportes”, o ofensor omite voluntariamente alguma expressão ou opinião visando, não raro, a dissimular o comportamento ofensivo.

Há ainda outras modalidades de injúria, como a **ofensa interrogativa** (será fulano um ladrão?); **ofensa dubitativa** (“talvez seja fulano um trapaceiro”); **ofensa condicionada** (quando o ofensor, por exemplo, diz que alguém seria um estúpido se tivesse tomado determinada decisão, sabendo que ele realmente a tomou); **ofensa truncada** (“o fulano não passa de um covarde”) e **ofensa simbólica** (colocar o nome de uma pessoa em um burro ou cão, desenhar chifres na porta da casa de um homem casado) (FRANCO et al., 1995, p. 1783).

Essas modalidades de injúrias, que se confundem com algumas das formas de calúnia já abordadas e que podem ser, em parte, aplicáveis à difamação,

constituem uma categorização que demonstra os diversos mecanismos linguísticos utilizados para a prática da ofensa e sua dissimulação. É bom lembrar, por outro lado, que, quando há dúvidas quanto ao *animus offendendi*, o ofensor pode ser interpelado judicialmente pelo ofendido para o esclarecimento previsto no artigo 144 do Código Penal, o qual estabelece que “se, de referências, alusões ou frases, se infere calúnia, difamação ou injúria, quem se julga ofendido pode pedir explicações em juízo”. E ainda “aquele que se recusa a dá-las ou, a critério do juiz, não as dá satisfatórias, responde pela ofensa”. A seguir, apresentamos o extrato do histórico de um BO de injúria.

Exemplo 3:

Informa a vítima que seu sogro Beltrano foi passear na casa da part. 1 quando começou a lhe xingar, chamando de burra, dizendo que era para a vítima sair de casa quando ele fosse lá passear. A desavença de muito tempo [sic], pois Beltrano reside em Canabarro - RS e vem visitar os amigos e parentes somente algumas vezes ao ano e toda vez cria encrenca pelos mesmos motivos, pois vive dizendo que o filho dele está mal casado, referindo-se a part. 1. Não deseja representar criminalmente contra Beltrano. Cientificada do prazo decadencial de seis meses para exercer o direito de representação contra o autor do fato. Nada mais (BOI #6).

No Exemplo 3, acima, vemos uma ocorrência de injúria praticada por meio de ofensa imediata, direta e explícita pois o agente chama a sua nora de *burra*, atingindo a honra-decoro⁸ da vítima, uma vez que emprega uma figura de linguagem usualmente utilizada para atribuir negativamente a outrem a ausência de inteligência. Nesse mesmo exemplo, podemos ver a incidência da injúria indireta ou reflexa, pois ao dizer que seu filho está mal-casado, o ofensor atinge, por via indireta ou reflexa, a honra de sua nora.

Apresentadas, portanto, as suas definições legais básicas, salientamos que os crimes contra a honra podem ser considerados como *crimes de linguagem*, isto é, um comportamento linguístico que se torna alvo da ação legal (GIBBONS, 2005, p. 261), tais como a ameaça, a extorsão, o falso testemunho, etc. Nesse sentido, tendo em vista que a calúnia, a difamação e a injúria estão entre os crimes cometidos tipicamente pelo uso da linguagem, porém inseridas em um grupo específico de infrações linguísticas, resolvemos incluí-las no grupo específico que denominamos de *crimes de linguagem contra a honra*. Conquanto tenham todos o propósito de tutelar a honra e possuam características básicas comuns, os três crimes do grupo

⁸ Segundo Damásio de Jesus (2014, p. 1077), a honra-decoro “é o sentimento próprio a respeito dos atributos físicos e morais da pessoa humana”, ao passo que a honra-dignidade “é o sentimento próprio a respeito dos atributos morais do cidadão”.

de crimes de linguagem contra a honra (calúnia, difamação, injúria), apresentam, entre si, diferenças básicas.

Por primeiro, como característica comum, é importante pontuar que conforme vimos acima na descrição das duas primeiras infrações, tanto a calúnia quanto a difamação exigem, para sua configuração, que haja contra a vítima a *imputação de um fato*, o qual deve ser um *fato definido*, embora não haja necessidade de estar especificado em todas as suas circunstâncias. Aqui é importante introduzirmos a noção de honra objetiva e honra subjetiva. A honra objetiva consiste no julgamento que a sociedade faz da pessoa, é a imagem que pessoa possui na sociedade, ou seja, a sua reputação social. A honra subjetiva, por sua vez, é o julgamento ou a imagem que a pessoa faz de si mesma, é o sentimento que a pessoa tem de sua própria dignidade ou decoro (honra-dignidade ou honra-decoro). No caso da calúnia e da difamação a *imputação do fato ofensivo* é contra a honra objetiva da vítima, ou seja, contra a sua reputação social.

Por segundo, um ponto de distinção da calúnia e difamação em relação à injúria consiste em que, diferentemente da calúnia e da difamação, na injúria não há a imputação do fato ofensivo à vítima, e sim a expressão pelo ofensor de uma opinião negativa contra à sua honra subjetiva⁹, ou seja, contra a imagem que a pessoa faz de si mesma com relação à sua dignidade ou decoro. Em suma, a distinção fundamental consiste em que na prática da calúnia e da difamação o ofensor atribui ao ofendido um *fato determinado*, ao passo que na prática da injúria o ofensor atribui-lhe uma qualidade negativa ao expressar uma opinião depreciativa, geralmente mediante o uso de palavras vagas e imprecisas¹⁰.

Há também a distinção básica entre calúnia e difamação. Como vimos, ambos crimes se equivalem quando exigem, para sua configuração, a imputação de um fato definido, entretanto se diferenciam na medida em que apenas na calúnia o fato deve ser definido como crime e, além disso, deve ser falso.

Podemos exemplificar a diferença entre os três crimes com algumas hipóteses fáticas de comportamentos linguísticos ofensivos. Desse modo, se o agente proferir vitupérios contra outrem, exclamando “você é ladrão!”, ele estará, em

⁹ Damásio de Jesus explicita que a honra subjetiva é o sentimento de cada um acerca de seus atributos físicos, intelectuais, morais e demais dotes da pessoa humana, ou seja, é aquilo que cada um pensa sobre si mesmo acerca de tais atributos (JESUS, 2014).

¹⁰ Estudos de avaliações atitudinais caracterizadas em ofensas verbais relatadas em BOs de crimes, com base no Sistema de Avaliabilidade, foram feitos em Ribeiro (2014) e Ribeiro e Fuzer (2014).

tese, praticando o crime de injúria; porém se o agente ofende outrem asseverando falsamente, v. g., que “Beltrano furtou-lhe dinheiro da gaveta de seu escritório na semana passada durante sua ausência”, ele estará incorrendo, em tese, na prática do crime de calúnia, uma vez que está imputando *falsamente* contra Fulano um *fato definido* como crime de furto. Quando falamos em *falsamente*, queremos dizer que, caso a imputação do fato fosse verdadeira (se Beltrano tivesse realmente furtado o dinheiro da gaveta), a calúnia estaria afastada, pois a falsidade da acusação é requisito elementar para a sua configuração. O mesmo, entretanto, não se aplica à difamação e à injúria, nas quais o crime se configura ainda que os qualificativos ofensivos e os fatos difamatórios sejam verdadeiros. É o que ocorre, por exemplo, quando o agente, com propósito ofensivo, divulga para terceiros que determinada pessoa foi promovida porque vinha mantendo relações sexuais com a pessoa que a chefia (difamação) ou ainda chama outrem de “gordo” ou “aleijado” (injúria), pois, mesmo que o fato infamante tenha realmente ocorrido e os ofendidos realmente possuam tais características físicas e o agente venha a alegar, por tal motivo, que estava somente falando a “verdade” e descrevendo as vítimas, está ele, em tese, nas duas situações, praticando os crimes de difamação e injúria, conforme veremos mais adiante quando abordarmos o que a doutrina jurídica chama de *exceção da verdade*.

Os crimes de linguagem contra a honra, assim como os crimes em geral, comportam dois elementos básicos: o elemento objetivo e o elemento subjetivo. O elemento objetivo consiste nas condutas de *imputar falsamente*, *imputar* e *injuriar*, que integram a calúnia, difamação e injúria e estão descritas nos artigos 138, 139 e 140 do Código Penal, respectivamente, as quais não se referem à vontade do agente ofensor, embora possam estar por ela envolvidos (NUCCI, 2014).

O elemento subjetivo, por sua vez, está relacionado à vontade e à intenção do agente, ou seja, o agente deve agir dolosamente. Nesse sentido, nos crimes contra a honra, para a configuração da infração penal, pode-se exigir uma finalidade especial na conduta do agente, que é a intenção de ofender (*animus offendendi*) ou macular a honra alheia.

Inexiste, portanto, o crime nas situações em que o agente não tem a intenção de ofender, estabelecendo o artigo 142 do Código Penal que não constituem injúria ou difamação punível: a) a ofensa irrogada em juízo, na discussão da causa, pela parte ou por seu procurador; b) a opinião desfavorável da crítica literária, artística ou

científica, salvo quando inequívoca a intenção de injuriar ou difamar; e o c) o conceito desfavorável emitido por funcionário público, em apreciação ou informação que preste no cumprimento do dever de ofício. O parágrafo único do mesmo artigo estabelece, porém, que, nos casos das letras “a” e “c”, responde pela injúria ou pela difamação quem dá publicidade a ambas. Essas hipóteses estão entre aquelas que a doutrina chama de *animus narrandi, criticandi, defendendi, retorquendi, corrigendi e jocandi*.

Dessa forma, conforme Jesus (2014), inexistente crime por falta do seu elemento subjetivo quando presentes o *animus narrandi* (intenção de narrar), ou seja, quando a intenção do sujeito (v.g. testemunha) é somente de narrar um fato, descrevendo o que viu ou ouviu sem viés tendencioso; o *animus criticandi*, quando o agente tem a intenção de somente fazer uma crítica com o intuito de contribuição e de ajuda ao criticado, como sói acontecer na crítica literária, artística, científica, dentre outras; o *animus defendendi*, quando a ação do agente configura uma conduta defensiva, agindo ele com o propósito de defender um direito, v. g., em um interrogatório; o *animus corrigendi*, quando o agente atua com a intenção de corrigir, tal como ocorre na hipótese de repreensão feita pelos pais aos filhos; e o *animus jocandi*, e quando o agente atua com a intenção de fazer uma brincadeira sem o propósito de ofender.

Nos crimes contra a honra há outro ponto importante tanto para o cotejo entre as três infrações penais quanto para a compreensão de suas particularidades, que é o tema da *exceção da verdade* (= defesa da verdade), a qual consiste na possibilidade de o ofensor provar que o fato ou qualificativo ofensivo por ele atribuído à vítima é verdadeiro e, em consequência disso, livrar-se da responsabilidade penal, hipótese admitida em algumas situações.

No crime de calúnia, a exceção da verdade é geralmente permitida, salvo nas seguintes hipóteses: a) se o fato for crime de ação privada¹¹ e o ofendido não foi ainda condenado por sentença irrecorrível; b) se a vítima for qualquer uma das pessoas relacionadas no artigo 141 do CP (Presidente da República ou chefe de governo estrangeiro e funcionário público, em razão de suas funções); c) se o ofendido foi absolvido por sentença irrecorrível do crime imputado na ofensa, embora de ação pública (artigo 138, § 3.º, incisos I, II, II, do Código Penal). No crime

¹¹ A ação privada é aquela ajuizada pelo próprio ofendido ou seu representante legal mediante queixa-crime, ao passo que a ação pública é aquela ajuizada pelo Ministério Público mediante denúncia.

de difamação, a exceção da verdade é geralmente incabível, sendo apenas admitida quando o ofendido é funcionário público e a ofensa é relativa ao exercício de suas funções (artigo 139, parágrafo único, do Código Penal). Já na injúria, a exceção da verdade não é admitida em nenhuma hipótese. Isso implica dizer que se o agente, com *animus offendendi*, chamar alguém de vadio, mesmo que o ofendido não tenha apreço ao trabalho e viva no ócio, a veracidade do qualificativo ofensivo não exclui o crime de injúria, tampouco afasta a reponsabilidade penal do ofensor.

Todavia, existem duas hipóteses nas quais o juiz pode deixar de aplicar a pena (perdão judicial): a) quando o ofendido, de forma reprovável, provocou diretamente a injúria e b) no caso de retorsão imediata (*animus retorquendi*), que consista em outra injúria (artigo 140, § 1.º, incisos I e II, do Código Penal). Segundo Bittencourt (2012), nesse caso, o legislador reconhece o beneplácito do perdão judicial ao reconhecer que “a injúria foi assacada em momento de irritação, com alteração emocional, causada pelo ofendido, irrefletidamente”, ressaltando o doutrinador que “no entanto, a provocação deve ser direta e pessoal, ou seja, deve ser praticada na presença do ofensor, caso contrário não será admitida a isenção de pena, pois o ofensor terá tempo para refletir e pensar em outra solução” (BITTENCOURT, 2012).

O momento em que ocorre a consumação dos três crimes de linguagem contra a honra constitui outro aspecto usualmente utilizado para cotejar a calúnia, a difamação e a injúria. Enquanto na calúnia e difamação a consumação se opera no momento em que o fato ofensivo chega ao conhecimento de uma terceira pessoa, não sendo suficiente que chegue ao conhecimento do próprio ofendido, na injúria, basta que a ofensa chegue ao conhecimento do próprio ofendido para que ocorra a sua consumação.

Nas disposições comuns aos crimes contra a honra (artigo 141 do Código Penal) que preveem o aumento de um terço da pena para qualquer um dos crimes, se forem cometidos nas seguintes situações: a) contra o Presidente da República, ou contra chefe de governo estrangeiro; b) contra funcionário público, em razão de suas funções; c) na presença de várias pessoas, ou por meio que facilite a divulgação da calúnia, da difamação ou da injúria. O parágrafo único do mesmo artigo estabelece ainda que a pena será aplicada em dobro se o crime for cometido mediante paga ou promessa de recompensa. No Quadro 3 estão resumidas as

principais características distintivas entre os crimes de calúnia, difamação e injúria até aqui discutidas.

Quadro 3 – Crimes contra a honra: resumo das características distintivas

Elementos de Distinção	CALÚNIA	DIFAMAÇÃO	INJÚRIA
Conteúdo da ofensa	<u>Fato falso</u> definido como <u>crime</u> (honra objetiva)	<u>Fato ofensivo</u> contra a reputação (honra objetiva)	<u>Opinião</u> desfavorável, ofensa à dignidade ou decoro pessoal (honra subjetiva)
Pena básica prevista	6 meses a 2 anos de detenção e multa	3 meses a 1 ano de detenção e multa	1 mês a seis meses de detenção ou multa <u>Injúria Qualificada</u> : 1 ano a três anos de reclusão e multa.
Consumação	quando o fato chega ao conhecimento de terceira pessoa	quando o fato chega ao conhecimento de terceira pessoa	quando a ofensa chega ao conhecimento do próprio ofendido
Elemento subjetivo	<i>animus caluniandi</i> (intenção de caluniar)	<i>animus difamandi</i> (intenção de difamar)	<i>animus injuriandi</i> (intenção de injuriar)
Exceção da verdade	Admitida com exceções	Não admitida com exceções	Não é admitida

Fonte: adaptado de Ribeiro (2014, p. 42).

Por fim, se há a retratação do agente, ou seja, se o ofensor, antes da sentença, se retrata cabalmente da calúnia ou da difamação, ele fica isento de pena. Além disso, quando o ofensor pratica a calúnia ou a difamação utilizando-se de meios de comunicação, a retratação dar-se-á, se assim desejar o ofendido, pelos mesmos meios em que se praticou a ofensa, conforme dispõe o artigo 143 do Código Penal.

Finalizada a abordagem do contexto de cultura da Polícia Judiciária, passamos a discorrer sobre os fundamentos teóricos que embasam esta pesquisa, partindo da concepção de linguagem como um sistema sociosemiótico da Linguística Sistêmico-Funcional e seus pressupostos basilares, abrangendo as metafunções da linguagem e seus sistemas de realização, com foco no complexo oracional e a abordagem dos tipos de relações entre as orações, incluindo o sistema de taxa e as relações lógicas de expansão e projeção. Na sequência versamos sobre os sistemas semânticos discursivos como foco no sistema de conjunção. Em seguida, apresentamos a concepção de gênero da abordagem sociosemiótica, com

destaque para a perspectiva de gênero da Escola de Sydney e seus gêneros elementares, uma vez que a usamos como base teórica para a descrição composicional do BO e revelação de sua natureza genérica.

CAPÍTULO 2 – LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

A Linguística Sistêmico-Funcional será a principal base teórica dos estudos analíticos realizados nesta pesquisa. Diante disso, neste capítulo, abordamos primeiramente alguns aspectos gerais sobre essa teoria para, em seguida, adentrar na discussão das metafunções da linguagem e seus sistemas de realização, com foco no complexo oracional e os tipos de relações entre as orações, e no sistema de conjunção. Por fim, apresentamos um panorama sobre as principais correntes de gênero da atualidade, centrando na concepção de gênero da abordagem sociosemiótica, com destaque para a perspectiva de gênero da Escola de Sydney e seus gêneros elementares, porquanto a utilizamos como base teórica para a descrição composicional do BO e revelação de sua natureza genérica.

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

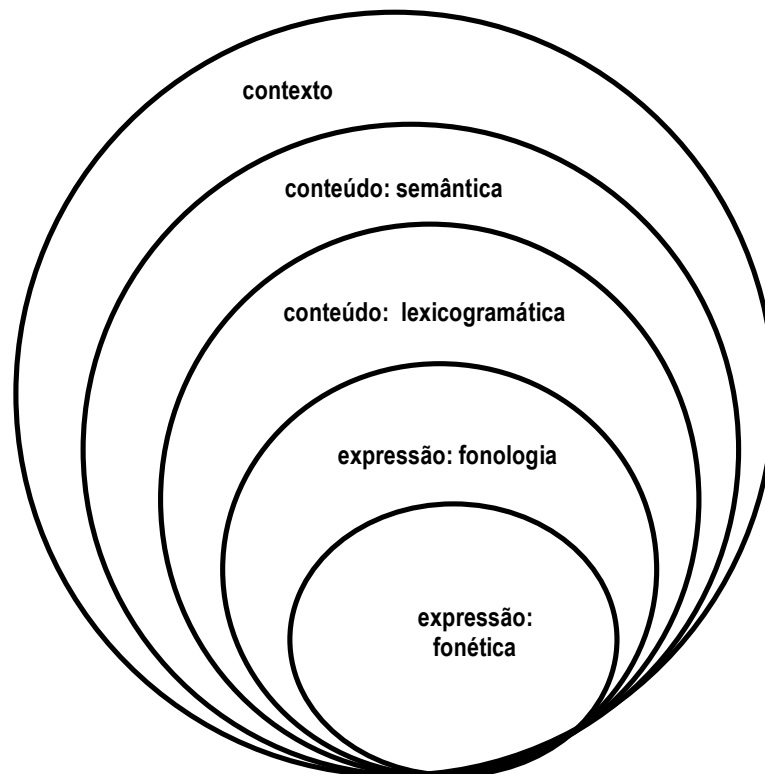
A Linguística Sistêmico-Funcional considera a linguagem como um sistema sociosemiótico complexo, e, além disso, reconhece a relação recíproca entre texto e contexto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Em decorrência disso, a constituição do contexto influencia as escolhas que fazemos ao usarmos a linguagem, sendo também influenciada por elas.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), a importância do princípio de que a linguagem opera no contexto resultou no desenvolvimento de uma teoria ecológica da linguagem, segundo a qual a linguagem é interpretada em um ambiente de significados, com referência ao seu habitat semiótico. Essa abordagem da linguagem teve um impulso teórico e empírico dado pelo antropólogo Bronislaw Malinowski nos anos 1920 e 1930, inicialmente com base em seu trabalho de campo nas ilhas Trobriand na década de 1910, sendo os seus insights adotados e desenvolvidos no campo da linguística por J. R. Firth e depois incorporadas na teoria geral da linguagem em contexto pelos linguistas sistêmicos-funcionais. Halliday (1989) enfatiza que os termos *contexto* e *texto* são aspectos do mesmo processo. Existe um texto e há outro texto que o acompanha "o texto que está "com", ou seja, o con-texto. No entanto, essa noção de que algo está "com o texto", vai além daquilo que é dito e escrito, pois inclui acontecimentos não verbais - o ambiente total no qual há o desdobramento do texto.

O caráter sistêmico da linguagem decorre da concepção de língua como redes de sistemas linguísticos interconectados que utilizamos para a construção de significados. Cada sistema é constituído de um conjunto de alternativas semânticas, léxico-gramaticais ou fonológicas e gramaticais, ou seja, a linguagem constitui uma rede de escolhas. Já o caráter funcional da linguagem decorre do fato de as estruturas gramaticais serem explicadas em sua relação com o significado e com as funções desempenhadas pela linguagem em textos (FUZER; CABRAL, 2014).

Nessa concepção, o caráter de complexidade da linguagem faz com que ela seja organizada em vários níveis ou estratos, sendo eles os estratos da semântica e da lexicogramática (que constituem o conteúdo), e da fonologia e da fonética (que constituem a expressão). De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 25), esse sistema linguístico estratificado está “encaixado” no contexto, conforme ilustra a Figura 3.

Figura 3 – O sistema de estratos da linguagem



Fonte: (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 26, tradução nossa).

Esses estratos compõem uma escala que vai do estrato mais abstrato para o mais concreto. Em outras palavras, há uma escala de instanciação em cujos polos mais extremos estão a linguagem como sistema e a linguagem como texto.

Conforme Halliday e Matthiessen (2014), para podermos compreender como a linguagem é organizada, devemos considerar duas perspectivas: a linguagem como sistema e a linguagem como texto. Pelo conceito de instanciação, o sistema da linguagem é instanciado na forma de texto. Qualquer tipo de texto, seja uma conversa cotidiana, seja um discurso de posse, configura uma instância de um sistema subjacente (a língua). Nesse sentido, o sistema implica um potencial de linguagem como um recurso produtor de sentido. O sistema da linguagem é uma entidade teórica, virtual, cuja existência se dá no plano semiótico e se concretiza no texto.

O estrato do contexto é constituído de variáveis denominadas de variáveis do contexto de situação, a saber, o campo, as relações e o modo, as quais correspondem, respectivamente, às três metafunções da linguagem, quais sejam, a metafunção ideacional (lógica e experiencial), interpessoal e textual, conforme ilustra o Quadro 4.

Quadro 4 – Relação entre variáveis do contexto e metafunções da linguagem

VARÁVEIS DO CONTEXTO DE SITUAÇÃO	METAFUNÇÕES LINGUÍSTICAS
Campo do Discurso: o que está acontecendo na ação social.	Significado ideacional: o que está acontecendo no mundo (sistema de transitividade: processo, participantes e circunstâncias).
Relações do Discurso: quem está participando da ação social.	Significado interpessoal: relação interpessoal (oferta e demanda de bens e serviços ou informações por intermédio das funções de fala e do sistema de MODO).
Modo do Discurso: que papel é desempenhado pela linguagem.	Significado textual: como a linguagem é utilizada para transmitir a mensagem (Tema, Rema, coerência, coesão).

Fonte: adaptado de Motta Roth e Heberle (2005, p. 16-17).

Nesse ponto, é importante também referirmos que, em decorrência da noção de que a linguagem é estratificada em uma série ordenada de níveis ou estratos, advém a concepção de realização formulada em Halliday e Matthiessen (2014, p. 24-25). Segundo os autores, a realização consiste na relação entre os estratos, ou seja, o processo de ligação de um nível de organização (estrato) com outro. É uma relação geral que permeia toda a linguagem. Logo, o princípio da realização resulta do fato de a linguagem ser um sistema estratificado, ou seja, organizado em quatro estratos (Figura 3), de modo que o estrato da semântica é realizado pelo estrato da

léxico-gramática, o qual é realizado pelo estrato da fonologia, que por sua vez, é realizado pelo estrato da fonética.

2.2 AS METAFUNÇÕES DA LINGUAGEM E SEUS SISTEMAS DE REALIZAÇÃO

As três metafunções da linguagem são realizadas pelos três sistemas da léxico-gramática correspondentes da seguinte forma: a metafunção ideacional é realizada pelo sistema de transitividade, a metafunção interpessoal pelo sistema de MODO e a metafunção textual pelo sistema temático.

Das três metafunções acima referidas, focalizamos a metafunção ideacional da linguagem, a qual possui duas subfunções: a subfunção experiencial, que se ocupa da oração como representação e é realizada na léxico-gramática pelo sistema de transitividade, e a subfunção lógica, a qual se ocupa do estudo do complexo oracional, mais especificamente das relações lógico-semânticas entre as orações. Em suma, a primeira subfunção focaliza o nível da oração como unidade básica de análise, ao passo que a segunda subfunção focaliza o nível interoracional, analisando as relações entre as orações. Dessas duas subfunções, nos detemos, a partir de agora, na subfunção lógica da metafunção ideacional da linguagem, discorrendo especificamente sobre o complexo oracional.

2.3 COMPLEXO ORACIONAL: NOÇÕES GERAIS INTRODUTÓRIAS

Ao iniciarmos a abordagem do complexo oracional, preliminarmente, uma das questões que nos vem à mente refere-se às discussões em torno de sua equivalência ou semelhança com categorias da gramática tradicional. Por esse caminho, verificamos que a noção de complexo oracional tem sido utilizada alternativamente à noção tradicional de período para referir-se à unidade lógico-semântica no nível acima da oração, porquanto pode possibilitar uma análise mais aprofundada do discurso oral em complemento ao tradicional estudo da linguagem escrita (TÂM, 2013, p. 27).

Nesse mesmo sentido, Thompson (2014, p. 186) acrescenta que a gramática tradicional faz distinção entre períodos simples (com uma oração), períodos compostos (duas ou mais orações em coordenação) e períodos complexos (duas ou mais orações, uma das quais é a oração principal, ao passo que as outras são dela dependentes). O autor também admite que os períodos são bem sinalizados no texto escrito e que isso reflete a percepção de que há uma unidade acima da oração

na linguagem, que, em certos aspectos, é mais importante na comunicação de sentido do que a oração – uma vez que os períodos são sempre marcados pela pontuação, ao passo que isso não ocorre em todas as orações. Porém, apesar disso, ele afirma ser necessário, ao mesmo tempo, mostrar, de forma fundamentada, como as orações se relacionam entre si, que não seja restrita às formas escritas da linguagem.

Thompson (2014, p. 186) aduz, ainda, que o complexo oracional tem a vantagem de ser neutro no que diz respeito a quaisquer diferenças potenciais no modo como os sentidos são organizados na escrita e na fala. O autor admite que, na linguagem escrita, podemos geralmente equiparar períodos e complexos oracionais. Entretanto ressalva que manter os dois conceitos separados possibilita-nos, por exemplo, lidar com os complexos oracionais separados por pontuação. Em vez de descartá-los como agramaticais, poderíamos examinar os efeitos de confrontar a gramática e a pontuação. Do *corpus* desta pesquisa, extraímos o seguinte exemplo, similar ao apresentado por Thompson (2014, p. 186), no qual dois períodos são separados por ponto final, embora estruturalmente o segundo período seja a projeção da oração projetante contida no primeiro período (... e disse: *quando eu te encontrar vou te matar*):

Na data de 19/09/2011 Beltrana ligou para a comunicante e disse. Quando eu te encontrar vou te matar. (BOD# 2495/2011)

Prosseguindo na discussão, o autor pondera que a linguagem falada, obviamente, não tem pontuação e que, embora a entonação e a pausa possam auxiliar a sinalizar os trechos da fala conectados a unidades mais complexas, elas frequentemente não correspondem, de maneira simples, a unidades gramaticais maiores nos enunciados. Por isso, os systemicistas baseiam-se também nos sinais de interdependência para identificar os limites nos enunciados, ou seja, utilizam a concepção de complexo oracional. Thompson (2014), porém, adverte que adotar o complexo oracional não significa que tudo passa a ser simples. Segundo ele, uma questão particular que se levanta acerca disso diz respeito à fala com longas sequências de orações coordenadas, se todas elas devem ou não ser consideradas como parte de um complexo oracional. E se tiverem de ser divididas, como decidir onde fazer a divisão? O systemicista responde que as orações coordenadas são iguais em status e há uma linha confusa entre duas orações

iguais combinadas em um complexo oracional e duas orações iguais tratadas como separadas – o uso frequente de conjunções coordenativas com “mas” no início de períodos e de enunciados orais reflete essa indeterminação. No texto escrito normalmente se segue a pontuação, e se um período inicia com “Mas”, conta-se isso como um novo complexo oracional, uma vez que a pontuação refletiria como o escritor queria que o texto fosse lido, leciona Thompson (2014, p. 187). O autor pontua que o discurso oral, porém, apresenta dificuldades que podem ser mais difíceis de serem resolvidas, como no exemplo por ele trazido do enunciado que seria analisado como tendo somente um único complexo oracional, pois contém conjunções coordenadas em todos os pontos (em itálico) onde poderia ser feita uma divisão, sendo porém igualmente possível verificar a principal função da conjunção, que, segundo o autor, seria principalmente a de sinalizar que o falante ainda não terminou o seu enunciado:

Eu disse a ela no verão eu disse que seria melhor pagar a conta do telefone em separado porque eu pensei eu apostei que iria ser grande e ela disse oh eu não sei e então ela disse então a primeira vez que chegou ela disse você vai pagar não vai *mas* então era muito grande e eu pensei eu realmente não acho que deveria pagar tudo isso e assim eu tive uma conversa com ela sobre isso *mas* ela não foi muito simpática (THOMPSON, 2014, p. 187, tradução nossa).

Em relação às características do enunciado oral acima, Thompson (2014, p. 187) assevera que não podemos vê-las como um problema, pois se tratam simplesmente de propriedades distintivas da fala informal não encontradas normalmente na escrita, sendo significativo o fato de o falante sinalizar a continuidade do que está sendo dito em vez fazer uma divisão em partes explicitamente marcadas. Logo, podemos perceber a amplitude da noção de complexo oracional em cotejo com a concepção de período, na medida em que possibilita uma análise mais ampla das manifestações linguísticas recursivas ao abranger as suas formas escritas e orais.

Esse potencial recursivo do complexo oracional nos leva à mesma percepção de Tãm (2013, p. 27) no sentido de que, ao fazermos uso da linguagem, tendemos a expandir nossos argumentos, tornando mais complexa a oração principal ou combinando a oração principal com outras orações correspondentes em uma sequência de orações. Nesses casos, a oração principal funciona como núcleo da mensagem e as orações subordinadas ou coordenadas como informação periférica adicional que reforça a mensagem. Em muitas outras situações, usamos a

linguagem para representar tanto os fenômenos não linguísticos quanto os fenômenos linguísticos (relato e citação), de modo que as orações relatadas ou citadas integrem uma combinação de orações como a parte projetada do todo. É dessa forma que os complexos oracionais são construídos a partir das orações. Pondera Tãm (2013) que, do mesmo modo que uma oração independente pode ser considerada como a expressão linguística de uma situação, a combinação de várias orações em conjunto para formar uma unidade maior (complexo de orações ou complexo oracional) pode ser considerada a expressão linguística de uma situação complexa.

Abordadas essas questões preliminares, salientamos que os principais estudos sobre o complexo oracional estão sistematizados e detalhados sobretudo em Halliday e Matthiessen (2014), versão atualizada da Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional, na qual podemos ver aplicados os princípios da Linguística Sistêmico-Funcional.

Dessa forma, para compreendermos o complexo oracional, é necessário um exame amplo na obra, na qual podemos verificar como os autores desenvolvem o tema. Nesse sentido, convém lembrar que a metafunção ideacional da linguagem subdivide-se em metafunção ideacional experiencial – que estuda a oração internamente em termos de participantes, processos e circunstâncias – e metafunção ideacional lógica, que centra o seu estudo nas relações sintático-semânticas interoracionais.

No nível intraoracional, Halliday e Matthiessen (2014), nos capítulos 3 a 5, exploram a organização interna da oração como um construto multifuncional e no capítulo 6 discutem a composição das unidades que funcionam como elementos desse construto – os grupos e sintagmas. A partir disso, no capítulo 7 da obra, os autores começam a investigar como as orações são ligadas umas às outras por intermédio de determinado tipo de relação lógico-semântica para formar complexos oracionais, os quais representam sequências de figuras (ou movimentos) que são apresentadas como mensagens textualmente relacionadas.

Antes disso, no capítulo 1, os autores apresentam símbolos utilizados para representar as fronteiras entre as orações dentro do complexo oracional e entre complexos oracionais (Quadro 5), pelos quais podemos perceber a relação entre complexos oracionais na gramática e períodos (ortográficos) na grafologia (e sequências tonais na fonologia), como no exemplo seguinte:

||| *Comparece nesta DP* || *para informar* || *que, na data e horário supra citados, <<quando estava na casa de sua sogra Beltrana, no bairro Canelinha, na cidade de Canela/RS,>>* || *tomou conhecimento* [[*de que a acusada a difamou,*]] || *dizendo o seguinte:* || *que o filho* [[*que eu tenho com o meu marido (Fulano),*]] *não é filho dele.*|| ||| *Manifesta interesse* [[*em representar contra a acusada*]]. ||| (BOD #1339/2011)

Na notação acima, as barras verticais triplas (|||) indicam os limites entre os complexos oracionais, ao passo que as barras verticais duplas (||) indicam os limites entre as orações. Os colchetes duplos ([[]]) indicam a oração rebaixada (encaixamento) e os parênteses angulares (<<>>) indicam intercalação.

No Quadro 5, observam-se, sistematizadas, as notações utilizadas na gramática sistêmico-funcional para representação dos limites entre os constituintes dos complexos intraoracionais e interoracionais.

Quadro 5 – Convenções notacionais para representar constituição lexicogramatical

	complexo oracional	[[[]]]	complexo oracional rebaixado	<<<>>>	complexo oracional intercalado
	oração	[[]]	oração rebaixada	<<>>	oração intercalada
	sintagma ou grupo	[]	sintagma/grupo rebaixado	<>	sintagma/grupo intercalado
# [espaço]	palavra				

Fonte: (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 10).

No Quadro 6, a seguir, temos uma variação do quadro anterior em que aparecem as notações como parte dos estratos da lexicogramática, sem os marcadores para os complexos, orações e sintagmas/grupos intercalados.

Quadro 6 - Notação do texto: marcadores de limites

Estrato	Símbolo	Unidade (complexo)
Léxico-gramática		complexo oracional
		oração
		sintagma, grupo
	[[[]]]	nível deslocado (encaixado) complexo oracional
	[[]]	nível deslocado (encaixado) oração
	[]	nível deslocado (encaixado) sintagma, grupo

Fonte: Tradução adaptada de Halliday e Matthiessen (2014, p. X¹²).

Ao abordarem a relação entre as orações que compõem o complexo oracional, Halliday e Matthiessen (2014) propõem começar examinando esse fenômeno “de cima”, isto é, do ponto de vista de como o fluxo de eventos é

¹² Páginas iniciais (pretextuais) da obra são numeradas com algarismos romanos.

construído no desenvolvimento do texto no nível da semântica. Para tal, os autores elegem para análise o texto narrativo, no qual o fluxo de eventos é construído como uma série de episódios, cada um dos quais é, tipicamente, desenvolvido passo a passo como sequências de figuras¹³ ligadas por intermédio de sequencializadores temporais. Procuramos mostrar, inicialmente, nesta revisão teórica, os próprios exemplos, traduzidos para o vernáculo, apresentados por Halliday e Matthiessen (2014) e, quando for o caso, complementando-os por textos extraídos do *corpus* desta pesquisa. Dessa forma, como exemplo, os autores trazem um episódio¹⁴ que descreve o clímax de uma narrativa em que o sequencializador¹⁵ básico que faz a ligação entre as figuras é “então” (embora outros conectores possam também ocorrer), no seguinte trecho:

- [figura: Kukul caminhava pela floresta.] - [sequencializador: **então**] → [figura: ele chegou a um matagal] - [sequencializador: **enquanto isso**] → [figura: ele ouviu um leve farfalhar de folhas] - [sequencializador: **então**] → [figura: ele apontou sua flecha]- [sequencializador: **porém**] → [figura: ele nada via] - [sequencializador: **então**] → [figura: ele se agachou no chão] ...- (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 429, tradução e grifos nossos).

O texto acima, explicam os autores, apresenta uma sequência de figuras que realiza um elemento genérico, a partir do interior da estrutura geral das narrativas, denominado de Evento Subsequente¹⁶, que se segue ao Evento Inicial¹⁷. A estratégia que prevalece para realizar o Evento Subsequente é a relação de sequência temporal; dessa forma, os leitores familiarizados com a estrutura das narrativas terão a expectativa de encontrar passagens desenvolvidas por meio desse tipo de relação, a qual, ainda que não esteja explicitamente marcada pela léxico-gramática, pode ser inferida pelo ouvinte ou leitor com base nas propriedades das figuras que compõem o episódio. Por exemplo, não há qualquer item conjuntivo marcando a relação entre “*ele apontou a sua flecha, porém nada via*” e “*Kukul*

¹³Figura é a configuração de elementos centrados em um processo, logo possui três componentes: processo, participantes e circunstâncias. Dessa forma, toda figura consiste em um processo que se desdobra no tempo e em participantes diretamente envolvidos de algum modo nesse processo; além disso, pode haver circunstâncias (de tempo, espaço, causa, modo, etc.) não diretamente envolvidas no processo, mas a ele relacionadas. A figura é tipicamente realizada por uma oração (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 213, 220, 713).

¹⁴ Nesta seção, utilizamos o vocábulo *episódio*, na acepção que lhe foi conferida por Halliday e Matthiessen (2014), segundo os quais o episódio constrói o fluxo de eventos em um texto narrativo e se desenvolve passo a passo como sequências de figuras ligadas por sequencializadores temporais, não se confundindo, portanto, com o gênero Episódio (da família das histórias), referido na Seção 2.8.2, um dos gêneros mapeados pelos pesquisadores da Escola de Sydney (ROSE; MARTIN, 2012).

¹⁵ Tradução nossa para *relator*

¹⁶*Sequent Event*

¹⁷*Initiating Event*

agachou-se ao chão e locomoveu-se lentamente”, mas se pode inferir que a relação é de sequência temporal – ou possivelmente de causa (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Sequência semelhante encontramos no boletim de ocorrência, cujo histórico tipicamente apresenta uma sequência de eventos passados, conforme o seguinte trecho de um BO de crime de difamação extraído do *corpus*:

[figura: comunica como proprietário do Restaurante e Pizzaria Concórdias Ltda.,]→[figura: nesta data por volta das 22 h e 30 min perguntou a seu funcionário Beltrano]→[figura: porque ele estava fechando o restaurante naquela hora,] →[pois o horário de atendimento é até às 24h,] **então** [figura: Beltrano chamou a vítima de sujo, ladrão] →**e** [figura: que anda com as funcionárias do restaurante.] ... (BOD# 8625/2011)

O texto acima apresenta uma sequência de eventos, entretanto somente em dois momentos tais eventos são marcados pelos sequencializadores explícitos (grifados em negrito) “então” e “e”, na seguinte sequência de figuras: “*perguntou a seu funcionário Beltrano porque ele estava fechando o restaurante naquela hora, pois o horário de atendimento é até às 24 horas, então Beltrano chamou a vítima de sujo, ladrão e que anda com as funcionárias do restaurante.* Nesse caso, pelo menos na primeira sequência, o elemento sequencializador “então” liga um evento inicial a um evento subsequente, o que não ocorre com o sequencializador “e”, que parece ligar eventos simultâneos.

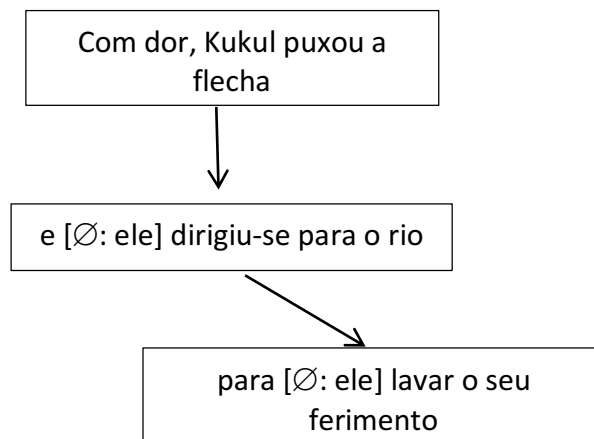
Em continuidade às considerações iniciais acerca do complexo oracional, Halliday e Matthiessen (2014) apresentam um trecho maior da narrativa extraído de um conto popular

||| Kukul caminhava pela floresta. ||| Assim que ele chegou a um matagal, || ele escutou um leve farfalhar de folhas. |||Ele apontou a sua flecha, || mas nada via. ||| Kukul agachou-se ao chão || e locomoveu-se lentamente. ||| Ele não havia ido longe || quando ...sss ...ela chegou. |||Uma flecha perfurou o seu peito. |||Com dor, Kukul puxou a flecha || e dirigiu-se ao rio || para lavar o seu ferimento. ||| ‘Certamente, ele não é profundo’, || ele tentou convencer-se, || mas o seu esforço começou a esvaír-se || à medida que o seu peito se tornava escarlate com o sangue. ||| Mais uns poucos passos || e Kukul teve que se escorar em uma árvore. ||| ‘Está tão escuro’, ele murmurou. ||| Ele caiu em um mar de grama esmeralda || e lá morreu. Sozinho. Traído. ||| (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 429, tradução nossa, grifo do autor).

Com base na narrativa acima, os autores afirmam que, sendo a sequência semântica de figuras realizada por uma série de complexos oracionais, a gramática é a responsável por realizar essas figuras que compõem (como orações) o episódio,

combinando essas orações em complexos de orações, como em “Assim que ele chegou a um matagal, || ele escutou um leve farfalhar de folhas. ||| Apontou a sua flecha, || mas nada via”. Segundo os autores, tais complexos constroem, mas não somente eles, sequências semânticas de figuras que integram o fluxo de eventos que compõe o episódio. A figura “Kukul caminhava pela floresta”, por exemplo, é realizada por uma única oração que não está gramaticalmente relacionada a outras orações. Já a oração “com dor, Kukul puxou a flecha” está relacionada à oração “[ele] dirigiu-se ao rio”, que, por sua vez, está relacionada à oração “para [ele] lavar o seu ferimento”; juntas essas três orações formam o complexo oracional “com dor, Kukul puxou a flecha [→] e dirigiu-se ao rio [→] para lavar o seu ferimento”, conforme vemos no fragmento acima. Consoante pontuam os autores, nesse caso, as orações são vinculadas estruturalmente pela gramática. O primeiro vínculo estrutural ocorre com a conjunção estrutural “e”, enquanto o segundo por uma forma não finita do verbo, o perfectivo *lavar*¹⁸. Esses vínculos revelam-se em elipses, possíveis, em língua inglesa, somente dentro de um complexo oracional¹⁹; logo, o sujeito está em elipse²⁰ tanto em “dirigiu-se para o rio” quanto em “para lavar o seu ferimento” (Figura 4).

Figura 4 – Complexo oracional representando uma sequência em um episódio da narrativa



Fonte: (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 429, tradução nossa).

¹⁸ Aqui, em língua inglesa, a forma não finita do verbo lavar é *to wash*, logo o marcador de infinitivo *to* integra o verbo, não constituindo uma preposição em separado indicando finalidade, como na língua portuguesa.

¹⁹ Em língua portuguesa a elipse do sujeito pode ocorrer tanto no complexo oracional como em orações simples.

²⁰ O símbolo Ø é utilizado para marcar a elipse do sujeito.

Prosseguem os autores afirmando que, do ponto de vista semântico, a combinação de orações em um complexo oracional tem como efeito uma **integração mais restrita no sentido**: as sequências realizadas gramaticalmente em um complexo oracional constituem subsequências dentro da sequência total de eventos que formam um episódio completo numa narrativa.

A combinação “*ele apontou a sua flecha, mas nada via*” é, segundo os autores, considerada pela gramática do complexo oracional como uma subsequência; mas as orações “*ele escutou um leve farfalhar de folhas*” e “*ele apontou a sua flecha*” não estão agrupadas num complexo oracional; logo, elas não são gramaticalmente consideradas como uma subsequência. No entanto, isso não significa dizer que essas duas orações não estejam semanticamente relacionadas, pois são conectadas por uma relação de sequência temporal ou até mesmo de sequência causal: “*ele escutou um leve farfalhar de folhas – [depois/assim] → ele apontou a sua flecha*”. Já a oração “*ele apontou a sua flecha*” estabelece uma integração mais estreita, tanto gramatical quanto semanticamente, com a oração “*mas nada via*”. Discorrem os autores que há aqui uma clara escolha, pois o narrador poderia ter dito “*Assim que chegou a um matagal, ele escutou um leve farfalhar de folhas, assim ele apontou a sua flecha. Porém, ele nada via*”. Essa variação, entretanto, tornaria a narrativa ligeiramente diferente. O texto em que esses complexos aparecem é mostrado no Quadro 7, onde vemos a disposição de uma oração por linha, formando sequências numeradas de 1 a 11 contendo os tipos de relação lógico-semânticas entre essas sequências e a análise da estrutura por meio das notações simbólicas que os representam, a saber, expansão por intensificação (x); expansão por elaboração (=); expansão por extensão (+) projeção verbal (“); projeção mental (‘); hipotaxe ($\alpha \wedge \beta$) e parataxe ($1 \wedge 2$), conforme vemos no Quadro 7.

Quadro 7 - Complexos oracionais em um episódio dentro de uma narrativa

Número	Tipo de relação	Estrutura	Oração
(1)			Kukul caminhava pela floresta.
(2)	Temporal	$x\beta$	Assim que chegou a um matagal,
		α	escutou um leve farfalhar de folhas.
(3)		1	Ele apontou a sua flecha,
	Concessiva	$x2$	mas nada via.
(4)		1	Kukul agachou-se ao chão
	Temporal	$x2$	e moveu-se-se lentamente.
(5)		1	Ele não havia ido longe
	Temporal	$x2$	quando ... sss ... ela surgiu.
(6)			Uma flecha perfurou o seu peito.
(7)		1	Com dor, Kukul puxou a flecha
	Temporal	$x2\alpha$	e dirigiu-se ao rio
	Finalidade	$x2x\beta$	para lavar o seu ferimento.
(8)	Citação	1"1	'Certamente, não é profundo',
		12	tentou convencer-se,
	Adversativa	+2 α	mas começou a perder a força
	Temporal	+2 $x\beta$	à medida que o seu peito ficava escarlate de sangue.
(9)	temporal	1	Mais uns poucos passos
		$x2$	e Kukul teve que se escorar em uma árvore.
(10)	citação	"1	'Está tão escuro',
		2	murmurou.
(11)	espacial	1	Ele caiu em um mar de grama esmeralda
		$x2$	e ali morreu. Sozinho. Traído.

Fonte: (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 431, tradução nossa, grifo do autor).

Afirmam os autores que o Quadro 7 mostra como as orações são agrupadas em complexos oracionais com indicação da análise estrutural por meio de notações, explicadas com mais amplitude nas seções 2.6.1 e 2.6.2 (vide Quadros 12 e 14). O princípio geral é que o episódio é realizado por uma série de complexos oracionais. Há de fato apenas duas orações simples, números (1) e (6); e eles se destacam justamente pelo fato de que eles não se adequam ao padrão do complexo. O de número (1) marca o começo do episódio, logo após o fim do episódio antecedente, terminado pela oração que se segue:

||| 'Tenha cuidado, Kukul,' || disse o pássaro. ||| Em seguida ele voou para longe. |||

O status da oração simples número (6), "Uma flecha perfurou o seu peito", serve para destacar o seu papel central na narrativa.

Destacam os autores que a integração de uma série de eventos em uma subsequência é característica das narrativas em geral, incluindo aqui não só as histórias de ficção, mas também as passagens narrativas, v.g., em relatos

biográficos, reportagens, onde a experiência passada é considerada em uma linha do tempo.

Dentre esses textos que relatam a experiência passada numa sequência de eventos, no Quadro 8, apresentamos, de modo similar, em um histórico de BO de difamação, orações agrupadas para formação de complexos oracionais, com a indicação da análise estrutural.

Quadro 8 - Complexos oracionais no histórico de um BO de difamação

Número	Tipo de relação	Estrutura	Oração
(1)		α	[Ø: a vítima] comunica
	Relato	" $\beta\alpha$ "	que [Ø: a vítima] estava realizando compras no supermercado citado,
	Temporal	" $\beta x \beta \alpha$ "	quando [Ø: a vítima] foi abordada por Beltrana de tal, esposa de Sicrano de tal, proprietário da empresa,
	Elaboração	" $\beta x \beta = B \alpha$ "	[Ø: Beltrana de tal] perguntando
	Relato	" $\beta x \beta x B \beta$ "	o que ela havia colocado dentro da camisa, na frente de várias pessoas [[que faziam compras no estabelecimento comercial]].
(2)	Temporal	$x \beta \alpha$	Mesmo depois de [Ø: a vítima] dizer
	Relato	$x \beta \beta$	que [Ø: a vítima] não havia pego nada,
		α	Beltrana disse então
	Relato	" β "	para que [Ø: a vítima] tirasse a roupa.
(3)		α	Irritada, [Ø: a vítima] acabou abrindo a camisa
	Finalidade	$x \beta \alpha$	para que pudessem ver
	Elaboração	$x \beta = \beta$	Que [Ø: a vítima] não tinha nada.
(4)	Temporal	$x \beta$	Ao [Ø: a vítima] sair,
		α	Sicrano disse
	Relato	" β "	que ali ela não entrava mais.
(5)		α	[Ø: a vítima] Deseja
	Ideia	' β	representar criminalmente.

Fonte: autor.

No Quadro 8, podemos perceber que o relato do histórico do BO compõe-se igualmente por uma sequência de eventos realizada por uma série de complexos oracionais, seguindo o princípio geral do episódio da narrativa, antes referido, preconizado por Halliday e Matthiessen (2014). Salientamos que, embora apresente quase a metade (cinco) do número de complexos oracionais do texto do Quadro 7 (nove), o relato do BO, no Quadro 8, apresenta o mesmo número de tipos de relação (doze), devido ao fato de, no histórico do BO acima, os complexos serem mais longos, ou seja, formados por um maior número de orações.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), o texto seguinte ilustra como o complexo oracional é utilizado numa narrativa de experiência pessoal em um texto de fofoca, organizado gramaticalmente em um único complexo oracional,

desenvolvido em sequência temporal, contendo mais de 20 orações. Diferentemente do discurso escrito, são complexos oracionais intrincados, característicos da conversação casual e espontânea. O extrato mostra como os recursos do complexo oracional são utilizados para coreografar (no sentido de conceber a sequência de movimentos e passos) o desenvolvimento retórico do texto em tempo real.

||| E Joanne apareceu || e disse: || 'Oh, você pode fazer isso?' || e eu disse: || 'Olha, você está no fim de uma fila muito longa; || prepare-se para esperar!' || e ela disse, || ' Bem, ela está na clínica de Oncologia agora.' || e eu disse, || 'Mas estes também têm de ser feitos, || eu não posso ajudar.' || e meio que sorri continuamente || e ela foi ... || eu disse, || 'Olha, faltam três minutos para as três; || Estes devem estar prontos em um minuto || se você quiser esperar até depois. ' || e ela murmurou ... || "(suspiro) ahhh". || então ela se foi embora || e eu pensei || 'Ah, sim!'.(HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 431, tradução nossa).

Os autores salientam que o efeito integrador e de coreografia alcançado pelos complexos oracionais não é limitado às passagens narrativas em histórias, relatos e procedimentos, pois é uma característica de qualquer texto, dentre os quais podemos incluir o histórico do boletim de ocorrência.

No próximo fragmento, os autores mostram o padrão típico de textos do tipo instrucional, apresentando um texto com um “procedimento topográfico”, relativo a um passeio a pé tirado de um guia de viagem. Nele, assim como nas narrativas, a sequência temporal é a relação mais recorrente no complexo. Nesse caso, o sentido é “faça isso, depois faça aquilo”, em vez de “isso aconteceu, depois aquilo aconteceu”; porém o princípio temporal do desenvolvimento é o mesmo da narrativa.

||| Retorne na direção da casa da bomba || e vá caminhando sob a Pier Street até o extremo sul de Darling Harbour. ||| Continue andando || e, após uma pequena distância, você vai ver à sua direita os Jardins Chineses. ||| O "Jardim da Amizade" foi concebido, de acordo com a tradição sulista chinesa, pela cidade-irmã de Sydney, Guangzhou, na China. ||| Um pavilhão de dois andares, 'o Gurr', fica acima de um sistema circundante de lagos e cachoeiras interligados. ||| Siga os caminhos em torno dos jardins paisagísticos e sobre as pontes || antes de descansar na Casa de Chá, || onde o cheiro das flores de lótus se mistura com o de chá fresco e dos bolos tradicionais. ||| O Jardim fica aberto de segunda a sexta-feira, das 10 horas da manhã ao pôr do sol || e nos fins de semana das 09h30min da manhã ao pôr do sol. ||| (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 432, tradução nossa).

Finalmente, no próximo texto, os autores mostram como se dá o uso dos recursos do complexo oracional na fundamentação cotidiana. Nesse texto, o filho constrói “a argumentação para a existência de árvores ao nosso redor” em um único complexo oracional.

Filho: ||| **Se** não houvesse árvores na terra, hum terra, || nós todos estaríamos mortos, || **porque** não haveria oxigênio; || árvores fazem oxigênio; || **por isso** podemos respirar, || **por isso**, se nós tivéssemos um monte de árvores à nossa volta, || isso produz um monte de oxigênio, || **por isso** podemos respirar; || **por isso** árvores, árvores grandes, é realmente bom || **porque** um monte de oxigênio sai delas. |||

Pai: ||| **Por isso** esse é o argumento para termos árvores à nossa volta. |||

(HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 432, tradução nossa, grifo do autor).

No fragmento acima, o filho desenvolve uma argumentação a partir das relações lógico-semânticas de condição (marcada por *se*), razão (marcada por *porque*, *por isso*) e reafirmação (marcada somente por justaposição sem um marcador conjuntivo explícito).

Concluem os autores que os vários exemplos de complexo oracional em ação na criação do texto antes apresentados estão todos baseados no mesmo princípio geral segundo o qual os complexos oracionais são formados a partir de relações lógico-semânticas que conectam orações, tipicamente um par de cada vez, como interdependente uma da outra.

2.4. COMPLEXO ORACIONAL E TRANSITIVIDADE EM ORAÇÕES

Halliday e Matthiessen (2014) salientam ser interessante notar que os diversos tipos de relações entre as orações na formação dos complexos oracionais antes vistos são as mesmas manifestações dos mesmos tipos semânticos gerais da área da gramática relativa às circunstâncias no sistema de transitividade da oração, as quais ampliam a configuração de processo + participantes no nível da oração em termos de projeção ou de expansão. A projeção e a expansão correspondem, por sua vez, a diferentes tipos de processo: enquanto a projeção corresponde a orações verbais e mentais, a expansão corresponde a orações relacionais. Além do nível da oração, a projeção e a expansão também se manifestam como relações lógico-semânticas que unem orações para formar complexos oracionais. As manifestações de projeção e expansão na oração e no complexo oracional constam no Quadro 9.

Quadro 9 - Projeção e expansão manifestadas na oração e no complexo oracional

	Oração		Complexo oracional
	tipo de processo	tipo de circunstância	tipo de relação lógico-semântica
Projeção	[verbal:] ele diz	[ângulo:] de acordo com ele (isso é suficiente)	[citação de locução:] ele diz “é suficiente”
	[mental:] ele acha	[ângulo:] para ele (está muito quente)	[relato de ideia:] ele acha que está muito quente
Expansão	[relacional: intensivo] ela era a líder	[papel:] como líder	[elaboração:] sendo o líder
	[relacional: possessivo] ele possui um cachorro: ele tem um belo sorriso	[acompanhamento:] com um cachorro; com um belo sorriso	[extensão:] ele caminhou até o mercado e o cachorro [caminhou] também; ele dirigiu-se a ela sorrindo gentilmente ²¹
	[relacional: circunstancial] o jantar seguiu à comemoração	[localização, extensão, causa, modo, etc.:] após a comemoração	[intensificação:] eles jantaram após comemorarem

Fonte: (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 433, tradução nossa).

O Quadro 9 mostra padrões de agnação²² que se realizam entre os tipos de circunstância na oração e os correspondentes tipos de relação lógico-semântica entre as orações no complexo oracional. Os autores, como exemplo, argumentam que a circunstância de meio *com todo o seu coração* na oração é agnata com a oração (não-finita) ligada a *todo dia ela orava* em um complexo oracional:

||| *Todo dia, ela orava **com todo o seu coração***²³. |||

||| *Todo dia, ela orava || usando todo o seu coração*²⁴. |||

O sintagma *com todo o seu coração* amplia circunstancialmente a oração dentro do domínio da própria oração; em contraste, a oração *usando todo o seu coração* expande a oração precedente, relacionando-a a uma oração completa (em vez de a um sintagma preposicionado ou a um grupo adverbial), com isso abrindo um complexo oracional. A seguir, no Quadro 10, são listados alguns exemplos, apresentados pelos autores, de circunstâncias (em negrito) dentro do domínio da oração com respectivas orações agnatas sugeridas dentro do domínio do complexo oracional, salientando-se que o padrão de agnação pode também funcionar ao

²¹ Nesse caso, entendemos, diferentemente de (ou complementarmente a) Halliday e Matthiessen, que a transposição da circunstância de acompanhamento do nível da oração para o complexo oracional, pode transformá-la em uma relação lógico-semântica de expansão por intensificação: modo.

²² Para Halliday e Matthiessen (2014, p. 49), a explicação sobre alguma coisa não consiste em dizer como ela é estruturada, mas em mostrar como ela está relacionada com outras coisas, ou seja, em mostrar o seu padrão de relações sistêmicas ou agnação. Segundo Morais (2013), a agnação ocorre na construção com escolhas gramaticais diferentes, mas com o mesmo (ou equivalente) significado. Nesse sentido, as construções agnatas são metafóricas, ou não-congruentes, pois contrastam com o modo congruente e comum.

²³ Tradução nossa para “*Each day, she prayed with all her heart*”.

²⁴ Tradução nossa para “*Each day, she prayed using all her heart*”.

contrário, pois podemos encontrar frequentemente circunstâncias que são agnatas de orações:

Quadro 10 – Circunstâncias na oração e orações agnatas no complexo oracional

Tipo de relação de circunstância	Circunstância na oração	Oração agnata (complexo oracional)
Intensificação: tempo	Sob seu governo , houve paz em todo o país.	~ quando ele governou
Intensificação: causa	por causa dessa criança , ele nunca iria se tornar halauinic.	~ porque essa criança viveu
Extensão: alternância	No lugar das habituais roupas caras e elaboradas , os Motleys criaram conjuntos e roupas simples mas bonitos feitos de materiais baratos geralmente obtidos em promoções.	. ~ em vez de criar as habituais roupas caras e elaboradas
Projeção: ângulo	A tortura e violência sexual contra prisioneiros é generalizada nas prisões em todo os Estados Unidos, conforme relatório publicado ontem	~ diz relatório publicado ontem.
Elaboração: papel	mas depois de um tempo, Chirumá foi escolhido como novo chefe	~ para ser o novo chefe.

Fonte: (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 433, tradução nossa).

Os autores prosseguem argumentando que, conforme podemos observar nos exemplos acima apresentados, o elemento circunstancial de uma oração contém apenas um processo *menor*, não um maior. Assim, ao contrário da oração, o elemento circunstancial dela não pode construir uma figura completa, ele não pode originar uma proposição/proposta, assim como não pode apresentar uma mensagem.

Por outro lado, o complexo oracional sempre envolve a atribuição da condição de oração a uma unidade relacionada à oração por meio da expansão ou projeção: essa unidade tem todo o potencial de uma oração, em termos dos sistemas experiencial, interpessoal e textual.

Assim, assinalam os autores que, enquanto o sintagma preposicionado *com todo o seu coração* e a oração (não-finita) *usando todo o seu coração* estão bastante próximas uma da outra (sintagmas preposicionados sendo uma oração em miniatura), apenas a última tem o potencial gramatical de uma oração, podendo, por

exemplo, ser ampliada circunstancialmente e avaliada de forma modal, como em *alegremente usando todo o seu coração pelo amor de sua família*. Além disso, sendo uma oração em um complexo oracional, ela pode fazer parte de uma cadeia: *a cada dia que ela orava, usando todo o seu coração, como sua madrinha a tinha ensinado durante todos aqueles anos, e centrando sua energia na recuperação de seu irmãozinho*. Dessa forma, os elementos circunstanciais fazem parte da estrutura de configuração da oração, enquanto as orações nos complexos oracionais fazem parte de uma estrutura do tipo cadeia ou serial.

Halliday e Matthiessen (2014) também afirmam que, na criação do texto, podemos escolher entre ampliar a oração internamente por meio de um elemento circunstancial e ampliá-la externamente por meio de outra oração em um complexo oracional. A decisão depende de vários fatores; mas a consideração básica tem a ver com que peso semiótico textual, interpessoal e experiencial vamos atribuir à unidade: quanto mais peso ela tiver, mais provável será que ela venha a ser construída como uma oração interdependente em um complexo oracional do que como um sintagma circunstancial (ou grupo adverbial) ampliando a oração.

Segundo os autores, a sequência de projeção ou expansão pode ser realizada por duas orações que são combinadas estruturalmente para formar um complexo oracional, como em *a aconteceu depois b aconteceu* ou *após a ter acontecido, b aconteceu*. Mas existem duas formas alternativas de realização.

Por um lado, a sequência pode ser realizada por duas orações que não são combinadas estruturalmente, mas, em vez disso, são ligadas coesivamente: *A aconteceu. Depois b aconteceu*. Sendo as duas orações separadas por ponto final, aqui a gramática fornece uma “pista” sobre a natureza da ligação semântica; mas não integra as duas orações numa construção gramatical.

Por outro lado, a sequência pode ser realizada por uma única oração com um sintagma preposicionado (ou grupo adverbial) servindo como um elemento circunstancial dentro dela: *após o tempo de a, b aconteceu*.

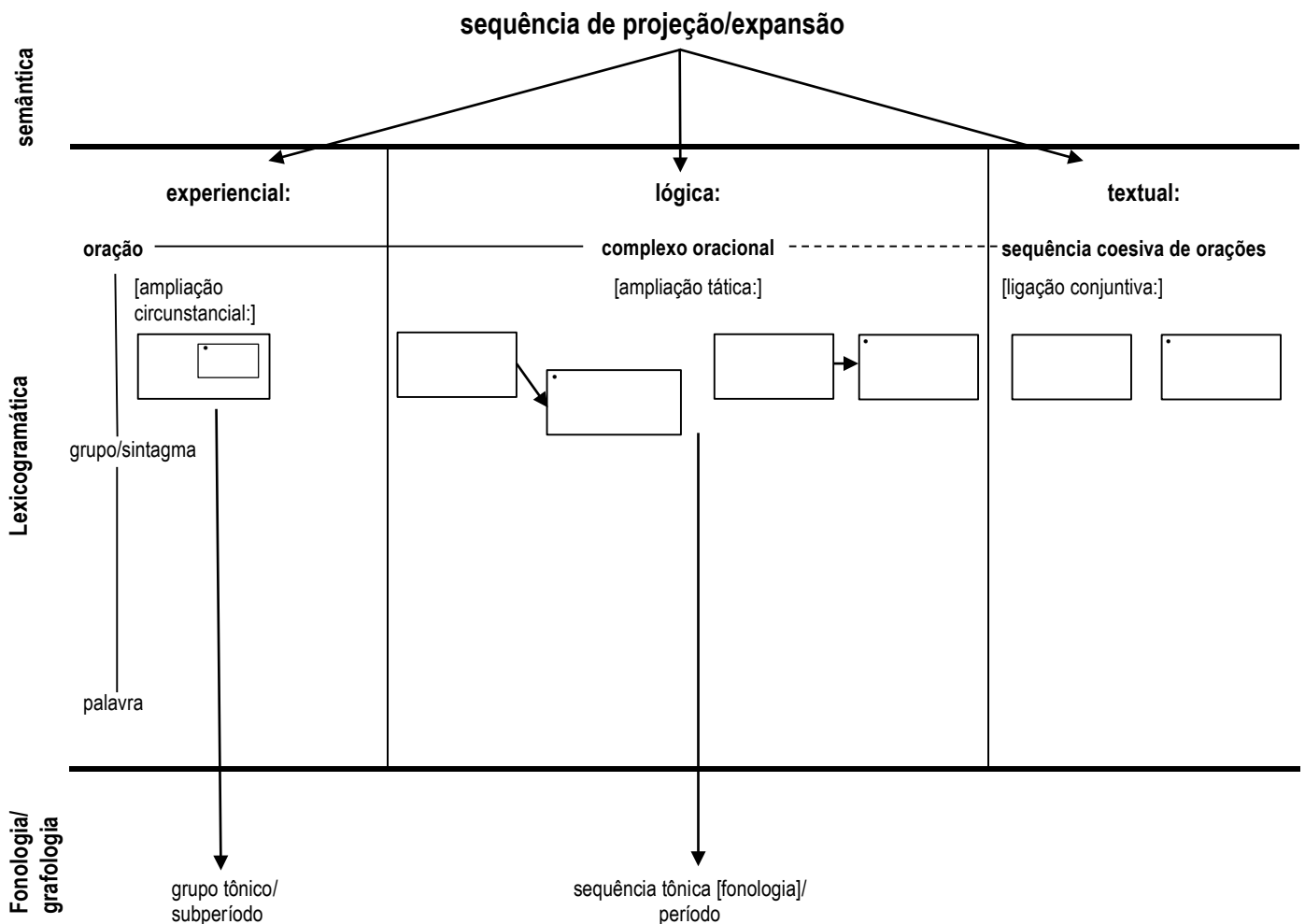
De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), as oportunidades gramaticais de realizar uma sequência de projeção ou expansão formam uma escala definida por dois polos: um polo é a oração simples com um elemento circunstancial, e o outro é a sequência coesiva em um texto com duas orações independentes.

Os autores concluem que o complexo oracional compreende a região intermediária entre esses dois polos. Mas o complexo oracional não é, de fato, um

ponto único nessa escala; ele abrange duas regiões da escala. Na região mais próxima do polo da ampliação circunstancial, existem combinações de orações em que uma oração é dependente de uma oração dominante, sendo as duas, portanto, de status desiguais (como em *quando a aconteceu, b aconteceu*). Na região mais próxima do polo das seqüências coesivas, existem combinações de orações em que as duas orações são interdependentes entre si, tendo as duas status iguais (como em *a aconteceu, então b aconteceu*).

Na Figura 5, a seguir, os autores representam esquematicamente a escala de grau de integração e interdependência gramatical na realização da projeção e da expansão.

Figura 5 – A localização do complexo oracional em termos de estratificação, metafunção e nível



Fonte: (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 435, tradução nossa).

Segundo os autores, a Figura 5 também mostra outras facetas da localização do complexo oracional no sistema geral do Inglês. Em primeiro lugar, em termos de metafunção, o complexo oracional é organizado pelo modo lógico da metafunção ideacional, contrastando com ampliações circunstanciais da oração (experencial) e sequências coesivas (textual). Isso significa que a organização do complexo oracional está baseada em um modelo univariável em vez de multivariável (como os complexos em outros níveis e os grupos). Em segundo lugar, com relação ao nível, o complexo oracional está situado no mais alto nível da gramática – o nível da oração, estando, portanto, relacionado à oração em termos de complexo lógico em vez de em termos de constituinte experencial. Em terceiro lugar, com relação à estratificação, o complexo oracional realiza uma sequência semântica de projeção ou expansão, a qual, por sua vez, é realizada por uma sequência de tonalidades na fala e pela frase na escrita.

Antes de adentrarmos na próxima subseção, é necessário retomar, para expor com maior clareza, a discussão sobre o modelo de organização do complexo oracional, segundo o qual o complexo oracional possui uma estrutura univariável em vez de multivariável.

A abordagem da variabilidade implica dizer que qualquer unidade gramatical na escala de níveis da léxico-gramática é uma unidade multivariável na medida em que ela realiza a unidade imediatamente superior e é realizada pela unidade imediatamente inferior, ou seja, uma palavra é realizada por diferentes morfemas, livres e subordinados, que funcionam diferentemente nas palavras, palavras diferentes de diferentes partes da fala e com diferentes funções (TÂM, 2013).

Além disso, o fato de os constituintes de uma estrutura de unidade serem diferentes quanto à realização e funções significa que a estrutura de uma unidade na escala de níveis é sempre multivariável.

Combinar orações em um complexo oracional é como montar os detalhes para fazer uma nova estrutura na qual esses detalhes coexistem, mas cada um funciona à sua maneira. No complexo oracional, uma oração é colocada ao lado da outra, de modo que o complexo oracional esteja ainda no mesmo nível da oração. O complexo oracional é uma estrutura univariável porque, por exemplo, quando composto por duas orações, ambas constituem dois padrões de realização independentes de dois sistemas diferentes de modo, tema e transitividade (TÂM, 2013).

Em suma, conforme lecionam Halliday e Matthiessen (2014, p. 390), a estrutura univariável é aquela gerada como uma repetição da mesma relação funcional: *a* é modificado por *b*, que é modificado por *c*, e assim por diante. Por outro lado, a estrutura multivariável é aquela em que, na configuração de seus constituintes, cada um dos elementos tem uma função diferente em relação ao conjunto Ex.: Dêitico + Enumerativo + Epíteto + Classificador + Entidade. Na maioria dos casos, a estrutura gramatical se enquadra em um dos dois tipos.

Dito isso, na próxima subseção, passamos a abordar alguns aspectos sobre as relações entre o complexo oracional, a formação de grupos e o período.

2.5 O COMPLEXO ORACIONAL, FORMAÇÃO DE GRUPOS E O PERÍODO

Halliday e Matthiessen (2014) afirmam, com base nos exemplos anteriores, que o complexo oracional é realizado grafologicamente como um período (na sua evolução no decorrer de séculos), ou seja, como uma unidade na linguagem escrita. O período é maior unidade de pontuação na escala de nível grafológica e tem evoluído no sistema escrito para representar o complexo oracional como o domínio mais extensivo da estrutura gramatical. Os autores usam o termo período para indicar somente essa unidade de pontuação grafológica de nível mais alto.

Assim, na análise de um texto escrito, cada período pode ser tratado como um complexo oracional, tendo o período simples (constituído de uma oração) como caso limite. Os autores afirmam ainda, tendo em vista os padrões de sequências tonais que caracterizam os complexos oracionais no inglês falado, que, com o texto falado, somos capazes de usar a gramática para definir e delimitar os complexos oracionais, mantendo-os o mais próximo possível das frases da linguagem escrita.

O Quadro 11 mostra a localização do complexo oracional e do período em relação a outras unidades e complexos de unidades no sistema linguístico como um todo.

Quadro 11– Unidades de nível através dos estratos

Semântica	Léxico-gramática	Grafologia	Fonologia
texto	–		
parágrafo (retórico)	–		
sequência	<i>complexo</i> oracional	período	grupos tônicos [em sequência tônica ou concordância]
mensagem/proposição (proposta)/figura	Oração	subperíodo	grupo tônico
elemento	grupo/sintagma	–	–
	palavra	palavra ortográfica	–
	morfema	–	–

Fonte: (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 436, tradução nossa).

Halliday e Matthiessen (2014) revelam que, em algumas descrições sistêmicas e tagmêmicas, o período é posto como uma unidade gramatical acima do nível da oração e que os períodos constituem-se de orações do mesmo modo que as orações constituem-se de grupos/sintagmas e os grupos, por sua vez, consistem em palavras²⁵. Embora os grupos sejam complexos de palavras, eles não podem ser considerados plenamente como complexos. Os grupos têm desenvolvido as suas próprias estruturas de constituintes multivariáveis em configurações funcionais como o Dêitico + Numerativo + Epíteto + Classificador + Entidade do grupo nominal em Inglês. Os seus elementos são: 1) distintos em função, 2) realizados por classes distintas, e 3) mais ou menos fixos na sequência. Uma configuração desse tipo é representada como uma estrutura multivariável. Segundo os autores, considerar o grupo simplesmente como um “complexo de palavras” não dá conta de todos esses vários aspectos de seu significado. É por essa razão que o grupo é reconhecido como um nível distinto na gramática.

Ao questionarem se o complexo oracional precisa ser interpretado como uma unidade em um nível (um “período”) análogo ao grupo, os autores acreditam que a resposta seja não, pois a natureza essencial de um complexo oracional é realçada quando tratado como um complexo estruturado de forma univariável e não como uma unidade estruturada de forma multivariável, conforme já nos referimos anteriormente. No complexo oracional, há uma tendência bem maior de qualquer

²⁵ Aqui os autores salientam a importância de manter a distinção terminológica entre **grupo** e **sintagma**, que é perdida se um grupo nominal é referido como um “sintagma nominal”. Embora tanto o grupo quanto o sintagma sejam ambos constituintes de nível intermediário, eles chegaram até aí a partir de diferentes propósitos: um grupo é uma palavra ampliada, enquanto o sintagma é uma oração encolhida. Nos termos de Bloomfield (1933, p. 194-195), os grupos são construções **endocêntricas**, ao passo que os sintagmas são construções **exocêntricas**.

oração ter o potencial para funcionar com qualquer valor em um complexo multicausal, ou seja, as relações entre as orações em um complexo oracional são geralmente mais como as de uma sequência de substantivos como o *peçoal do escritório de passagens de trem*, que poderia ser explicado como um complexo de palavras (univariável), ao contrário de *essas duas locomotivas velhas*, que não poderia assim ser explicado. Pode-se pressupor, portanto, que a noção de “complexo oracional” possibilita explicar integralmente a combinação gramatical das orações (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Os autores pontuam que há sintagmas que aparentemente precisariam ser interpretados como uma estrutura de período multivariável, envolvendo Adjuntos modais ou textuais ou elementos Vocativos como Tema:

||| **Porém** <<após o resultado de muitos estudos serem publicados, >> houve uma mudança na teoria totalmente inaceitável. |||

||| **Curiosamente**, <<<assim que eu deixei a minha pequena cidade || e explorei o mundo através do exército >>> eu percebi || que realmente gosto de aprender, || e eu era bom nisso, |||

||| **Larry, Larry, Larry**, << quando você está diante do público >> você não faz nada. |||

Para os autores, porém, todos esses exemplos podem ser analisados como combinações de orações hipotáticas, nas quais a oração dependente (indicada pelos parênteses angulares duplos e triplos nos exemplos) está inserida no interior da oração principal após o Tema interpessoal e/ou textual e antes do Tema tópico (destacados em negrito): oração principal << oração dependente >> – mais especificamente, oração principal [Tema interpessoal + textual] << oração dependente>> oração principal [Tema tópico ^ Rema]²⁶. A motivação por detrás de tais sequências que incluem orações dependentes é, portanto, textual: a oração principal é fortemente contextualizada, primeiramente pelo seu próprio Tema interpessoal e/ou textual, e, depois, no domínio do complexo oracional, pela oração dependente que a qualifica, e, finalmente, pelo seu próprio Tema tópico²⁷.

²⁶ Os elementos das três metafunções da linguagem (experencial, interpessoal e textual) podem estar em posição temática. O tema tópico é aquele que realiza uma função da estrutura da transitividade da oração (FUZER; CABRAL, 2014).

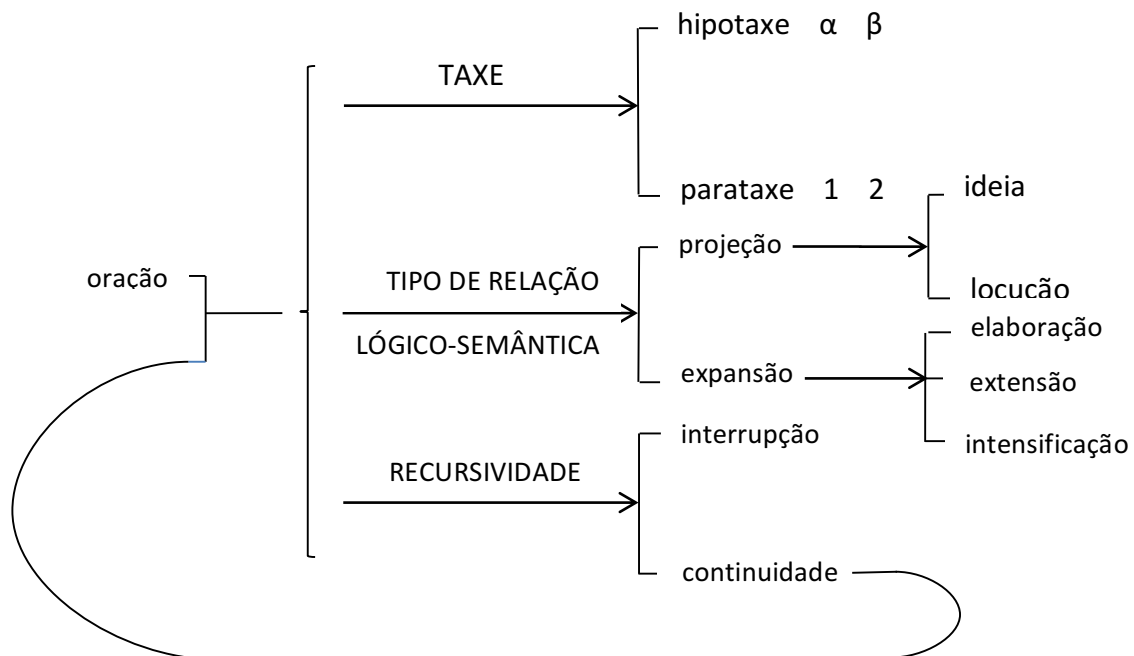
²⁷ Conforme acentuam Halliday e Matthiessen (2014), tais orações inseridas, ou combinações de orações, portanto, “interrompem” a estrutura da oração principal da qual são dependentes; e elas podem, de fato, até mesmo interromper elementos dentro dela, se tais interrupções forem textualmente motivadas. Por exemplo,

Finalizada, portanto, a abordagem acerca do complexo oracional em relação com a formação de grupos e o período, passamos agora a discorrer sobre os tipos de relações entre as orações que compõem o complexo oracional.

2.6 TIPOS DE RELAÇÕES ENTRE ORAÇÕES

Para Halliday e Matthiessen (2014), as relações entre as orações podem ser divididas em dois sistemas básicos: a *taxe*, que diz respeito ao grau de interdependência entre as orações; e a relação lógico-semântica. Os dois sistemas, com alguns de seus respectivos subsistemas, são resumidos na Figura 6 abaixo:

Figura 6 – Os sistemas do complexo oracional e notações



Fonte: (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 438, tradução nossa).

Podemos perceber na Figura 6, que, além dos dois sistemas já mencionados, há a recursividade. Segundo Houaiss (2009), a recursividade é uma propriedade das regras da gramática, as quais podem ser aplicadas sucessivamente às estruturas que resultam de sua aplicação anterior, partindo daí a explicação do conceito teórico, no plano da competência linguística, de sentença infinitamente longa. No âmbito da linguística sistêmico-funcional, isso implica dizer que o complexo oracional

o complexo oracional *Qualquer pessoa (ainda que batizada Católica, tal como foi o Ministro Murphy) que tivesse repudiado publicamente a fé, não poderia “conscientemente” ter um sepultamento cristão.* ([ACE_A]) é uma variante textual de *Mesmo se batizado Católico, tal como foi o Ministro Murphy, qualquer pessoa que tivesse ...*

pode envolver mais de um par de orações, pois, uma vez tendo feito um conjunto de escolhas, o falante pode retornar à rede e construir outra relação conjuntiva (THOMPSON, 2014, p. 209).

Ao discorrer sobre a recursividade, Tãm (2013, p. 32), por sua vez, argumenta que, sendo os complexos estruturados como uma série de elementos que estabelecem uma relação entre si, cada relação constitui uma nova expansão do complexo na qual cada par de elementos estabelece uma ligação chamada de nexos, cuja natureza é determinada pelo tipo de relação tática (parataxe e hipotaxe) e lógico-semântica (expansão ou projeção) e pela opção de interromper ou expandir o complexo, abrindo-se outro nexos sistêmico: interrupção ou continuidade (recursividade).

Nesse sentido, segundo Tãm (2013, p. 32), teoricamente, a função lógica possibilita ao complexo oracional ter, linearmente, uma continuidade com limite ao alvedrio do falante, que, mesmo atravessando a conversação, permite que seja mantido o fio da lógica entre as orações e as alternâncias de fala, e os falantes rastreiem a conexão do trecho suspenso do complexo oracional, graças às relações lógico-semânticas entre as orações.

Para apresentar os dois sistemas e seus subsistemas, procuramos trazer, quando existentes, alguns exemplos extraídos do *corpus* que possam evidenciar e ilustrar as categorias discutidas.

2.6.1 Sistema de Taxe: hipotaxe e parataxe

Conforme foi antes assinalado, o sistema de Taxe subdivide-se em hipotaxe e parataxe e decorre do fato de as orações ligadas por relações lógico-semânticas serem interdependentes, ou seja, o sentido de uma unidade é interdependente da outra. Essas orações interdependentes podem ser de igual status, como no seguinte exemplo:

||| *A testemunha abaixo qualificada trabalha no condomínio*||| e
[a testemunha] *presenciou a cena do fato.* ||| [BOC #6538/11]

No exemplo acima, as duas orações são independentes uma da outra, cada uma construindo, por si só, uma proposição. Quando as orações combinadas possuem o mesmo status, elas não estão reunidas estruturalmente como um complexo oracional, mas como uma sequência coesiva: *A testemunha abaixo qualificada trabalha no condomínio. Ela presenciou a cena do fato.* As duas versões

são tratadas de forma diferente na grafologia: na sequência coesiva, na qual o sujeito elíptico da segunda oração foi reintegrado, as duas orações são separadas por ponto final, ao passo que, no complexo oracional, não há o ponto final separando as duas orações (embora pudesse haver uma vírgula ou mesmo ponto e vírgula).

Por outro lado, duas orações interdependentes podem ter status desigual, como no seguinte exemplo:

||| *Assim que seu companheiro chegou* || *dois policiais militares também entraram na loja.* ||| [BOC #2669/11]

No exemplo supra, somente uma oração constitui, por si só, uma proposição: *dois policiais militares também entraram na loja*. Ela é considerada a oração dominante, ao passo que a outra oração a ela se relaciona como uma qualificação temporal, pois *assim que seu companheiro chegou* indica o momento em que os *dois policiais militares entraram na loja*. Enquanto a oração principal constitui em si mesma uma proposição e, por isso, pode ser alvo de interrogação (*os dois policiais militares também entraram na loja?*), a oração qualificadora não pode ser normalmente alvo de interrogação, pois, exceto para exprimir dúvida, não seria razoável esperar, sem soar estranho, uma pergunta do tipo *assim que seu companheiro chegou?* Por outro lado, a oração qualificadora pode ser colocada tanto antes quanto depois da oração “núcleo”, escolha determinada por considerações de ordem textual relativas ao tema no fluxo de eventos do contexto da narrativa (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Portanto, o grau de interdependência entre as orações, chamado de *taxe*, compreende dois graus, a *parataxe* (status igual) e *hipotaxe* (status desigual). A *hipotaxe* consiste na relação entre um elemento dependente e seu dominante. Por outro lado, a *parataxe* é relação entre dois elementos semelhantes com igualdade de status, um iniciando e outro continuando o complexo.

Assim como na representação da modificação na estrutura do grupo, a notação com letras do alfabeto grego, α β ..., é empregada para representar as estruturas hipotáticas, como no seguinte exemplo:

||| *A Beltrana disse << para todos ouvirem >> que a vítima*
 α β
teria matado uma pessoa |||. [BOC #1827/11]

Por outro lado, para as estruturas paratáticas, é utilizada a notação numérica 1 2 3 ..., sendo o aninhamento assim indicado: 11 12 2 31 32, o que equivale ao mesmo que 1 (1 2) 2 3(1 2). Uma sequência de parataxe vemos no seguinte exemplo:

||| O Sr. Beltrano foi até a calçada do condomínio [[onde
1
trabalha a vítima]] || e quebrou diversos galhos das plantas do
+2
jardim,|| chutou plantas e flores || e chutou o lixo. |||
+3 +4 [BOI #6151/11]

Halliday e Matthiessen (2014) relatam que a distinção entre parataxe e hipotaxe evoluiu nas línguas como uma forte estratégia gramatical de orientação do desenvolvimento retórico do texto, tornando possível à gramática atribuir diferentes status às figuras dentro de uma sequência. A escolha entre parataxe e hipotaxe caracteriza cada relação entre duas orações no complexo oracional. Nesse sentido, frequentemente os complexos oracionais são formados a partir da combinação entre parataxe e hipotaxe, como no seguinte complexo oracional: *Com dor, Kukul puxou a flecha || e dirigiu-se ao rio || para lavar o seu ferimento*. Nesse caso, a sequência principal está representada parataticamente por duas orações de igual status, uma das quais é qualificada hipoteticamente por uma terceira oração de finalidade, a qual tem um status “inferior”, pois serve como apoio à sua oração dominante.

Conforme já foi mencionado, o complexo oracional é formado por intermédio de relações táticas e se desenvolve e se constrói como uma corrente, um par de orações a cada vez, relacionado por interdependência ou taxe e denominado de nexos oracionais. Nesse sentido, os autores trazem o seguinte exemplo:

||| *Eu fui para a escola na cidade de Nova Iorque || e depois nós moramos em Hudson por um tempo, || depois nos mudamos para Connecticut.* |||

No exemplo acima, há dois nexos oracionais: 1.º) *Eu fui para a escola na cidade de Nova Iorque* → *e depois nós moramos em Hudson por um tempo*, e 2.º) *e depois nós moramos em Hudson por um tempo* → *depois nos mudamos para Connecticut*. As orações que compõem esse nexo são chamadas de primária e secundária. A oração primária é a oração inicial do nexo paratático e a dominante do nexo hipotático. A oração secundária é a oração seguinte (à inicial) no nexo paratático e a dependente (da dominante) no nexo hipotático. Halliday e Matthiessen (2014) ressaltam, porém, que utilizam, na maioria dos casos, os termos primária e

secundária, evitando a utilização de termos mais específicos. O Quadro 12 mostra a configuração do nexos oracional.

Quadro 12 – Orações primárias e secundárias no nexos oracional

	Primária	Secundária
Parataxe	1 (inicial)	2 (seguinte)
Hipotaxe	α (dominante)	β (dependente)

Fonte: (HALLIDAY, 2014, p. 442, tradução nossa).

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), o complexo oracional antes referido compõe-se de uma sequência linear de nexos oracionais e cada nexos constitui um par de orações interdependentes. Muitos complexos oracionais seguem esse padrão de sequência linear, porém pode também haver o agrupamento interno ou aninhamento, o qual ocorre quando o que está sendo ligado por uma relação lógico-semântica não é uma única oração, mas um subcomplexo, ou seja, um nexos oracional por si mesmo. Como exemplo disso, no Quadro 13, o complexo oracional tem como oração inicial uma oração simples, mas a oração que lhe dá continuidade é um subcomplexo com nexos hipotático.

Quadro 13 – Complexo oracional com aninhamento

1		<i>Com dor, Kukul puxou a flecha</i>
2	α	<i>e dirigiu-se ao rio</i>
	β	<i>para lavar o seu ferimento,</i>

Fonte: (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 442, tradução nossa).

Para Halliday e Matthiessen (2014), o conceito de aninhamento é uma propriedade geral da estrutura lógica apresentado por ambos quando da discussão acerca da submodificação no nível de grupo. O aninhamento pode ser representado de duas maneiras:

- 1) parênteses internos: $1 \wedge 2(\alpha \wedge \beta)$; e por
- 2) sequência simples²⁸: $1 \wedge 2\alpha \wedge 2\beta$.

²⁸ O símbolo \wedge indica sequência.

Segundo os autores, todas as estruturas lógicas da linguagem ou são paratáticas ou são hipotáticas. O complexo oracional compreende os dois tipos de relação. O complexo oracional típico contém uma mescla de sequências paratáticas e hipotáticas, cada uma podendo ser aninhada no interior da outra, como no seguinte exemplo:

<i>Eu iria</i>	<i>se eu pudesse,</i>	<i>mas eu não posso</i>	
1 α	1 β	2	(HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014)

No complexo acima, há uma relação paratática entre *Eu iria se eu pudesse e mas eu não posso*, representada pelos números 1 2; e uma relação hipotática entre *Eu iria e se eu pudesse*, representada pelas letras gregas $\alpha\beta$. Nesse caso, o aninhamento pode ser representado de duas maneiras: $1\alpha \wedge 1\beta \wedge 2$ ou $1(\alpha \wedge \beta) \wedge 2$.

É importante ainda salientar que, conforme Halliday e Matthiessen (2014) podemos usar conjunções para marcar a oração secundária nas relações tanto paratáticas quanto hipotáticas. Nas relações paratáticas são utilizadas, na expansão, conjunções coordenativas (ex.: *e, ou, mas*). Nas relações hipotáticas são utilizadas as conjunções subordinativas tanto na projeção (ex.: *que, se*) quanto na expansão (ex.: *quando, enquanto porque, visto que, se, embora, etc.*) e também as preposições conjuntivas em alguns tipos de orações não finitas (ex.: *depois, antes, por causa de, apesar*), como veremos nas seções seguintes.

2.6.2 Relações lógico-semânticas: expansão e projeção

A ampla variedade de relações lógico-semânticas entre os componentes primário e secundário de um nexos oracional pode ser agrupada em pequeno número de tipos gerais com base em duas relações fundamentais: a expansão e a projeção.

Na expansão, uma oração secundária expande a oração primária: a) elaborando-a (elaboração), b) estendendo-a (extensão) ou c) intensificando-a (intensificação). A seguir, apresentamos um exemplo de relação lógica de expansão por intensificação (condicional):

||| *Se o filho cometeu um delito, || tem que pagar por isso* |||
(BOC #9689/2011)

Na projeção, a oração secundária é projetada pela oração primária, que a introduz como: a) locução ou b) ideia. A seguir, apresentamos o exemplo de uma projeção verbal:

||| *Informa* || *que vive maritalmente com o acusado por trinta anos* |||

(BOD #7932/2011)

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), a expansão relaciona fenômenos como sendo da mesma ordem de experiência, enquanto a projeção relaciona fenômenos de uma ordem da experiência (os processos de dizer e pensar) com fenômenos de uma ordem superior (fenômenos semióticos – o que as pessoas dizem e pensam). A expansão é classificada em três subtipos (elaboração, extensão, intensificação) ao passo que a projeção em dois subtipos (locução, ideia), conforme Quadro 14:

Quadro 14 – Subtipos de expansão e projeção com notações correspondentes

EXPANSÃO	
Tipos	Notação
Elaboração	= (igual a)
Extensão	+ (somado a)
Intensificação	x (multiplicado por)
PROJEÇÃO	
Locução	“ (aspas duplas)
Ideia	‘ (aspas simples)

Fonte: elaborado com base em Halliday e Matthiessen (2014, p. 444).

Conforme vimos no Quadro 14, as relações lógicas de expansão compreendem a elaboração, a extensão e a intensificação, ao passo que a projeção abrange a locução e a ideia, cada qual podendo ser representada por sua respectiva notação. A seguir, passamos a discorrer brevemente sobre cada uma delas, incluindo, ao final, a noção de encaixamento.

A elaboração (i.e., e.g., viz.) ocorre quando uma oração expande outra, elaborando-a (ou uma parte dela): reafirmando com outras palavras, especificando mais detalhadamente, comentando ou exemplificando, conforme o seguinte fragmento:

||| *O acusado propôs uma troca com a vítima, || isto é, lhe entregaria uma motocicleta em troca do automóvel da vítima. ||| (BOC #5569/2011)*

A extensão (e, ou), por sua vez, ocorre quando uma oração expande outra, estendendo-a além dela: acrescentando-lhe um novo elemento, dando-lhe uma exceção ou oferecendo-lhe uma alternativa, conforme o seguinte exemplo:

||| *O comunicante teria pego || ou seria cúmplice de quem teria pego os objetos. ||| (BOC #25122/2011)*

A Intensificação (assim, ainda, depois) ocorre quando uma oração expande outra, ornamentando-a: qualificando-a com alguma propriedade circunstancial de tempo, lugar, causa ou condição, como em:

||| *Após sair de um culto evangélico em sua igreja || Beltrana lhe seguiu pela rua. [sic] ||| (BOD #400/2011)*

A projeção de locução (dizer) ocorre quando uma oração é projetada por outra, que a apresenta como uma locução, uma construção do fraseado, como em:

||| *A vítima diz || que trabalhou na casa de Tetrano. ||| (BOD #400/2011)*

Por outro lado, a projeção de ideia (pensar) ocorre quando uma oração é projetada por outra, que a apresenta como uma ideia, uma construção do sentido, conforme em:

||| *A emitente pensa || em enviar cópia ao esposo da comunicante. ||| (BOD #2605/2011)*

Antes de finalizarmos esta subseção, devido a sua relevância dentro do complexo oracional, teceremos algumas considerações básicas sobre as orações encaixadas.

O encaixamento consiste na mudança de nível pela qual uma oração ou sintagma passa a funcionar na estrutura de um grupo, como elemento pós-modificador ou núcleo em um grupo nominal, e como pós-modificador em um grupo adverbial (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 491-492).

Ao abordar as relações lógico-semânticas, Thompson (2014, p. 191-192) afirma que as orações encaixadas não formam complexos oracionais, porquanto elas funcionam como constituintes de outras orações, não se aplicando a elas como

um todo as categorias de hipotaxe e parataxe, embora ambas possam ocorrer no interior do encaixamento como complexo oracional encaixado. Apesar disso, as orações encaixadas desempenham um papel na análise dos complexos oracionais porque elas, ao menos, precisam ser identificadas a fim de que lhes seja atribuído o papel apropriado. Dessa forma, Thompson (2014) inclui o encaixamento dentre as relações lógico-semânticas básicas, conforme Quadro 15.

Quadro 15 – Relações lógico-semânticas básicas

	<i>Expansão</i>	<i>Projeção</i>
Paratática	<i>Eles não são cabeleireiros, eles são agentes funerários</i>	<i>Eu disse: “não, eu não posso fazer isso”</i>
Hipotática	<i>Se você começar a confusão, nós iremos acabá-la</i>	<i>Um alto oficial negou que a reunião tenha ocorrido</i>
Encaixada	<i>Isso descreve um pequeno barco [[navegando por mares tempestuosos]]</i>	<i>Eu falei-lhe sobre a proposta de Koornhof [[para patrocinar a viagem]]</i>

Fonte: (THOMPSON, 2014, p. 194, tradução nossa).

Assim sendo, feitas as considerações gerais pertinentes acerca da expansão, da projeção e do encaixamento, bem como sobre as relações táticas (parataxe e hipotaxe), passamos a abordar mais detidamente as três categorias, iniciando pela expansão.

2.6.3 As relações lógicas de expansão

A expansão de uma oração por outra pode ocorrer, conforme já foi mencionado, de três formas básicas: elaboração, extensão e intensificação. Thompson (2014) argumenta que os principais exemplos das três categorias são relativamente fáceis de identificar, mas nos casos limítrofes há uma maior dificuldade de reconhecê-las, sobretudo porque uma mesma conjunção pode ser utilizada para sinalizar diferentes relações semânticas, havendo casos, por outro lado, em que não há qualquer sinalização explícita. Quando isso ocorre, a sugestão é parafrasear o complexo oracional, usando conjunções ou adjuntos conjuntivos inequívocos que pareçam corresponder mais estreitamente com o sentido do original, estratégia que torna explícita a compreensão do analista acerca da conexão semântica entre as orações (THOMPSON, 2014, p. 194).

2.6.3.1 Elaboração

Na elaboração, a oração que elabora o sentido da outra, especificando-a ou descrevendo-a, não acrescenta um novo elemento à mensagem, somente traz mais informação acerca do que já consta na oração elaborada, reafirmando-a, esclarecendo-a, refinando-a ou acrescentando-lhe um atributo descritivo ou comentário. Conforme vimos no Quadro 14, a relação de elaboração é representada pelo símbolo de igualdade (=) e a ela também se aplica a distinção entre parataxe e hipotaxe.

Muitas orações elaboradoras paratáticas exercem a função, nos termos da gramática tradicional, de aposto da oração precedente, como nos seguintes exemplos:

- 1) ||| *O referido vendedor pediu desculpa, || porém vários clientes ficaram lhe olhando, || o que lhe causou constrangimento.* ||| (BOC #5556/2011)
- 2) ||| *Beltrana anda dizendo || que o comunicante manteve relações sexuais com ela a força, || o que não é verdade.* ||| (BOC #22669/2011)

Nos dois exemplos, as orações *o que lhe causou constrangimento* e *o que não é verdade* elaboram, por aposição, as respectivas orações precedentes e, utilizando as notações anteriormente referidas, podem ser representadas como segue:

||| *O referido vendedor pediu desculpa, || ¹porém vários clientes ficaram lhe ⁺²olhando, || o que lhe causou constrangimento.*||| (BOC #5556/2011)
=3

||| *Beltrana anda dizendo || _αque o comunicante manteve relações sexuais com ^{“β1}ela à força, || o que não é verdade.*||| (BOC #22669/2011)
=2

A elaboração paratática compreende a **exposição** (*em outras palavras*) a **exemplificação** (*por exemplo*) e o **esclarecimento** (*para ser preciso*), enquanto a elaboração hipotática compreende a descrição. Nesse sentido, a elaboração paratática pode ser realizada em paráfrases com as expressões “em outras

palavras”, “para ser preciso”, ou “por exemplo”, introduzindo a oração elaboradora, como na seguinte sequência contendo uma exposição:

||| *As mulheres de nome Beltrana 1 e Beltrana 2 andam fazendo comentários*
 1
*ofensivos a sua moral, || **ou seja**, andam comentando || que a comunicante*
 $=2 \alpha$
está mantendo um caso amoroso com o senhor Sicrano, mais conhecido pelo
 $=2 \beta$
apelido Tibúrcio da Estância. ||| (BOD #1100/2011)

O Quadro 16 resume a elaboração paratática e hipotática quanto ao sentido e realização.

Quadro 16 – Elaboração paratática e hipotática

	Parataxe	Hipotaxe
Sentido	exposição, exemplificação, esclarecimento	Descrição
Realização	primária + secundária: concordância tonal	primária + secundária: concordância tonal
	secundária: frequentemente não marcada; pode ser introduzida por <i>i.e.</i> , <i>e.g.</i> , <i>viz.</i> ou outro marcador conjuntivo.	secundária: oração relativa não restritiva, podendo ser 1) finita (introduzida por um elemento <i>wh-</i>) ou 2) não- finita.

Fonte: (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014, p. 462, tradução nossa).

Os complexos oracionais acima foram retirados do *corpus*, portanto, da linguagem escrita. Conforme Thompson (2014), no discurso oral, entretanto, pode haver dificuldades na distinção de orações elaboradoras paratáticas dos complexos oracionais separados quando as duas orações estão justapostas sem qualquer indicação conjuntiva explícita da relação, o que pode ser resolvido, segundo ele, pela análise da entonação do falante.

As orações elaboradoras hipotáticas, tradicionalmente chamadas de orações adjetivas não restritivas (ou adjetivas explicativas), acrescentam uma informação extra acerca de um elemento da oração principal. Normalmente, ela fica posicionada logo após esse elemento, independentemente do local que esse elemento ocupa na oração, podendo, dessa forma, aparecer como uma intercalação, suspendendo a oração dominante temporariamente, como nos seguintes trechos:

- 1) ||| *Após duas semanas de trabalho foi solicitada a carteira de trabalho, || a*
 α
qual permanece em poder do empregador. ||| (BOC #24406/2011)
 $=\beta$

- 2) ||| *Seu ex-marido, participante 2, <<<com o qual tem uma filha de 15 anos || e*
 1α $=\beta$
que passou a guarda para ele >>>, || esteve em sua residência || e começou
 1α $+2$
a ofendê-la.||| (BOI #4310/2011)

No complexo oracional do exemplo 1, a oração elaboradora, *a qual permanece em poder do trabalhador*, acrescenta uma informação adicional acerca do sintagma preposicionado *carteira do trabalho*. O mesmo ocorre no segundo complexo, porém em relação ao sujeito (*seu ex-marido, participante 2*) da oração principal, a qual é intercalada por duas orações elaboradoras.

Assim como *que, cujo, a qual, o qual*, os sinais conjuntivos para identificar a elaboração podem ser *onde* e *quando*, como nos seguintes exemplos:

- 1) ||| *Comunica || que trabalha || há 5 meses na Clínica Geriátrica Atitude, ||*
 α $\beta\alpha$ $\beta x \beta\alpha$
onde desempenha a função de técnica de enfermagem.||| (BOC #2153/2011)
 $\beta=\beta$
- 2) ||| *Beltrana passou a importunar a comunicante, || como o fez na última*
 α $x\beta\alpha$
terça-feira a tarde, || quando saiu em frente a residência.||| (BOI #806/2011)
 $=\beta$

A elaboração hipotática pode também ser realizada por orações não-finitas, como em:

- ||| *Na noite de ontem sua sogra lhe telefonou || dizendo || que Beltrana havia*
 α $=\beta\alpha$ $=\beta\beta$
chegado em casa.||| (BOD #1680/2011)

No exemplo acima, a oração elaboradora hipotática especifica qual era o conteúdo do telefonema dado pela sogra. Quanto a isso, Thompson (2014) destaca que as orações não-finitas trazem consigo a indicação de seu status de dependência, que é justamente o fato de elas serem não-finitas. Entretanto, a análise para decidir o tipo de relação lógica entre essas orações pode se tornar uma tarefa difícil, por não apresentarem um elemento conjuntivo explícito que indique o tipo de relação pretendida.

A extensão hipotática também compreende a adição, a variação e a alternância. Ela é mais claramente sinalizada por “*enquanto*” (ou “*ao passo que*”²⁹), combinando adição com contraste, como nos seguintes exemplos³⁰:

||| *O nome de Luis Fabiano foi aclamado pelo grupo, || enquanto os zagueiros
Lucão e Rafael Toloí foram duramente cobrados.*³¹ |||
 α
 $+\beta$

||| *O volume de soja exportada aumentou, || ao passo que no caso do minério,
caiu.*³² |||
 α $+\beta$

A extensão alternativa pode ser sinalizada por orações negativas com “*se*”, como em:

||| *Se não parassem com as fofocas, || irá abrir boca.* ||| (BOC #27087/2011)
 $+\beta$ α

A extensão por variação do tipo subtração ocorre com orações introduzidas por “*exceto que*”, como em:

||| *Nada mudou desde então, || exceto que o exercício físico e a nutrição
terem ganhado evidência [...].*³³ |||
 α $+\beta$

Halliday e Matthiessen (2014) também apresentam casos em que a oração não-finita é frequentemente introduzida por preposição ou grupo preposicionado que funcionam como conjunção, tais como “*além de*”, “*sem*”, “*em vez de*”, “*a não ser*”, em extensão por adição (aditiva e adversativa) e por variação (substitutiva, subtrativa).

²⁹ A locução “*ao passo que*” pode também indicar ideia de proporcionalidade análoga à locução “*à medida que*”.

³⁰ Os exemplos foram retirados do sítio da Folha de São Paulo *on-line*, por não terem sido encontrados no *corpus*. O mesmo ocorrerá, deste ponto em diante, com outros exemplos, quando necessário.

³¹ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/08/1669385-osorio-assume-culpa-por-derrota-para-o-goias-e-defende-jogadores.shtml>. Acesso em 16-08-2015.

³² Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/08/1667759-saiba-como-a-moeda-da-china-pode-afetar-a-economia-brasileira.shtml>. Acesso em 16-08-2015.

³³ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/03/chef-frances-que-e-icone-de-nova-york-vem-a-sao-paulo.shtml>. Acesso em 03-09-2018.

A adição aditiva, com o grupo preposicionado “além de”, pode ocorrer em exemplos como:

||| O referido texto declarava || o culto ser uma farsa, uma falcatrua, ||
 α $\beta\alpha$
 além de ter exposto fotos tiradas do orkut pessoal da comunicante ||
 $+\beta$
 (BOI #25193/2011)

A adição adversativa, com o uso da preposição “sem”, pode estar presente em exemplos como:

||| Que Beltrano teria vendido um veículo da vítima || e queria lhe
 α $+\beta\alpha$
 entregar um de menor valor || sem lhe devolver a diferença. (BOC
 #7636/2011) $+\beta$

Por outro lado, a variação substitutiva, com o uso do grupo preposicionado “em vez de”, pode ocorrer em exemplos como:

||| Em vez de ficar com a imagem de monarca civilizado, || ele acabou
 virando um monarca da guerra.³⁴ |||

Por fim, a variação subtrativa, com o uso do grupo preposicionado “a não ser”, pode ocorrer em exemplos como:

||| Não há nada [[para fazer]] || a não ser parar carros |||. ³⁵
 α $+\beta$

Terminada a abordagem de aspectos principais da expansão por extensão, passamos, a seguir, para a expansão por intensificação.

³⁴Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1668705-as-viagens-de-pedro-2-ao-orientemedio.shtml>. Acesso em 17-08-2015.

³⁵ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2015/08/1666671-midias-sociais-reduzem-a-capacidade-de-aprender-diz-sociologo-americano.shtml>. Acesso em 17-08-2015.

2.6.3.3 Intensificação

A intensificação do sentido de uma oração por outra ocorre pela sua qualificação, realizada por intermédio de relações conjuntivas de tempo, lugar, modo, causa ou condição. Conforme já vimos no Quadro 14, a notação que representa as relações de intensificação é o símbolo de multiplicação (x).

As orações que estabelecem as relações de intensificação correspondem àquelas conhecidas tradicionalmente como orações adverbiais e à função dos adjuntos adverbiais.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), assim como ocorre na extensão, na intensificação as sequências paratáticas longas são mais comuns do que as hipotáticas, sobretudo as sequências temporais paratáticas, as quais desempenham um papel importante na construção de linhas de eventos em estórias, relatos, procedimentos e em outras passagens de textos nas quais a cronologia é um princípio de organização importante.

As relações de intensificação podem ser divididas entre as realizadas por orações finitas e não-finitas, tanto com parataxe quanto com hipotaxe, nas várias subcategorias de tempo, lugar, modo, causa ou condição.

Começamos pelas relações de intensificação paratáticas com orações finitas, com alguns exemplos de suas realizações no Quadro 17.

Quadro 17 – Relações de intensificação paratáticas com orações finitas

ORAÇÕES FINITAS				
a) tempo simultâneo	<i>Enquanto</i> estava no interior da loja nenhum cliente apareceu para testemunhar o furto. (BOI# 10669/2011)			
b) tempo subsequente	[A] vítima saiu nervoso, foi até sua casa, largou as compras e foi até oposto da Brigada Militar. (BOC# 8796/2011)			
c) espacial	mesmo lugar	<i>Onde</i> há fumaça há fogo. ³⁶		
d) modo	meios	Na luta greco-romana teremos um armênio de verde-amarelo e assim o país buscará ficar entre os dez primeiros no quadro de medalhas. ³⁷		
	comparação	A vítima, [sic] teve que assinar uma rescisão antecipada do contrato de experiência, como se esta tivesse pedido demissão. (BOI# 3980/2011)		
e) causal-condicional	causa: razão	1) causa ^ efeito	Fulana teria colocado um objeto no bolso e por isso estava com as mãos no bolso (BOC#1651/2011)	
		2) efeito ^ causa	O comunicante falou a ele que estava faltando dinheiro, pois não estava sendo pago o carregamento da casca de acácia. (BOC# 354/2011)	
	condição: positiva	Se o comunicante quebrasse a cara dela iria preso. (BOI# 4921/2011)		
	condição: negativa	Caso a locadora, Tetrana, não retirasse os inquilinos das casas, o comunicante iria matá-los. (BOI# 26140/2011)		
	condição: concessiva	1) concessão ^consequência	Embora advertido sobre a palavra injuriosa racista, o adolescente disse que pode chamar o professor negro de Tião porque o pai dele disse que esse tipo de ofensa não resulta em nada. (BOI# 10508/2011)	
		2) consequência^concessão	A casa dela realmente foi furtada, mas diz que nada tem a ver com isso. (BOC# 1518/2011)	

Fonte: elaborado com base em Halliday e Matthiessen, (2014, p. 478-480, tradução nossa).

Halliday e Matthiessen (2014) não apresentam exemplos de relações de intensificação paratáticas com orações não finitas. Por outro lado, observam que conjunções como *quando*, *porque* e *embora* parecem frequentemente desempenhar um papel mais próximo da função paratática quando a oração intensificadora vem após a oração primária. Porém, quando ocorre o contrário, ou seja, quando a oração intensificadora vem antes da oração intensificada, há, de forma clara, a relação de hipotaxe.

³⁶ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2018/06/donald-trump-e-como-o-menino-mim-ad-o-que-e-dono-da-bola-critica-leitor.shtml>. Acesso em 03-09-2018.

³⁷ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfour/2015/07/1657596-ouro-de-tolo.shtml>. Acesso em 16-11-2015.

A seguir, no Quadro 18, são apresentadas as várias relações de intensificação hipotáticas realizadas com orações finitas.

Quadro 18 – Relações de Intensificação hipotáticas com orações finitas

ORAÇÕES FINITAS		
a) tempo		<i>Assim que</i> construirem outra casa, irão sair de lá. (BOI# 1751/2011)
b) lugar	lugar concreto	<i>Onde</i> houver espaço, o chinês vai entrar. ³⁸
	lugar abstrato	E recebeu ligações onde ele lhe chamava de amigo do boi. (BOD#2061/2011)
	lugar abstrato com tom de assunto	Na medida do possível, a ombudsman procura interceder pelo leitor que pede ajuda por estar "na fila" há muito tempo. ³⁹
c) modo	qualidade	Os serviços têm perdido vigor nos últimos anos, como mostrado na carta do Ibre/FGV (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas) de dezembro. ⁴⁰
	comparação	Alguém usou o e-mail da turma (xxx2010@gmail.com) para enviar duas mensagens ao professor Sicrano como se fosse ela. (BOD#2061/2011)
	meios	A segurança é um dos pontos prioritários da eleição, por meio do qual Bolsonaro tem se projetado com discurso linha dura. ⁴¹
d) causa/ condição	causa: razão	Registra o fato porque nunca teve qualquer problema semelhante. (BOC#17464/2011)
	causa: finalidade	Nunca deu qualquer motivo para que Beltrano agisse assim. (BOD#2985/2011)
	causa: resultado	Esses ataques fizeram com que crescesse a pressão sobre o governo israelense para conter o terrorismo de extremistas judeus. ⁴²
	concessão	Como Aécio, o senador José Serra foi à passeata de domingo, embora os dois não costumem viajar juntos. ⁴³
	condição: positiva	Beltrano lhe disse que iria demiti-lo se registrasse a ocorrência. (BOC#1041/2011)
	condição: negativa	Se não pedi[s]se demissão seria demitida por justa causa. (BOD#7412/2011)

Fonte: elaborado com base em Halliday e Matthiessen (2014, p. 481-484, tradução nossa).

³⁸ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/06/investimento-chines-no-brasil-soma-r-5-bi-em-2018-e-pode-subir-com-leiloes.shtml>. Acesso em 03-09-2018.

³⁹ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/ombudsman/2014/09/1520978-duvidas-mais-frequentes.shtml>. Acesso em 18-08-2015.

⁴⁰ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/01/1221062-analise-menor-productividade-do-setor-de-servicos-pode-comprometer-pib.shtml>. Acesso em 18-08-2015.

⁴¹ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/alckmin-quer-aproveitar-latifundio-na-tv-para-dosar-feitos-em-sp-e-ataques.shtml>. Acesso em 03-09-2018.

⁴² Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/08/1667157-presenca-por-recusar-alistamento-ativista-critica-militarizacao-de-israel.shtml>. Acesso em 18-08-2015.

⁴³ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/viniustorres/2015/08/1670003-contr-a-direita-e-o-ajuste-fiscal.shtml>. Acesso em 18-08-2015.

No Quadro 19, apresentamos alguns exemplos de intensificação hipotática com orações não-finitas. Nesse caso, a relação de intensificação é explicitamente marcada por uma conjunção estrutural, v.g., *quando, enquanto, se, embora*, ou por preposição conjuntiva, v.g., *antes, depois de, após, por, por causa de, sem*. No mesmo quadro, por outro lado, apresentamos exemplos nos quais a relação de intensificação é implícita e, em razão disso, não possui marcadores explícitos.

Quadro 19 – Relações de Intensificação hipotáticas com orações não finitas

ORAÇÕES NÃO FINITAS	
Relação de intensificação explicitamente marcada (por conjunção estrutural ou preposição conjuntiva)	
a) tempo	<i>Após assinar sua demissão, seu filho foi acusado de ter furtado uma correntinha de ouro e um par de brincos por um outro funcionário chamado Beltrano. (BOC# 9373/2011)</i>
b) concessão	<i>Apesar de ser o quarto Estado mais rico do país e ter bons indicadores sociais, o Rio Grande do Sul convive há anos com alguns dos piores números das finanças públicas no país.⁴⁴</i>
c) Condição	<i>Ninguém fará a transformação que este país precisa sem investir em gastos com educação.⁴⁵</i>
d) modo: meios	<i>Comparece para comunicar que trabalha fazendo pequenos serviços para comerciantes da região. (BOC# 5433/2011)</i>
Relação de intensificação implícita	
a) tempo	<i>Siga pela Parizska e cruze a praça da Cidade Velha, dobrando à direita e percorrendo alguns metros na rua Karlova.⁴⁶</i>
b) causa: razão	<i>Tendo surgido como fabricante de máquinas para empresas, a IBM jamais aspirou a se tornar um ícone da cultura pop, mas seu prestígio era extraordinário.⁴⁷</i>
c) causa: finalidade	-
d) causa: resultado	<i>O comentário feito por Beltrano, [sic]tem repercussão na região, fazendo com que o comunicante passe por uma situação constrangedora. (BOD#292/2011)</i>

Fonte: elaborado com base em Halliday e Matthiessen (2014, p. 485-487, tradução nossa).

⁴⁴Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/08/1670175-professores-aprovam-greve-no-rs-outros-servidores-fazem-assembleias.shtml>. Acesso em 18-08-2015.

⁴⁵Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2013/07/1312443-dilma-defende-aumentar-salario-de-professor-sem-populismo-fiscal.shtml>. Acesso em 18-08-2015.

⁴⁶Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/turismo/2013/07/1299004-confira-roteiros-para-conhecer-tres-cidades-europeias-a-pe.shtml>. Acesso em 18-08-2015.

⁴⁷Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/04/1622176-historia-e-riscos-futuros-da-apple-lembram-os-da-ibm.shtml>. Acesso em 18-08-2015.

Halliday e Matthiessen (2014) ressaltam que alguns marcadores de expansão podem ser multivalentes, possuindo dois ou mais sentidos, e marcar, ao mesmo tempo, uma relação de elaboração e extensão ou extensão e intensificação. Isso tende a dificultar a análise, mas pode ser resolvido com o uso de agnatos para decidir qual dos três tipos de expansão está sendo realizado pela combinação entre as orações. Nas orações sem marcadores conjuntivos, cuja dificuldade de análise é ainda maior, o problema está relacionado com as orações finitas e não-finitas.

A oração finita, em princípio, é independente e somente se torna dependente quando introduzida por uma conjunção hipotática. Porém, se for ligada a um complexo oracional, o seu status natural é de oração paratática e, nesse caso, a sua relação lógico-semântica é tipicamente marcada por uma conjunção paratática (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

A oração não-finita, por sua vez, pela sua própria natureza, é dependente. Ela tipicamente ocorre sem nenhum marcador explícito de sua dependência. Dessa forma, quando uma oração não-finita ocorre sem conjunção, não resta dúvida quanto a sua relação hipotática no complexo oracional, embora possa não haver qualquer indicação de sua função lógico-semântica. Conforme o contexto, porém, a oração não-finita pode exercer uma relação de elaboração, extensão ou intensificação, e a melhor maneira de verificar em qual das categorias ela se enquadra seria encontrar a oração finita agnata mais aproximada. Assim, se a oração finita agnata for uma oração relativa não-restritiva, a não-finita será elaboradora; se for uma oração coordenada, a não-finita será extensora; e se for uma oração intensificadora, a não-finita será intensificadora e provavelmente poderá ser introduzida por uma preposição conjuntiva (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Outro ponto a ser destacado diz respeito à expansão interna e externa. No sistema de transitividade, há a distinção entre adjuntos circunstanciais, que dizem respeito ao contexto do mundo real em que os processos ocorrem, e os adjuntos interpessoais, os quais enquadram a oração ao evento de fala em andamento. Segundo Thompson (2014), nos complexos oracionais há distinção semelhante, mormente nas situações em que algumas orações intensificadoras seguem orações independentes. Nesses casos, em vez de estabelecer uma relação entre os processos no mundo externo, a relação é interna no sentido de que tem a ver com as conexões entre o que o falante diz e a justificativa que ele dá para dizê-lo (i. E., vinculada à modalidade) ou com conexões entre movimentos na troca (i. E.,

vinculada aos papéis da fala). Isso tem sido mais plenamente explorado com orações “porque”.

Thompson (2014) apresenta o seguinte exemplo, no qual a oração final não expressa a relação intensificadora de causa “externa”, ao contrário, ela fornece a razão pela qual o falante tomou conhecimento: *Ele parece ter-se ido porque o carro dele não está lá*. O fato de o carro dele não estar lá não é a causa de ele ter-se ido embora, logo essa não é uma relação de causa-efeito no mundo exterior (na realidade, a causa externa seria o contrário: o carro dele não está lá porque ele se foi). É uma relação baseada no mundo interior de avaliação modal do falante: o fato de o carro dele não estar lá no estacionamento serve de base ao falante para acreditar que ele se foi. A oração final no seguinte exemplo explica a razão pela qual o falante dá a ordem na primeira oração, a “razão para dizer”: *Não deixe o cachorro solto porque os gatos estão no jardim (=é por isso que eu lhe digo para não deixar o cachorro solto)*. Segundo Thompson (2014), esses usos da conjunção são mais comuns em registros informais, tanto no discurso falado (principalmente na conversação casual) quanto na fala simulada, por exemplo, em blogs pessoais. Dito isso, abordadas as três formas básicas de expansão, passamos às expansões encaixadas.

2.6.3.4 Expansões encaixadas

Conforme Halliday e Matthiessen (2014), é importante estabelecer a distinção entre as relações táticas de parataxe e hipotaxe, por um lado, e o encaixamento, de outro. Na parataxe e hipotaxe há relações entre orações, o que não ocorre no encaixamento, o qual é um mecanismo semogênico pelo qual uma oração ou sintagma funciona como constituinte na estrutura de um grupo, que, por sua vez, é constituinte da oração, v. g., *que o revistou em o indivíduo que o revistou*.

Os autores esclarecem, nesse sentido, que o encaixamento pode ser considerado um mecanismo pelo qual uma oração passa a funcionar como uma palavra, podendo haver agnação entre os elementos encaixados e os pré-modificadores e pós-modificadores, como, por exemplo, entre *um novo carro* e *um carro que é novo*; *um carro elétrico* e *um carro que é movido a eletricidade*. Daí decorre o uso, na gramática tradicional, de termos como “oração adjetiva”, para orações relativas que servem como pós-modificador, e “oração substantiva”, para

orações que funcionam como núcleo. As orações e sintagmas rebaixados, porém, frequentemente constroem sentidos mais complexos do que os das palavras: as orações relativas tipicamente exprimem, de algum modo, sentidos mais complexos que os adjetivos, construindo qualidades mais exemplificativas do que permanentes e inerentes ao objeto.

Não haveria, portanto, qualquer relação direta entre a oração encaixada e a oração externa na qual ela está encaixada. Segundo Halliday e Matthiessen (2014), a relação da oração encaixada com a oração externa é uma relação indireta, na qual o grupo é intermediário. Logo, a oração encaixada funciona na estrutura do grupo, ao passo que o grupo funciona na estrutura da oração. Halliday e Matthiessen esclarecem, nesse ponto, que, quando o elemento encaixado funciona como núcleo, podemos excluir o passo intermediário (grupo nominal) da análise e representar a oração ou sintagma encaixados diretamente dentro da estrutura da oração externa, como sujeito ou outra função qualquer. Nesse caso, essa solução seria uma simplificação da notação, sem afetar o status do elemento encaixado como nominalização. Alertam os autores, entretanto, que isso não significa que o encaixamento se assemelhe à hipotaxe, na qual uma oração é dependente de outra, mas em nenhum sentido é parte constituinte dela.

Como vimos no Quadro 14, são utilizadas as seguintes representações para o encaixamento: orações encaixadas [[]] e sintagmas encaixados [], como exemplificados no Quadro 20:

Quadro 20 – Marcadores de limites para orações e sintagmas encaixados

<i>Oração encaixada</i>	<i>Sintagma encaixado</i>
<i>o indivíduo [[que o revistou]] [BOD# 5057]</i>	<i>a vizinha [ao lado] [BOD# 23804]</i>

Fonte: autor.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), a função típica do elemento encaixado é de pós-modificador em um grupo nominal, mas ela pode também ser de núcleo do grupo nominal (nominalização) e de pós-modificador de um grupo adverbial. Todas essas funções, com alguns exemplos, estão resumidas no Quadro 21, ressaltando-se que todo encaixamento recai em uma dessas categorias gerais.

Quadro 21 – Tipos de encaixamento (deslocamento de nível)

Função	Classe	No grupo nominal	No grupo adverbial
Pós-modificador	oração: finita	a casa [[que Jack construiu]]	mais cedo [[do que esperávamos]]
	oração não-finita	a casa [[a ser construída por Jack]]	mais cedo [[do que o esperado]]
	Sintagma	a casa [junto à ponte]	mais cedo [do que o resto de nós]
Núcleo	oração: finita	[[o que Jack construiu]]	-
	oração não-finita	[[para Jack construir uma casa]]	-
	Sintagma	[junto à ponte]	-

Fonte: (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 492, tradução nossa)

O encaixamento, assim como as relações paratáticas e hipotáticas, podem constituir uma expansão ou uma projeção. A projeção encaixada será tratada na subseção 3.6.4.

A expansão ou o sintagma encaixado tem a função de essencialmente definir, delimitar e especificar. Dessa forma, a expansão encaixada típica constitui uma oração definidora, como “*que Jack construiu*” no sintagma “*a casa que Jack construiu*”. Ela tem a função de especificar qual membro, ou membros, da classe designada pelo substantivo desempenha a função de Núcleo (nesse exemplo “*casa*”) está sendo referido.

No Quadro 22, apresentamos alguns exemplos básicos, em orações finitas e não-finitas, de expansões encaixadas na elaboração, extensão e intensificação.

Quadro 22 – Tipos básicos de expansão encaixada

Tipos de expansão	Exemplos	
Encaixamento: elaboração	oração finita	O acusado estava lhe caluniando, dizendo que a vítima havia furtado a motocicleta [[que era sua]]. (BOC #5569/2011)
	oração não-finita	Ø Registra e requer instauração de procedimento policial para instrução de queixa crime [[a ser impetrada no foro local]]. (BOC #8722/2011)
Encaixamento: extensão ⁴⁸	Mais afastados do panegírico estão três livros [[cujo lançamento coincide com a efeméride]]. ⁴⁹	
	Não se trata, porém, de um autor no sentido tradicional, mas de um escritor sem livros, alguém [[cujo impulso [[de escrever]] encontra-se bloqueado e exige liberação]]. ⁵⁰	
Encaixamento: intensificação ⁵¹	oração relativa finita	a casa [[na qual/onde ela morava]]
	oração relativa não-finita	uma casa [[para morar]]
	oração intensificadora finita	a cicatriz [[por onde a bala entrou]]
	oração intensificadora não-finita	A razão [[para gostar dela]]
OBS.: no “encaixamento: intensificação” a característica circunstancial pode estar tanto na oração encaixada que serve como pós-modificador quanto no substantivo que serve como núcleo.		

Fonte: elaborado com base em Halliday e Matthiessen (2014, p. 494-500, tradução nossa).

Halliday e Matthiessen (2014), quanto à intensificação, apresentam dois tipos de encaixamento: aquele em que a característica circunstancial está na oração encaixada e outro em que a circunstância está no substantivo que serve como Núcleo e que forma uma classe com duas subclasses de substantivos: os que aceitam orações pós-modificadoras finitas e não-finitas e os que aceitam somente as não-finitas, conforme Quadro 23:

⁴⁸ Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 497), não existem orações encaixadas correspondentes às categorias de adição, substituição e alternância (“e”, “em vez de”, “exceto”, “ou”), somente com relação à posse, introduzido por “cujo”, “do qual”. Além disso, na extensão encaixada, os autores não apresentam exemplos distintos para orações finitas e não-finitas.

⁴⁹ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/05/1632437-diario-de-paris---le-corbusier-o-ambiguo.shtml>. Acesso em 21-08-2015.

⁵⁰ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/06/1637456-filme-nacional-romance-policial-injeta-personalidade-em-trama-noir.shtml>. Acesso em 21-08-2015. Note-se que, nesse exemplo, há também um complexo oracional encaixado, sinalizado por colchetes triplos (||| |||).

⁵¹ Os exemplos de encaixamento: intensificação foram tirados e traduzidos de Halliday e Matthiessen (2014).

Quadro 23 – Substantivos de expansão por intensificação

Tipo de expansão		Finita [[por que, pois, etc., no (a) qual/que]]	Não-finita [[de fazer]]	Exemplos
Tempo		tempo, dia, ocasião		Na primeira <u>ocasião</u> [[em que lhe procuraram]], o caseiro estava junto na camionete. ⁵²
Lugar		Lugar		É um <u>lugar</u> [[onde eu me sinto muito bem]]. ⁵³
Modo		jeito, maneira		Quero continuar a educar meus filhos da maneira [[que achar melhor]]. ⁵⁴
causa	razão	Razão		Tal desaven[ç]a se dá <u>em razão</u> [[de seu filho ter tido uma filha com a filha da vítima]]. ⁵⁵
	propósito		propósito, objetivo	Eu vim com um propósito, com o <u>objetivo</u> [[de ganhar no Brasil]]. ⁵⁶
	resultado		Resultado	Esse é o <u>resultado</u> [[de querer fazer populismo em época de eleição com assunto sério]]. ⁵⁷

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 501, tradução nossa).

Por fim, Halliday e Matthiessen (2014) discorrem sobre mais uma função da oração encaixada na expansão: quando não há um substantivo como Núcleo e a própria oração encaixada (como nominalização de um processo) exerce essa função, como no seguinte exemplo: [[ameaçar pessoas]] não leva a lugar nenhum. Segundo os autores, essa oração encaixada designa o nome de uma ação, evento ou outro fenômeno. Ela tem o processo como núcleo e representa o macro-fenômeno típico das orações mentais. Esse tipo de encaixamento é denominado de ato. A assim chamada oração-ato pode ocorrer como Pós-modificador de um substantivo Núcleo da respectiva classe, por exemplo, *o ato* [[= *de ameaçar pessoas*]]. Esse tipo de encaixamento, em razão disso, é considerado uma elaboração (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 503).

⁵² BOC #6635/2011

⁵³ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/05/1458322-chorei-quando-a-ficha-caiu-diz-lucas-sobre-nao-ter-sido-convocado.shtml>. Acesso em 31-08-2015.

⁵⁴ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2015/08/1674389-nao-querer-falar-sobre-genero.shtml>. Acesso em 31-08-2015.

⁵⁵ BOC #5109/2011.

⁵⁶ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/08/1674213-osorio-desabafa-apos-vitoria-e-ceni-pede-reforcos-no-sao-paulo.shtml>. Acesso em 31-08-2015.

⁵⁷ Fonte: <https://furnasdiario.wordpress.com/2015/06/26/esse-e-o-resultado-de-querer-fazer-populismo-em-epoca-de-eleicao-com-assunto-serio-agora-alguem-tem-que-pagar-onde-ficou-a-tal-reducao/>. Acesso em 31-08-2015.

No Quadro 24, é apresentada uma visão geral dos ambientes de realização das orações “ato”.

Quadro 24 – Ambientes das orações “ato” conforme os tipos de processos

TIPO DE PROCESSO		Itens lexicais	Exemplos
Material		Processo: <i>mudar, destruir, afetar</i>	Ator: [[preocupar-se com o que aconteceu]] não vai mudar nada
comportamental	perceptivo	Processo: <i>observar, escutar, sentir, provar, cheirar</i>	ela observou [fenômeno:] [[o avião decolar/decollando]]
Mental	perceptivo	Processo: <i>ver, notar, entrever, entreouvir, sentir, provar, cheirar</i>	ela podia ver [Fenômeno:] [[o avião decolar/decollando]]
	cognitivo	–	–
	desiderativo	–	–
	emotivo	–	–
Verbal		–	–
Relacional	intensivo e atributivo	Atributo [modo] <i>fácil, árduo, difícil, desafiador, barbada, uma moleza, [comentário] importante; para que serve/inútil, de pouca utilidade [[para x fazer]]</i>	[modo] é fácil [[(para ele) revisar o manuscrito]] ~ ele pode revisar ...facilmente/com dificuldade [comentário] é importante [[[para ele) revisar o manuscrito]] ~ [[que ele tenha que revisar o manuscrito]] é importante
		Atributo: [comentário] <i>pensativo, atencioso, gentil, prestativo, inteligente, sábio, esperto, descuidado, negligente, imprudente, estúpido, bobo, tolo, deplorável (x) [[fazer]]</i>	é imprudência (dele) [[negligenciar sua família]] ~ irrefletidamente, ele negligenciou sua família
	intensivo e identificador	Valor: [modo] <i>desafio, dificuldade, tarefa; substantivos de expansão (Substantivos de expansão)</i>	[Valor:] o desafio é [Token:] [[(para ele) revisar o manuscrito]]
	possessivo	–	–
circunstancial	–	–	

Fonte: Halliday e Matthiessen, 2014, p. 506 (tradução nossa).

Abordadas as noções gerais acerca das relações lógicas de expansão, incluído nelas o encaixamento na expansão, salientamos que, conforme ensinam Halliday e Matthiessen (2014), a gramática estabelece uma relação lógico-semântica básica entre expansão e projeção: enquanto a expansão relaciona os fenômenos como sendo da mesma ordem de experiência, a projeção, por sua vez, relaciona fenômenos de uma ordem da experiência (os processos de dizer e de pensar) com fenômenos de uma ordem superior (fenômenos semióticos – aquilo que as pessoas dizem e pensam). Com isso em mente, passamos a discorrer sobre aspectos básicos da projeção oracional, foco principal de análise do *corpus* desta pesquisa.

2.6.4 As relações lógicas de projeção: relatos, ideias e fatos

Conforme Halliday e Matthiessen (2014), a projeção consiste na relação lógico-semântica pela qual uma oração funciona não como uma representação direta da experiência (não-linguística), mas como uma representação de uma representação (linguística).

A projeção é usada mais comumente para atribuir fontes em reportagens, representar pontos de vista no discurso científico e construir diálogos na narrativa para enquadrar perguntas na conversação (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Dentre esses usos da projeção, podemos incluir a atribuição de vozes em históricos de boletim de ocorrências de crimes de linguagem, os quais são caracterizados pela incidência significativa de orações verbais, responsáveis por representar o discurso relatado (RIBEIRO, 2014).

Os diferentes tipos de projeção podem ser classificados de acordo com três sistemas distintos: 1) o nível de projeção (ideia e locução), 2) o modo de projeção (relato hipotático, citação paratática e encaixamento), e 3) a função de fala (proposição projetada e proposta projetada).

O nível de projeção manifesta-se quando, por intermédio da projeção, uma oração representa o conteúdo linguístico de outra, o qual tanto pode ser o conteúdo de uma oração verbal (contendo um processo de dizer) quanto o conteúdo de uma oração mental (contendo um processo de sentir), havendo, portanto, nesse aspecto, dois tipos de projeção: a projeção de ideias e a projeção de locuções. A projeção de ideias consiste na representação do conteúdo de uma oração mental (aquilo que é pensado), por exemplo:

O comunicante acredita que ele está tentando intimidá-lo. (BOC# 10192/2011).

Nesse caso, a oração *que ele está tentando intimidá-lo* constitui o conteúdo da oração projetante mental *O comunicante acredita*. A projeção de locuções consiste na representação do conteúdo de uma oração verbal (aquilo que é dito), por exemplo:

A vítima disse que não tinha dinheiro agora. (BOD# 3058/2011).

Nesse exemplo, a oração *que não tinha dinheiro agora* constitui o conteúdo da oração projetante verbal *A vítima disse*. Dessa forma, a projeção pode compreender qualquer um dos dois níveis no plano do conteúdo da linguagem: a projeção de sentido (ideias) ou a projeção de fraseado (locuções).

O modo de projeção abrange o mesmo conjunto de relações de interdependência visto na expansão: as duas relações de interdependência tática da parataxe e da hipotaxe; e a relação de constituência do encaixamento. A relação de parataxe pode ser vista no seguinte exemplo:

Beltrana falou: do jeito que tá tu não serve para o serviço, suma daqui. (BOD #169/2011).

No exemplo acima, a sequência *do jeito que tá tu não serve para o serviço, suma daqui* é projetada parataticamente pela oração verbal projetante *Beltrana falou*. Nesse caso, dizemos que a projeção é representada como citação. Essa mesma realização pode também ocorrer com orações mentais, como no seguinte exemplo:

*No verão seguinte, [Noa Mintz] pensou "cresça ou desapareça".*⁵⁸

No exemplo acima, o complexo *"cresça ou desapareça"* também é projetado parataticamente, porém por uma oração mental – *No verão seguinte, [Noa Mintz] pensou* –, o que caracteriza uma citação de ideia, diferentemente do exemplo anterior, que configura uma citação de locução.

A relação de hipotaxe, na qual uma oração depende da outra, pode ser vista no exemplo a seguir:

Ele disse que o caminhão estava estacionado corretamente. (BOD# 7855/2011).

Nesse exemplo, a oração *que o caminhão estava estacionado corretamente* é projetada hipotaticamente pela oração projetante *Ele disse*. Nesse caso, dizemos que a projeção é representada como relato, como algo dependente da oração projetante e que não tem autonomia. Por outro lado, assim como na parataxe, as

⁵⁸ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/2015/07/1659829-americana-de-13-anos-faturo-quase-r-1-milhao-com-agencia-de-babas.shtml>. Acesso: em 23-08-2015.

relações hipotáticas podem também ocorrer com orações mentais, como no seguinte fragmento:

O comunicante acredita que ele está tentando intimidá-lo. (BOC #10192/2011).

No exemplo acima, a oração *que ele está tentando intimidá-lo* é também projetada hipotaticamente, porém por uma oração mental, *o comunicante acredita*. Nesse caso, há um relato de ideia, em contraste como relato de locução do exemplo anterior.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), os dois modos de projeção (paratática e hipotática) estão associados ao que tradicionalmente conhecemos como discurso direto e indireto, nos quais devemos também incluir, como vimos, o pensamento direto e indireto.

O encaixamento, além dos dois modos táticos de projeção (projeção paratática de citação e projeção hipotática de relato), é outro ambiente no qual ocorrem as orações projetadas. Nesse caso, as orações sofrem um deslocamento de nível para funcionar como Qualificador no grupo nominal, como nos seguintes exemplos:

A **afirmação** *[[de que o homem é por natureza um animal político]]* retrata a ideia de que ele é o único ser que possui a capacidade discursiva, e que é capaz de fazer da linguagem um uso compartilhado com outros homens para estabelecer fins comuns.⁵⁹

Os editores seniores da "Rolling Stone" são unânimes na **crença** *[[[de que o fracasso da reportagem não os obriga a mudar seus sistemas editoriais]]]*.⁶⁰

Os exemplos acima mostram encaixamentos resultantes da nominalização (em negrito) de um processo verbal (*afirmar*) e de um processo mental (*acreditar*). O Quadro 25, mostra a estrutura do grupo nominal com projeção encaixada do primeiro exemplo.

⁵⁹ Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2014000100004&script=sci_arttext. Acesso em: 23-08-2015.

⁶⁰ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/veraguimaraesmartins/2015/08/1663508-continuacao-universidade-columbia-analisa-erros-da-rolling-stone-em-reportagem.shtml>. Acesso em: 23-08-2015.

Quadro 25 – Grupo nominal com projeção encaixada

	A	<i>afirmação</i>	<i>de</i>	<i>que</i>	<i>o</i>	<i>homem</i>	<i>é</i>	<i>por natureza</i>	<i>um</i>	<i>animal</i>	<i>político</i>
1) grupo nominal	Dêitico	Entidade	Qualificador								
	Determinante	Substantivo: nominalização verbal	[[oração: projeção]]								
			Portador	Processo: relacional	Atributo						
			grupo nominal	grupo verbal	grupo preposicional	grupo nominal					
2) oração: nexo de projeção	α		β								
	oração: verbal		oração: projeção								
	Dizente	Processo									
	<i>Ele</i>	<i>afirmou</i>	<i>que</i>	<i>o</i>	<i>homem</i>	<i>é</i>	<i>por natureza</i>	<i>um</i>	<i>animal</i>	<i>político</i>	

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 534).

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), nesse tipo de projeção, o elemento projetante é substantivo com função de Entidade, no caso do primeiro exemplo acima, *afirmação*. Essas projeções são metafóricas, na medida em que, conforme demonstrado no Quadro 25, uma sequência projetante é realizada congruentemente como um nexo de projeção entre orações, mas pode, alternativamente, ser realizada como um grupo nominal.

No Quadro 25, ao serem alinhadas as duas alternativas, vemos como a construção do grupo nominal contendo uma projeção encaixada com oração tem agnação com o nexo de projeção entre orações. Conforme Halliday e Matthiessen (2014), isso implica dizer que o grupo nominal é uma versão nominalizada metafórica do nexo de projeção entre orações na qual o substantivo *afirmação*, ao servir como Núcleo/Entidade, constitui uma variante nominalizada do verbo *afirmar*. Nesse caso, o verbo serve como processo na oração agnada, o que faz com que a força retórica do grupo nominal esteja em parte na possibilidade de deixar o Dizente indeterminado.

Além disso, Halliday e Matthiessen (2014) ressaltam que o fato de a oração projetada estar encaixada como Qualificador no grupo nominal permite que isso

possa ocorrer em uma série de ambientes não abertos às orações projetadas não encaixadas.

Por outro lado, os substantivos de projeção podem ser usados anaforicamente para referir-se a proposições e propostas já mencionadas no discurso, como no seguinte exemplo:

*Quanto mais THC no sangue, maior o tempo de resposta do cérebro. **Esse argumento** fez a Inglaterra adotar uma política de tolerância zero à presença de THC no sangue de motoristas.⁶¹*

No exemplo acima, podemos perceber que, produzindo efeitos coesivos similares às referências textuais alcançadas por pronomes, os substantivos de projeção podem também contribuir para a criação do discurso. Nesse sentido, Halliday e Matthiessen (2014) pontuam que um dos principais usos dos grupos nominais com projeções encaixadas consiste na representação de argumentos, v.g., em reportagens jornalísticas e discursos científicos.

Os substantivos de projeção pertencem à classe dos substantivos derivados de processos verbais (locuções) e mentais (ideias) e correspondem aos verbos usados na oração projetante, dos quais, em muitos casos, são derivados. A natureza da realização da oração encaixada varia conforme as subcategorias das funções do discurso (proposições e propostas). No Quadro 26, apresentamos, juntamente com os substantivos de fato, alguns dos principais substantivos de projeção.

⁶¹ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2014/05/1450443-frederico-garcia-dois-seculos-de-argumentos.shtml>. Acesso em 23-08-2015.

Quadro 26 – Substantivos de projeção e substantivos de fato

			Substantivos de projeção	Substantivos de fato
proposições	Declarando	locuções	declaração, relato, notícia, rumor, alegação, afirmação, argumentação, insistência, proposição, garantia, intimação	1) casos (substantivos de fato simples[não-modalizado]): fato, caso, regra, princípio, acidente, lição, fundamentos
		ideias	pensamento, crença, conhecimento, sentimento, noção, suspeita, sensação, ideia, expectativa, visão, opinião, previsão, suposição, convicção, descoberta	2) “casualidades” (substantivos de modalização): casualidade, possibilidade, probabilidade, certeza, impossibilidade, improbabilidade 3) “provas” (substantivos de indicação – modalização de causa): prova, indicação, implicação, confirmação, demonstração, evidência, refutação
	Perguntando	locuções	pergunta; consulta, pesquisa; argumentação, discussão	1) “casos”: questão, problema, assunto, enigma
		ideias	dúvida, questão	2) “casualidades”: incerteza
propostas	Ofertando	locuções	oferta, sugestão, proposta, ameaça, promessa	
		ideias	intenção, desejo, esperança, preferência, decisão, resolução	
	Comandando	locuções	ordem, comando, instrução, exigência, pedido, apelo	4) “necessidades” (substantivos de modulação): exigência, necessidade, ônus, expectativa, dever
		ideias	vontade, desejo, esperança, medo	

Fonte: (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 536, tradução nossa).

A oração projetada pelo substantivo de projeção serve para defini-lo da mesma maneira que a oração restritiva relativa define o substantivo expandido por ela. Dessa forma, qualquer substantivo projetante pode ser definido por projeção ou por expansão (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Além das projeções até aqui abordadas, Halliday e Matthiessen apresentam outro tipo de projeção na qual a oração não é projetada por um processo verbal ou mental com Dizente ou Experienciador, ou por um substantivo de projeção (derivado de um processo verbal ou mental) em um grupo nominal metafórico. Esse tipo de projeção, que aparece como se estivesse empacotado na forma projetada, é denominado de *fato*.

*O fato [[de esses profissionais de tecnologia estarem tendo relativamente poucas dificuldades]] se deve a esforços do governo finlandês.*⁶²

No exemplo acima, o substantivo-*fato* tem a função de Núcleo/Entidade do grupo nominal e está seguido de uma oração projetada que funciona como

⁶² Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/08/1671733-multinacionais-e-empendedorismo-fazem-finlandia-superar-crise-da-nokia.shtml>. Acesso em 24-08-2015,

Pós-modificador/Qualificador. A oração *de esses profissionais de tecnologia estarem tendo relativamente poucas dificuldades* constitui uma projeção, sem que, entretanto, haja qualquer processo de dizer ou de pensar que a projete.

Como vimos no Quadro 26, o substantivo-*fato* é composto de quatro subclasses: 1) casos, 2) casualidades, 3) provas e 4) necessidades. Os três primeiros ocorrem em proposições encaixadas e o último em propostas encaixadas. Os três primeiros diferem em termos de modalidade quanto ao subtipo modalização, conforme o seguinte:

1) casos (substantivos de fato simples) dizem respeito a proposições comuns não-modalizadas “esse é (o caso) de ...”

2) casualidades (substantivos de modalidade) dizem respeito a proposições modalizadas “esse pode ser (o caso) de ...”

3) provas (substantivos de indicação) dizem respeito a proposições com indicações, que são equivalentes a modalidades de causa, “isso prova/implica (isto é, torna certo/provável) que ...”.

Ao discutirem acerca da natureza da projeção *fato*, Halliday e Matthiessen (2014) afirmam que o *fato* não constitui um terceiro tipo, diferente do sentido e do fraseado, e sim continua sendo um sentido, uma abstração semântica que, porém, não é criada na consciência de alguém, tampouco é emitida por alguma fonte de sinal, simplesmente funciona como participante em outro processo, tipicamente relacional, mas às vezes também em processos mentais ou verbais.

Antes de encerrar essa subseção, apontamos algumas das generalizações formuladas por Halliday e Matthiessen (2014) acerca do que até aqui foi abordado sobre projeção. Dentre elas, a assertiva de que a parataxe é naturalmente associada às orações verbais, enquanto a hipotaxe às orações mentais, podendo, entretanto, esse padrão ser invertido. Isso ocorre quando optamos por reportar um ato verbal, apresentando uma locução como sentido ou quando optamos por citar um ato mental, apresentando uma ideia como fraseado.

Outra assertiva é de que os atos verbais e mentais possuem nomes que projetam (tais como declaração, consulta, crença, dúvida) uma oração projetada encaixada como Pós-modificador, como em *a crença de que todas as características do organismo são ditadas pelo código do DNA*.⁶³ Além disso, a informação projetada

⁶³ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2015/08/1675252-traumas-herdados.shtml>. Acesso em: 29-08-2015.

(proposição) e a projeção de bens e serviços (proposta) também podem ser paratáticas, hipotáticas ou encaixadas como Qualificador de um substantivo.

O fenômeno pode ser verbal (locução projetada pelos processos *oferecer, comandar, sugerir/sugestão, etc.*) ou mental (ideia projetada por *pretender/pretensão, desejar, esperar, etc.*). Nos processos mentais, as proposições são projetadas por processos cognitivos, as propostas, por processos desiderativos.

É possível igualmente a associação entre um processo mental e uma ideia sem que o primeiro projete a segunda, como em *os comandantes militares americanos temiam que os brasileiros fossem mais um fardo do que um trunfo em qualquer frente ativa do conflito*⁶⁴. Nesse caso, conforme argumentam Halliday e Matthiessen (2014) em exemplo semelhante, a oração *que os brasileiros fossem mais um fardo do que um trunfo em qualquer frente ativa do conflito*, ao invés de se tornar projeção pelo processo mental *temer*, aparece como uma projeção já pronta e, por isso, a ideia está encaixada como Fenômeno, formando o todo uma única oração. Acrescentam os autores que isso ocorre quando a proposição é objeto de emoção, caso em que *o fato de ...* é fonte de prazer, desgosto, medo, surpresa, diversão, interesse, ou outra emoção.

Segundo os autores, essas projeções podem ser encaixadas como nominalizações e funcionando como Núcleo. Com frequência, porém, elas podem aparecer como Pós-modificador de um substantivo-fato, como em *o fato de que os brasileiros fossem mais um fardo do que um trunfo em qualquer frente ativa do conflito*. Como vimos anteriormente, os substantivos-fatos, cujas projeções os autores denominam de “fato”, abrangem “casos”, “chances” e “provas”, relativos a proposições; e “necessidades”, relativas a propostas.

Conforme lecionam Halliday e Matthiessen (2014), toda oração projetada por outra oração, seja ela verbal ou mental, é uma citação paratática ou um relato hipotático ou encaixado (caso o processo seja um substantivo). Além disso, toda oração com status de projetada, mas sem processo projetante, é um “fato” e encaixada como nominalização servindo de Núcleo, ou como Pós-modificador de um substantivo-fato servindo de Núcleo. Nesses casos, incluem-se algumas projeções nas orações mentais já referidas, todas as projeções nas orações relacionais (os processos relacionais não projetam), assim como as projeções “impessoais”, tais

⁶⁴ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2015/08/1665711-sem-armas-e-uniformes-adequados-feb-pareceu-fardo-para-comandantes-dos-eua.shtml>. Acesso em: 29-08-2015.

como *diz-se que ...*, *acredita-se que ...*, *parece que ...*, nas quais o processo deixa de ser processo para funcionar simplesmente como um meio de transformar o fato em uma oração (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 549).

No Quadro 27, é apresentada uma visão geral da projeção, nela incluída a projeção encaixada (substantivos verbais/mentais de projeção e substantivos-fato projetantes).

Quadro 27 – Visão geral da projeção

NÍVEL DA PROJEÇÃO	FUNÇÃO DISCURSIVA DA PROJEÇÃO	MODO DA PROJEÇÃO			
		Parataxe	Hipotaxe	Encaixamento ⁶⁵	
				Substantivos verbais/mentais de Projeção	Substantivos de Fato projetante
Locução (processos verbais)	Proposição	Ela disse: “eu posso”.	Ela disse que podia.	A declaração de que ...	O princípio que ...
	Proposta	Ele disse a ela: “faça!”	Ele disse a ela que fizesse.	A ordem de ...	-
Ideia (processos mentais)	Proposição	Ela pensou: “eu posso”.	Ela pensou que podia.	O pensamento de ...	A prova de que ...
	Proposta	Ele resolveu: “faça!”	Ele queria que ela fizesse.	O desejo de ...	-

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 536 e 548).

Encerrada a abordagem da tipologia das relações entre as orações, passamos a discorrer, a seguir, sobre os sistemas semânticos-discursivos com foco no sistema de conjunção.

⁶⁵ Vide Quadro 26

2.7 SISTEMAS SEMÂNTICO-DISCURSIVOS: ASPECTOS GERAIS DO SISTEMA DE CONJUNÇÃO

Martin (1992) organizou as suas análises levando em consideração a oposição entre gramática e semântica, no nível estratal, ou seja, analisando os recursos de significado com base no nível do texto (além do nível da oração) com foco na dimensão do texto e não na dimensão gramatical da oração, numa abordagem denominada de semântico-discursiva.

Evoluindo da análise léxico-gramatical para a semântico-discursiva, nossos primeiros trabalhos (RIBEIRO, 2014, 2014a) sobre os BOs de crimes de linguagem contra a honra centraram-se nas relações lógico-semânticas interoracionais restritas aos crimes de injúria com ênfase no estrato da léxico-gramática. Agora, nesta pesquisa, as nossas análises incluem o nível interoracional e passam também a ter como base o texto em um nível estratal semântico-discursivo, abrangendo etapas e fases dos BOs de crimes de calúnia, difamação e injúria.

A partir da perspectiva de semântica do discurso, Martin (1992, p. 26) sustenta que o propósito das descrições feitas em sua obra *English Text* foi aprimorar as descrições feitas por Halliday e Hasan (1976) acerca da concepção de ambos sobre coesão na obra *Cohesion in English*. Nesse sentido, propôs o estrato da semântica do discurso, o qual é constituído de seis sistemas discursivos centrais (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007), sendo eles a avaliatividade, ideação, conjunção, identificação, periodicidade e negociação. Esses sistemas discursivos estão associados à semântica do discurso dos significados interpessoal, (avaliatividade, negociação) textual (identificação), lógico (conjunção) e ideacional (experencial), levando em conta ainda que usamos a linguagem para representar a experiência (metafunção ideacional), concretizar as nossas relações pessoais (metafunção interpessoal) e organizá-las no texto (metafunção textual), conforme resume o Quadro 28.

Quadro 28 – Sistemas discursivos, suas funções e respectivas metafunções

Sistemas Discursivos e suas funções		Metafunções
Conjunção	Estabelecer relações lógicas	Ideacional
Ideação	Representar a experiência	
Avaliatividade	Negociar atitudes (valores e sentimentos)	Interpessoal
Negociação	Promover o diálogo/troca	
Identificação	Rastrear participantes no discurso	Textual
Periodicidade	Organizar o fluxo de informação	

Fonte: Martin (1992); Martin e Rose (2007).

Dos seis sistemas discursivos descritos no Quadro 28, focalizamos, na seção seguinte, o sistema de conjunção, o qual tem como propósito estabelecer as relações lógicas no texto e que servirá, juntamente com as categorias do complexo oracional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), como base de análises entre etapas e fases do gênero relato de ofensa, instanciado nos textos de boletins de ocorrência de calúnia, difamação e injúria.

2.7.1 Sistema de Conjunção

Partindo dos estudos de Gleason (1968) e de Halliday e Hasan (1976), Martin (1992) formulou o sistema de conjunção, o qual tem foco no significado lógico da metafunção ideacional, ou seja, nas relações de adição, tempo, causa e comparação entre as mensagens, que podem ser realizadas por meio de conjunções coesivas, paratáticas e hipotáticas (ou metaforicamente no interior da oração).

Ressalvamos, contudo, que, para a abordagem de base gramatical (HALLIDAY; HASAN, 1976); HALLIDAY; MATTHIESSEN (2014), a conjunção é um recurso gramatical que conecta uma oração a outra, ao passo que para Martin e Rose (2007) a conjunção consiste em um conjunto de significados que organizam, de um lado, uma sequência de atividades e, de outro, o texto.

Além disso, segundo Martin e Rose (2007), a conjunção é um sistema de dupla face: uma face interage com a ideação ao construir a experiência como sequências de atividades organizadas logicamente, a outra interage com a periodicidade ao apresentar o discurso como ondas de informação organizadas logicamente.

O sistema de conjunção utiliza quatro tipos gerais de relações lógicas, adicionando as unidades umas às outras (adição), comparando-as como semelhantes ou diferentes (comparação), sequencializando-as no tempo (tempo), relacionando-as causalmente como causa e efeito ou evidência e conclusão (consequência). Segundo os autores, as unidades relacionadas variam de simples orações até períodos mais complexos, assim como de fases do texto até etapas de um gênero. Neste estudo, procuramos revelar principalmente as relações estabelecidas entre fases e entre etapas do boletim de ocorrência. Para tanto, levamos em consideração a distinção entre conjunções externas e internas e seus subtipos, salientando, porém, que as conjunções nem sempre estão presentes no texto, pois, com frequência, os seus significados estão nele implícitos, devendo ser inferidos pelo leitor ou ouvinte.

Para Martin e Rose (2007), outra dimensão a ser destacada diz respeito à conjunção e expectativa, ou seja, ao papel das conjunções em relação à nossa expectativa quanto ao que irá ocorrer no texto. A conjunção, nesse sentido, nos possibilita lidar com o que nós esperamos que aconteça no texto. Segundo os autores, a sequência no tempo, por exemplo, é uma expectativa tão constante nos gêneros da família das histórias que, com frequência, não há necessidade de serem utilizadas neles quaisquer conjunções.

As conjunções externas dizem respeito à organização lógica do campo como sequência de atividades. Em outras palavras, elas são usadas para estabelecer relações lógicas entre atividades que constroem o campo e, por isso, transcendem o texto. O Quadro 29 apresenta um resumo de opções gerais dos quatro tipos gerais de conjunções externas e seus subtipos.

Quadro 29 – Opções gerais para conjunções externas

Adição	aditiva	adição	<i>e, além disso, tanto ... quanto</i>
		subtração	<i>nem, nem ... tampouco</i>
	alternativa		<i>ou, ou ... ou, se não ... então</i>
Comparação	semelhante		<i>como, como se</i>
	diferente	oposição	<i>enquanto que, enquanto</i>
		substituição	<i>em vez de, no lugar de, ao invés de</i>
		exceção	<i>exceto, a não ser, salvo, afora</i>
Tempo	sucessiva	algum dia	<i>depois, desde, agora que, antes</i>
		imediate	<i>assim que, logo que, até</i>
	simultânea		<i>no momento em que, enquanto, quando</i>
Causa		expectativa	<i>porque, assim, portanto</i>
		concessão	<i>embora, mesmo que, mas, porém</i>
Meio		expectativa	<i>por, dessa forma</i>
		concessão	<i>até mesmo por, mas</i>
Condição	aberta	expectativa	<i>se, então, desde que, enquanto</i>
		concessão	<i>ainda que, mesmo então,</i>
	fechada		<i>a menos que</i>
Finalidade	desejo	expectativa	<i>de forma que, a fim de, caso</i>
		concessão	<i>mesmo assim, a não ser que</i>
	receio		<i>para que, a fim de, para que não, por medo de</i>

Fonte: (MARTIN; ROSE, 2007, p. 132-133, tradução nossa).

As conjunções internas, por sua vez, têm a função de organização lógica do discurso. Esse seu papel tem-se aperfeiçoado no modo escrito, com base em modos orais de significado mais antigos, razão pela qual elas compreendem os mesmos quatro tipos lógicos nos quais se dividem as conjunções externas. Assim sendo, essas conjunções são utilizadas para organizar textos, e como essa organização é interna ao texto, elas são chamadas de conjunções internas. Dessa forma, segundo Martin e Rose (2007, p. 135), para diferenciar os dois tipos de conjunção, é necessário verificar se a oração introduzida pela conjunção serve para comparar eventos, coisas ou qualidades (conjunções externas) ou para comparar um argumento com outro (conjunções internas). O Quadro 30 apresenta um resumo de opções gerais dos quatro tipos de conjunções internas e seus subtipos.

Quadro 30 – Opções gerais para conjunções internas

Adição	desenvolvimento	aditiva	<i>ademais, além disso, além do mais, igualmente, além de, adicionalmente</i>
		alternativa	<i>alternativamente</i>
	etapa	enquadramento	<i>agora, bem, tudo bem, tudo certo</i>
		digressiva	<i>de qualquer modo, bom, a propósito, por falar nisso</i>
Comparação	semelhança	comparativa	<i>de forma semelhante, de novo</i>
		reformuladora	<i>Isto é, i. e., por exemplo, e. g., em geral, em particular, em suma</i>
		ajustadora	<i>na verdade, realmente, pelo menos</i>
	diferença	opositiva	<i>ao contrário, por outro lado, em contrapartida,</i>
		contrapositiva	<i>de modo oposto</i>
Tempo	sucessão	ordenadora	<i>primeiro, segundo, terceiro, próximo, anteriormente</i>
		terminativa	<i>finalmente, por último</i>
	simultaneidade	adjacente	<i>ao mesmo tempo</i>
		interruptiva	<i>ainda</i>
Consequência	conclusão	conclusiva	<i>dessa forma, por isso, por conseguinte, em conclusão, consequentemente</i>
		justificadora	<i>afinal</i>
	contraposição	dispensiva	<i>seja como for, de qualquer modo, em todo caso, de qualquer maneira</i>
	(concessão)	concessiva	<i>Admitidamente, evidentemente, desnecessário dizer</i>
		contraexpectativa	<i>mas, porém, todavia, contudo, ainda assim</i>

Fonte: (MARTIN; ROSE, 2007, p. 141, tradução nossa).

Embora ambas se distingam por exercerem funções diferentes, os quatro tipos lógicos de conjunção externa (adição, comparação, tempo e consequência) são os mesmos aplicáveis às conjunções internas, de modo que grande parte dos itens que expressam relações externas são os mesmos que expressam relações internas. Segundo Martin e Rose (2007), para cada tipo de conjunção externa ou interna, podem haver dois ou mais subtipos, conforme o Quadro 31.

Quadro 31 – Tipos de conjunções externas/internas

Adição	aditiva	adição	<i>e, além disso, além de</i>	
		subtração	<i>nem, nem ... tampouco</i>	
	alternativa		<i>ou, ou ... ou, se não ... então</i>	
Comparação	semelhante		<i>como, como se</i>	
	diferente	oposição	<i>enquanto que, enquanto</i>	
		substituição	<i>ao invés de, em lugar de, em vez de</i>	
		exceção	<i>exceto, a não ser, salvo, afora</i>	
Tempo	sucessiva	em algum dia (momento)	<i>depois, desde, agora que, antes</i>	
		imediate	<i>assim que, logo que, até</i>	
	simultânea		<i>no momento em que, enquanto, quando</i>	
Consequência	Causa	expectativa	<i>porque, assim, portanto</i>	
		concessiva	<i>embora, mesmo que, mas, porém</i>	
	Meio	expectativa	<i>por, dessa forma</i>	
		concessiva	<i>até mesmo por, mas</i>	
	Condição	aberta	expectativa	<i>se, então, desde que</i>
			concessiva	<i>ainda que, mesmo então,</i>
		fechada		<i>a menos que</i>
	Propósito	desejo	expectativa	<i>de forma que, a fim de, caso</i>
			concessiva	<i>mesmo assim, a não ser que</i>
		receio		<i>para que, a fim de, para que não, por medo de</i>

Fonte: (MARTIN; ROSE, 2007, p. 153, tradução nossa).

No que diz respeito as relações de interdependência, Martin e Rose (2007) reconhecem um tipo de relação a mais do que Halliday e Matthiessen (2014), acrescentando às relações paratáticas e hipotáticas entre as orações (já comentadas na seção 2.6), as relações coesivas entre períodos, com base em Halliday e Hasan (1976)⁶⁶. Dessa forma, temos as relações paratáticas, hipotáticas e coesivas.

Além das conjunções externas e internas (paratáticas, hipotáticas e coesivas),

⁶⁶ Segundo Halliday e Hasan (1976), a coesão refere-se à gama de possibilidades que existe para se conectar com algo que foi mencionado antes no texto. Nesse sentido, a coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e outro crucial para a sua interpretação. Esse outro elemento deve ser também encontrado no texto; a sua localização no texto, porém, não é, de forma alguma, determinada pela estrutura gramatical. Por isso, as relações coesivas, em princípio, não seguem os limites do período.

há também os itens de continuidade (ou continuativos). Ambos se distinguem na medida em que as conjunções geralmente aparecem no início da oração (embora as conjunções coesivas tenham um posicionamento mais flexível), ao passo que os continuativos aparecem principalmente no interior da oração e as suas possibilidades de relações lógicas são bem mais restritas. As relações lógicas realizadas pelos continuativos compreendem a adição, comparação e tempo, conforme Quadro 32.

Quadro 32 – Itens continuativos

Adição	também, assim como
Comparação	somente, nem mesmo, sequer
Tempo	já, finalmente, enfim, ainda, de novo,

Fonte: baseado em Martin e Rose (2007, p. 141).

Salientamos que as categorias do sistema de conjunção serão relevantes para, em conjunto com as categorias dos sistemas do complexo oracional, descrever as relações lógico-semânticas dos textos do BO e evidenciar linguisticamente o propósito de etapas e fases, assim como o propósito geral do gênero.

A seguir, apresentamos um breve panorama geral das principais correntes de gênero atuais com foco na concepção de gênero da perspectiva sociosemiótica, destacando a abordagem de gênero da Escola de Sydney e seus gêneros elementares, base teórica para a descrição composicional do BO e revelação de sua natureza genérica.

2.8 CONCEPÇÕES DE GÊNERO: A ABORDAGEM DE GÊNERO DA ESCOLA DE SYDNEY

Nesta seção, apresentamos um panorama das principais concepções de gênero com o fim de situar e fundamentar a nossa opção teórica acerca da definição de gênero. Dessa forma, ao discorrermos sobre as tradições expoentes da teoria de gêneros, estamos alicerçando a nossa convicção sobre a perspectiva que mais se ajusta aos objetivos desta pesquisa e do projeto guarda-chuva no qual ela está inserida, o qual focaliza “a função social, os elementos composicionais e as características léxico-gramaticais e semântico-discursivas de gêneros de diferentes esferas sociais” para escrita e leitura no contexto escolar (FUZER, 2014).

Em nível internacional, um trabalho pioneiro que procurou reunir as diversas concepções de gênero então existentes, fazendo um mapeamento sobre a abordagem de gêneros, foi o artigo “Genre in three traditions”, de Sunny Hyon, publicado em 1996.

Salientando que os pesquisadores, na época, vinham se interessando no gênero como uma ferramenta para uso no ensino de língua nativa e de língua estrangeira como segunda língua, a autora afirma que tanto o gênero quanto a pedagogia de gênero foram concebidos de modos diversos e seguiram caminhos distintos nas diferentes partes do mundo.

Dessa forma, Hyon (1996) agrupou as teorias de gênero então correntes em três tradições de pesquisa.

A primeira tradição de pesquisa, denominada de Inglês para Propósitos Específicos (ESP, na sigla em Inglês⁶⁷), que se interessa pelo gênero como uma ferramenta para análise e ensino da linguagem escrita e oral necessária para falantes não-nativos e contextos profissionais, inclui autores como Bathia, Flowerdew, Gosden, Hopkins & Dudley-Evans, Love, Nwogu, Swales, Thompson, Weissberg. Segundo Hyon (1996), os teóricos desse campo consideram os gêneros como tipos de textos escritos e orais definidos pelas suas propriedades formais e pelos seus propósitos comunicativos em contextos sociais.

A segunda tradição de pesquisa, denominada de Nova Retórica norte-americana, abrange autores de vários ramos disciplinares interessados no ensino de primeira língua (L1), inclusive retórica, estudos de produção textual e escrita profissional. Essa corrente centra o seu foco de análise mais nos contextos situacionais em que os gêneros ocorrem do que na sua forma, dando ênfase especial aos propósitos sociais ou ações. Vários pesquisadores dessa tradição, em vez de métodos linguísticos, utilizam métodos etnográficos na análise de textos, apresentando amplas descrições dos contextos profissionais e acadêmicos em torno dos gêneros e das ações realizadas pelos textos nessas situações (HYON, 1996). Destacam-se nessa tradição teóricos como Bazerman, Campbell e Jamieson, Coe, Devitt, Freedman e Medway, Miller, Schryer, Slevin, Smart, Van Nostrand e Yates e Orlikowski.

⁶⁷ English for specific purposes

Por fim, a terceira tradição de pesquisa, denominada de Linguística Sistêmico-funcional australiana, na qual se destacam autores como Martin, Rothery, Christie, Callaghan, dentre outros, tem sua abordagem de gêneros baseada principalmente na teoria sistêmico-funcional do britânico Michael Halliday, o qual fundou o Departamento de Linguística da Universidade de Sydney em 1975. Desde então, Halliday vem tendo grande influência na teoria e no ensino de linguagem na Austrália. A relação entre a linguagem e suas funções no contexto social é de crucial interesse para a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Nesse sentido, segundo Hyon (1996), o interesse de Halliday em estabelecer a relação entre forma, função e contexto social, influenciou a escola australiana, capitaneada por Martin, na definição de gênero como processos sociais, realizados em estágios, voltados para um objetivo, ou seja, são formas estruturadas usadas por culturas para alcançar propósitos variados. Diferentemente das demais abordagens, na época o foco da escola australiana estava nos gêneros escolares (escolas primária e secundária) e nos textos de trabalho não profissional.

É importante ressaltar, porém, que, mais recentemente, Martin (2016) tece algumas críticas a respeito do texto de Hyon e outros. Ao se confrontar com a ideia naturalizada de que a teoria de gêneros da Escola de Sydney surgiu das intervenções de alfabetização em escolas primárias australianas como parte da resposta à hegemonia da abordagem de escrita como processo, Martin destaca diversos estudos anteriores de registro e gênero realizados com uma variedade de gêneros pelo grupo de pesquisa da Universidade de Sydney desde 1980, inclusive o seu artigo seminal (MARTIN, 1994), no qual populariza o trabalho da LSF para o público da área da educação. Nesse ponto, Martin (2016) assevera que, infelizmente, Hyon (1996) não faz qualquer referência a esses trabalhos fundamentais no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional. Além disso, em razão dos equívocos acerca do tema, procurando esclarecer como o gênero, o contexto e mudança semiótica são modelados na LSF, Martin (2016) ainda enfatiza a importância de fazer-se uma distinção entre a teoria (como a LSF) e as práticas delas derivadas (como as da “Escola de Sydney”), uma vez que a teoria linguística funcional não é a mesma coisa que a sua recontextualização seletiva na prática da “Escola de Sydney”. Ao abordar a questão da necessidade de promover um maior diálogo entre as “três tradições” e além delas, Martin (2016) enfatiza igualmente a

importância de deixarmos claro quando estamos falando sobre teoria e quando estamos falando da prática informada por aquela teoria.

Aveva (2016), por sua vez, traz a reflexão no sentido de que, embora as diferenças entre as três tradições não tenham desaparecido completamente, algumas delas tem apresentado atualmente um movimento de aproximação umas das outras, de modo que as divisões entre elas têm se revelado menos acentuadas, havendo ainda o aparecimento de outras abordagens além das três tradições em diferentes países e línguas, como na América do Sul, em Português e Espanhol, incluindo-se o Brasil.

O texto de Hyon traz ainda mais discussões e informações acerca das três tradições de teorias de gênero, entretanto, a fim de evitar redundância, preferimos concluir esse *insight* inicial nesse ponto, uma vez que, a seguir, iremos abordar com mais detalhamento um trabalho organizado em coletânea, sobre o mesmo tema, realizado por pesquisadores brasileiros no ano de 2005.

Assim como na esfera internacional, os estudos sobre gêneros no Brasil têm ocupado lugar de destaque no contexto escolar e acadêmico, sendo tema constante de pesquisas científicas, sobretudo a partir da década de 1990 com a introdução da noção de gênero nos Parâmetros Curriculares Nacionais da educação básica brasileira.

A amplitude dos estudos de gênero trouxe consigo o emprego de uma diversidade de terminologias decorrente das diferentes traduções de obras de autores fundamentais, como os estudos precursores de Bakhtin, e da diversidade de afiliações teóricas acerca do tema, cujas abordagens abrangem categorias e discussões que possuem elementos que tanto as distanciam quanto as aproximam.

Em razão disso, as concepções de gênero podem ser discutidas sob várias perspectivas e, nesse sentido, destacamos, no Brasil, a coletânea de textos, organizada por Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005), reunidos com o propósito de mapear os principais conceitos, termos e explicações sobre o tema.

Nessa obra, os organizadores destacam a centralidade que a noção de gênero passou a ter na definição da própria linguagem e a ampliação do horizonte de explicações para a linguagem possibilitada pela adoção do conceito de gênero como uma categoria do discurso.

Nesse contexto de pluralidade de abordagens em relação aos estudos de gênero, constata-se também uma diversidade quanto à terminologia, que, segundo

Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005), é bastante flutuante, a começar pelo próprio gênero, com relação ao qual não há consenso quanto à sua designação. Por isso, na obra em comento,

os organizadores optam pelo termo “**gênero textual**” (**e de texto**), sendo este o termo mais corrente. Mas uma grande parcela dos estudiosos prefere o termo “**gênero discursivo**” (**e do discurso**). A noção de gênero é muito próxima nas várias abordagens, mas a terminologia é extremamente diversa. Outros termos “relativamente” equivalentes (mas em disputa) são: 1) **sequência textual**, **tipo textual** e **modalidade discursiva** (entre outros), e 2) **esfera social**, **comunidade discursiva** e **ambiente discursivo** (entre outros) (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p. 09, grifos nossos).

Ao discutirem possibilidades de classificação das diferentes teorias, Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005), descartam, por exemplo, divisões entre os estudos “de orientação discursiva anglo-saxã” e “de orientação discursiva francesa”, uma vez que autores como Fairclough (1992) e Adam (1999) teriam seus trabalhos enquadrados em (ou norteados por) ambas as orientações. Padeeriam desse mesmo problema, pares distintivos como “discursivo” e “textual” ou “formal” e “enunciativo”.

Diante desse quadro, a solução didática encontrada por Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005) foi agrupar os estudos teóricos sobre gênero em três abordagens, a saber: sociodiscursivas, sociorretóricas e sociossemióticas. Essas três abordagens abarcariam as diversas correntes das teorias de gênero, entretanto com a mesma ressalva de que se trata de uma classificação didática, sem caráter ontológico.

Mais recentemente, Motta-Roth e Heberle (2015), porém, ao apresentarem uma breve cartografia dos estudos de gênero no Brasil, elencam quatro escolas que serviram, principalmente desde o início dos anos 90, de base teórica para o desenvolvimento de estudos de gênero no Brasil ao lado de referências fundamentais como Bakhtin e Vygotsky. Isso implica dizer que, além das três tradições abordadas por Hyon (1996), quais sejam, a tradição britânica do Inglês para propósitos específicos (ESP, na sigla em Inglês), dos Estudos da Nova Retórica Americana (ou Sociorretórica) e da Escola da Linguística Sistêmico-Funcional de Sydney (Escola de Sydney), as autoras acrescentam a Escola de Genebra (Sociodiscursiva ou Interacionismo Sociodiscursivo, ISD), que teve significativa influência na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Língua Portuguesa, de 1997, ao lado do papel central da perspectiva de gênero de Bahktin.

A integração de princípios fundamentais da abordagem sociodiscursiva da Escola de Genebra na legislação brasileira sobre o ensino de línguas, segundo as autoras, passou, às vezes, a impressão de que o interacionismo sociodiscursivo seria “a” escola de gêneros brasileira. Entretanto, mesmo sendo reconhecida a sua importância para os estudos de gêneros, a construção da chamada “escola brasileira de gêneros” é caracterizada, segundo as autoras, pela heterogeneidade e interconexão de múltiplas tendências nas quais os pesquisadores combinam, de diversas maneiras, princípios semelhantes ou diferentes.

As autoras pontuam que, embora esse ecletismo, chamado de interdisciplinaridade, característica atribuída à nossa Linguística Aplicada, possa sofrer uma certa resistência das “escolas de origem”, uma descrição rica e robusta de como a linguagem funciona em contexto demanda uma abordagem interdisciplinar, combinando as características mais relevantes e harmônicas de cada escola na Análise Crítica de Gênero (ACG). Nesse sentido, v. g., a LSF propicia examinar a linguagem em uso mais detalhadamente do ponto de vista lexicogramatical do que a Nova Retórica, ao passo que a Nova Retórica proporciona uma visão melhor dos aspectos institucionais do gênero do que a SFL.

Motta-Roth e Heberle (2015) enfatizam que uma coisa que essas quatro escolas parecem concordar é que os gêneros resultam de uma relação dialética entre linguagem e atividade social e, desde os anos 90, os teóricos brasileiros têm tirado proveito das reflexões sobre a pedagogia da linguagem, integrando conceitos dessas quatro escolas ao conhecimento local e a referências fundamentais como Bakhtin e Vygotsky. No contexto brasileiro, esse processo resultou numa série de ajustes a esses conceitos.

Segundo as autoras, os argumentos teóricos dessas quatro escolas podem ser articulados na Análise Crítica de Gênero (ACG), que consiste em uma análise ecológica e interdisciplinar que objetiva apreender a dialética entre as práticas sociais e os textos que as constituem. Dessa forma, para Motta-Roth e Heberle (2015) a ACG adota uma orientação interdisciplinar aos estudos de gênero tipicamente brasileira, que recorre à abordagem de análise de gêneros de Swales, em combinação com a Sociorretórica, a Linguística Sistêmico-Funcional e a Análise Crítica do Discurso. Nessa perspectiva, gênero consiste na linguagem em uso constitutiva de (e constituída por) atividades sociais, em um evento comunicativo

relativamente estável, associado a propósitos específicos em contextos socioculturais específicos.

Ademais, a ACG leva em consideração a lexicogramática, o discurso e o contexto sociocultural, relacionando forma e função, discurso e ideologia, a partir de uma perspectiva da análise crítica do discurso. As autoras acrescentam que, além dos princípios das quatro mencionadas escolas, a ACG, uma abordagem interdisciplinar ainda em construção, também adota a visão crítica de linguagem e letramento elaborada nos trabalhos de Paulo Freire e Fairclough, sendo relevante para aplicações pedagógicas, principalmente o letramento crítico em contextos acadêmicos.

Entretanto, num posicionamento mais crítico, Bezerra (2016) contesta a existência do que seria uma “abordagem brasileira de gênero” (SWALES, 2012) ou de uma “síntese brasileira” (BAWARSHI; REIFF, 2013) de estudos de gêneros, que caracterizaria uma quarta ou quinta tendência mundial de estudos de gênero e conciliaria distintas abordagens linguísticas, retóricas e pedagógicas. Segundo ele, após fazer um exame crítico de publicações de pesquisadores brasileiros sobre gêneros que fundamentaram a hipótese da “síntese brasileira”, é impossível falar disso com um rótulo uniforme de forma a constituir uma escola própria, um sistema fechado, tendo em vista a complexidade e diversidade das pesquisas de gênero no Brasil.

Bezerra (2016) também contesta a classificação tríplice das tradições teóricas com seus respectivos representantes, sustentando que não há como considerar autores tão diversos como integrantes de uma mesma abordagem de gênero, reduzindo-se a um rótulo comum pesquisadores que normalmente não se colocam a si mesmos dentro de determinado grupo.

Bezerra (2016), porém, confirma que há certas preferências teóricas que podem ser tipicamente brasileiras, como a referência recorrente a Bakhtin e suas concepções de linguagem, língua e gênero; a opção, sobretudo, nos estudos voltados para o ensino básico, pelo interacionismo sociodiscursivo, inclusive pela influência de sua inclusão nos Parâmetros Curriculares Nacionais; a existência de uma variedade de abordagens combinadas, como a Análise Crítica de Gêneros; ou, por fim, a opção por uma abordagem específica sem diálogo com outras teorias.

A seguir, vamos discorrer tão somente acerca da abordagem sociodiscursiva, mais especificamente sobre os estudos de Bakhtin, devido à sua relevância e

influência em todas as demais correntes, e acerca da abordagem sociossemiótica, mais especificamente sobre os estudos dos gêneros elementares da Escola de Sydney, uma vez que servem de base para a análise de gênero desenvolvida nesta pesquisa.

2.8.1 Abordagem sociodiscursiva: a perspectiva bakhtiniana

Segundo Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005), no âmbito das abordagens sociodiscursivas, encontramos, como expoentes, estudos teóricos de Bakhtin, Adam, Bronckart e Maingueneau, em cujas reflexões estão incluídos elementos da análise do discurso, da teoria do texto e das teorias enunciativas. Esses autores enfatizam mais o caráter social do que o estrutural da linguagem em suas obras, por isso o prefixo “sócio” compõe a designação dessa abordagem (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005).

Dos quatro autores antes mencionados, vamos centrar em Bakhtin, pois o termo *gênero* usado em linguística tem sido associado ao seu trabalho teórico, que abrange a teoria da literatura e o estudo da interação verbal, especialmente quanto à orientação dialógica do discurso (CARVALHO, 2005), e perpassa as demais teorias de gênero, sobre as quais exerce grande influência.

A abordagem de Bakhtin compreende os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem e faz parte da produção teórica do denominado Círculo de Bakhtin, o qual consistia em um grupo de intelectuais russos, cujas reuniões perduraram de 1919 a 1974 e do qual faziam parte, dentre outros, o próprio Bakhtin, Voloshnov e Medvedev (RODRIGUES, 2005).

A noção de gêneros do discurso na perspectiva bakhtiniana e, portanto, do Círculo de Bakhtin, está associada a outras noções basilares de suas formulações teóricas, dentre as quais as concepções de *interação verbal*, *comunicação discursiva*, *língua*, *discurso*, *texto*, *enunciado* e *atividade humana* (RODRIGUES, 2005).

De fato, para Bakhtin (1992, p. 279), todas as esferas da atividade humana possuem uma relação com o uso da língua e esse uso ocorre na forma de enunciados orais e escritos, concretos e únicos emanados dos integrantes de uma dada esfera da atividade humana. Os enunciados são constituídos de conteúdo temático, estilo (verbal) e construção composicional. Esses elementos se fundem de

forma indissolúvel no enunciado e apresentam as marcas específicas conforme a correspondente esfera de comunicação.

Com base nessas formulações básicas, Bakhtin (1992, p. 279) define os gêneros do discurso como sendo a elaboração de tipos relativamente estáveis de enunciados por cada esfera de utilização da língua. Segundo Carvalho (2005, p. 232), Bakhtin, ao caracterizar os gêneros como tipos relativamente estáveis por serem sensíveis a fenômenos sociais e, por isso, sujeitos à alteração, instaura uma discussão sobre a existência ou não de estabilidade dos gêneros. Acerca disso, Carvalho afirma:

Segundo Freedman & Medway (1994, p. 09), essa questão é central e estabelece diferenças marcantes entre a orientação australiana (ou *Sydney School*) para estudos de gêneros, que os vê como mais estáveis, e a norte-americana, que os considera mais dinâmicos. Tais diferenças têm impacto na pesquisa produzida pelas duas correntes: a primeira tende a se concentrar em análises linguísticas de características textuais, enquanto a segunda dá mais atenção às relações entre texto e contexto (CARVALHO, 2005, p. 132).

A escolha da corrente predominante que serve de base para nossa pesquisa também levou em consideração a discussão sobre a ênfase na análise linguística ou nas relações entre texto e contexto decorrente da questão da estabilidade relativa dos gêneros.

Outro aspecto característico dos gêneros que vale destacar diz respeito a sua diversidade decorrente da grande variedade de atividades humanas. Nesse sentido, o teórico russo afirma que

a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1992, p. 279).

Em decorrência dessa riqueza e variedade, Bakhtin (1992) salienta como característica dos gêneros do discurso (orais e escritos) a sua heterogeneidade, pois eles compreendem a curta réplica do diálogo cotidiano, o relato familiar, a carta, a ordem militar padronizada, os documentos oficiais (geralmente padronizados), declarações públicas (sociais e políticas), dentre outras.

Bakhtin (1992) especula que essa diversidade tenha talvez motivado, em sua época, a inexistência de discussão acerca do que ele chama de problema geral dos gêneros do discurso, ou seja, a natureza linguística do enunciado. Os estudos até

então se concentravam tão-somente nos gêneros literários, sob o ponto de vista artístico literário, os gêneros retóricos (jurídicos, políticos) e os gêneros do discurso cotidiano (diálogo cotidiano), nenhum dos quais, porém, abordavam a natureza linguística do enunciado.

Ao reconhecer a dificuldade para definir o caráter genérico do enunciado, devido à “extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso”, Bakhtin (1992) formula, tendo em vista a diferença essencial entre ambos, a noção de gênero de discurso primário (simples) e gênero de discurso secundário (complexo).

Os gêneros secundários do discurso surgem nas comunicações culturais mais complexas (artísticas, científicas, sociopolíticas) e relativamente mais evoluídas, sobretudo escritas, abrangendo o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, dentre outros.

Os gêneros primários do discurso, por sua vez, surgem nas comunicações verbais espontâneas, abrangendo réplicas de diálogo, narrativas de costumes; cartas, diários íntimos, dentre outros.

A respeito da relação entre gênero primário e gênero secundário, Bakhtin (1992) afirma que,

durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente com a realidade dos enunciados alheios - por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana (BAKHTIN, 1992, p. 281).

Segundo Bakhtin (1992), assim como a réplica do diálogo cotidiano e a carta pessoal, o romance no seu todo constitui um enunciado, porém secundário (complexo). Para ele, essa distinção tem uma importância teórica, uma vez que é por meio da análise de ambos os gêneros que conseguimos elucidar e definir a natureza do enunciado.

Nesse sentido, ao ressaltar a fundamental importância para pesquisa do estudo da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros de enunciados nas esferas da atividade humana, Bakhtin (1992, p. 282) afirma que “um trabalho de

pesquisa acerca de um material linguístico concreto [...] lida inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais), [...] crônicas, contratos, textos legislativos, documentos oficiais e outros [...]”, dos quais são extraídos os fatos linguísticos pelos pesquisadores. Em razão disso, o autor afirma que

uma concepção clara da natureza do enunciado em geral e dos vários tipos de enunciados em particular (primários e secundários), ou seja, dos diversos gêneros do discurso, é indispensável para qualquer estudo, seja qual for a sua orientação específica. Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. **A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.** (BAKHTIN, 1992, p. 282, grifo nosso),

Essa afirmação de Bakhtin aplica-se a qualquer estudo de gênero, inclusive para o estudo empreendido nesta pesquisa, que abrange, no dizer de Bakhtin, um “documento oficial” denominado de boletim de ocorrência.

Por fim, antes de encerrar esse tópico acerca do círculo bakhtiniano, vamos abordar ainda a noção de enunciado, uma vez que tal noção é fundamental para a compreensão da concepção bakhtiniana de gênero.

Ao abordar a importância do outro na comunicação verbal, Bakhtin (1992) critica a linguística geral, inclusive a Saussureana, no sentido de que enquanto o locutor tem um papel ativo na interação, ao ouvinte é atribuído um papel passivo, o que não representaria o todo real da comunicação verbal. Diz ele que,

na linguística, até agora, persistem funções tais como o "ouvinte" e o "receptor" (os parceiros do "locutor"). Tais funções dão uma imagem totalmente distorcida do processo complexo da comunicação verbal. Nos cursos de linguística geral (até nos cursos sérios como os de Saussure), os estudiosos comprazem-se em representar os dois parceiros da comunicação verbal, o locutor e o ouvinte (quem recebe a fala), por meio de um esquema dos processos ativos da fala no locutor e dos processos passivos de percepção e de compreensão da fala no ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas são errados e não correspondem a certos aspectos reais, mas quando estes esquemas pretendem representar o todo real da comunicação verbal se transformam em ficção científica.

Ao contrário de uma atitude passiva, o ouvinte, ao receber e compreender a significação de um discurso, tem perante ele o que Bakhtin (1992) denomina de *atitude responsiva ativa*, ou seja, “ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em

elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso” (BAKHTIN, 1992, p. 290). O autor russo explica ainda que

a compreensão passiva das significações do discurso ouvido é apenas o elemento abstrato de um fato real que é o todo constituído pela compreensão responsiva ativa e que se materializa no ato real da resposta fônica subsequente (BAKHTIN, 1992, p. 290).

Embora a compreensão de um enunciado concreto esteja sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa, tanto no discurso lido quanto escrito, nem sempre a materialização dessa compreensão, por meio da resposta fônica subsequente, ocorre no momento mesmo da interação, pois

a compreensão responsiva ativa do que foi ouvido (por exemplo, no caso de uma ordem dada) pode realizar-se diretamente como um ato (a execução da ordem compreendida e acatada), pode permanecer, por certo lapso de tempo, compreensão responsiva muda (certos gêneros do discurso fundamentam-se apenas nesse tipo de compreensão, como, por exemplo, os gêneros líricos), mas neste caso trata-se, poderíamos dizer, de uma **compreensão responsiva de ação retardada**: cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte (BAKHTIN, 1992, p. 291, grifos nossos).

A compreensão responsiva de ação retardada ocorre na maioria dos gêneros secundários. Por outro lado, assim como o ouvinte, o próprio locutor é também de certo modo respondente, pois

não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores emanantes dele mesmo ou do outro - aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. **Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados** (BAKHTIN, 1992, p. 291, grifos nossos).

De qualquer modo, o enunciado possui delimitações, ou seja, apresenta fronteiras claramente definidas, as quais são determinadas, conforme Bakhtin (1992), pela alternância dos sujeitos falantes (locutores). Segundo ele,

o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo "dixi" percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou (BAKHTIN, 1992, p. 294).

Muitos outros aspectos sobre a natureza do enunciado são abordados por Bakhtin, como a distinção entre enunciado, entendido como uma unidade da comunicação verbal, e oração, entendida como uma unidade da língua. Entretanto, o que foi até aqui abordado já nos traz uma noção introdutória suficiente para a compreensão dos gêneros do discurso na concepção bakhtiniana.

Encerrada a exposição sobre a perspectiva sociodiscursiva bakhtiniana, destacamos as ponderações de Woodward-Kron (2005), no que diz respeito à classificação dos gêneros, ao apontar que a classificação de Hyon (1996), a qual abordamos no início desta seção, tem como critério distintivo as tradições teóricas (Inglês para fins específicos (ESP), Nova Retórica Norte Americana e Linguística Sistemico-Funcional), ao passo que Flowerdew (2002) distingue as teorias de gêneros, em termos gerais, em dois tipos de abordagem predominantes, a saber: a orientação linguística e a orientação não-linguística. A abordagem predominantemente linguística concentra-se nas características textuais e na realização retórica do propósito social de um texto. Já a abordagem não linguística, por sua vez, concentra-se principalmente no contexto situacional e nas atitudes e comportamentos da comunidade discursiva. Esse tipo de distinção é mais abrangente e permite situar a nossa pesquisa dentro da abordagem linguística.

A seguir, abordamos os estudos teóricos sobre gêneros da denominada Escola de Sydney, os quais servem de base principal de nossas análises do boletim de ocorrência, porquanto coadunam com os objetivos desta pesquisa ao focalizarem as características linguísticas e composicionais do gênero para escrita e leitura, sobretudo no contexto de ensino, enfatizando a descrição da materialidade textual.

2.8.2 Gêneros elementares da Escola de Sydney

A partir da LSF de Halliday, a Escola de Sydney consiste em uma série de programas de letramento desenvolvida em Sydney, na Austrália, a partir do ano de 1979. Nesse ano, Martin, Joan Rothery e Frances Christie começaram um trabalho destinado a atender às necessidades de alfabetização de estudantes da escola primária. Em 1989, David Rose passou a fazer parte do projeto em razão das necessidades de alfabetização das comunidades indígenas com as quais ele trabalhava (MARTIN; ROSE, 2008).

Essa pesquisa-ação, com foco na pedagogia e no currículo, revela uma teoria de gênero elaborada com base em um modelo funcional de linguagem e correspondentes modalidades de comunicação e foi desenvolvida em três fases.

A primeira fase da pesquisa (de 1980 a 1987) foi denominada de Projeto de Escrita⁶⁸ e consistiu em um estudo acerca da escrita de alunos nas escolas de Sydney, no qual foi feita uma análise por Martin (em estreita colaboração com Joan Rothery e Suzanne Eggins, e Radan Martinec e Peter Wignell) dos tipos de textos do currículo da escola primária com foco em geografia e história na escola secundária. Martin e Rose (2008) destacam que essa fase de trabalho nas escolas foi enriquecida por vários estudos de gêneros da comunidade realizados pelos estudantes de pós-graduação do Departamento de Linguística da Universidade de Sydney, dentre os quais o trabalho de Eija Ventola sobre encontros de serviço⁶⁹, Guenter Plum sobre narrativa e Suzanne Eggins sobre conversa informal. Nesse mesmo período, Frances Christie desenvolveu o seu interesse na aplicação da teoria de gêneros ao discurso de sala de aula, levando-a a dar ênfase ao que ela chama de gêneros do currículo.

Segundo Martin e Rose (2008), desde 1986, o Programa para Escolas Carentes⁷⁰ em Sydney foi crucial para o desenvolvimento do trabalho, tendo iniciado com o “Projeto Linguagem e Poder Social” (1986-1990), com foco na escola primária, e continuado, agora na segunda fase da pesquisa, com o “Projeto Escreva Certo”⁷¹ (1990-1995), com foco na escola secundária e no ambiente de trabalho.

Na terceira fase é implementado o programa “Ler para aprender”⁷², o qual integra o ensino de leitura e escrita em todos os níveis do currículo escolar e foi inicialmente planejado para suprir as necessidades de estudantes indígenas oriundos de comunidades distantes na Austrália central, com os quais David Rose vinha trabalhando há muitos anos.

⁶⁸ Writing Project

⁶⁹ Os encontros de serviço, também conhecidos como “momentos da verdade”, são “o momento de contato entre o provedor e cliente” e “representam os momentos onde [sic] o cliente interage com o pessoal de linha de frente da organização do serviço. Do ponto de vista do cliente, a mais vívida impressão do serviço ocorre quando ele interage com a empresa e, do ponto de vista da empresa, cada encontro representa uma oportunidade para a mesma evidenciar seu potencial como provedora de serviço de qualidade e aumentar a lealdade do cliente” (MOURA; LUCE, 2004).

⁷⁰ Disadvantaged Schools Program

⁷¹ Write it Right Project

⁷² Reading to Learn

Segundo Vian Júnior e Lima-Lopes (2005), a análise de gêneros textuais da Escola de Sydney abrange a perspectiva teleológica adotada por Martin, a qual, por sua vez, se define partir de diversos estudos teóricos realizados por outros autores, dentre os quais se destacam Halliday (1985), Matthiessen (1995). Afirmam Vian Jr. e Lima-Lopes (2005) que a noção de contexto de Martin baseia-se em trabalhos prévios do próprio Martin (1985, 1989) e de Ventola (1987), assim como nos conceitos de contexto de situação e de registro elaborados por Halliday (1978). As influências teóricas incluem ainda o conceito de gênero de Bakhtin (1992) e a relação entre texto e contexto de Halliday e Hasan (1989). Martin e Rose (2008) apontam também como influências Mitchell (1957), colega de Firth na especialização em árabe, que realizou estudos sobre o mercado líbio, especificamente o gênero encontro de serviço, os quais levavam em consideração o estudo da linguagem no contexto de situação. Outra grande influência foi o trabalho de Labov (LABOV; VALETSKY, 1967), que focaliza a estrutura temática com etapas obrigatórias e opcionais (entre parênteses) na narrativa da experiência pessoal, como segue: **Narrativa da experiência pessoal:** (Resumo) ^ (Orientação) ^ Complicação ^ Avaliação ^ Resolução ^ (Coda)⁷³.

Relativamente aos contextos sociais da linguagem, os estudos da Escola de Sydney são influenciados pelo modelo Hallidayano (1978, 1989) de linguagem como texto em contexto e pelo modelo de Bernstein (1971, 1990, 1996) de contextos sociais de linguagem como códigos.

Especificamente quanto ao contexto de situação, Martin e Rose (2008) utilizaram as categorias das variáveis do contexto (campo, relações e modo) para o estudo do contexto social dos tipos de texto examinados na década de 1980.

Levando em conta que Halliday (1978) considerava o gênero como um aspecto do modo e Hasan (1977, 1989) tirava da variável campo os elementos obrigatórios da estrutura do texto, parecendo, com isso, considerar as relações de gênero dentro da variável campo, Martin e Rose (2008), por sua vez, questionavam-se como deveriam considerar o gênero.

Na visão dos dois autores da escola australiana, cada gênero envolveria uma configuração específica das variáveis de campo, relações e modo e não tão somente como parte de uma dessas variáveis do registro. Como exemplo disso, os

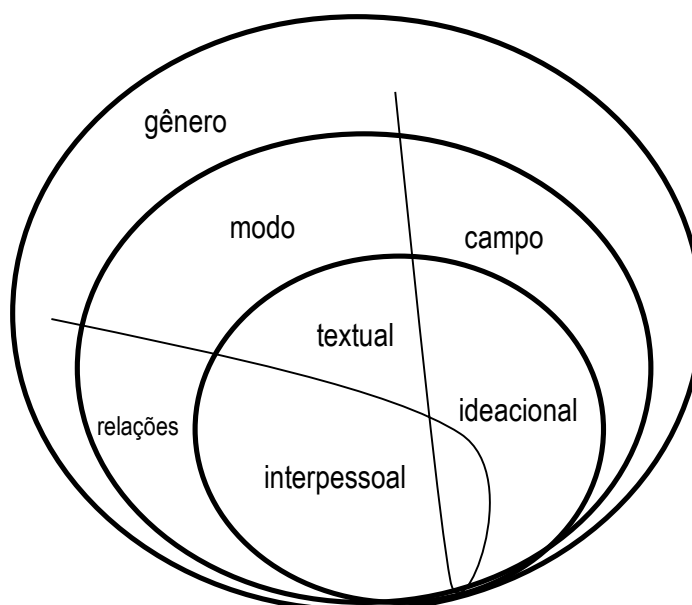
⁷³ O símbolo ^ indica sequência

autores argumentam que os gêneros procedimentos, protocolos, descrições, relatórios, observações, relatos e narrativas podem ser incluídos quase que em qualquer campo, podendo ser falados ou escritos, e seus produtores e público podendo manter relações próximas ou distantes, iguais ou desiguais. Dessa forma, o gênero e o registro podem variar independentemente um do outro (MARTIN; ROSE, 2008).

A solução encontrada por Martin e Rose (2008) para esse dilema foi colocar o gênero no estrato da cultura (ou seja, além do registro), no qual ele funcionaria como um padrão de campo, relações e modo. Diante disso, os autores reformularam a noção de linguagem no contexto social como um sistema semiótico integrado e reconstruíram a “situação” e a “cultura” como estratos sociossemióticos do registro e do gênero, respectivamente.

Os autores afirmam que essa nova estratificação do registro e do gênero possibilitou-lhes o desenvolvimento de uma perspectiva integrada e multifuncional acerca do gênero, transcendendo as fronteiras das variáveis do registro. Isso fez com que o campo, as relações e o modo pudessem ser pensados como recursos para generalização dos gêneros a partir das perspectivas diferenciadas dos significados ideacionais, interpessoais e textuais, tornando mais fácil estabelecer as relações entre os gêneros sem ficar preso ao campo, às relações ou ao modo. A nova estratificação aparece representada na Figura 7.

Figura 7: Gênero como um estrato adicional de análise além de relações, campo e modo



Fonte: (MARTIN; ROSE, 2008, p. 17, tradução nossa).

Essa nova concepção foi importante para o grupo da Escola de Sydney em seu trabalho, nas escolas, de mapeamento dos currículos e construção dos caminhos a serem percorridos pelo aluno. Segundo Martin e Rose (2008), também facilitou a exploração das diversas possibilidades de configuração das variáveis de campo, relações e modo realizadas por uma cultura em comparação com aquelas que não são realizadas, aqui incluídas as configurações que não estão em uso (gêneros extintos) e possibilidades futuras.

Os autores entendem que, ao invés de uma “selva imprevisível de situações sociais”, as culturas abrangem um grande, mas potencialmente definido, conjunto de gêneros que são reconhecidos pelos membros de uma dada cultura.

Segundo Martin e Rose (2008), o mapeamento de culturas a partir de uma perspectiva semiótica de sistemas de gêneros tem também respaldo no trabalho do sociólogo e linguista Bernstein e sua teoria dos códigos sociossemânticos. Segundo essa teoria, a distinção entre as variedades de subjetividades sociais ocorre através da diferenciação entre orientações e significado, que Bernstein chama de orientações de codificação, as quais se manifestam como “relações entre” e “relações nos” contextos sociais. O sociólogo dava ênfase à primazia das relações entre os contextos, no sentido de que as orientações de codificação do indivíduo variam conforme a capacidade deles de reconhecimento de um tipo de contexto em relação a outro por intermédio do que ele chama de sentido de práticas interacionais especializadas. Na educação isso teve implicações na medida em que professores estariam falhando em reconhecer as diferenças entre um e outro gênero e, por isso, não estariam em condições de ensinar os seus alunos a como estabelecer uma distinção entre os gêneros, muito menos produzir com sucesso uma diversidade de gêneros escritos.

Além disso, Martin e Rose (2008) afirmam que, tendo os gêneros privilegiados do modernismo evoluído nas instituições da academia, ciência, indústria e administração, aos quais poucos membros da cultura têm acesso, as relações entre esses e outros gêneros refletem as estruturas da desigualdade social. Nesse sentido, o caminho para o exercício do controle nessas instituições se dá pela educação terciária, que por sua vez depende do aprendizado da leitura e da escrita de gêneros na escola.

Dessa forma, retornando à perspectiva teleológica de Martin a que antes nos referimos, para a Escola de Sydney, os gêneros são “processos sociais realizados em etapas e orientados para um objetivo” (ROSE; MARTIN, 2012, p. 54). Segundo Rose e Martin (2012), os gêneros são **sociais** porque inevitavelmente procuramos nos comunicar com leitores (mesmo que esses leitores não respondam ou leiam imediatamente o nosso trabalho); são **orientados para um objetivo** porque sempre temos um propósito para escrevermos e nos sentimos frustrados quando não o alcançamos; e realizados **em etapas** porque geralmente é necessária mais de uma etapa para alcançarmos os nossos objetivos. Segundo Martin e Rose (2008), nos termos da linguística funcional o que foi dito significa que os gêneros são configurações recorrentes de significados que realizam as práticas sociais de uma dada cultura.

Ao explicarem a configuração do gênero, Rose e Martin (2012, p. 54) asseveram que as etapas de um gênero são passos obrigatórios percorridos por cada exemplo desenvolvido do gênero. Cada etapa é dividida em fases, as quais são mais variáveis, dependendo do propósito específico do escritor. Cada etapa e fase de um gênero tem uma função especializada que contribui para o propósito social do gênero como um todo, assim como cada uma possui propriedades linguísticas características, destinadas a contribuir para o significado do todo. Os autores salientam que a etapa é a dimensão crucial da função do gênero, e, para a produção do texto ser eficaz, a linguagem mobilizada tem de realizar, etapa por etapa, a função do gênero.

Em um primeiro levantamento, levando em conta a concepção de gênero formulada pela Escola de Sydney, Rose e Martin (2012) desenvolveram descrições do que eles consideraram ser os principais gêneros que os alunos deveriam dominar ao final da escola primária, sendo mapeados 11 gêneros, divididos em 3 famílias de gêneros, os quais são mostrados no Quadro 33.

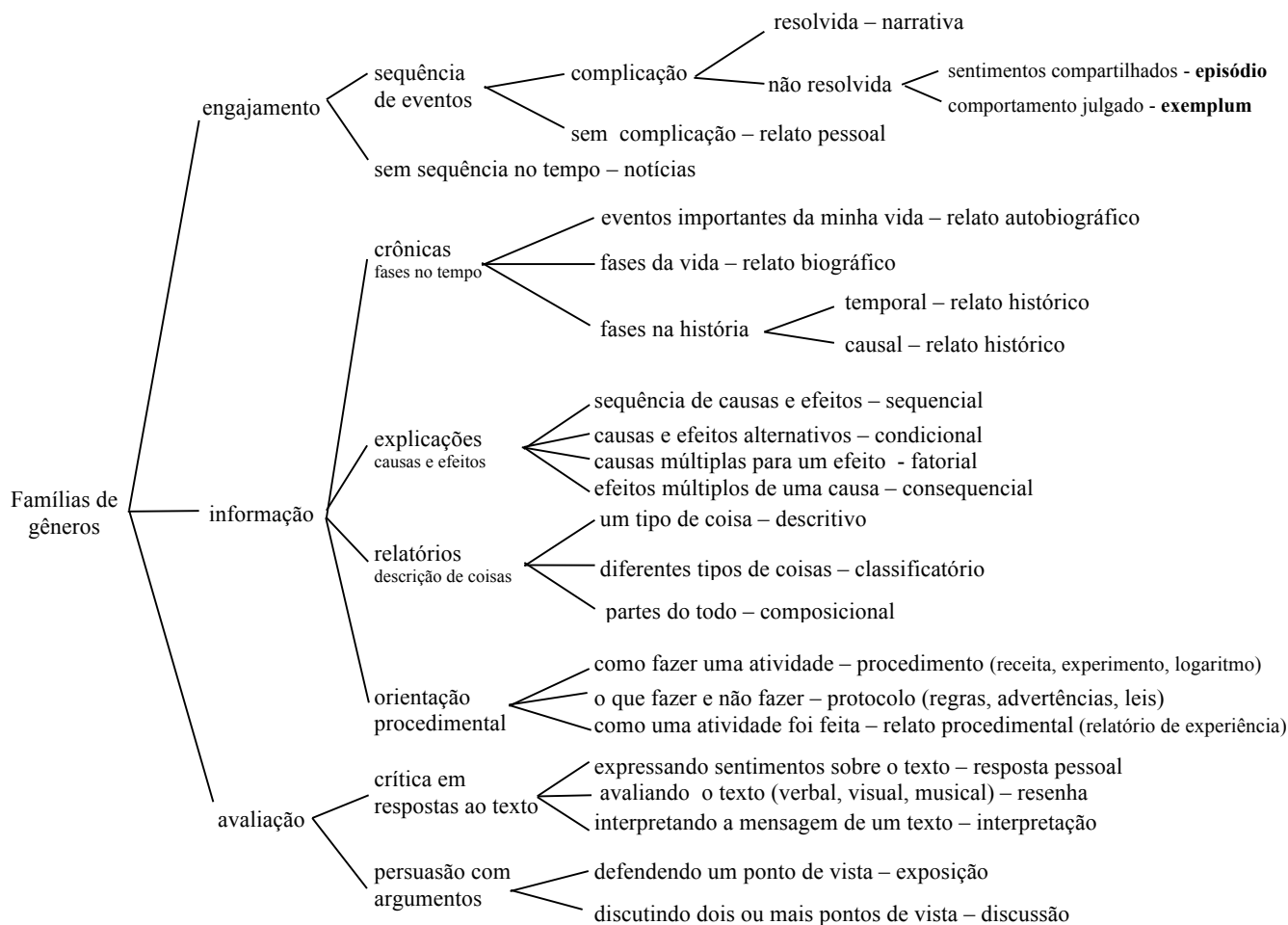
Quadro 33 – Gêneros da primeira fase da pesquisa

	gênero	propósito	etapas
Histórias	relato	relatar eventos	Orientação Registro de eventos
	narrativa	resolver uma complicação	Orientação Complicação Avaliação Resolução
	episódio	compartilhar uma reação emocional	Orientação Evento marcante Reação
	exemplum	julgar o caráter ou comportamento	Orientação Incidente Interpretação
Textos factuais	descrição	descrever coisas específicas	Orientação Descrição
	relatório	classificar e descrever coisas gerais	Classificação Descrição
	explicação	explicar sequências de eventos	Fenômeno Explicação
	procedimento	como fazer uma atividade	Propósito Materiais Passos
	protocolo	o que fazer e não fazer	Propósito Regras
Argumentos	exposição	argumentar sobre um ponto de vista	Tese Argumentos Reiteração
	discussão	discutir dois ou mais pontos de vista	Problema Lados Resolução

Fonte: (ROSE; MARTIN, 2012, p. 56, tradução nossa).

Em outro momento, o projeto *Escreva Certo* fez um apanhado dos principais gêneros necessários para que o aluno seja bem sucedido na escola secundária. Para tanto, os gêneros mais comuns foram organizados de acordo com o seu propósito social e pelos contrastes entre suas características com o fim de fornecer aos professores uma visão ampla das tarefas necessárias à preparação de seus alunos, conforme mostra a Figura 8.

Figura 8 - Mapa de gêneros escolares



Fonte: (ROSE; MARTIN, 2012, p. 128 e 312, tradução nossa).

Segundo Rose e Martin (2012), a Figura 8 pode ser usada para apresentar aos professores os princípios da seleção e análise de textos em seus programas curriculares, iniciando-se com os propósitos sociais do gênero, suas etapas e fases, podendo isso ocorrer em dois níveis.

O primeiro nível de metalinguagem para ensinar leitura e produção textual encontra-se nos nomes atribuídos a cada gênero. Segundo os autores, esses gêneros já são familiares aos professores, embora eles não os nomeiem explicitamente. Dessa forma, a nomeação e a organização dos gêneros nessa taxonomia permite que o conhecimento intuitivo de gêneros seja trazido à consciência e esse é o primeiro e necessário passo para possibilitar o ensino explícito de gêneros.

Na Figura 8, podemos perceber ainda que a primeira escolha apresentada ocorre entre textos cujo propósito principal é engajar, informar ou avaliar. Rose e Martin (2012) assinalam que todo texto tem múltiplos propósitos e que o seu

propósito principal é que vai dar forma às suas etapas e determinará à qual família de gêneros irá pertencer. Assim, o propósito comum em histórias é o de engajar os leitores, de forma que o foco de ensinar histórias estaria na linguagem utilizada pelos escritores para engajar os leitores. Por outro lado, o propósito comum dos textos fatuais é informar os leitores, de forma que o seu foco de ensino está na informação por eles apresentada. Já o propósito comum dos textos avaliativos é avaliar tanto outros textos, no caso de respostas ao texto, quanto problemas ou pontos de vista, no caso de argumentos, de forma que o foco de ensino nesses gêneros recai na linguagem avaliativa usada pelos escritores para avaliar e persuadir.

Dentre os propósitos principais de engajar, informar e avaliar, interessa-nos o primeiro, que diz respeito ao engajamento do leitor e abrange a família de gêneros das histórias⁷⁴. Isso porque partimos da hipótese que o boletim de ocorrência está enquadrado em um dos gêneros dessa família.

Segundo Rose e Martin (2012), existem cinco tipos principais de histórias: o relato, a narrativa, o exemplum, o episódio e a notícia jornalística. O relato simplesmente relata uma série de eventos, enquanto na narrativa, os personagens principais resolvem uma complicação; os episódios partilham sentimentos sobre um evento complicado não resolvido; ao passo que o exemplum julga o caráter ou comportamento das pessoas. A notícia jornalística, por sua vez, diferentemente dos outros tipos de história, não possui uma sequência no tempo, mas procura, em primeiro lugar, envolver o leitor com um evento noticioso e posteriormente expor os diferentes ângulos sobre a notícia.

O segundo nível de metalinguagem para ensinar leitura e produção textual encontra-se nos nomes das etapas percorridas por cada gênero a fim de atingir o seu propósito social, conforme ilustra o Quadro 34.

⁷⁴ Para as famílias de gêneros relativas aos propósitos de informar e avaliar vide Rose e Martin (2012, p. 129).

Quadro 34 – Gêneros e etapas

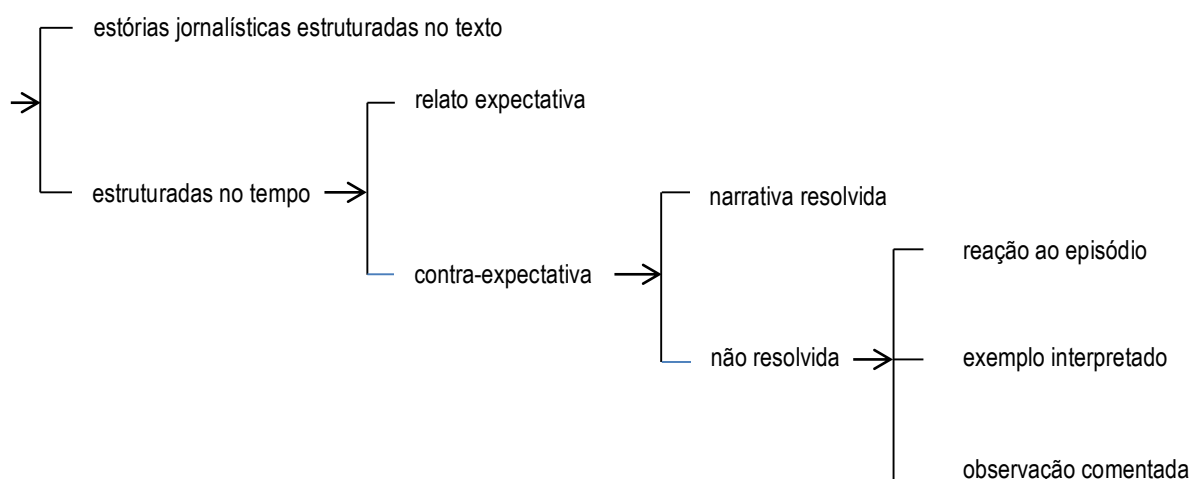
	gênero	propósito	etapas
Estórias	relato	relatar eventos	Orientação Registro de eventos
	narrativa	resolver a complicação numa estória	Orientação Complicação Resolução
	exemplum	julgar caráter ou comportamento numa estória	Orientação Incidente Interpretação
	episódio	compartilhar uma reação emocional numa estória	Orientação Evento marcante Reação
Histórias	relato autobiográfico	relatar eventos da própria vida	Orientação Registro de fases
	relato biográfico	relatar fases da vida de outra pessoa	Orientação Registro de fases
	relato histórico	relatar eventos históricos	Antecedentes históricos Descrição de fases
	descrição histórica	explicar eventos históricos	Antecedentes históricos Descrição de fases
Explicações	explicação sequencial	explicar uma sequência	Fenômeno Explicação
	explicação condicional	causas e efeitos alternativos	Fenômeno Explicação
	explicação fatorial	explicar causas múltiplas	Fenômeno: resultado Fenômeno: fatores
	explicação consequencial	explicar efeitos múltiplos	Fenômeno: causa Explicação: consequência
Procedimentos	procedimento	como fazer experimentos e observações	Propósito Materiais Passos
	relato procedimental	relatar experimentos e observações	Propósito Método Resultados
Relatórios	relatório descritivo	classificar e descrever um fenômeno	Classificação Descrição
	relatório classificatório	classificar e descrever tipos de fenômenos	Classificação Descrição: tipos
	relatório composicional	descrever partes do todo	Classificação Descrição: partes
Argumentações	exposição	defender um ponto de vista	Tese Argumentos Reiteração
	discussão	discutir dois ou mais pontos de vista	Problema Posicionamentos Resolução
Resposta ao texto	resenha	avaliar um texto literário, visual ou musical	Contexto Descrição do texto Julgamento
	interpretação	interpretar a mensagem de um texto	Avaliação Sinopse do texto Reafirmação
	resposta crítica	desafiar a mensagem de um texto	Avaliação Desconstrução Desafio

Fonte: (ROSE; MARTIN, 2012, p. 130, tradução nossa).

Podemos constatar que o Quadro 34 apresenta gêneros de uma segunda fase de levantamento no qual a quantidade e designação de gêneros do Quadro 33 foi ampliada e revisada, sendo, ao final, mapeados 22 gêneros em seis famílias, não constando, porém, o gênero notícia jornalística na família das estórias.

Além do mapeamento dos Quadros 33 e 34, contendo o propósito principal e as etapas obrigatórias de cada gênero, Martin e Rose (2008) apresentam sistemas para cada uma das famílias de gêneros mapeados em suas pesquisas, dentre os quais nos deteremos no sistema de gêneros da família das estórias, ilustrado na Figura 9.

Figura 9 – Sistema dos gêneros estória



Fonte: (MARTIN; ROSE, 2008, p. 81, tradução nossa).

Em relação à Figura 9, os autores salientam que as estórias jornalísticas opõem-se aos outros tipos de estórias, na medida em que privilegiam a organização do texto em detrimento da sequência temporal. As outras estórias, estruturadas no tempo, apresentam uma ruptura inesperada no transcorrer normal do evento, diferentemente do relato, que registra uma sequência de eventos dentro duma expectativa. Em outras palavras, algumas estórias envolvem a etapa da expectativa e outras a da contraexpectativa. No grupo das estórias caracterizadas pela etapa da contraexpectativa, há aquelas que, em oposição à narrativa, terminam com uma resposta atitudinal. Na narrativa, a contraexpectativa é resolvida após a sua avaliação. As estórias que terminam com uma resposta distinguem-se uma das outras pelo tipo de avaliação, enquanto os episódios terminam com uma reação emocional, os *exempla* terminam com uma interpretação moral e as observações terminam com um comentário pessoal de apreciação dos eventos.

Além dos padrões recorrentes que estabelecem as semelhanças e diferenças entre os tipos de estórias, Martin e Rose (2008) também discorrem sobre como os gêneros da família das estórias compartilham um conjunto comum de recursos que servem para dar andamento às sequências de eventos e envolver os leitores, o que eles denominam de fases. As fases podem compor-se de duas ou mais mensagens, ao passo que uma ou duas fases constituem uma etapa. As etapas de um gênero são componentes relativamente estáveis de sua organização; por outro lado, as fases de cada etapa são mais variáveis e podem ser únicas em um determinado texto. As etapas desdobram-se em sequências altamente previsíveis, ao passo que as fases podem ou não ocorrer, em sequências variáveis, em qualquer etapa.

Martin e Rose (2008), com base em fases encontradas numa ampla variedade de estórias em inglês e outras línguas, descrevem alguns tipos de fases usadas na construção das etapas em estórias. Cada fase realiza uma função com o fim de envolver/engajar o ouvinte/leitor à medida que a estória se desenvolve. As fases e suas funções são resumidas no Quadro 35.

Quadro 35 – Fases comuns nas estórias

TIPOS DE FASES	FUNÇÕES DE ENGAJAMENTO
Cenário	apresentar o contexto (identidades, atividades, locações)
Descrição	evocar o contexto (imagem dos sentidos)
Eventos	sucedem eventos
Efeito	resultado material
Reação	resultado comportamental/atitudinal
Problema	criar tensão contraexpectativa
Solução	liberar tensão contraexpectativa
Comentário	incluir comentário do narrador
Reflexão	Incluir pensamentos dos participantes

Fonte: (MARTIN; ROSE, 2008, p. 82, tradução nossa).

As fases descritas no Quadro 35 servem de parâmetro para a posterior análise do boletim de ocorrência, a fim verificarmos como se organizam as respectivas etapas e estabelecer qual a sua natureza genérica.

Terminada, portanto, a seção da revisão da literatura, na qual foram abordados pressupostos básicos da Linguística Sistêmico Funcional, dentre os quais

alguns dos principais aspectos do complexo oracional e da conjunção, bem como a concepção de gênero da abordagem sociossemiótica, com destaque para a perspectiva de gênero da Escola de Sydney e seus gêneros elementares, precedida pela perspectiva bakhtiniana, passamos agora à seção de metodologia, na qual discorreremos sobre a constituição do *corpus* e o procedimento de pesquisa e suas etapas.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

Neste estudo, empreendemos uma pesquisa numa perspectiva essencialmente qualitativa indutiva, porquanto leva em conta o contexto natural do texto pesquisado (VIEIRA ABRAHÃO, 2006) e também utiliza categorias prévias, v. g. da expansão e da projeção, para análises de dados a fim de chegar a resultados gerais.

Além disso, neste estudo prepondera a abordagem descritiva, na qual os dados obtidos do *corpus*, embora fundamentados em recorrências quantitativas, têm um tratamento descritivo de análise interpretativa relacionado ao contexto mais abrangente da teoria (MOTTA ROTH, 2003). Considerando o fato de que, partindo do estudo do texto, utilizamos categorias analíticas da Gramática Sistêmico-Funcional, é igualmente uma pesquisa do tipo ética (MOTTA-ROTH, 2003, p.170), tendo em vista que não levamos em consideração a compreensão dos participantes do BO acerca das situações em que estão inseridos (WATSON-GECEO, 1988, p. 580).

Salientamos ainda que nosso estudo consiste em uma análise de gêneros baseada em *corpus* e, nesse sentido, utilizamos do instrumental da Linguística de Corpus, a qual, conforme Berber-Sardinha (2004, p. 30), está encaixada na Linguística Empírica, porquanto lida com uma abordagem empirista e uma visão da linguagem como sistema probabilístico. Nesses termos, o empírico, na linguística, implica uma “primazia aos dados provenientes da observação da linguagem, em geral reunidos sob a forma de um *corpus*” (BERBER-SARDINHA, 2004, p. 30).

Seguindo essa linha, o mesmo autor também assevera que a Linguística de Corpus

ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador (BERBER-SARDINHA, 2004, p. 3).

Apresentada essa breve noção de Linguística de Corpus, convém ainda discorrermos sobre qual seria a definição de *corpus*. Partindo de uma definição básica, na qual *corpus* “é um corpo de linguagem natural (autêntica) que pode ser usado como base para pesquisa linguística”, seguida de uma série de outras definições por ele comentadas, Berber-Sardinha (2004) argumenta, porém, que, para uma definição mais completa de *corpus*, é necessário levar em consideração

alguns pontos importantes. Segundo ele, os dados do *corpus* devem ser autênticos, assim como o *corpus* deve ter como propósito ser um objeto de estudo linguístico. Além disso, em sua composição, o *corpus* deve ter um conteúdo criteriosamente escolhido e seus dados devem ser legíveis por computador. No que diz respeito a sua representatividade, o *corpus* deve ser representativo de uma língua ou variedade e, para que haja essa representatividade, a sua extensão deve ser vasta.

Em suma, essas características abrangem seis pontos importantes que se constituem como requisitos para uma noção mais abrangente de *corpus*, quais sejam: a origem, o propósito, a composição, a formatação, a representatividade e a extensão do *corpus*. Levando em conta esses elementos, numa definição mais completa, o *corpus* consiste em

um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (BERBER-SARDINHA, 2004,p. 18).

Essas características, em grande medida, estão presentes no *corpus* selecionado para a presente pesquisa, conforme vemos a seguir na descrição da metodologia.

Assim sendo, para a concretização da pesquisa, as etapas descritas a seguir foram adotadas.

3.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DE ANÁLISE

O universo de pesquisa é constituído de um total de 2.795 BOs que reportam crimes contra a honra, consistentes em 629 BOs sobre crimes de Calúnia, 449 BOs sobre crimes de Difamação e 1717 BOs sobre crimes de Injúria, registrados no período de 01-09-2011 a 30-09-2011, abrangendo todo o território do Estado do Rio Grande do Sul, a partir dos quais fizemos a seleção dos textos que constituem o *corpus* de análise.

A coleta foi feita, por meio de *download*, no Sistema de Consultas Integradas⁷⁵ da Polícia Civil gaúcha, mediante autorização expressa da Chefia de Polícia em atendimento a requerimento por nós formulado (Anexo 1).

⁷⁵ O Sistema de Consultas Integradas (SCI) consiste em uma iniciativa da Secretaria de Segurança Pública (SSP) e da Companhia de Processamento de Dados do Rio Grande do Sul (PROCERGS) cujo objetivo “é facilitar o acesso

O critério principal para a escolha do *corpus* está baseado na continuidade de pesquisa de mestrado concluída em fevereiro do ano de 2014, que abrangeu somente os BOs sobre crimes de injúria. Nas considerações finais dessa pesquisa, verificamos, dentre as sugestões de pesquisas futuras, a necessidade de um estudo mais aprofundado no campo da projeção oracional e que ampliasse as análises para os crimes de calúnia (629 BOs) e difamação (449 BOs), que não foram utilizados na pesquisa de mestrado, que consistiu na análise de 40 BOs de injúria.

No que diz respeito ao tratamento do objeto da presente pesquisa, os BOs que integram o universo de análise foram submetidos a verificação preliminar, sendo feita a exclusão de BOs com base em dois critérios: a classificação legal correta e a instituição responsável pelo registro. De acordo com o primeiro critério, não foram escolhidos os BOs cuja classificação legal não estava correta. Dessa forma, aqueles BOs que continham o título de calúnia ou difamação, mas o conteúdo não estava de acordo com esses dois crimes e caracterizava outra infração penal, como a Injúria, por exemplo, não foram considerados para integrar o *corpus*. Essa depuração do *corpus* possibilitou evitar distorções quantitativas e qualitativas nas análises, de modo que quando nos referimos aos dados analíticos sobre os 60 BOs da calúnia, difamação e injúria, esses são efetivamente 20 BOs de calúnia, 20 BOs de difamação e 20 BOs de injúria. De acordo com o segundo critério, não foram escolhidos aqueles BOs eventualmente registrados pela Polícia Militar (Brigada Militar), sendo considerados somente os elaborados pela Polícia Civil, uma que vez a Polícia Militar é um segmento da segurança pública que constitui outro contexto de situação e sistema de atividades que não fazem parte do foco desta pesquisa. Dessa forma, de um total de 609 BOs de calúnia, difamação e injúria registrados em sete dias nas datas referidas na Tabela 1 (abaixo), não foram considerados para a seleção 350 BOs (57,47%) que apresentavam equívoco na classificação legal do fato reportado ao policial atendente responsável pelo registro do BO e 116 BOs (19,04%) registrados pela Polícia Militar.

às informações de todas as bases de dados mantidas pelos órgãos subordinados à SSP (Brigada Militar, Polícia Civil, Superintendência dos Serviços Penitenciários e Instituto Geral de Perícias). O CSI disponibiliza, de forma padronizada, aos órgãos públicos, instituições e organizações da sociedade civil responsáveis pela segurança dos cidadãos, as informações de segurança pública do RS, armazenadas nas diferentes bases de dados do Estado” Disponível em: <http://consultasintegadas.com/PRSoeLogon.jsp.php>. Acessado em 16-07-2016. Dentre as informações contidas no SCL estão os BOs registrados pela Polícia Civil em todo o Estado.

Cumpridos os critérios de exclusão, selecionamos, para análise, 60 BOs (20 de calúnia, 20 de difamação e 20 de injúria), escolhidos com base em uma semana artificial composta de sete dias distribuídos nas quatro semanas que perfazem o mês de setembro de 2011. A semana foi chamada de artificial porque não é composta de sete datas corridas em sequência dentro de uma mesma semana, mas sim sete dias distribuídos em quatro semanas ao longo de um mês, de modo a abranger os BOs registrados na maior parte desse período de 30 dias. Nesse sentido, esse critério possibilitou a escolha de uma amostra prevalentemente randômica (MEDEIROS; SILVA, 2013), ou seja, aleatória, de modo a evitar que houvesse uma escolha com viés predominantemente subjetivo que influencie indevidamente os resultados das análises. Dessa forma, a seleção do *corpus* foi feita, para cada um dos três crimes, a partir dos seguintes dias da semana e datas: segunda-feira (dia 05-09-2011): 03 BOs; terça-feira (06-09-2011): 03 BOs; quarta-feira (14-09-2011): 03 BOs; quinta-feira (15-09-2011): 03 BOs; sexta-feira (23-09-2011): 03 BOs; sábado (24-09-2011): 03 BOs e domingo (25-09-2011): 02 BOs, conforme resumido na Tabela 1.

Tabela 1 - Dados de seleção do *corpus*

SEMANAS	DIAS DA SEMANA	CALÚNIA	DIFAMAÇÃO	INJÚRIA	TOTAL
PRIMEIRA SEMANA	Segunda-feira (05-09-2011)	3	3	3	9
	Terça-feira (06-09-2011)	3	3	3	9
SEGUNDA SEMANA	Quarta-feira (14-09-2011)	3	3	3	9
	Quinta-feira (15-09-2011)	3	3	3	9
TERCEIRA SEMANA	Sexta-feira (23-09-2011)	3	3	3	9
	Sábado (24-09-2011)	3	3	3	9
QUARTA SEMANA	Domingo (25-09-2011)	2	2	2	6
TOTAL	7 DIAS	20	20	20	60

Fonte: autor.

Na composição do *corpus*, foram escolhidos os três primeiros BOs registrados em cada data selecionada, exceto no domingo (25-09-2011), data em que a seleção recaiu sobre os dois primeiros BOs, de modo a perfazer o total de 20 BOs para cada um dos três crimes nos sete dias selecionados. Esse critério de seleção pode propiciar uma análise com base em uma ampla gama de realizações linguísticas, visto que, num rápido exame preliminar no universo de BOs disponíveis, constatamos a média aproximada de 35 orações por BO, o que possibilita a análise de um número aproximado de 2.100 orações em 60 BOs. Salientamos que, para a escolha de 60 exemplares, levamos em consideração o tempo disponível para a realização da pesquisa e a extensão e complexidade das análises de modo que a empreitada pudesse ser exequível dentro do prazo previsto.

Os BOs selecionados foram numerados com numeração cardinal sequencial temporal em ordem crescente, na seguinte forma: após as iniciais BOC (boletim de ocorrência de calúnia), BOD (boletim de ocorrência de difamação) e BOI (boletim de ocorrência de injúria, houve o acréscimo do sinal de numeração (#) e o número sequencial de 1 a 20 para cada grupo de tipos de crime. Dessa forma, a título de exemplificação, a abreviatura *BOC #1* equivale a *boletim de ocorrência de calúnia n.º 1*. A fim de atender exigência legal de preservação da privacidade, os nomes das pessoas envolvidas foram substituídos por *Fulano(a)* para referir-se à vítima, *Beltrano(a)* para referir-se ao autor(a)/suspeito(a), *Sicrano(a)* para testemunhas, e *Tetrano(a)* para outros participantes, seguidos de um número sequencial quando houver mais de um envolvido do mesmo tipo (Ex.: *Beltrano 1*, *Beltrano 2*), conforme sistemática já adotada para a dissertação de mestrado (RIBEIRO, 2014). Os nomes dos policiais constantes nos BOs do *corpus* foram substituídos por *Tetrano(a)*. Para a manutenção da privacidade, os números de endereço, RG e telefone foram trocados para o algarismo zero. Os erros ou atos falhos presentes nos BOs foram, no geral, mantidos, ressalvando-se que o programa processador de textos utilizado pela Polícia Judiciária gaúcha não permite a utilização de sinais diacríticos na digitação, motivo pelo qual os textos do *corpus* não apresentam acentuação gráfica, cedilha, trema til, aspas, dentre outros.

Para a análise do *corpus*, seguimos as etapas e os passos adiante descritos nos procedimentos de pesquisa.

3.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Preliminarmente, é importante salientar que, num primeiro momento, utilizamos como ponto de partida de análise (Apêndice A) as categorias de etapas e fases adotadas por Rose e Martin (2012) para o gênero relato, integrante da família das estórias, cujo propósito principal é relatar eventos e constitui-se das etapas Orientação e Registro de Eventos com suas respectivas fases (cenário, descrição, eventos, efeito, reação, problema, solução, comentário, reflexão).

Num segundo momento, porém, a partir de orientação individual que tivemos com o Professor James Martin durante estudos de doutorado sanduíche desenvolvidos na Universidade de Sydney⁷⁶, optamos por considerar o BO um novo gênero com etapas e fases peculiares, integrante da família das estórias, descartando igualmente a possibilidade de o BO configurar um macrogênero. Dessa forma, continuamos no Brasil a análise e revelação de fases e etapas do novo gênero (Apêndice C) iniciadas na Universidade de Sydney. Para tanto, a fim de identificar as etapas e fases, procuramos encontrar no léxico as pistas linguísticas comprobatórias dos propósitos de cada fase e etapa reveladas, os quais contribuem para o propósito global do gênero. Feitas essas observações preliminares, abordaremos a sequência de procedimentos da pesquisa.

Em primeiro lugar, após seleção aleatória, realizamos o exame do *corpus* de análise para a descrição da configuração contextual dos BOs de calúnia, difamação e injúria a fim de verificar como o contexto influencia as escolhas léxico-gramaticais detectadas na análise do *corpus*. Essa configuração leva em conta as variáveis campo, relações e modo e suas respectivas subcategorias, sendo cada uma delas comentada e evidenciada com a apresentação de exemplos extraídos dos BOs que fazem parte do *corpus*.

Em segundo lugar, examinamos a estrutura composicional dos 60 BOs do corpus, dividindo as análises em três grupos: 20 BOs de calúnia, 20 de difamação e 20 de injúria. Para tanto, para cada um dos três grupos, elaboramos quadros de análises de etapas e fases (Apêndices C, D e E), identificando as etapas e fases com base em elementos léxico-gramaticais, inclusive participantes, processos e circunstâncias, no nível da oração, que pudessem identificar o propósito principal de cada fase e cada etapa em consonância com o propósito geral do gênero. As etapas

⁷⁶ Os estudos na Universidade de Sydney foram realizados com bolsa do PDSE-CAPES de abril a julho de 2017.

identificadas foram numeradas sequencialmente, ao passo que as fases são precedidas por letras em ordem alfabética. As fases eventualmente não encontradas nos BOs analisados foram sinalizadas com um hífen na tabela. Após identificar as etapas e fases (Apêndices C, F e I), fizemos um levantamento quantitativo da recorrência das fases no *corpus* e contabilizamos as ocorrências em uma tabela com resumo das etapas e o quantitativo geral de fases para cada um dos três crimes (Apêndices D, G e J). Contabilizamos também o número de ocorrências de fases para cada BO e elaboramos tabelas (Apêndices E, H e K) com quantitativo detalhado de fases para os três crimes. Posteriormente, elaboramos uma tabela final (Tabela 2) com os dados gerais relativos aos três crimes.

Em terceiro lugar, procedemos à análise das relações lógico-semânticas entre cada etapa com base nas categorias lógico-semânticas de Halliday e Matthiessen (2014) combinadas com as categorias propostas por Martin e Rose (2007) no sistema de conjunção, correspondente à função lógica da metafunção ideacional da linguagem. Para tal, elaboramos tabelas nas quais fizemos as análises das relações lógico-semânticas entre as etapas que constituem formulário e delas com as etapas que constituem o histórico do BO. Essa análise foi dividida em dois blocos: a primeira para revelar as relações entre as etapas que constituem o histórico e as etapas que o precedem; a segunda entre as etapas que constituem o histórico e as etapas subsequentes. Para essas análises, utilizamos as categorias do complexo oracional.

Em seguida, utilizamos as categorias do sistema de conjunção para as análises das conexões lógico-semânticas entre todas as fases do BO. Essas também foram feitas em quadros (Apêndices L, M e N), sendo quantificadas todas as ocorrências de relações conjuntivas para cada BO. Ao final, foram elaborados quadros quantitativos de relações conjuntivas para cada grupo de 20 BOs de calúnia, difamação e injúria. Esses 3 quadros foram, por fim, somados e elaborado um quadro geral de relações conjuntivas entre as fases reveladas.

Por fim, com base nos procedimentos anteriores, procuramos revelar a natureza do gênero dos textos analisados por intermédio do exame das etapas e fases recorrentes detectadas nas análises e das relações lógico-semânticas predominantes nos textos analisados. Isso permite-nos embasar a discussão dos resultados da pesquisa com esteio nas categorizações levantadas nas análises. As análises das relações lógico-semânticas entre etapas e fases permitem caracterizar

o texto analisado e identificar os seus pr3p3sitos e fun333o principal em conjug333o com a sua configura333o textual, de forma a revelar a sua natureza gen333rica. Por isso, buscamos saber se o BO pode ser considerado um g333nero na perspectiva sist333mico-funcional, ou um texto que pode instanciar um ou mais g333neros elementares, nos termos da abordagem de g333neros da Escola de Sydney.

Estabelecidos os par333metros de escolha do *corpus* e dos procedimentos de an333lise que constituem a metodologia de pesquisa, passamos 333 an333lise e discuss333o dos resultados a partir dos textos que constituem o *corpus*.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nas análises que passamos a realizar, levamos em consideração a hipótese inicial de que um gênero instanciado no boletim de ocorrência é o relato, o qual, na categorização da abordagem de gêneros da Escola de Sydney, está inserido na família de gêneros das estórias, que abrange, além do relato, a narrativa, a observação, o exemplum, episódio (ROSE; MARTIN, 2012) e a notícia jornalística (MARTIN; ROSE, 2008). Esses gêneros da família das estórias têm a função social de compartilhar um registro de eventos, uma reação emocional, um julgamento moral, uma resposta pessoal ou a resolução de um problema. Dessa forma, na perspectiva semântico-discursiva, em termos de avaliatividade, o relato pessoal apresenta tipicamente uma prosódia contínua de avaliação, ou seja, os elementos avaliativos permeiam o texto, ao passo que o episódio, ao procurar compartilhar uma reação emocional, culmina com um elemento atitudinal de afeto, enquanto o *exemplum* tipicamente culmina com uma avaliação atitudinal de julgamento de caráter ou comportamento.

O BO, por sua vez, tem como função comunicativa informar ao Estado (Polícia) a ocorrência de um crime (violação da lei penal) e, caso identificado, o seu autor ou suspeito (RIBEIRO, 2014) a fim de que sejam tomadas as providências legais atinentes ao caso relatado. Tendo isso em conta, ao examinarmos o conteúdo linguístico de um BO, sobretudo o seu histórico, podemos excluir a possibilidade de seu texto ser classificado, v. g., como *exemplum*, cujo objetivo é julgar o caráter ou comportamento numa estória, ou como episódio, que objetiva compartilhar uma reação emocional numa estória.

Restaria ao analista, portanto, a opção de enquadrar o BO como relato, cujo propósito é relatar eventos, sendo composto por duas etapas compulsórias, a orientação e o registro (rol) de eventos. Ocorre que a classificação do BO como relato poderia, à primeira vista, limitá-lo ao propósito de relatar eventos, contendo tão-somente, como vimos, as duas etapas da orientação e do registro de eventos. Sabemos, porém, que o BO geralmente não se limita a essas duas etapas e, não raro, pode apresentar a orientação e a complicação, tudo isso dependendo das evidências linguísticas apuradas.

Essas questões surgiram nos momentos iniciais de análise do BO e, embora tenhamos respostas a essas indagações, em vez de partirmos direto para a

exposição do seu deslinde, resolvemos explicitá-las como forma de exteriorizar parte do percurso de análise.

Na tentativa de solucionar o impasse inicial de verificar qual(is) gênero(s) está (ão) instanciado(s) nos BOs, buscamos o propósito principal dos gêneros, a fim de verificar a natureza desse texto, examinando o seu conteúdo e as suas possíveis etapas.

Considerando que o objetivo principal do relato consiste em relatar eventos por meio das etapas de Orientação e Registro de eventos, concluímos preliminarmente que o gênero instanciado no BO seria o Relato. Entretanto, constatamos que o texto do histórico do BO também apresentava passagens como a seguinte:

(1) Relata que na manhã de hoje estava em seu local de trabalho [...] quando lá chegou Beltrana [...] a qual chamou a comunicante de vagabunda, cadela, puta, vadia e ordinária, gerando grande constrangimento [sic] a comunicante pois havia pessoas naquela via pública. (BOI #1421/2011)

No fragmento (1), percebemos claramente que o trecho sublinhado configura uma ruptura no desdobramento dos eventos característica da etapa obrigatória da complicação da narrativa. Isso, em princípio, autorizaria a concluir que o texto do BO poderia instanciar outros gêneros da família das estórias.

Em razão disso, diante desse conflito aparente de classificação, procuramos refletir sobre os critérios classificatórios e chegamos à conclusão de que uma das soluções seria verificar a interpretação inicial que estávamos dando para os propósitos dos gêneros e reconsiderar a relação deles com os participantes sociais do BO.

Em consequência disso, consideramos que, na produção imediata do BO de crimes de linguagem contra a honra, há tipicamente dois atores sociais principais: o comunicante ofendido, que comunica o fato ofensivo, e o policial atendente, que formula o texto com base no que lhe foi contado pelo ofendido. Nessas circunstâncias, quando falamos em propósito do gênero, devemos levar em consideração sob que ângulo ou perspectiva estamos falando, se no ângulo/perspectiva do policial atendente ou do comunicante ofendido.

Visto o problema dessa forma, podemos chegar à conclusão de que o gênero instanciado no BO configuraria o Relato, pois o seu propósito principal, na perspectiva do policial atendente, é simplesmente relatar os eventos em todas as

suas circunstâncias a fim de que haja elementos suficientes para a tomada de decisões ulteriores com base no texto por ele redigido, não havendo, dessa forma, o objetivo, por exemplo, de resolver uma Complicação, que seria o propósito da narrativa. Aliás, isso explicaria a razão de, embora seja um Relato, encontrarmos no BO trechos com características da etapa de Complicação, conforme o exemplo antes referido, pois o fato comunicado pelo ofendido, sob seu ângulo ou perspectiva, pode ser considerado uma narrativa pessoal, um exemplum ou episódio, pois seria possível encontrar nas ofensas registradas nos BOs de crimes de linguagem o compartilhamento de julgamentos e emoções, conforme forem as evidências linguísticas encontradas na voz do ofendido e a interpretação do analista. Porém, para uma análise que inclua a perspectiva do ofendido, seria necessária a gravação da sua fala no momento em que reporta os fatos ao policial atendente na delegacia de polícia, o que foge ao escopo desta pesquisa.

Dito isso, podemos afirmar, em outras palavras, que, “na perspectiva do policial que redige o texto, as estruturas linguísticas que ele mobiliza para cumprir a atividade que lhe cabe dentro da instituição podem evidenciar o uso do gênero relato” (FUZER, 2015)⁷⁷. Tal hipótese foi levantada antes de iniciarmos nossos estudos por meio do Programa de Doutorado-Sanduíche da CAPES na Universidade de Sydney na Austrália, desenvolvido de abril a julho de 2017.

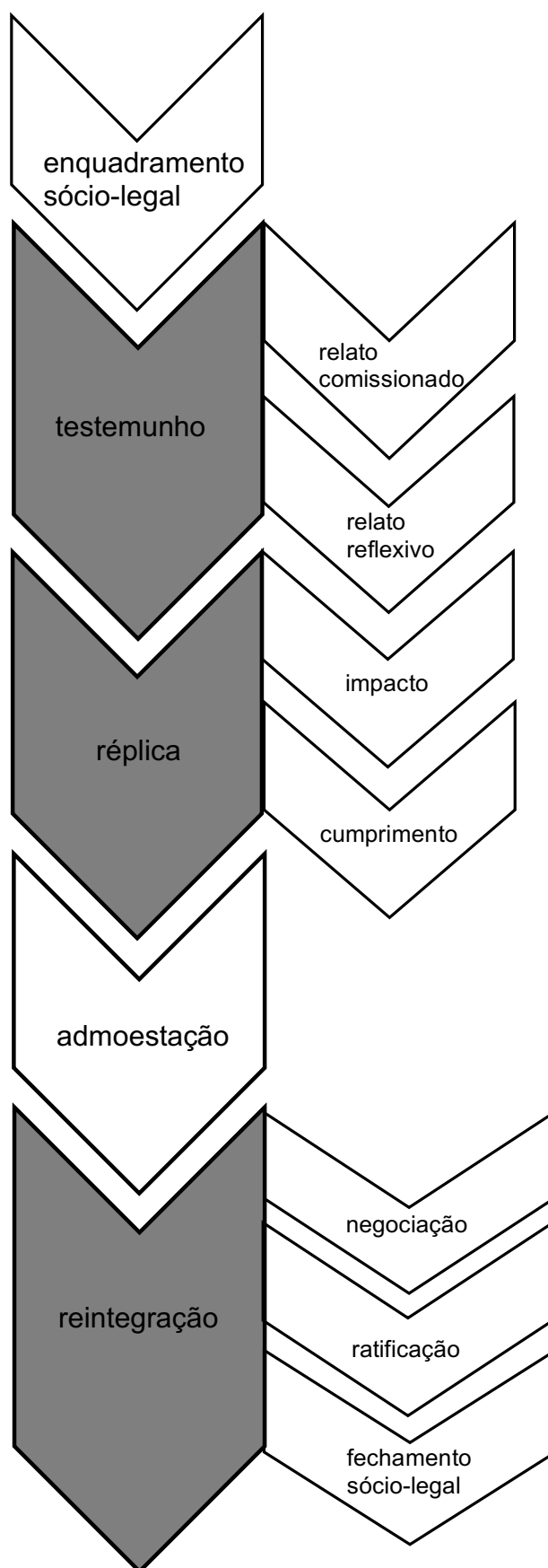
Na Universidade de Sydney, sob orientação de James Martin, após vertermos para o Inglês seis boletins de ocorrência do *corpus* (dois de calúnia, dois de difamação e dois de de injúria) a fim de facilitar a análise, fizemos um reexame piloto de suas etapas e fases, sendo posteriormente verificada a possibilidade de sua recorrência nos 60 boletins de ocorrência que compõem o *corpus*. Ao final da análise, constatamos que o boletim de ocorrência de crimes de linguagem contra a honra configura um gênero próximo ao relato, que pode ser contrastado com o *relato comissionado*⁷⁸, o qual foi revelado em trabalho sobre justiça restaurativa referente ao macrogênero “*encontro de justiça juvenil*”⁷⁹ destinado a reintegrar jovens infratores na comunidade. A estrutura desse macrogênero é apresentada na Figura 10.

⁷⁷ Comunicação pessoal.

⁷⁸ *Commissioned recount*

⁷⁹ *Youth Justice Conferencing*

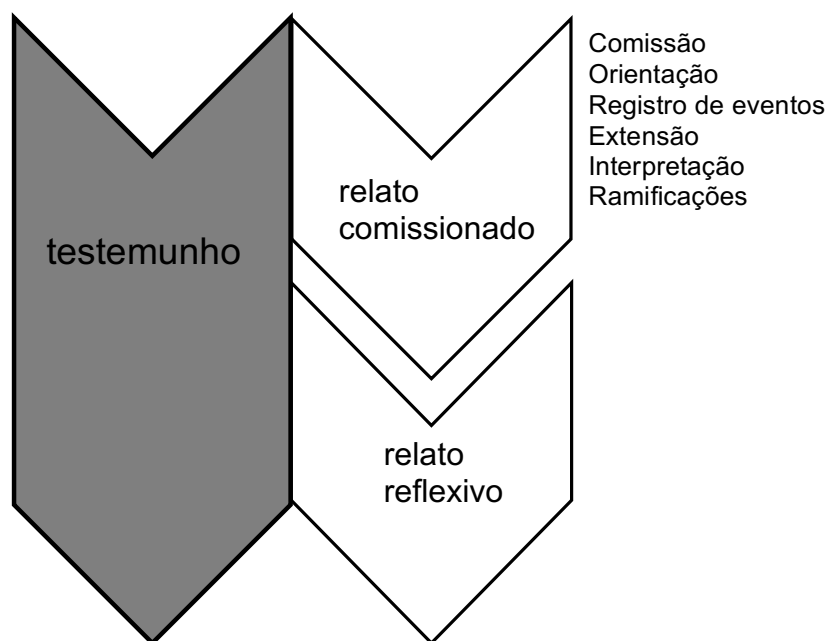
Figura 10 – Estrutura canônica do macrogênero Encontro de Justiça Juvenil



Fonte: (ZAPPAVIGNA; MARTIN, 2018, p. 72, tradução nossa).

Como vimos na Figura 10, o macrogênero Encontro de Justiça Juvenil apresenta como um de seus passos o macrogênero testemunho. Esse, por sua vez, compõe-se dos gêneros relato reflexivo e relato comissionado, conforme Figura 11.

Figura 11 – Gênero relato comissionado, um passo dentro do macrogênero testemunho, e este um passo no macrogênero Encontro de Justiça Juvenil



Fonte: (ZAPPAVIGNA; MARTIN, 2018, p. 74, tradução nossa).

Como vemos nas Figuras 10 e 11, logo após o final do enquadramento sócio-legal, começa o relato comissionado. Este inicia quando o mediador convoca o jovem infrator para que ele apresente uma explanação das circunstâncias que levaram ao seu comportamento e suas consequências. A partir daí, o jovem geralmente faz um relato relativamente sucinto dos eventos da infração, que frequentemente precisa ser estendido, para uma descrição mais completa, por meio de interrogatório feito pelo Mediador. Além disso, o jovem infrator geralmente oferece pouca avaliação desses eventos, exceto quando provocado a fazê-lo pelo Mediador. Conforme Zappavigna e Martin (2018), o gênero relato comissionado foi assim designado em razão das características que compartilha com os relatos encontrados na conversa casual ou no discurso de sala de aula, e também porque diz respeito a um relato que é feito a pedido, ou seja, comissionado (encomendado) pelo Mediador. Tipicamente, o relato tem de ser “extraído”, pelo Mediador, de um adolescente não muito receptivo.

A estrutura esquemática do gênero relato comissionado compõe-se das seguintes etapas: Comissão ^ Orientação ^ Registro de eventos ^ Extensão ^ Interpretação ^ Ramificações, conforme exemplificadas nos extratos parciais dos diálogos de um Encontro de Justiça Juvenil, apresentados no Quadro 36, referente ao caso de um jovem infrator envolvido em um caso no qual é acusado de furto de uma carteira.

Quadro 36 – Etapas do Relato comissionado: Comissão, Orientação e Registro de eventos

Comissão
Mediador ⁸⁰ : <i>OK, Nathan, vamos começar por você nos dizendo exatamente o que aconteceu no dia, contando para os presentes. Você pode voltar ao que você estava fazendo no dia, o que você estava pensando e quando você planejou furto a carteira.</i>
Orientação
YP ⁸¹ : <i>Eu e meu amigo Martin andamos da estação de trem em Weathersbury até o Coles ...</i>
Registro de eventos
YP : <i>... E eu sentei esperando uma loja abrir. E eu estava sentado na cadeira do lado de fora do Coles quando a, quando a senhora veio e eu disse "olá" e eu estava conversando com ela e perguntei a ela como, o que ela conseguia enxergar. E ela me deu um par de óculos e eu os coloquei e consegui enxergar o que ela enxergava. Então ela foi, se levantou e saiu, e sua carteira estava ali e eu a peguei e então esperei ali por mais algum tempo, fui e peguei o meu amigo Martin e saímos pelas outras portas de saída. Depois nós fomos para a parte de trás do Hardacre e demos uma olhada no que tinha na carteira e a colocamos em um tubo.</i>

Fonte: (ZAPPAVIGNA; MARTIN, 2018, p. 74, tradução nossa).

Nos trechos do Quadro 36, salientamos que o relato comissionado possui uma etapa prévia às etapas de orientação e registro de eventos, denominada de Comissão, a qual indica que o encontro propriamente dito terá prosseguimento com a tomada de turno de fala pelo jovem infrator, servindo como ponto de partida do relato, nos parâmetros propostos (comissionados) pelo Mediador em sua fala.

No trecho seguinte, no Quadro 37, tendo em vista que geralmente o Registro de Eventos é caracterizado pela brevidade, na etapa de Extensão o Mediador

⁸⁰ Tradução para *Convenor*

⁸¹ YP (young person): expressão utilizada pelos autores para referir-se ao jovem infrator.

procura construir, juntamente com o jovem infrator, uma visão mais completa de suas ações por ocasião da prática da infração.

Quadro 37 – Etapas do Relato comissionado: Extensão

Extensão
<p>Mediador: <i>Continue contando até o momento em que você foi avisado e como foi –</i></p>
<p>YP: <i>Daí voltamos para a casa do meu amigo Tony. Então eu voltei, depois disso, eu voltei para a casa da minha avó, não, eu voltei para casa da Barbara. Daí Don e minha avó vêm e me buscam. Então foi quando eles disseram que tínhamos que entrar e falar sobre as coisas que... Policial Kennedy.</i></p>
<p>Mediador: <i>Isso foi na mesma data?</i></p>
<p>YP: <i>Sim.</i></p>
<p>Mediador: <i>E o que aconteceu então?</i></p>
<p>YP: <i>Então –</i></p>
<p>Mediador: <i>E então o que aconteceu?</i></p>
<p>YP: <i>Sim, então no dia seguinte nós fomos ver – o Policial Kennedy me pegou na casa da minha vó e nos levou para a delegacia.</i></p>
<p>Mediador: <i>E depois você prestou depoimento então ou?</i></p>
<p>YP: <i>Sim.</i></p>
<p>Mediador: <i>E (...)</i></p>
<p>YP: <i>E eu admiti tudo.</i></p>
<p>Mediador: <i>Certo.</i></p>

Fonte: (ZAPPAVIGNA; MARTIN, 2018, p. 77, tradução nossa).

A seguir, na etapa de Interpretação, no Quadro 38, o Mediador estimula o jovem infrator a compartilhar alguns pensamentos e sentimentos acerca do seu comportamento durante e depois da prática da infração.

Quadro 38 – Etapas do Relato comissionado: Interpretação

Interpretação

Mediador: *Então ... você tem pensado sobre isso desde então e -?*

YP: *Sim ==*

Mediador: *E o que você faria diferente agora? E conte-nos sobre como você tem - como você tem pensado nisso e qual é -*

Mediador: *== (...)*

YP: *Bem, eu não faria isso e se ela deixasse a carteira lá eu teria levantado e devolvido para ela.*

Mediador: *E o que - o que mudou - agora quando você pensou nisso, o que mudou em relação ao que aconteceu na época? O que te motivou a furtar a carteira e -? == (...)*

YP: *== Não sei. É que - estava ali e ... e eu pensei que era um dinheiro fácil, então ...*

Mediador: *E como você conseguiu devolver o dinheiro para ... para Donna?*

YP: *Oh, eu o devolvi.*

Mediador: *Você gastou parte do dinheiro ou -?*

YP: *Eu gastei quarenta dólares do total ... tenho certeza ... e depois eu devolvi o dinheiro para o policial Kennedy (o qual ele), tenho certeza, devolveu para ... a senhora.*

Mediador: *OK e havia um pouco de saldo pendente, correto?*

YP: *Sim.*

Mediador: *== Sua mãe - sua mãe lhe emprestou esse dinheiro.*

YP: *== quarenta dólares*

Mediador: *== por um curto prazo*

YP: *== mm. Sim.*

Mediador: *Tudo bem. Então você falou com o Don e sua mãe e tudo sobre isso e -? ==*

YP: *== Sim. Vó.*

Mediador: *Hum, como você – como você se sente quando fala com eles?*

YP: *Isso faz você se sentir muito mal, assim como é mal o que foi feito... mas (...) o quanto isso aborreceu a – ...*

Fonte: (ZAPPAVIGNA; MARTIN, 2018, p. 77-78, tradução nossa).

Na última etapa do relato comissionado, denominada de Ramificações, o Mediador convida o jovem infrator a refletir sobre as pessoas que foram afetadas pelas suas ações, ou seja, quem foi afetado e como foi afetado, como no seguinte diálogo.

Quadro 39 – Etapas do Relato comissionado: Ramificações

Ramificações

Mediador: *E quem mais você acha que foi afetado por isso?*

YP: *Angela.*

Mediador: *Sim.*

YP: *A senhora (...)*

Mediador: *Sim.*

YP: *E igualmente as outras pessoas ao redor.*

Mediador: *Como você acha que isso afeta Donna? Você se importa se eu chamar você de Donna? Tudo bem?*

Vítima: *== Tudo bem*

Mediador: *== Tudo bem? Como você acha que a Donna foi afetada por isso?*

YP: *Muito mal.*

Mediador: *Você tem – Você tem alguma ideia de como ela foi afetada?*

YP: *Tipo ela não conseguiria mais sair com tanta confiança e agora ela vai ter medo de caminhar lá fora e –*

Mediador: *Então, como você – como você sabe disso agora e não pensou sobre isso na ocasião?*

YP: *Eu não sei.*

Mediador: *Você acabou de pensar nisso? Ou? Então você não pensou sobre*

como isso ia - como isso ia afetar Donna quando você pegou a carteira?

YP: Não.

Mediador: *Você foi afetado por qualquer coisa na ocasião que possa ter afetado o seu julgamento ou a sua tomada de decisão? Tem bebido álcool ou ingerido alguma droga?*

YP: Não.

Mediador: *Seu amigo sabia que você iria pegar a carteira?*

YP: Não.

Mediador: *Foi sua ideia? Completamente sua?*

YP: Sim.

Mediador: *Então foi somente o fato de que ele (...) furtou (...) foi por ele saber que Nathan furtou a carteira que ele foi advertido e recebeu uma advertência formal por isso. É isso mesmo, Melanie?*

YLO⁸²: Sim.

Mediador: *Tudo bem. Então, temos falta de confiança e, obviamente, financeira que teria sido - você sabe - quinhentos dólares é muito dinheiro para alguém. Eu sei que ela o conseguiu de volta, mas isso é bastante – é muito dinheiro para qualquer um, então ... tenho certeza de que há muito mais para o mal que foi causado às pessoas aqui e eu acho que é importante que nós exploremos isso. Eu gostaria de que, Donna, se você pudesse nos levar de volta (...) os seus movimentos naquele dia e (...) carteira e como você se sentiu e esse tipo de coisa. Você (...)*

Fonte: (ZAPPAVIGNA; MARTIN, 2018, p. 82-83, tradução nossa).

Com essa visão geral do gênero relato comissionado, salientamos que o contexto da justiça restaurativa é uma alternativa à justiça retributiva, na qual o jovem infrator comparece ao foro e recebe uma punição de um magistrado, podendo envolver detenção juvenil (MARTIN, 2009).

Segundo Zappavigna e Martin (2018), os relatos comissionados assemelham-se ao episódio e ao *exemplum*, pois se desenvolvem até a avaliação final (culminante) seguinte à sequência de eventos, contrastando com a prosódia de comentários contínuos no relato pessoal e em algumas narrativas. A etapa de interpretação do relato comissionado, quando orientada ao afeto, o faz parecer-se com o episódio, e, quando orientada mais ao julgamento, o faz assemelhar-se ao

⁸² Sigla para Young Liason Officer: Policial de ligação com o jovem.

exemplum. Entretanto, diferentemente do episódio e do exemplum, nos relatos comissionados a avaliação é “dirigida” pela “audiência” (o Mediador ou outros participantes) e não pelo narrador.

Um trecho de um relato pessoal, gênero elementar do qual podem partir as categorias básicas de análise dos demais tipos de relatos, vemos no texto (com o léxico avaliativo em negrito) no Quadro 40, o qual diz respeito à estória de Greg, que foi removido da ilha de Cape Barren na Tasmânia quando tinha 12 anos de idade. Segundo Rose e Martin (2008), os habitantes da ilha são descendentes de mulheres indígenas tasmânicas que sobreviveram ao genocídio britânico de seu povo em meados do século IX e eram casadas com caçadores de focas europeus.

Quadro 40 – Relato pessoal e suas etapas

A estória de Greg

Orientação

*Eu nasci em Cape Barren. Na época em que fui levado, a família era composta pela minha mãe, minha irmã e meus dois irmãos. E é claro que havia minha avó e todos os outros parentes. Nós éramos apenas uma **comunidade isolada bastante pequena** e todos nós crescemos lá no que eu considerava ser uma **comunidade adorável muito pacífica**. Lembro-me de passar a maior parte do meu crescimento na ilha, vivendo na casa da minha avó e meu avô. As outras crianças estavam morando com a mãe em outros locais. Até a hora em que fui levado, não saíra da ilha, a não ser em nossas viagens anuais de Cape Barren a Lady Baron, durante a temporada de pássaros-carneiros.*

Registro de eventos

As circunstâncias de minha tomada, conforme me lembro, foram que eu fui para a escola de manhã e estava sentado na sala de aula e havia apenas uma sala onde todas as crianças estavam reunidas e houve uma batida na porta, a que o professor respondeu. Depois de uma conversa que teve com alguém na porta, ele veio me buscar. Ele me pegou pela mão e me levou para a porta. Eu fui fisicamente agarrado por um homem na porta, levado até uma motocicleta e segurado pelo policial e conduzido para a pista de pouso e levado da ilha.

Reorientação

Fui tirado de Cape Barren em outubro de 1959 aos 12 anos. Eu não sabia que ia ser levado. Eu nem sequer conseguia ver a minha avó e tinha apenas as roupas que tinha nas costas, tais como elas eram. Eu nunca mais vi a mamãe.

Vimos no Quadro 40 um relato pessoal contendo a sequência de etapas Orientação ^ Registro de eventos ^ Reorientação. O léxico avaliativo, destacado em negrito, está distribuído na etapa da Orientação. O texto do boletim de ocorrência de crimes de linguagem contra a honra, embora guarde alguns pontos de aproximação com o relato pessoal e com o relato comissionado, consiste, porém, em um tipo específico de relato ao qual atribuímos o nome de relato de ofensa⁸³, uma vez que, além de instanciar um relato, tem tipicamente como objeto o registro de eventos linguísticos que caracterizam uma ofensa, a qual, por sua vez, na esfera jurídica, pode configurar um dos três crimes de linguagem contra a honra, ou seja, a calúnia, a difamação ou a injúria. Salientamos que, em razão de estarmos realizando estudos na Universidade de Sydney na época em que buscávamos investigar a natureza do texto instanciado nos BOs, na ocasião traduzidos para o inglês, primeiramente atribuímos o nome de *derogation recount* ao gênero que estava por ser revelado, o qual foi cancelado pelo Prof. James Martin durante um de nossos encontros de orientação individual. Posteriormente, voltando para a Universidade de Santa Maria, adotamos o nome, em língua portuguesa, de *relato de ofensa*.

Numa perspectiva semântico-discursiva, comparado aos demais gêneros da família das histórias, porém, o texto do relato de ofensa caracteriza-se por não apresentar a avaliação culminativa geralmente encontrada no episódio e no *exemplum*, mas por conter uma prosódia avaliativa atitudinal que constitui o cerne da sequência de eventos redigida pelo policial atendente na qual se insere o comportamento linguístico ofensivo.

Além disso, de um lado, o relato de ofensa aproxima-se do relato pessoal porque ambos apresentam tipicamente uma prosódia avaliativa atitudinal. De outro lado, ambos se distanciam na medida em que o relato de ofensa pode apresentar uma ruptura na sequência de eventos, embora essa ruptura seja relativa aos atores sociais envolvidos no evento reportado e não ao relato produzido pelo agente policial, o qual segue, sem ruptura, a sequência esperada dentro de uma expectativa. Isso ocorre de forma diferente na etapa da complicação da narrativa, pois nela pode haver o envolvimento do próprio narrador do texto na quebra inesperada da sequência de eventos, caracterizando uma contraexpectativa. Ademais, tanto o relato pessoal quanto a narrativa dizem respeito à experiência

⁸³ *Derogation recount*

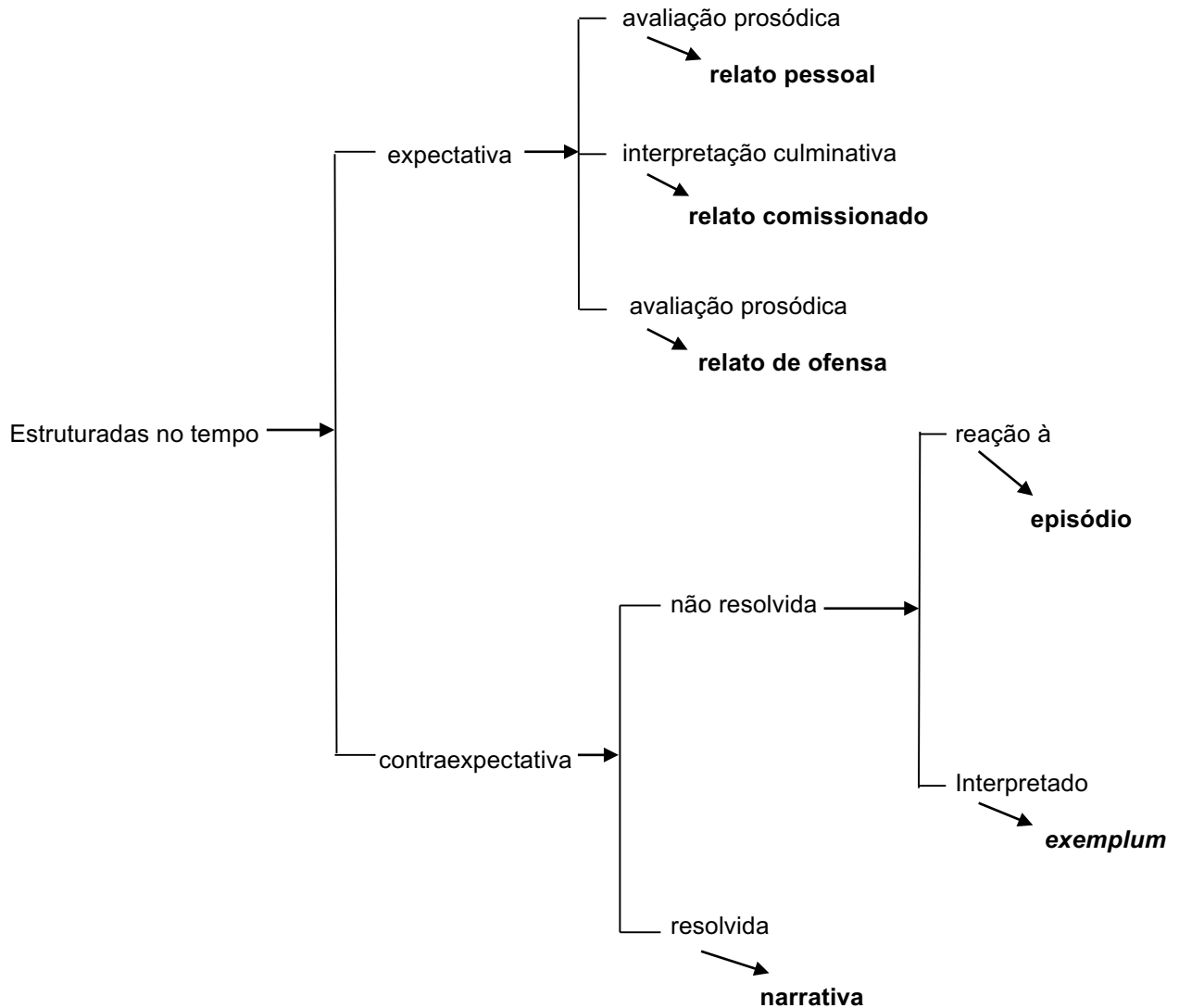
peçoal própria do falante ou escritor do texto, ao passo que no relato de ofensa o policial redator do texto retrata a experiência de terceiros, ou seja, a experiência da pessoa ofendida, conforme a versão por ela apresentada.

Em suma, no relato e na narrativa o objeto de análise são representações da experiência pessoal materializadas textualmente pelo próprio ator social que a vivenciou, enquanto no relato de ofensa analisamos representações da experiência pessoal de terceiros materializadas textualmente pelo policial civil atendente. Nesse sentido, o relato de ofensa pode resultar, por exemplo, de um relato pessoal oral da vítima da ofensa transformado pelo policial civil atendente em um relato de ofensa escrito, permeado de relações lógico-semânticas de projeção, evidenciando a representação feita pelo policial atendente do dizer do ofendido.

No que diz respeito ao relato comissionado, ambos se aproximam por serem gêneros do campo legal; por outro lado, distinguem-se porque o relato comissionado é instanciado em um texto oral e tipicamente apresenta uma avaliação culminativa, ao passo que o relato de ofensa é instanciado em um texto escrito no qual predomina a prosódia avaliativa.

Dessa forma, numa perspectiva tipológica, o relato de ofensa pode ser classificado como pertencente à família de gêneros da estória estruturados no tempo. Além disso, estaria situado entre o relato pessoal e o relato comissionado, compartilhando a avaliação prosódica do relato pessoal em contraposição à etapa de interpretação avaliativa culminativa do relato comissionado. Essa tipologia está representada na Figura 12.

Figura 12 – O relato de ofensa como um gênero da família das estórias



Fonte: elaborado com base em Zappavigna e Martin (2018, p. 185, tradução nossa).

Numa perspectiva topológica, levamos em consideração dois vetores: o eixo vertical representa um *continuum* que vai desde a avaliação culminativa, numa extremidade, até a avaliação prosódica, na outra extremidade. Por outro lado, o eixo horizontal representa um *continuum* entre a interpretação inscrita, num extremo, até a interpretação prescrita no outro extremo. A interpretação inscrita é aquela codificada pelo falante ou escritor da estória, enquanto a avaliação prescrita é proveniente do ouvinte ou leitor (Mediador ou Oficiais de Ligação no relato comissionado). A localização do relato de ofensa na perspectiva topológica, entre a narrativa e o relato pessoal, está representada na Figura 13.

Figura 13 – Alguns gêneros da família das histórias na perspectiva topológica



Fonte: elaborado com base em Zappavigna e Martin (2018, p. 186, tradução nossa).

Salientamos, por fim, que os relatos de ofensa instanciados nos boletins de ocorrência de crimes de linguagem contra a honra tipicamente contêm avaliações atitudinais negativas explícitas⁸⁵ das quais o ofensor tem como alvo a pessoa ofendida. Essa avaliação é oriunda da dicção do ofensor, entretanto, é representada por intermédio da voz do ofendido (quando este é o comunicante do fato), a qual, por sua vez, é representada no relato de ofensa produzido pelo policial atendente, por intermédio do qual é materializada a interpretação atitudinal proferida pelo ofensor no momento do fato. Essas vozes, como veremos, aparecem tipicamente realizadas por relações de projeção oracional.

Fundamentada e explicada, portanto, a decisão analítica de considerar o Relato como sendo um gênero instanciado no BO, o que buscaremos comprovar pela análise linguística realizada na seção 4.2, passamos aos demais resultados e discussões das análises até aqui empreendidas, apresentando, quanto ao contexto de situação, as variáveis contextuais do BO.

⁸⁴ Segundo Zappavigna e Martin (2018), a narrativa temática diz respeito aos gêneros narrativos literários que simbolizam uma mensagem ou tema subjacente.

⁸⁵ Uma análise mais detalhada de avaliações atitudinais em BOs de crimes de linguagem contra a honra pode ser encontrada em Ribeiro e Fuzer (2014).

4.1 CONFIGURAÇÃO CONTEXTUAL DO BO

O contexto de situação do BO no que diz respeito às variáveis de campo, relações e modo (HASAN, 1989), apresenta características gerais sobre a tridimensionalidade de seu contexto, sobre as quais a seguir discorreremos, que demonstram a configuração contextual dos BOs do *corpus*.

Na variável campo, o BO tipicamente visa a comunicar a polícia sobre a ocorrência de um crime e, se identificado, o seu autor ou suspeito, como podemos observar, com o uso do processo verbal *comunicar*, na seguinte passagem:

(2) *Comparece nesta delegacia de policia **para comunicar** que **foi difamado** pelo Sr. Beltrano, o qual disse que o comunicante usa droga e por isso não deixa que a filha dele de nome Tetrana namore com o comunicante (grifos nossos).*

BOD #2219/2011

Não raro, porém, as pessoas vão à delegacia de polícia para comunicar fatos que não configuram infrações penais, tais como perda de documentos, acidentes de trânsito com danos materiais, desavenças contratuais, etc., para fins de, com uma via do BO, providenciarem indenizações de seguros, segundas vias de documentos, etc. Além disso, o BO pode ser utilizado como comprovante em diversas situações judiciais e extrajudiciais, embora seja elaborado com base na versão unilateral de seu comunicante, podendo ser a primeira versão escrita de um fato comunicado ao Estado. O BO geralmente resulta de um conflito social e constitui, como prática social, uma interação legal entre o comunicante do fato e a polícia, que formaliza o que foi contado (RIBEIRO, 2014). Tais conflitos podem ser evidenciados, v.g., com o uso de léxico avaliativo explícito de julgamento negativo (*vagabunda, prostituta, bagaceira*), como na seguinte passagem:

(3) *Comunica que foi **xingada e caluniada por sua vizinha**, a qual não sabe informar o nome, [...] que **a acusada lhe disse que sua casa está cheia de roubos** e que **lhe chama de vagabunda, prostituta e bagaceira**. [...] que **a acusada possui desavenças com a comunicante** (grifos nossos).*

BOC #3667/2011

Na variável relações, geralmente participam da produção do BO a vítima ou outras pessoas (policiais, pais, comunicantes, etc.) cuja versão consta no histórico do BO, o policial que digita o BO e, caso presentes na DP, testemunhas e

suspeitos/autores de infrações penais, o que pode ser evidenciado pela descrição dos participantes na parte formulaica do BO e no histórico, v.g., pelo processo material *compareceu*, o qual indica, pelos atores desse processo, quem esteve presente na delegacia, conforme o seguinte fragmento:

(4) *Na presente data **compareceu** a esta delegacia a vítima acompanhado das testemunhas, a qual relata que estava no interior do supermercado Maxxi Atacado acompanhando o irmão que fazia compras (grifos nossos).*

BOC #16072/2011

Prevalece entre esses atores a relação de assimetria, pois o policial, em relação aos demais, está em uma posição de representante da autoridade e do poder coercitivo do Estado, razão pela qual decide, entre as informações e eventos que lhe são contados, o que é relevante para constar no BO. Essa assimetria pode também ser demonstrada em casos em que o policial assume o papel de orientar a vítima e dizer-lhe como deve agir, por meio do modal *deve*, como no seguinte fragmento:

(5) *A vítima foi orientada que deve constituir defensor público ou advogado para ingressar com queixa-crime no foro de Tramandaí/RS, pois em seis meses ocorre a decadência de prazo para iniciar o procedimento (grifos nossos).*

BOC #2690/2011

A mesma assimetria pode ser vista na relação dos suspeitos/autores de crimes com as vítimas e testemunhas de infrações penais, pois podem sentir-se coagidas ou intimidadas por aqueles, o que faz com que a distância social entre eles possa ser geralmente considerada como máxima. O temor da vítima perante o ofensor está evidenciado linguisticamente nas orações relacionais *que tem muito medo* e *ele tem um revólver*, no seguinte trecho:

(6) *A vítima comparece nesta delegacia e relata que no dia citado, [...] seu companheiro [...] começou a lhe perturbar [...] Que discutiram e ele passou a lhe ofender chamando-a de ladra, vagabunda. [...] **que tem muito medo que o acusado faça algo** contra ela, **pois ele tem um revólver** (grifos nossos).*

BOI #6124/2011

Dentro da organização policial também há assimetria nas relações entre os integrantes da carreira, pois a Polícia Civil é uma instituição baseada na hierarquia e disciplina, em decorrência do que os policiais estão sujeitos a essas relações de poder hierárquicas. Por outro lado, os integrantes da Polícia Civil, por serem colegas de instituição, podem manter uma relação com maior grau de familiaridade, caso em que a distância social entre policiais fique abaixo do máximo (RIBEIRO, 2014).

A variável modo leva em consideração três fatores: 1) o papel da linguagem (constitutiva ou auxiliar), 2) a participação no processo (ativa ou passiva por um canal gráfico ou fônico) e 3) o meio (oral ou escrito) (HASAN, 1989). No BO, o papel desempenhado pela linguagem é constitutivo, porquanto a comunicação do fato, feita pela linguagem oral, é concretizada pela linguagem escrita. Com relação à participação, entendida essa como a possibilidade de o destinatário atuar no processo de criação do texto (ativa) ou contatar o texto como um produto acabado (passiva), os destinatários do BO (ofendido, policiais, juízes, promotores, potenciais leitores) estão mais próximos da participação passiva. Isso porque o canal⁸⁶ é gráfico em vez de fônico e o texto escrito tende a reservar ao destinatário um papel mais passivo no processo de sua criação, pois é recebido como algo pronto e acabado com ínfimo ou nenhum espaço para intervenção ou diálogo, salvo no momento da digitação do BO, cuja responsabilidade de confecção, porém, é do policial atendente. Cabe esclarecer aqui que tipicamente há o uso de diferentes canais no processo de produção do BO de crimes de linguagem contra a honra. A pessoa ofendida representa os fatos pelo canal fônico, e o policial representa o que lhe foi contado usando o canal gráfico. No que diz respeito ao meio, o texto do BO é escrito. Isso sugere a possibilidade de haver maior distância entre os participantes do que o texto estritamente oral, que é produzido e recebido sincronicamente (RIBEIRO, 2014). Cabe fazer aqui uma distinção no sentido de que há os participantes da interação no momento de produção do BO, tipicamente a pessoa ofendida e o policial atendente, e os participantes da recepção do BO, ou seja, o policial e potenciais leitores a quem o BO for apresentado com alguma finalidade, v.g., um promotor ou juiz, com relação aos quais a distância é maior do que a dos participantes da produção. Atualmente, alguns tipos de fatos criminosos e não criminosos, inclusive os crimes de linguagem contra a honra, podem ser registrados

⁸⁶ Modo pelo qual o destinatário entra em contato com a mensagem do falante (HASAN, 1989, p. 58).

pela internet na página da delegacia online da Polícia Civil gaúcha sem necessidade de deslocar-se até uma delegacia de polícia. Nesses casos, é utilizado somente o canal gráfico, sendo o texto redigido pela própria pessoa interessada. Ressalvamos, porém, que, na época da coleta dos BOs que integram esta pesquisa, não havia essa opção para os crimes contra a honra, de modo que não há no *corpus* BOs registrados pela internet. Os fatos registrados por intermédio da delegacia online são submetidos à análise de policiais civis e, caso deferido o registro, o BO é liberado ao interessado para impressão com autenticação digital.

Apresentada a configuração contextual do BO, passamos agora para a sua descrição esquemática, buscando evidenciar, como já afirmamos, que o gênero instanciado no BO é o Relato de ofensa.

4.2 ESTRUTURA ESQUEMÁTICA DO GÊNERO RELATO DE OFENSA

Tendo como base a concepção de que os gêneros constituem “processos sociais realizados em etapas e orientados para um objetivo” (ROSE; MARTIN, 2012, p. 54), após analisarmos e revisarmos os 60 boletins de ocorrência de calúnia, difamação e injúria que compõem o *corpus* de pesquisa, constatamos que esses textos instanciam o gênero relato de ofensa, que apresenta sete etapas (com suas respectivas fases), sendo elas: 1) Circunstâncias gerais; 2) Fato Ofensivo 3) Implicações legais; 4) Destinação 1; 5) Participantes; 6) Destinação 2 e 7) Policiais plantonistas.

A Tabela 2 apresenta um resumo dessas etapas com o quantitativo de ocorrências de fases nos 60 BOs de calúnia, difamação e injúria integrantes do *corpus*.

Tabela 2 - Etapas e quantitativo de fases dos crimes de linguagem contra a honra do *corpus* (calúnia, difamação e injúria)

ETAPAS	FASES	CALÚNIA	DIFAMAÇÃO	INJÚRIA	TOTAL
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	dados institucionais	20	20	20	60
	dados do registro	20	20	20	60
	circunstâncias do fato	20	20	20	60
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção introdutória	18	19	19	56
	preambulação	8	16	7	31
	circunstâncias especiais	17	15	18	50
	comportamento ofensivo	20	20	20	60
	negativa da vítima	9	7	1	17
	fatos complementares	12	11	15	38
	arrolamento testemunhal	4	2	6	12
	motivação da ofensa	3	3	9	15
ETAPA 3 Implicações legais	manifestação da vítima	18	13	18	49
	Instruções	7	10	6	23
	fechamento	11	10	9	30
ETAPA 4 Destinação 1	órgão destinatário	20	20	20	60
ETAPA 5 Participantes	dados pessoais da vítima	20	20	20	60
	pedido de manifestação e assinatura	20	20	20	60
	dados pessoais do acusado	12	12	10	34
	dados pessoais da testemunha	2	0	0	2
	anexação de documentos	6	7	9	22
ETAPA 6 ⁸⁷ Destinação 2	destinatário da 1.a via	20	20	20	60
ETAPA 7 Policiais plantonistas	identificação e assinatura	20	20	20	60

Fonte: autor.

Na Tabela 2, a recorrência das fases entre os três crimes de linguagem contra honra tem uma distribuição majoritariamente equilibrada. Há poucas diferenças

⁸⁷ Embora conste no *corpus*, que foi coletado no ano de 2011, a Etapa 6 (Destinação 2) não mais aparece em BOs impressos do ano de 2018.

quantitativas e isso evidencia a própria natureza contingencial das fases dos gêneros em geral. Nesse sentido, constatamos que o *arrolamento testemunhal*, com 12 ocorrências, e os *dados pessoais da testemunha*, com 2 ocorrências, são as fases com menor incidência no *corpus*, o que sugere que, no momento do registro do BO, ainda que sejam apontadas testemunhas do fato (60% dos BOs do *corpus*), as informações sobre elas poucas vezes seriam suficientes para identificá-las plenamente e recuperar os seus dados pessoais armazenados no sistema. A baixa ocorrência da fase *negativa da vítima* também é uma característica que distingue a injúria da difamação e calúnia, nas quais essa fase é mais recorrente, indicando que a vítima tende a opor-se à ofensa com mais frequência nesses dois últimos crimes⁸⁸.

Apresentada na Tabela 2 uma visão geral das etapas e fases do Relato de ofensa, a seguir, passamos a discorrer sobre cada uma das sete etapas e respectivas fases com a revelação de seus propósitos principais, exemplificados com trechos do *corpus* extraídos de BOs de calúnia, difamação e injúria. É importante enfatizar que apresentamos uma amostra de somente um crime para cada etapa porque as etapas e fases reveladas são comuns aos três crimes, de modo que a análise de um exemplar de um dos crimes representa os demais. As eventuais diferenças serão comentadas ao longo das análises. Dito isso, passamos à análise da Etapa 1.

4.2.1 Etapa 1: Circunstâncias gerais

O Quadro 41 mostra a Etapa *Circunstâncias Gerais* e suas fases com exemplos de texto retirados de um BO de calúnia⁸⁹ (Apêndice C).

⁸⁸ Vide comentários sobre a mesma fase no último parágrafo da subseção 4.4.3.

⁸⁹ Conforme afirmamos acima, a mesma análise aplica-se aos BOs de difamação e injúria, porquanto os três tipos de BOs apresentam tipicamente as mesmas etapas e fases.

Quadro 41 – Etapa *Circunstâncias Gerais* e suas fases

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #1
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL POLÍCIA CIVIL
	b) dados do registro	Ocorrência Policial n. 5956 / 2011 / 10.04.50 Órgão: 10.04.50 - GUAIBA Ano: 2011 Número: 5956 Data Registro: 05/09/2011 as 19:18 horas Comunicação: Pessoal
	c) circunstâncias do fato	Fato: 2015.05 - CALUNIA CONSUMADO Início: 05/09/2011 as 16:00 horas até 05/09/2011 as 16:30 horas Área: Urbana Local: AV GOETHE, 140/ - R BRANCO - PORTO ALEGRE-RS - BRASIL Estab.comercial - Bares/restaurantes SUCHI DRIVE Fatos Complementares: Forma: Instrumento: Atuação: Vias de Acesso:

Fonte: autor.

No Quadro 41, observamos grupos nominais e numerais que, em três fases, realizam a etapa das *Circunstâncias gerais*. Essa etapa possui elementos linguísticos fixos que previamente constam no BO, alguns dos quais antecipam os dados a serem preenchidos nos campos do formulário ou com lista fechada de opções a serem escolhidas no preenchimento. Nesse sentido, a indicação da unidade da federação e a identificação da instituição nos grupos nominais “*Rio Grande do Sul*” e “*Polícia Civil*”, respectivamente, que constituem a fase dos *dados institucionais*, são elementos fixos que não são digitados pelo policial atendente, pois aparecem previamente no formulário. Há também o número sequencial do BO subsequente a um grupo nominal (“*Ocorrência Policial n. 5956/2011/10.04.50*”), assim como o código da DP e cidade (“*órgão: 10.04.50 – Guaíba*”), o ano, número a data, hora do registro (“*Ano: 2011 Número: 5956 Data Registro: 05/09/2011 as 19:18 horas*”) e o meio pelo qual o fato chegou ao conhecimento do policial atendente (“*Comunicação: Pessoal*”), que configuram a fase dos *dados do registro*. Nessas duas primeiras fases, o propósito é informar as circunstâncias de tempo e local em que o BO foi produzido e impresso.

Na terceira fase, *circunstâncias do fato*, o propósito é indicar se o comportamento a ser relatado pode ser classificado como um dos crimes contra a honra, isto é, Calúnia, Difamação ou Injúria, apresentando o código do fato e a nomenclatura legal (*nomen iuris*) a ele atribuída (“Fato: 2015.05 - Calúnia consumado”). Outro objetivo é apresentar a data, hora e lapso temporal relativos a quando e onde os fatos ocorreram (“Início: 05/09/2011 as 16:00 horas até 05/09/2011 as 16:30 horas Área: Urbana Local: Av Goethe, 140/ - R Branco - Porto Alegre - RS - Brasil Estab. comercial - Bares/restaurantes Suchi Drive”) com campos destinados para informações que incluem principalmente o *modus operandi* do autor da infração penal (“Fatos Complementares: Forma:, Instrumento:, Atuação:, Vias de Acesso:”). Nos BOs do *corpus*, porém, os campos subsequentes a esses grupos nominais geralmente não são preenchidos pelo policial atendente, possivelmente em razão de não ser atribuída relevância a essas informações ou por poderem estar presentes na etapa subsequente (*Fato ofensivo*).

Na etapa *Circunstâncias gerais*, por apresentar um formato de formulário, há pouca margem para elaboração de texto, porquanto os seus elementos são altamente estandardizados. Além disso, como vimos, devido à sua padronização, esta etapa constitui-se de numerais e grupos nominais indicadores dos dados a serem preenchidos nos campos do formulário pelo policial atendente do boletim de ocorrência, sem que haja a elaboração textual ao nível da oração.

4.2.2 Etapa 2: Fato ofensivo

O Quadro 42, abaixo, mostra a Etapa *Fato ofensivo* e suas fases com exemplos de texto retirados de um BO de calúnia (Apêndice C).

Quadro 42 – Etapa *Fato ofensivo* e suas fases

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #6
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	RELATA A VITIMA FULANO
	b) preambulação	-
	c) circunstâncias especiais	QUE FOI CALUNIADO NA NOITE DE HOJE PELA SUA COMPANHEIRA BELTRANA, COM A QUAL CONVIVE HA DEZESSEIS ANOS,
	d) comportamento ofensivo	TENDO ELA DITO QUE O COMUNICANTE TERIA ESTUPRADO AS DUAS FILHAS DO CASAL, QUE AS TERIA AGREDIDO,
	e) negativa da vítima	O QUE NAO E VERDADE,
	f) motivação da ofensa	TUDO PORQUE ELA FICA SEGUIDAMENTE EMBRIAGADA E AGE DE MANEIRA TOTALMENTE DESIQUILIBRADA ⁹⁰ ;
	g) fatos complementares	QUE, NA NOITE DE HOJE, INCLUSIVE, ELA CORREU COM AS DUAS FILHAS DE CASA, AMBAS MENORES DE IDADE, TENDO O COMUNICANTE QUE SAIR PARA BUSCAR E DAR SOCORRO PARA AS FILHAS.
	h) arrolamento testemunhal	QUE, INCLUSIVE ESTA ACOMPANHADO NESSE MOMENTO DA SUA FILHA SICRANA, COM 16 ANOS, QUE CONFIRMA A SITUACAO PRECARIA QUE CONVIVE COM A MAE.

Fonte: autor.

A etapa do *Fato ofensivo* está situada, assim como a etapa seguinte (*Implicações legais*), no histórico do BO e equivale ao *Registro de eventos* do gênero relato pessoal. Essa etapa tem como objetivo apresentar o relato do fato ofensivo numa sequência de eventos. Abrange os participantes, atividades e circunstâncias espaço-temporais de forma direta ou por remissão às circunstâncias gerais da primeira etapa, podendo compreender as seguintes fases: a) *projeção introdutória*, que inicia o relato e a sequência de eventos; b) a *preambulação*, que apresenta fatos preliminares ou relacionados ao evento ofensivo; c) as *circunstâncias especiais* acerca do fato ofensivo, que apresenta as circunstâncias espaço-temporais nas quais ocorreu o comportamento ofensivo; d) *comportamento ofensivo*, que descreve a conduta linguística que caracteriza a calúnia, a difamação e a injúria; e) *negativa da vítima*, que diz respeito à avaliação negativa a si imputada, ou seja, nessa fase a vítima tipicamente infirma o fato relativo à ofensa

⁹⁰ Mesmo contendo erros, a grafia das palavras nos BOs foi mantida conforme o texto original.

(avaliação negativa) que lhe é proferida; f) *motivação da ofensa*, que traz as razões do comportamento ofensivo; g) *fatos complementares*, os quais são vinculados ao comportamento ofensivo; h) *arrolamento testemunhal*, que diz respeito à indicação de testemunhas das ofensas, ainda que por referência genérica. Todas essas fases são a seguir analisadas.

No exemplo do Quadro 42, de um BO de calúnia, a fase “a” (*projeção introdutória*) está em “*Relata a vítima Fulano*”, oração projetante verbal que introduz o relato do histórico do BO e desencadeia a sequência de eventos em orações projetadas. Não há, nesse exemplo, a fase “b” (*preambulação*), porquanto o relato projetado inicia-se diretamente na fase “c” (*circunstâncias especiais*), no trecho “*que foi caluniado na noite de hoje pela sua companheira Beltrana, com a qual convive há dezesseis anos*”. Nesse caso, há uma circunstância temporal indicando quando ocorreu a ofensa, ou seja, “*na noite de hoje*”. A fase “d” (*comportamento ofensivo*) está em “*tendo ela dito que o comunicante teria estuprado as duas filhas do casal, que as teria agredido*”, na qual está descrito o dizer ofensivo calunioso da ofensora sinalizado pela oração projetante verbal “*tendo ela dito*”, seguida por duas orações projetadas materiais que atribuem a prática de estupro e agressão ao ofendido. Essa é uma das características essenciais desta etapa, uma vez que o comportamento linguístico do ofensor é tipicamente realizado por um verbo *dicendi* (dizer, falar, chamar, acusar, etc.) como núcleo de uma oração projetante verbal, sendo esta seguida de uma ou mais orações projetadas carregando o conteúdo da ofensa⁹¹. A fase “e” (*negativa da vítima*), aparece na oração relacional de polaridade negativa “*o que não é verdade*”, em que a vítima infirma a acusação caluniosa. A fase “f” (*motivação da ofensa*) está presente na circunstância de causa na oração “*tudo porque ela fica seguidamente embriagada e age de maneira totalmente desequilibrada*”, indicando o motivo pelo qual a ofensora praticou a ofensa. A fase “g” (*fatos complementares*) está em “*que, na noite de hoje, inclusive, ela correu com as duas filhas de casa, ambas menores de idade, tendo o comunicante que sair para buscar e dar socorro para as filhas*”, o qual é um evento secundário que guarda relação com o fato ofensivo, sendo este o evento principal com base no qual é feita a classificação legal do crime como calúnia, difamação ou injúria. A fase “h”

⁹¹ Como veremos adiante, nos BOs de injúria, o comportamento ofensivo pode também estar em uma oração independente, nucleada por um verbo *dicendi*, na qual o ofensor exerce o papel de Dizente e o conteúdo da ofensa está na Verbiagem.

(*arrolamento testemunhal*) está configurada no trecho “*que, inclusive está acompanhado nesse momento da sua filha Sicrana, com 16 anos, que confirma a situação precária que convive com a mãe*”, na qual uma pessoa é mencionada como testemunha de um evento referido pela vítima. Nesse caso, essa pessoa (filha da vítima) é arrolada e passará a integrar o rol de testemunhas do fato.

Por fim, ainda na etapa do *Fato ofensivo*, apresentamos, a seguir, no histórico do BOC #2 (Quadro 43) um exemplo com a *preambulação*, visto que esta fase está ausente no BOC #6 (Quadro 42).

Quadro 43 – Etapa *Fato ofensivo* com a fase da *preambulação*

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #2
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	[A COMUNICANTE] COMUNICA
	b) preambulação	<i>QUE NA MANHA DE HOJE, O SR. BELTRANO, ESTEVE EM SUA CASA PARA PRESTAR UM SERVICO DE MONTAGEM DE MOVEIS. QUE ELE FOI EMBORA APOS CONCLUIR O TRABALHO,</i>
	c) circunstâncias especiais	MAS, A TARDE, PROXIMO DAS 13H 50 MIN,
	d) comportamento do ofensor	RETORNOU A SUA RESIDENCIA, ACUSANDO SEU FILHO, FULANO, DE DEZESSEIS ANOS, DE TER FURTADO SUA CARTEIRA, A QUAL, BELTRANO ALEGA, TER DEIXADO POR ALGUNS MINUTOS, EM UMA MESA, NA CASA DA COMUNICANTE. QUE O ACUSADO DISSE QUE NA CARTEIRA, HAVIA R\$400,00 E DOCUMENTOS, E SE CASO NAO FOSSEM DEVOLVIDOS POR FULANO ATE AS 17H DE HOJE, EFETUARIA REGISTRO DE OCORRENCIA CONTRA ELE.
	e) negativa da vítima	POREM, A COMUNICANTE ESCLARECE QUE TANTO ELA, QUANTO SEU FILHO, NADA TEM A VER COM O FURTO DA CARTEIRA.
	f) arrolamento de testemunha	-
	g) motivação da ofensa	-

Fonte: autor.

Acima, o trecho em itálico - “*que na manhã de hoje, o Sr. Beltrano, esteve em sua casa para prestar um serviço de montagem de móveis. Que ele foi embora após concluir o trabalho*” - constitui a fase da *preambulação*, cujo propósito é dar início ao relato anunciado na projeção introdutória, servindo-lhe de preâmbulo e, como tal, precedendo as fases das circunstâncias especiais do fato ofensivo e de descrição do

comportamento linguístico que configura um dos crimes de linguagem contra a honra.

4.2.3 Etapa 3: Implicações legais

O Quadro 44, abaixo, mostra a etapa *Implicações legais* e suas fases com exemplos de texto retirados de um BO de calúnia (Apêndice C).

Quadro 44 – Etapa *Implicações legais* e suas fases

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #15
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	QUE DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA SEU IRMAO.
	b) instruções	A VITIMA FOI ORIENTADA QUE DEVE CONSTITUIR DEFENSOR PUBLICO OU ADVOGADO PARA INGRESSAR COM QUEIXA-CRIME NO FORO DE TRAMANDAI/RS, POIS EM SEIS MESES OCORRE A DECADENCIA DE PRAZO PARA INCIAR O OPROCEDIMENTO.
	c) fechamento	NADA MAIS A CONSTAR.

Fonte: autor.

A etapa *Implicações legais* tem como propósito principal consignar, tipicamente ao final do histórico do BO, as manifestações da pessoa ofendida quanto ao exercício ou não de direitos relativos aos fatos ofensivos relatados e orientações de natureza legal, ou seja, a sua manifestação quanto ao direito de “representação⁹²” contra a pessoa autora da ofensa, recebendo do policial atendente, para tanto, orientações sobre como proceder, havendo ao final o encerramento do histórico do relato. Esta etapa pode ser dividida nas seguintes fases: a) manifestação da vítima; b) instruções; e c) fechamento.

No exemplo da terceira etapa, no Quadro 44, a fase “a” (*manifestação da vítima*) está na oração desiderativa mental “*que deseja representar criminalmente contra seu irmão*”, a evidenciar a expressão da vontade da vítima no que diz respeito à apuração da responsabilidade criminal do ofensor pela prática da ofensa. A fase “b” (*instruções*) está na sequência de orações “*a vítima foi orientada que deve*

⁹² Embora esse termo conste indiscriminadamente nos BOs analisados, ele somente deveria ser usado para crimes de ação pública condicionada à representação. Salvo as exceções previstas no artigo 145 do Código Penal, os crimes contra a honra são de ação privada.

constituir defensor público ou advogado para ingressar com queixa-crime no foro de Tramandaí/RS, pois em seis meses ocorre a decadência de prazo para iniciar o procedimento”. Nesta fase, a pessoa ofendida é orientada pelo policial atendente sobre como e em que prazo ingressar com queixa-crime em juízo contra o ofensor. A fase “c” (*fechamento*), está na oração verbal “*Nada mais a constar*”⁹³, finalizando o relato do histórico do BO.

4.2.4 Etapa 4: Destinação 1

O Quadro 45, abaixo, mostra a etapa *Destinação 1* e sua fase com exemplos de texto retirados de um BO de difamação (Apêndice F).

Quadro 45 – Etapa *Destinação 1* e sua fase

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #1
ETAPA 4 Destinação 1	órgão destinatário	Órgão de Destino: 15.29.11 - BOSSOROCA

Fonte: autor.

A quarta etapa (assim como as etapas 5, 6 e 7 seguintes) está situada na segunda parte de formulário do BO, a qual é caracterizada por grupos nominais que orientam o preenchimento de campos com as informações (sobre os *participantes* do fato comunicado, a *destinação* do BO e os *policiais plantonistas*) requeridas por esses grupos nominais. Essa etapa é denominada de *Destinação 1*, cujo propósito é informar o órgão policial competente para o qual será direcionado o BO, a fim de ser apurada a suposta infração penal nele relatada.

Nesta etapa está a fase do “*órgão destinatário*” do BO, que apresenta o código de identificação e o município onde está situada a delegacia de polícia, ou outro órgão policial, que receberá o BO para investigação, tal como aparece no Quadro 45: “*Órgão de Destino: 15.29.11 – Bossoroca*”. Nesse exemplo, o órgão destinatário do BO é a delegacia de polícia do município de Bossoroca, cujo código de identificação é 15.29.11.

⁹³ Vide comentário sobre expressões terminológicas cristalizadas logo após o início da subseção 4.4.9.

4.2.5 Etapa 5: Participantes

O Quadro 46, abaixo, mostra a etapa *Participantes* e suas fases com exemplos de texto retirados de um BO de calúnia (Apêndice C) e de um BO de difamação (fase *anexação de documentos*) (Apêndice F).

Quadro 46 – Etapa *Participantes* e suas fases

ETAPAS	FASES	BOC #09
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	<p>Nome: FULANO Pai / Mãe: BELTRANO / BELTRANA Data Nascimento: 04/12/1960 Sexo: Masculino Cor Pele: Mulato Estado civil : Solteiro Grau de Instrução: Ensino médio Cor olhos: Castanho Naturalidade: SAO SEPÉ - RS Nacionalidade: Brasileiro nato Documento: Carteira de identidade SSP/RS - RS Número: 0000000000 CNH: Endereço: RUA VITOR VALPIRIO, 000 - ANCHIETA, PORTO ALEGRE RS, RS, BRASIL, CEP 90000-000, Fone (51) 00000000 Profissão: POLIC CIVIL ATIVO Cargo: Condição Física: Normal Endereço Profissional: RUA VITOR VALPIRIO, 000 - ANCHIETA, PORTO ALEGRE RS, RS, BRASIL, Cep 90000-000</p>
	b) pedido de manifestação e assinatura	<p>A vítima deseja representar em juízo? Sim () Não (X) Assinatura: _____</p>
	c) dados pessoais do acusado	<p>Participante: 2 - Acusado Nome: BELTRANO Pai / Mãe: TETRANO / TETRANA Data Nascimento: 19/08/1983 Sexo: Masculino Cor Pele: Branca Estado civil: Solteiro Grau de Instrução: Ensino médio Cor olhos: Castanho Naturalidade: PORTO ALEGRE - RS Nacionalidade: Brasileiro nato Documento: Carteira de identidade SSP/RS - RS Número: 0000000000 CNH: Endereço: RUA CAP PADILHA, 000 - CASCATA, PORTO ALEGRE RS, RS, BRASIL, CEP 90000-000, Fone (51) 00000000 Profissão: Cargo: Condição Física: Normal</p>

		Endereço Profissional: AV JULIO DE CASTILHOS, 000/000 - CENTRO, PORTO ALEGRE RS, RS, BRASIL, Cep 90000-000, Fone (51) 00000000
	d) dados pessoais da testemunha	Participante: 3 - Testemunha Presente Nome: SICRANO Pai / Mãe: TETRANO / TETRANA Data Nascimento: 27/03/1968 Sexo: Masculino Cor Pele: Branca Estado civil: Solteiro Grau de Instrução: Ensino médio Cor olhos: Castanho Naturalidade: PORTO ALEGRE - RS Nacionalidade: Brasileiro nato Documento: Carteira de identidade SSP/RS - RS Número: 0000000000 CNH: Endereço: RUA VITOR VALPIRIO, 000 - ANCHIETA, PORTO ALEGRE RS, RS, BRASIL, CEP 90000-000, Fone 00000000 Profissão: POLIC CIVIL ATIVO Cargo: Condição Física: Normal Endereço Profissional: RUA VITOR VALPIRIO, 000 - ANCHIETA, PORTO ALEGRE RS, RS, BRASIL, Cep 90000-000, Fone 00000000
	e) anexação de documentos (BOD #17)	Objetos Tipo: Outros Descrição: CARTA, CONTENDO UMA FOLHA TIPO A4, CUJO TEXTO ESTA IMPRESSO EM COR PRETA.

Fonte: autor.

A quinta etapa, relativa aos *Participantes*, tem como objetivo principal identificar e qualificar vítimas, testemunhas, suspeitos, acusados envolvidos no fato ofensivo relatado, descrevendo seus dados pessoais, tais como nome, filiação, endereço, etc., podendo também serem anexados documentos probatórios relativos aos fatos relatados e/ou termos de depoimentos de participantes.

Essa etapa pode conter as seguintes fases: a) dados pessoais da vítima, b) pedido de manifestação e assinatura, c) dados pessoais do acusado, d) dados pessoais da testemunha e e) anexação de documentos. Observamos que, no exemplo acima (Quadro 46), aparecem os dados pessoais da vítima, acusado e

testemunha⁹⁴. Como esta etapa segue o padrão de formulário, há nela uma série de grupos nominais tipicamente seguidos por dois pontos, indicando os dados a serem digitados ou, conforme o caso, selecionados pelo policial atendente a partir de uma caixa de listagem com um rol fechado de opções. Esses dados, requeridos para todo participante (da vítima, acusado e testemunha), são os seguintes: *nome*:, *pai/mãe*:, *data nascimento*:, *sexo*:, *cor pele*:, *estado civil*:, *grau de instrução*:, *cor olhos*:, *naturalidade*:, *nacionalidade*:, *documento*:, *número*:, *CNH*:, *endereço*:, *profissão*:, *cargo*:, *condição física*:, e *endereço profissional*:. Além disso, no exemplo do Quadro 46, nos dados pessoais, ao lado do *Participante 3 – Testemunha*, há o qualificativo *presente*, indicando que a testemunha arrolada estava presente na DP durante o registro do BO.

No caso de participante vítima de crime contra a honra, após os seus dados pessoais, há a fase “b” (*pedido de manifestação e assinatura*), na qual o policial atendente solicita à pessoa ofendida que se manifeste quanto à opção de “representar” criminalmente ou não na justiça contra a pessoa autora da ofensa. Isso ocorre por meio de um complexo oracional, no modo interrogativo, composto de uma oração projetante mental desiderativa seguida de uma oração projetada verbal: *a vítima deseja representar em juízo?*”. Como alternativas de resposta, há duas opções, de polaridade positiva e negativa, seguidas de parênteses a fim de ser marcada, com a letra “x”, a opção escolhida pela vítima: *“sim () não (x)”*. Neste exemplo do Quadro 46, a opção de resposta escolhida pela vítima foi “*não*”, ou seja, nesse caso, a vítima manifestou o interesse de não responsabilizar criminalmente em juízo o autor da ofensa contra a sua pessoa. Para o fim de comprovação da manifestação da vontade da vítima, no final desta fase, há uma linha indicando o local para a sua assinatura.

Na fase “e” (*anexação de documentos*), podem ser anexados ao BO documentos produzidos pelo policial atendente (v. g., termos de declarações de algum participante) ou outros documentos (atestados médicos, cópias de páginas da internet, etc.) apresentados pelos participantes presentes e arrecadados a fim de acompanhar o BO, como o documento apensado no exemplo do Quadro 46: *“Objetos Tipo: outros Descrição: carta, contendo uma folha tipo A4, cujo texto está*

⁹⁴ Embora não tenham aparecido no *corpus*, pode haver ainda outros participantes na lista de opções do formulário, dentre os quais indiciado, autor, adolescente infrator, comunicante, suspeito.

impresso em cor preta”. Nesse exemplo, o documento anexado é uma carta impressa.

4.2.6 Etapa 6: Destinação 2

O Quadro 47, abaixo, mostra a Etapa *Destinação 2* e sua fase com exemplo de texto retirados de um BO de injúria (Apêndice I).

Quadro 47 – Etapa *Destinação 2* e sua fase

ETAPAS	FASES	BOI #1
ETAPA 6 Destinação 2	destinatário da 1.a via	Destino 1.a via: _____

Fonte: autor.

A etapa *Destinação 2* tem como propósito informar o órgão destinatário da 1.a via do BO quando esse for distinto do órgão da etapa da *Destinação 1*. Esta etapa compreende a fase “*destinatário da 1.a via*”, na qual, conforme podemos observar no Quadro 47, há o grupo nominal “*destino 1.a via:*” seguido de uma linha em branco sobre a qual, quando for o caso, é manuscrito o nome do órgão destinatário da 1.a via do BO.

4.2.7 Etapa 7: Policiais plantonistas

O Quadro 48, abaixo, mostra a Etapa *Policiais plantonistas* e suas fases com exemplo de texto retirados de um BO de injúria (Apêndice I).

Quadro 48 – Etapa *Policiais plantonistas* e suas fases

ETAPAS	FASES	BOI #1
ETAPA 7 Policiais plantonistas	identificação e assinatura	Equipe: Atendente.....: 0000000000 TETRANA (a) _____ Chefe Plantão: 0000000000 TETRANO (a) _____ Autor. Policial: 0000000000 TETRANA (a) _____

Fonte: autor.

A etapa *Policiais plantonistas* tem como propósito principal identificar a equipe de policiais responsáveis pelo atendimento e registro do BO. Esse objetivo é atingido

pela fase “*identificação e assinatura*”, realizada por grupos nominais comuns e próprios, com os nomes de cada membro da equipe antecidos pelo número do registro geral da carteira de identidade (RG) e seguidos de “(a)” e uma linha em branco indicando que é o espaço destinado à assinatura de cada integrante da equipe de plantão, conforme o exemplo do Quadro 48. Neste exemplo, o atendente, o chefe de plantão e a autoridade policial (Delegado de Polícia) são as funções exercidas por cada integrante da equipe. Os nomes dos policiais civis com o respectivo RG são previamente cadastrados no início de cada serviço de plantão, de modo que, nesta fase e etapa, resta somente ser firmado o BO nos respectivos espaços destinados à assinatura dos policiais plantonistas.

Portanto, conforme já mencionamos, com exceção da fase “b” da etapa 5, que contém um complexo oracional, as etapas 1 (*Circunstâncias gerais*), 4 (*Destinação 1*), 5 (*Participantes*), 6 (*Destinação 2*) e 7 (*Policiais plantonistas*) são predominantemente caracterizadas por grupos nominais que indicam as informações a serem preenchidas nos campos de formulários ou a serem escolhidas em uma lista de opções e que dizem respeito às circunstâncias gerais do fato relatado e do registro de ocorrência, aos participantes envolvidos no fato, ao órgão destinatário do BO e aos policiais responsáveis pelo registro do BO. Nessas etapas, observamos que há um padrão característico de formulário, sem muita margem de elaboração textual, ficando o policial atendente, responsável pela redação do BO, limitado ao preenchimento dos dados requeridos pelos grupos nominais. Levando em conta essa limitação, observamos que, com exceção fase “c” (*circunstâncias do fato*) da etapa 1 (*Circunstâncias gerais*), que traz a classificação legal do fato, indicando se o BO é de calúnia, difamação ou injúria, não há outros elementos linguísticos que possam evidenciar a diferença entre os três crimes nas cinco etapas-formulário antes mencionadas.

Por outro lado, isso não acontece com as etapas 2 (*Fato ofensivo*) e 3 (*Implicações legais*), que constituem o histórico do BO, pois elas permitem ao policial atendente uma maior liberdade de elaboração textual na qual podemos ver realizada a representação do dizer em uma sequência de eventos caracterizada por complexos oracionais em que a descrição dos comportamentos linguísticos ofensivos (calúnia, difamação e injúria) ocorre tipicamente em um ambiente de relações lógico-semânticas de projeção verbal.

Não obstante a maior amplitude de elaboração do texto nessas duas etapas, relativamente às características linguísticas dos três tipos de BOs, é importante salientar, porém, que as etapas do *Fato ofensivo* e *Implicações legais* (histórico do BO) possuem predominantemente as mesmas características linguísticas nos relatos de calúnia e difamação, de modo que não conseguimos diferenciá-los somente por critérios linguísticos, pois tanto a calúnia quanto a difamação se configuram na atribuição de um fato ofensivo cuja realização linguística ocorre geralmente da mesma maneira, ou seja, numa sequência de eventos em ambiente de projeção verbal. Dessa forma, além de verificar a classificação legal atribuída ao evento comunicado constante na fase “c” (*circunstâncias do fato*) da etapa 1 (*Circunstâncias gerais*), é preciso recorrer a critérios jurídicos para diferenciar o texto da calúnia do texto da difamação.

Conforme vimos na seção 1.4, para estabelecer a distinção entre calúnia, difamação e injúria, no campo jurídico, levamos em consideração o conteúdo da ofensa, a pena básica prevista, o momento da consumação, o elemento subjetivo e a possibilidade de exceção da verdade. Esses elementos de distinção, resumidos no Quadro 3 daquela seção, são, na realidade, critérios jurídicos de distinção entre os três crimes. Dessa forma, considerando os critérios jurídicos apenas relativamente aos dois primeiros crimes, os BOs de calúnia e difamação, quanto ao conteúdo, dizem respeito à imputação a outrem de um fato depreciativo, sendo a principal distinção entre ambos, a peculiaridade de que, na calúnia, esse fato depreciativo configura um crime.

Portanto, para estabelecer a diferença entre calúnia e difamação, os critérios jurídicos são mais viáveis, uma vez que linguisticamente ambos crimes são semelhantes, pois se referem a imputação de um fato. Dessa forma, o critério jurídico, quanto ao conteúdo, consiste em que o fato imputado à pessoa ofendida deve ser considerado crime, ou seja um fato criminoso, no caso da calúnia, e fato não criminoso, no caso da difamação.

Essa distinção no campo jurídico, entretanto, como vimos, não tem reflexo significativo no campo linguístico, uma vez que tanto a calúnia quanto a difamação não apresentam diferenças linguísticas marcantes entre si nos BOs que fazem parte do *corpus*. Na realidade, as distinções mais significativas que encontramos foram entre a calúnia e a difamação, de um lado, e a injúria, de outro. Essa distinção está exatamente na etapa *Fato ofensivo*, a qual contém a fase que permite

estabelecermos o que diferencia a calúnia e difamação da injúria. De fato, conforme for a realização linguística da fase *comportamento ofensivo* dentro da etapa *Fato ofensivo*, poderemos saber qual dos três crimes contra a honra estará configurado. Vejamos, nesse sentido, os seguintes exemplos da fase *comportamento ofensivo*:

*A Beltrana disse para todos ouvirem **que a vítima teria matado uma pessoa e iria pagar por tal fato*** (BOC #7).

*Que sua cunhada, Beltrana, está contando a pessoas vizinhas da vítima entre outras, **que a declarante tem um caso com seu colega de trabalho Fulano*** (BOD #3).

*Ele a chamou de **vagabunda, chinelona etc.*** (BOI #12).

Nos dois primeiros exemplos a ofensa está descrita nas orações projetadas “*que a vítima teria matado uma pessoa e iria pagar por tal fato*” (calúnia), e “*que a declarante tem um caso com seu colega de trabalho Fulano*” (difamação). O que diferencia a calúnia da difamação, é que na primeira oração, há um fato criminoso, por isso caracteriza a calúnia; na segunda, há um fato não criminoso, por isso configura a difamação. Por outro lado, o que aproxima os dois crimes contra a honra, tornando-os semelhantes, é justamente o fato de ambos descreverem fatos ofensivos. Diferentemente das duas orações antecedentes, no terceiro exemplo, a ofensa não está descrita em toda a oração num complexo oracional, mas sim nos grupos nominais “*vagabunda, chinelona etc.*”, que constituem a verbiagem de uma oração verbal. Os mencionados grupos nominais têm a função de epíteto, nesse caso epíteto depreciativo tipicamente característico da injúria e que não ocorre na calúnia e difamação. A injúria pode também ocorrer em vocativos e em insinuações e ofensas vagas e genéricas, como no seguinte fragmento:

*O acusado, [...] começou a proferir ofensas em voz alta ao comunicante, dizendo: <**da onde eh que tu tirou a carteira, comprou? Como eh que me ultrapassou pela direita seu filho da mae, seu merda**>* (BOI #3).

Acima, no trecho grifado, constatamos que a injúria ocorre em orações projetadas do tipo citação (*da onde eh que tu tirou a carteira, comprou? Como eh que me ultrapassou pela direita*) e com o uso de grupo nominais como vocativos (*seu filho da mãe, seu merda*).

Portanto, a definição de fato criminoso e não criminoso constitui o critério jurídico principal para distinguir calúnia de difamação e também para estabelecer a diferença entre os dois crimes e a injúria. Por outro lado, podemos observar que a injúria também apresenta critérios linguísticos relevantes que a diferenciam da calúnia e da difamação, na medida em que sua realização pode ocorrer, como vimos, por meio de grupos nominais na função de epíteto e vocativo, bem como em orações que constituem imprecações, além de ofensas vagas e imprecisas..

Feitas as análises das sete etapas que compõem a estrutura do relato de ofensa, passamos à análise das relações lógico-semânticas entre cada etapa com base nas categorias lógico-semânticas de Halliday e Matthiessen (2014) combinadas com as categorias propostas por Martin e Rose (2007) no sistema de conjunção.

4.3 RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS ENTRE ETAPAS DO RELATO DE OFENSA

Para efeito de análise das relações lógico-semânticas, usamos como ponto de partida o histórico do boletim de ocorrência, o qual compreende as etapas 2 (fato ofensivo) e 3 (implicações legais) do Relato de Ofensa, que se caracterizam por ser a parte mais dinâmica do gênero e onde se encontra o relato dos eventos que configuram os crimes de linguagem contra a honra. Isso porque as demais etapas (1, 4, 5, 6 e 7) estão localizadas na parte que possui estrutura de formulário, com parte do texto já fornecida previamente e no qual restam somente alguns campos a serem preenchidos com as informações solicitadas.

Dessa forma, efetuamos as análises das relações lógico-semânticas entre as etapas que constituem o formulário e delas com as etapas que constituem o histórico do BO. Isso é feito em dois blocos, o primeiro revelando as relações entre a etapa 1 e as etapas 2-3 (histórico do BO), o segundo entre as etapas 4, 5, 6, 7 e as etapas 2-3 (histórico do BO). Entre o primeiro e o segundo bloco, porém, analisamos as relações entre as etapas 2 (fato ofensivo) e 3 (implicações legais). Assim como na seção anterior, os exemplos analisados apresentam relações lógico-semânticas comuns entre os três tipos de BOs sobre crimes de linguagem contra a honra, de modo que a análise de um BO de injúria pode, v. g., equivaler à análise um BO de calúnia ou difamação, sendo discutidos exemplos de calúnia, de

difamação e de injúria. Dito isso, passamos à análise das relações lógico-semânticas, especificamente concentrada nas etapas do histórico do BO.

4.3.1 Relações lógico-semânticas a partir da etapa Circunstâncias Gerais

A etapa 1, *Circunstâncias gerais*, estabelece uma relação lógico-semântica com as etapas 2 e 3 (*Fato ofensivo e Implicações legais*) que caracteriza uma expansão por intensificação, uma vez que apresenta circunstâncias, ao histórico do BO, predominantemente de localização espaço-temporal, conforme se verifica abaixo.

Exemplo 1:

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #1
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	dados institucionais	ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL POLÍCIA CIVIL
	dados do registro	Ocorrência Policial nº 97 / 2011 / 10.04.26 Órgão: 10.04.26 - ALVORADA - P/ MULHER Ano: 2011 Número: 97 Data Registro: 05/09/2011 as 14:43 horas Comunicação: Pessoal
	circunstâncias do fato	Fato: 2015.15 - INJURIA CONSUMADO Início: 04/09/2011 as 22:00 horas Área: Urbana Local: RUA CAMPOS VERDES, 1558/ - - ALVORADA-RS - BRASIL Residência Fatos Complementares: Forma: Instrumento: Atuação: Vias de Acesso:

X (expansão por intensificação)⁹⁵

HISTÓRICO DO BO	ETAPA 2 Fato ofensivo⁹⁶	projeção introdutória	RELATA A COMUNICANTE
		Preambulação	QUE CONVIVE COM SEU COMPANHEIRO, ABAIXO QUALIFICADO, EM TORNO DE VINTE E TRES ANOS, E, ATUALMENTE, A RELACAO DO CASAL ESTA INSUSTENTAVEL,
		comportamento ofensivo	POIS O MESMO A AGRIDE VERBALMENTE, CHAMANDO-A DE VAGABUNDA, SEM-CARATER, SEM-VERGONHA, PROSTITUTA, ENTRE OUTRAS, TUDO SEM FUNDAMENTO,
		circunstâncias específicas	SENDO A ULTIMA VEZ, NA DATA E HORARIO ACIMA CITADOS.
		fatos complementares	O MESMO TAMBEM A ACUSOU DE TER LHE FURTADO A IMPORTANCIA DE R\$ 500,00, ALEGANDO QUE ESTAVA EMBAIXO DO COLCHAO DA CAMA DO CASAL, O QUE NAO E VERDADE.
		negativa da vítima	-
		arrolamento testemunhal	-
		motivação da ofensa	-
	ETAPA 3 Implicações legais	manifestação da vítima	A COMUNICANTE NAO ESTA SUPTORTANDO MAIS A SITUACAO E QUER SE SEPARAR DO COMPANHEIRO, BEM COMO AFASTA-LO DO LAR. DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE E REQUER AS MEDIDAS PROTETIVAS.
		Instruções	-
Fechamento		E O REGISTRO.	

⁹⁵ As setas apontadas para cima indicam que a etapa superior expande as etapas inferiores.

⁹⁶ As fases ao lado das quais constam um hífen (-) não foram encontradas no exemplo analisado.

No exemplo 1, acima, podemos perceber, pela própria nomenclatura das etapas e fases, que a etapa 1 expande as informações do relato de eventos do *Fato ofensivo* e suas *Implicações legais* realizado nas etapas 2 e 3, trazendo informações circunstanciais relativas aos dados institucionais e de circunstâncias do registro do BO, assim como de circunstâncias espaço-temporais que compreendem, dentre outros dados, a data, hora e local do fato ofensivo, conforme vimos na subseção 4.2.1. Nomeamos a Etapa 1 de *Circunstâncias gerais* para diferenciá-la da fase *circunstâncias específicas*, que integra a etapa do *Fato ofensivo*, e que, muitas vezes, faz remissão anafórica à fase *circunstâncias do fato*, que integra a etapa *Circunstâncias gerais*, como no seguinte trecho:

Exemplo 2:

“... que na data, horário e local mencionados foi injuriada por seu esposo Beltrano” (BOI# 10).

O exemplo 2 foi extraído das fases *circunstâncias especiais* e *preambulação* da etapa *Fato ofensivo* de um BO de injúria e remete anaforicamente (por meio da expressão *“que na data, horário e local mencionados”*) à fase *circunstâncias do fato* da etapa *Circunstâncias gerais*. Essa realização pode também ocorrer em expressões como *“que em hora e local supracitado”* (BOI# 5), *“que, em data e hora acima mencionados”* (BOD #9), *“que em data, hora e local supra”* (BOC #3), dentre outras.

Antes de adentrar nas análises do segundo bloco vamos analisar as relações lógico-semânticas entre as etapas 2 e 3, que compõem o histórico do BO.

4.3.2 Relações lógico-semânticas entre as etapas *Fato ofensivo* e *Implicações legais*

Entre essas duas etapas, revelamos novamente a ocorrência de um dos tipos de relação lógico-semântica de expansão por intensificação, conforme mostra o exemplo seguinte.

Exemplo 3:

ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção introdutória	RELATA A COMUNICANTE
	preambulação	QUE CONVIVE COM SEU COMPANHEIRO, ABAIXO QUALIFICADO, EM TORNO DE VINTE E TRES ANOS, E, ATUALMENTE, A RELACAO DO CASAL ESTA INSUSTENTAVEL,
	comportamento ofensivo	POIS O MESMO A AGRIDE VERBALMENTE, CHAMANDO-A DE VAGABUNDA, SEM-CARATER, SEM-VERGONHA, PROSTITUTA, ENTRE OUTRAS, TUDO SEM FUNDAMENTO,
	circunstâncias especiais	SENDO A ULTIMA VEZ, NA DATA E HORARIO ACIMA CITADOS.
	fatos complementares	O MESMO TAMBEM A ACUSOU DE TER LHE FURTADO A IMPORTANCIA DE R\$ 500,00, ALEGANDO QUE ESTAVA EMBAIXO DO COLCHAO DA CAMA DO CASAL, O QUE NAO E VERDADE.
	negativa da vítima	-
	arrolamento testemunhal	-

X (expansão por intensificação)⁹⁷

ETAPA 3 Implicações legais	manifestação da vítima	[DIANTE DO EXPOSTO] A COMUNICANTE NAO ESTA SUPORTANDO MAIS A SITUACAO E QUER SE SEPARAR DO COMPANHEIRO, BEM COMO AFASTA-LO DO LAR. DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE E REQUER AS MEDIDAS PROTETIVAS.
	instruções	-
	fechamento	E O REGISTRO.

No exemplo 3, acima, podemos constatar que a expansão por intensificação revelada é do tipo consequencial conclusiva, uma vez que após o relato de todo o fato ofensivo na etapa 2, a etapa 3 a expande acrescentando a manifestação da vítima quanto às providências que ela deseja sejam tomadas como consequência dos fatos relatados na etapa 2.

A manifestação da vítima é seguida, quando for o caso, das orientações legais que lhe são repassadas pelo policial atendente, concluindo o histórico do BO. Essa conclusão é sinalizada, implicitamente, pelo grupo preposicionado conjuntivo “*diante do exposto*”, acrescentado entre colchetes para indicar que não constava no texto, sendo incluído por inferência.

⁹⁷ As setas apontadas para baixo indicam que a etapa inferior expande a etapa superior.

A seguir, passamos às análises do segundo bloco, envolvendo as relações lógico-semânticas entre as etapas 2-3 aglutinadas e as etapas seguintes.

4.3.3 Relações lógico-semânticas entre as etapas *Fato ofensivo - Implicações legais* e as etapas *Destinação 1 e Destinação 2*

Para fins de análise, optamos por aglutinar as etapas *Fato ofensivo* e *implicações legais* porque, como vimos anteriormente, ambas fazem parte do histórico do BO e por entendermos que as demais etapas estão a ele relacionadas. Além disso, embora intercaladas pela etapa 5, igualmente aglutinamos as etapas 4 e 6 *Destinação 1 e Destinação 2*, respectivamente, porque ambas possuem propósitos equivalentes.

Assim sendo, verificamos que as etapas *Destinação 1 e Destinação 2* consistem igualmente em uma expansão por intensificação das etapas *Fato ofensivo* e *implicações legais*, conforme se vê no exemplo seguinte.

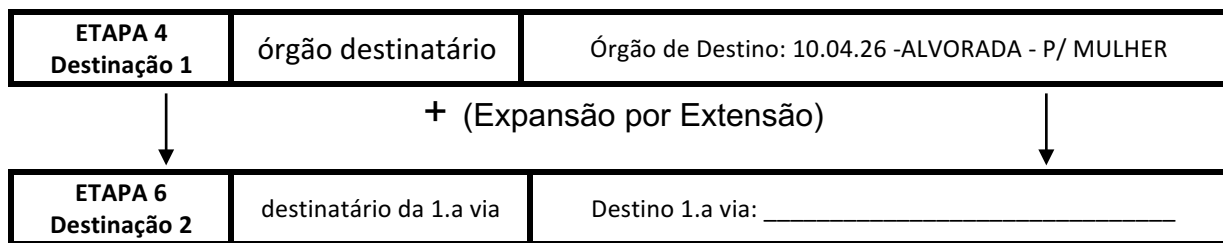
Exemplo 4:

ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção introdutória	RELATA A COMUNICANTE
	preambulação	QUE CONVIVE COM SEU COMPANHEIRO, ABAIXO QUALIFICADO, EM TORNO DE VINTE E TRES ANOS, E, ATUALMENTE, A RELACAO DO CASAL ESTA INSUSTENTAVEL,
	comportamento ofensivo	POIS O MESMO A AGRIDE VERBALMENTE, CHAMANDO-A DE VAGABUNDA, SEM-CARATER, SEM-VERGONHA, PROSTITUTA, ENTRE OUTRAS, TUDO SEM FUNDAMENTO,
	circunstâncias específicas	SENDO A ULTIMA VEZ, NA DATA E HORARIO ACIMA CITADOS.
	fatos complementares	O MESMO TAMBEM A ACUSOU DE TER LHE FURTADO A IMPORTANCIA DE R\$ 500,00, ALEGANDO QUE ESTAVA EMBAIXO DO COLCHAO DA CAMA DO CASAL, O QUE NAO E VERDADE.
	negativa da vítima	-
	arrolamento testemunhal	-
	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	manifestação da vítima	A COMUNICANTE NAO ESTA SUPORTANDO MAIS A SITUACAO E QUER SE SEPARAR DO COMPANHEIRO, BEM COMO AFASTA-LO DO LAR. DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE E REQUER AS MEDIDAS PROTETIVAS.
	instruções	-
	fechamento	E O REGISTRO.
↓ X (Expansão por intensificação) ↓		
ETAPA 4 Destinação 1	órgão destinatário	Órgão de Destino: 10.04.26 -ALVORADA - P/ MULHER
ETAPA 6 Destinação 2	destinatário da 1.a via	Destino 1.a via: _____

No exemplo 4, acima, ocorre uma expansão por intensificação de circunstância de localização espacial, pois diz respeito ao local para onde o BO é destinado após o registro do fato.

Entretanto, tal circunstância não é relativa ao fato, mas ao registro do BO. Na etapa 4 (*Destinação 1*), é indicado o órgão destinatário do BO e o respectivo código (*Órgão de Destino: 10.04.26 -ALVORADA - P/ MULHER*), ao passo que na Etapa 6 (*Destinação 2*), há apenas uma linha na qual deve ser manuscrito o órgão de destino da 1.a via do BO. Essas duas circunstâncias são intercaladas pela etapa 5 (*Participantes*), o que demonstra a sua flexibilidade de localização no texto, como sói acontecer no nível da oração. Entre essas duas etapas circunstanciais, há uma relação de expansão por extensão, conforme vemos no seguinte exemplo.

Exemplo 5:



A relação de expansão por extensão entre as etapas *Destinação 1* e *Destinação 2* é do tipo aditiva, uma vez que é acrescida uma circunstância à outra, numa sequência expansiva paratática de circunstância de localização espacial.

4.3.4 Relações lógico-semânticas entre as etapas *Fato ofensivo - Implicações legais* e a etapa *Participantes*

A etapa *Participantes* diz respeito às pessoas plenamente identificadas envolvidas no evento ofensivo relatado nas etapas *Fato ofensivo-Implicações legais* como *comunicante, vítima, testemunha, suspeito-investigado-acusado*. No caso de o participante não ser totalmente identificado ou haver dúvidas quanto à sua identidade, ele não constará nesta etapa e somente poderá ser mencionado no histórico do BO (etapas 2 e 3).

A relação lógico-semântica entre a etapa *Participantes* e as etapas *Fato ofensivo - Implicações legais* é de expansão por elaboração, na medida em que trazem uma explicitação detalhada sobre quem são os participantes do fato ofensivo, conforme exemplo a seguir.

Exemplo 6:

ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção introdutória	RELATA A COMUNICANTE
	Preambulação	QUE CONVIVE COM SEU COMPANHEIRO, ABAIXO QUALIFICADO, EM TORNO DE VINTE E TRES ANOS, E, ATUALMENTE, A RELACAO DO CASAL ESTA INSUSTENTAVEL,
	comportamento ofensivo	POIS O MESMO A AGRIDE VERBALMENTE, CHAMANDO-A DE VAGABUNDA, SEM-CARATER, SEM-VERGONHA, PROSTITUTA, ENTRE OUTRAS, TUDO SEM FUNDAMENTO,
	circunstâncias específicas	SENDO A ULTIMA VEZ, NA DATA E HORARIO ACIMA CITADOS.
	fatos complementares	O MESMO TAMBEM A ACUSOU DE TER LHE FURTADO A IMPORTANCIA DE R\$ 500,00, ALEGANDO QUE ESTAVA EMBAIXO DO COLCHAO DA CAMA DO CASAL, O QUE NAO E VERDADE.
	negativa da vítima	-
	arrolamento testemunhal	-
	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	manifestação da vítima	A COMUNICANTE NAO ESTA SUPORTANDO MAIS A SITUACAO E QUER SE SEPARAR DO COMPANHEIRO, BEM COMO AFASTA-LO DO LAR. DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE E REQUER AS MEDIDAS PROTETIVAS.
	Instruções	-
	Fechamento	E O REGISTRO.

= (Expansão por elaboração)

ETAPA 5 Participantes	dados pessoais da vítima	Participante: 1 - Vítima Presente Nome: FULANA Pai / Mãe: TETRANO / TETRANA Data Nascimento: 29/10/1959 Sexo: Feminino Cor Pele: Preta Estado civil: Desquitado Grau de Instrução: Ensino fundamental Cor olhos: Castanho Naturalidade: RESTINGA SECA - RS Nacionalidade: Brasileiro nato Documento: Carteira de identidade SSP/RS - RS Número: 0000000000 CNH: Endereço: CAMPOS VERDES, 1558 - SALOME, ALVORADA RS, RS, BRASIL, Fone (51) 00000000 Profissão: EMPREG. DOMESTICO Cargo: DESEMPREGADA Condição Física: Normal Endereço Profissional:
	pedido de manifestação e assinatura	A vítima deseja representar em juízo? Sim (X) Não () Assinatura: _____
	dados pessoais do acusado	Participante: 2 - Acusado Presente Nome: BELTRANO Pai / Mãe: TETRANO / TETRANA Data Nascimento: 12/06/1953 Sexo: Masculino Cor Pele: Preta Estado civil: Casado Grau de Instrução: Ensino fundamental Cor olhos: Preto

		Naturalidade: RESTINGA SECA - RS Nacionalidade: Brasileiro nato Documento: Não apresentou documento -Número: CNH: Endereço: RUA CAMPOS VERDES, 0000 - SALOME, ALVORADA RS, RS, BRASIL, Fone (51) 00000000 Profissão: OUTROS Cargo: BARRACHEIRO Condição Física: Normal Endereço Profissional: ALVORADA RS, RS, BRASIL
	dados pessoais da testemunha	-
	Anexação de documentos	Documentos Termo de declarações: 1/2011 05/09/2011 15:02 Solicitação de Medida Protetiva: 97/2011 05/09/2011 15:14

A expansão por elaboração entre as etapas do exemplo 6, acima, é do tipo não definidora com função apositiva, uma vez que a etapa *Participantes* especifica e descreve quem são a vítima e o acusado referidos no relato das etapas *Fato ofensivo* e *Implicações legais*.

Nesse sentido, de forma a corroborar a razão pela qual optamos por considerar expansão por elaboração a relação entre as etapas do Exemplo 6, destacamos que, se a etapa *Participantes* fosse incluída no histórico do BO, v. g., após a oração *relata a comunicante*, ela seria colocada entre vírgulas e estaria especificando o nome da vítima e todos os seus dados qualificativos, sua manifestação e documentos anexados a ela vinculados. O mesmo ocorreria em relação aos demais participantes quando identificados.

Nessa linha de raciocínio, salientamos ainda que, outrora, antes da popularização da datilografia e do uso de computadores, o BO era manuscrito em textos corridos similares a uma ata (em um livro próprio para esse fim), nos quais os dados dos participantes integravam o relato do histórico do fato. Por isso, é possível especular que a atual organização do texto do BO no formato de formulário com campos de preenchimento (com participantes e circunstâncias gerais separados das etapas do histórico) possibilitou a padronização e agilização inerentes a um formulário e a diminuição da probabilidade de o policial atendente omitir alguma informação relevante, não somente acerca dos participantes e seus dados pessoais, mas também acerca das circunstâncias do fato.

A seguir, passamos à análise da etapa 7, *Policiais plantonistas*.

4.3.5 Relações lógico-semânticas entre as etapas *Fato ofensivo - Implicações legais* e a etapa *Plantonistas*

A etapa *Policiais plantonistas* identifica o nome dos policiais da equipe responsável pelo atendimento e registro do BO. Essa etapa estabelece uma relação lógico-semântica de expansão por extensão com as etapas *Fato ofensivo - implicações legais*, conforme observamos no exemplo seguinte.

Exemplo 7:

ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção introdutória	RELATA A COMUNICANTE
	preambulação	QUE CONVIVE COM SEU COMPANHEIRO, ABAIXO QUALIFICADO, EM TORNO DE VINTE E TRES ANOS, E, ATUALMENTE, A RELACAO DO CASAL ESTA INSUSTENTAVEL,
	comportamento ofensivo	POIS O MESMO A AGRIDE VERBALMENTE, CHAMANDO-A DE VAGABUNDA, SEM-CARATER, SEM-VERGONHA, PROSTITUTA, ENTRE OUTRAS, TUDO SEM FUNDAMENTO,
	circunstâncias específicas	SENDO A ULTIMA VEZ, NA DATA E HORARIO ACIMA CITADOS.
	fatos complementares	O MESMO TAMBEM A ACUSOU DE TER LHE FURTADO A IMPORTANCIA DE R\$ 500,00, ALEGANDO QUE ESTAVA EMBAIXO DO COLCHAO DA CAMA DO CASAL, O QUE NAO E VERDADE.
	negativa da vítima	X
	arrolamento testemunhal	X
	motivação da ofensa	X
ETAPA 3 Implicações legais	manifestação da vítima	A COMUNICANTE NAO ESTA SUPTORTANDO MAIS A SITUACAO E QUER SE SEPARAR DO COMPANHEIRO, BEM COMO AFASTA-LO DO LAR. DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE E REQUER AS MEDIDAS PROTETIVAS.
	instruções	X
	fechamento	E O REGISTRO.
↓ + (Expansão por extensão) ↓		
ETAPA 7 Policiais plantonistas	identificação e assinatura	<p>Equipe:</p> <p>Atendente.....: 7014095082 TETRANA (a) _____</p> <p>Chefe Plantão: 6034661873 TETRANO (a) _____</p> <p>Autor. Policial: 3065456406 TETRANA (a) _____</p>

No exemplo 7, por fim, podemos perceber que a identificação dos policiais plantonistas pelo nome, número do registro geral da carteira de identidade, função, e

assinatura constitui uma relação lógico-semântica de expansão por extensão por adição das etapas *Fato ofensivo - Implicações legais*. Isso porque a etapa 7 adiciona novas informações acerca do registro do BO.

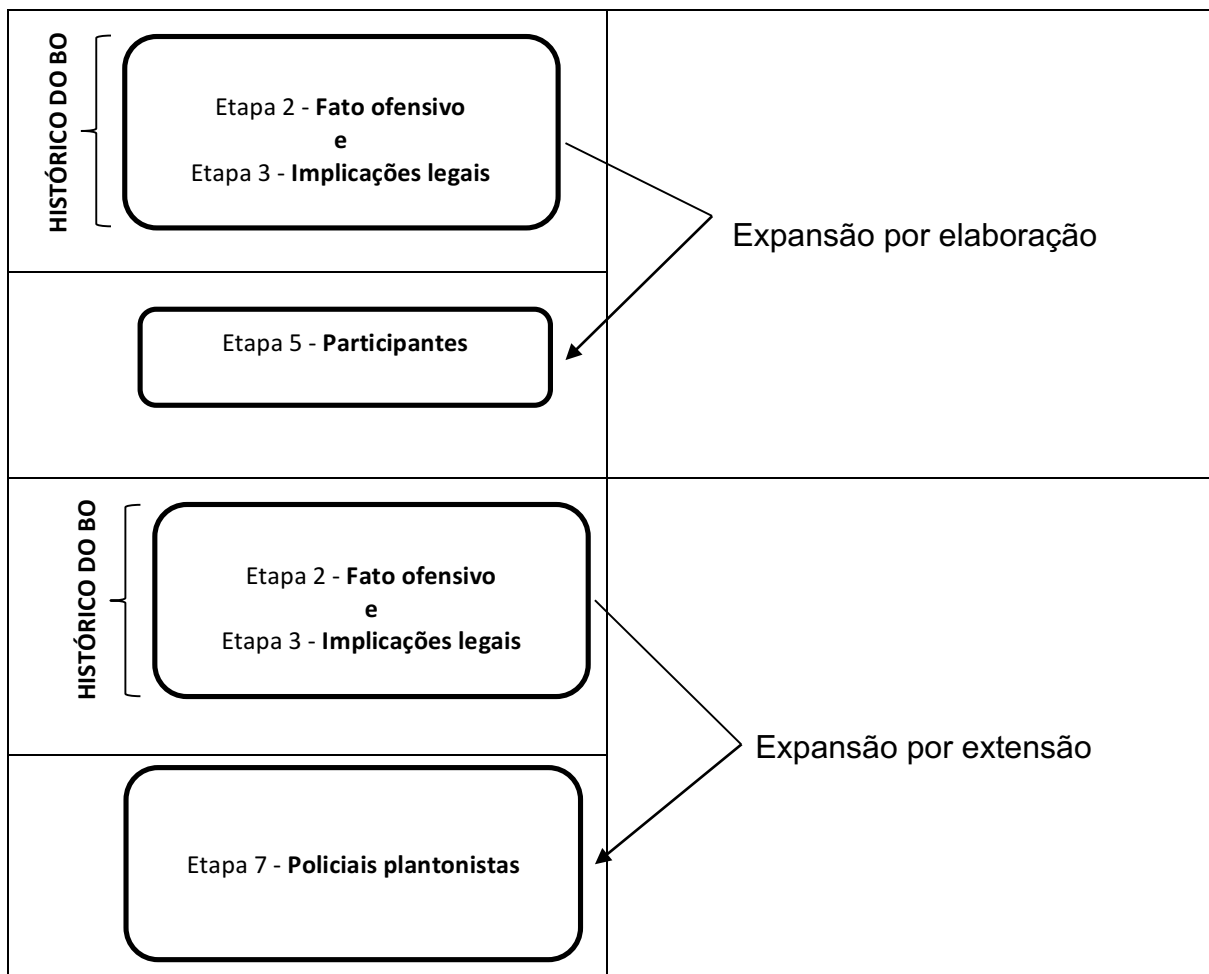
A análise das relações lógico-semânticas entre as sete etapas do gênero Relato de ofensa instanciado no texto do BO de crimes de linguagem contra a honra revela que o seu núcleo central está localizado nas etapas *Fato ofensivo - Implicações legais*, as quais constituem o histórico do BO, sua parte mais dinâmica.

Essas etapas estabelecem relações entre si e com todas as outras cinco etapas do gênero. Essas cinco etapas são organizadas na forma de formulário e, por isso, possuem pouca margem na produção de texto, algum dos quais já aparecem previamente no formulário, limitando-se o policial atendente, responsável pela produção do texto, a preencher os campos com as informações solicitadas.

Dessa forma, as etapas 2 e 3, abrangidas pelo histórico do BO, como vimos, estabelecem relações de expansão dos três tipos previstos em Halliday e Mattiessen (2014), quais sejam a extensão, a elaboração e a intensificação. A última ocorre tanto entre as etapas 2 e 3 (histórico) quanto entre ambas (consideradas como um bloco) e a etapa 1 (acima do histórico) e as etapas 4 e 6 (abaixo do histórico), as quais apresentam circunstâncias espaço-temporais do fato ofensivo, assim como do registro e da destinação do BO. O Quadro 49 resume as relações lógico-semânticas entre as etapas do BO comuns aos três crimes de linguagem contra a honra.

Quadro 49 – Resumo das relações lógico-semânticas entre etapas do Relato de Ofensa comuns a BOs de calúnia, difamação e injúria

ETAPAS	RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS
<p style="text-align: center;">Etapa 1 - Circunstâncias gerais</p>	<p style="text-align: center;">Expansão por intensificação</p>
<p>HISTÓRICO DO BO</p> <p style="text-align: center;">Etapa 2 - Fato ofensivo e Etapa 3 - Implicações legais</p>	
<p>HISTÓRICO DO BO</p> <p style="text-align: center;">Etapa 2 - Fato ofensivo</p> <p style="text-align: center;">Etapa 3 - Implicações legais</p>	<p style="text-align: center;">Expansão por intensificação</p>
<p>HISTÓRICO DO BO</p> <p style="text-align: center;">Etapa 2 - Fato ofensivo e Etapa 3 - Implicações legais</p>	<p style="text-align: center;">Expansão por intensificação</p>
<p style="text-align: center;">Etapa 4 - Destinação 1 e Etapa 6 - Destinação 2</p>	
<p style="text-align: center;">Etapa 4 - Destinação 1</p> <p style="text-align: center;">Etapa 6 - Destinação 2</p>	<p style="text-align: center;">Expansão por extensão</p>



Fonte: Autor.

É importante salientar que, por sua própria natureza, não há nos textos analisados tipicamente conjunções explícitas a identificar as conexões lógico-semânticas entre as etapas, motivo pelo qual elas devem ser inferidas pelo analista com base, v. g., no propósito das etapas em conjunto com os demais elementos linguísticos do texto. Ao abordar o complexo oracional, Thompson (2014) já mencionava essa necessidade quando entre as orações não há um elemento conjuntivo explícito que indique o tipo de relação pretendida.

Findas as análises de conexões lógico-semânticas entre as etapas do relato de ofensa, passamos, em seguida, a analisar, com base em Martin e Rose (2007), as relações conjuntivas entre as fases nas etapas *Fato ofensivo - Implicações legais*, as quais, em conjunto, compõem o histórico do BO.

4.4 RELAÇÕES CONJUNTIVAS INTERFÁSICAS NAS ETAPAS *FATO OFENSIVO - IMPLICAÇÕES LEGAIS* (HISTÓRICO DO BO)

Nesta seção, analisamos as relações conjuntivas explícitas e implícitas que realizam as relações lógico-semânticas entre as fases das etapas que compreendem o relato do histórico do BO, ou seja, o *Fato ofensivo* e suas *Implicações legais*. As análises visam a revelar evidências léxico-gramaticais e semântico-discursivas que caracterizam o gênero que propomos para o boletim de ocorrência de crimes de linguagem contra honra. Focalizamos essas duas etapas porque a produção textual mais dinâmica encontra-se no histórico do BO, no qual está relatada a sequência de eventos que configuram o fato ofensivo denominado, no âmbito jurídico, de calúnia, difamação e injúria.

A análise das conexões lógico-semânticas entre as fases das etapas mencionadas que compõem o histórico dos BOs do *corpus* permite-nos ter uma ampla visão das realizações conjuntivas proeminentes nos textos analisados. Ao todo foram 11 fases analisadas e 10 tipos de relações conjuntivas básicas (MARTIN; ROSE, 2007), conforme podemos observar nos dados da Tabela 3.

Tabela 3 – Quantitativo Geral de conjunções interfásicas nas etapas 2 e 3 (histórico do BO)

	TIPOS DE CONJUNÇÕES										
	ADIÇÃO		COMPARAÇÃO		TEMPO		CONSEQUÊNCIA				
FASES	Adi-tiva	Alter-nativa	Seme-lhante	Dife-rente	Suces-sivo	Simul-tâneo	meio	Conse-quência	Condi-ção	Finali-dade	TOTAIS
projeção introdutória	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	56
circunstâncias específicas	1	0	0	0	55	0	0	2	0	0	58
preambulação	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
comportamento ofensivo	8	0	8	0	1	0	0	4	0	0	21
negativa da vítima	0	0	0	0	0	0	0	17	0	0	17
fatos complementares	33	0	0	1	10	0	0	6	0	0	50
arrolamento testemunhal	11	0	0	0	0	0	0	0	0	0	11
motivação da ofensa	2	0	0	0	0	0	0	14	0	0	16
manifestação da vítima	1	0	0	0	1	0	0	46	0	0	48
instruções	3	0	0	0	0	0	0	25	0	0	28
fechamento	0	0	0	0	0	0	0	30	0	0	30
TOTAIS	58	0	8	1	66	0	0	144	0	0	279

Fonte: autor.

Examinando-se a Tabela 3, acima, perceberemos facilmente, dentre os dados nela apresentados, que, embora as quatro relações lógico-semânticas básicas (adição, comparação, tempo e consequência) estejam presentes, ocorreram somente cinco dos dez subtipos de relações conjuntivas em 9 das 11 fases no texto do histórico dos BOs do *corpus*. Em duas fases, portanto, não foram reveladas conexões conjuntivas. Uma delas é a fase da *projeção introdutória*, a qual apresenta em 56 dos 60 BOs analisados uma relação lógico-semântica interoracional de natureza não conjuntiva (relação de projeção verbal), característica marcante do BO. A *preambulação* é outra fase na qual não foram reveladas relações conjuntivas, porquanto ela, quando ocorre, aparece tipicamente logo após a fase *projeção introdutória*, no início da etapa *Fato ofensivo*, de modo que as conexões conjuntivas iniciam a partir das fases seguintes. Além disso, cinco subtipos de conexões conjuntivas não foram encontradas em nenhuma fase, sendo elas a adição alternativa, o tempo simultâneo, a consequência condição e a consequência finalidade.

Feitas essas observações iniciais, a seguir discorreremos sobre as conexões lógicas proeminentes e seus significados em cada uma das fases analisadas, levando em conta os cinco subtipos revelados, explícita ou implicitamente, nos textos, sendo eles os significados aditivo (relação lógica de adição), semelhante e diferente (relação lógica de comparação), sucessivo (relação lógica de tempo) e consequencial (relação lógica de consequência). Para tanto utilizamos as abreviações para as categorias do Quadro 50.

Quadro 50 - Abreviaturas por tipos de conjunção

adição	aditiva	adit
	alternativa	alt
comparação	semelhante	sem
	diferente	dif
tempo	sucessiva	suc
	simultânea	sim
consequência	meio	meio
	consequência	consq
	condição	cond
	finalidade	fin

Fonte: adaptado de Martin e Rose (2007, p. 144, tradução nossa)

4.4.1 Relações lógico-semânticas expoentes na fase *circunstâncias específicas*

Na fase *circunstâncias específicas* avultam as relações lógico-semânticas de tempo com significado sucessivo, como no seguinte exemplo.

Exemplo 8:

		[A VÍTIMA] REGISTRA	
suc ext ⁹⁸	←	circunstâncias específicas	O FATO QUE ONTEM CONFORME HORA DA OCORRENCIA,
		comportamento ofensivo	A BELTRANA DISSE PARA TODOS OUVIREM QUE A VITIMA TERIA MATADO UMA PESSOA E IRIA PAGAR POR TAL FATO.

BOC #7

No exemplo 8, percebemos uma relação lógico-semântica de tempo, destacada em negrito, ocorrida entre as fases *circunstâncias específicas* e *comportamento ofensivo* e consiste em uma sucessão externa. Entretanto, a conexão lógica não é realizada por conjunção e sim pela circunstância temporal “*ontem conforme hora da ocorrência*”. Na análise desta fase, foram reveladas 55 conexões lógicas temporais, todas de sucessão externa explícita, na medida em que localizam no tempo os eventos relatados na fase subsequente, tipicamente a fase do *fato ofensivo*. Entretanto, essas conexões não são realizadas por conjunções e sim por circunstâncias (*na data e hora supra, em data, hora e local, acima descritos, etc.*). No exemplo acima, a circunstância “*ontem conforme hora da ocorrência*” situa no tempo o comportamento ofensivo a “*Beltrana disse para todos ouvirem que a vítima teria matado uma pessoa e iria pagar por tal fato*”. Nesse sentido, salientamos que as circunstâncias situam os eventos em um período de tempo determinado, ao passo que as conjunções de tempo simplesmente podem vir a indicar uma sequência de eventos.

As relações lógicas de tempo reveladas como característica predominante desta fase demonstram a sua finalidade de indicar as circunstâncias do *comportamento ofensivo* e, algumas vezes, dos eventos relatados nas fases *preambulação e fatos complementares*.

⁹⁸ Nos exemplos, utilizamos as abreviaturas ext para externa e int para interna. A seta indica a sequência lógica entre as fases. À seta localizada à direita da categoria significa que a relação é externa e à esquerda, interna (MARTIN; ROSE, 2007).

4.4.2 Relações lógico-semânticas expoentes na fase *comportamento ofensivo*

Nas fase *comportamento ofensivo* verificamos a predominância das relações lógico-semânticas de adição com sentido aditivo e de comparação com sentido de semelhança, conforme os exemplos 9 e 10 a seguir.

Exemplo 9:

		Preambulação	QUE VIVEU COM O ACUSADO POR QUASE TRES ANOS E COM ELE POSSUI UM FILHO DE OITO MESES. QUE O ACUSADO NAO AJUDA COM AS DESPESAS DO MENINO
adit ext		comportamento ofensivo	E AINDA DIZ PARA TODOS QUE SE SEPAROU DA COMUNICANTE PORQUE ESTA TINHA DOIS AMANTES.

BOD #6

No exemplo 9, a fase *comportamento ofensivo* estabelece uma relação de adição aditiva externa com a fase *preambulação*, de modo que a fase subsequente acrescenta uma nova informação à fase antecedente. Essa nova informação é explicitamente sinalizada por “*e ainda*”, numa união da conjunção “*e*” com o advérbio “*ainda*” como item continuativo de adição. Salientamos que, assim como no exemplo 8, neste caso a relação é externa porque estabelece conexões lógicas entre atividades que constroem o campo, ao contrário da relação interna, que diz respeito à organização lógica do discurso, ou seja, do texto.

Exemplo 10:

		preambulação	QUE O CITADO PRESTOU SERVICOS DE PANFLETAGEM A FIRMA ONDE TRABALHAM AS VITIMAS, APOS A SAIDA DO MESMO DO EMPREGO PASSOU A FALAR MAL DAS MESMAS,
	sem int	comportamento ofensivo	[OU SEJA] ⁹⁹ DIZ QUE AS MESMAS SAO VAGABUNDAS, QUE LEVAM HOMENS PARA DENTRO DA FIRMA DURANTE O HORARIO DE EXPEDIENTE, AMEACANDO A COMUNICANTE DE MORTE.

BOD #7

No exemplo 10, há uma relação lógico-semântica implícita de comparação com sentido de semelhança entre as fases *comportamento ofensivo* e *preambulação*, de modo que a fase subsequente reformula o que foi dito na fase antecedente, explicitando-a em outros termos. Esse sentido é realizado implicitamente por “*ou seja*”, que sinaliza a conexão lógica de comparação por semelhança. Todas as ocorrências de comparação por semelhança encontradas nesta fase são implícitas. Nesse caso, porém, diferentemente do exemplo 9, a

⁹⁹ Os termos em elipse são colocados entre colchetes e indicam relação conjuntiva implícita, caso em que o termo conjuntivo não está explicitamente presente no texto.

relação conjuntiva é interna, uma vez que tem por finalidade a organização lógica do discurso. Nesse sentido, a relação, por ser interna, diz respeito ao que está sendo dito e não ao que está sendo feito.

4.4.3 Relações lógico-semânticas expoentes na fase *negativa da vítima*

Nesta fase são recorrentes as relações lógico-semânticas de consequência com sentido consequencial (em oposição aos sentidos de meio, condição e finalidade), realizadas por conjunções internas, na medida em que a fase *negativa da vítima* contrapõe a acusação descrita na fase *comportamento ofensivo*, conforme exemplo seguinte.

Exemplo 11:

		comportamento ofensivo	RETORNOU A SUA RESIDENCIA, ACUSANDO SEU FILHO, FULANO, DE DEZESSEIS ANOS, DE TER FURTADO SUA CARTEIRA, A QUAL, BELTRANO ALEGA, TER DEIXADO POR ALGUNS MINUTOS, EM UMA MESA, NA CASA DA COMUNICANTE. QUE O ACUSADO DISSE QUE NA CARTEIRA, HAVIA R\$400,00 E DOCUMENTOS, E SE CASO NAO FOSSEM DEVOLVIDOS POR FULANO ATE AS 17H DE HOJE, EFETUARIA REGISTRO DE OCORRENCIA CONTRA ELE.
	consq int	negativa da vítima	POREM , A COMUNICANTE ESCLARECE QUE TANTO ELA, QUANTO SEU FILHO, NADA TEM A VER COM O FURTO DA CARTEIRA.

BOC #2

Segundo Martin e Rose (2007), uma das finalidades do sentido consequencial interno da relação lógico-semântica de consequência consiste em tirar conclusões acerca de um argumento e contrapô-lo. No exemplo 11, a mãe de um menor vítima de calúnia contrapõe o argumento do acusador no sentido de que ela e seu filho não praticaram o furto de sua carteira com dinheiro e documentos. Das 17 ocorrências de relações de consequência por conjunção interna nesta fase, somente 3 são explícitas, sendo as demais implícitas, conforme o Exemplo 12.

Exemplo 12:

		comportamento ofensivo	ELA PERGUNTOU SE A COMUNICANTE NAO HAVIA VISTO UM ENVELOPE ONDE HAVERIA ALGUMA QUANTIDADE DE DINHEIRO, NAO DISSE A QUANTIA E NA PARTE DA TARDE VOLTOU A LHE INDAGAR, QUANDO ENTAO LHE ACUSOU DE TER FURTADO O DINHEIRO,
	consq int	negativa da vítima	O QUE [PORÉM] A COMUNICANTE NAO FEZ;

BOC #1

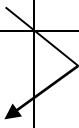
No Exemplo 12, a relação lógico-semântica de consequência está implícita, sendo a conjunção, em elipse, sinalizada entre colchetes.

A fase *negativa da vítima* é mais frequente nos BOs de calúnia e difamação, pois a vítima da ofensa tende a contrapor-se a um fato ofensivo (calúnia e difamação), o que raramente ocorre quando a ofensa constitui apenas uma opinião depreciativa (injúria) geralmente emitida por meio de um qualificativo depreciativo (geralmente realizado por grupos nominais na função de epíteto) e não por meio de um fato.

4.4.4 Relações lógico-semânticas expoentes na fase *atos complementares*

Nesta fase prevalecem as relações lógico-semânticas de adição, conforme vemos no Exemplo 13.

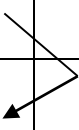
Exemplo 13:

		comportamento ofensivo	BELTRANO INGERE BEBIDA ALCOOLICA E LHE OFENDE CHAMANDO-A DE VAGABUNDA, DESGRACADA, PUTA, ETC,
adit ext		atos complementares	E HOJE, ALEM DE LHE OFENDER, AINDA QUEBROU OS DOIS CONTROLES DA TELEVISAO, E PEGOU UM FACA E PASSOU A AMEACAR O PADRASTO E IRMAO DA COMUNICANTE [...].

BOI #16

No Exemplo 13, as relações aditivas estabelecidas entre as fases *atos complementares* e *comportamento ofensivo* são sinalizadas explicitamente pela conjunção “e”, a qual, dentre outras funções, serve para unir orações em sequências paratáticas. No caso acima, a conexão entre as fases é explícita, porém o Exemplo 14, a seguir, mostra uma relação implícita, muito comum nesta fase.

Exemplo 14:

		comportamento ofensivo	SEU MARIDO, BELTRANO, ULTIMAMENTE ESTA A DISTRATANDO DEMAIS E OFENDENDO-A, CHAMANDO ESTA DE -VAGABUNDA-, ENTRE OUTRAS PALAVRAS DE BAIXO CALAO.
adit ext		atos complementares	[ALÉM DISSO] DECLARA QUE, VIVEU MARITALMENTE COM BELTRANO PELO PERIODO DE 20 ANOS E NAO DORMEM MAIS NO MESMO QUARTO, HA APROXIMADAMENTE 01 ANO. [...]

BOI #15

No Exemplo 14, acima, a relação aditiva, implícita, está sinalizada por “*além disso*” entre colchetes e serve para conectar fatos complementares e relacionados ao comportamento ofensivo.

4.4.5 Relações lógico-semânticas expoentes na fase *arrolamento testemunhal*

Na fase *arrolamento testemunhal*, assim como na fase anterior, predominam as relações aditivas, conforme Exemplo 15.

Exemplo 15:

		fatos complementares	ALEM DE OFENDER MORALMENTE O ACUSADO PASSA O DIA -RONDANDO A CASA DA COMUNICANTE-. NAO E APRIMEIRA VEZ QUE E OFENDIDA POREM ATE ENTAO NAO HAVIA EFETUADO REGISTRO POLICIAL
adit ext		arrolamento testemunhal	[ADEMAIS] TODAS AS OFENSAS FORAM OUVIDAS PELO FILHO DA COMUNICANTE SICRANO DE 11 ANOS

BOD #18

As relações de adição aditiva externa nesta fase são tipicamente implícitas e, neste exemplo, a adição está sinalizada por “*ademais*” entre colchetes, indicando a elipse do elemento coesivo. No exemplo, há a adição de informações acerca de testemunha presencial aos *fatos complementares*.

4.4.6 Relações lógico-semânticas expoentes na fase *motivação da ofensa*

Na fase *motivação da ofensa* predominam as relações lógico-semânticas de consequência com sentido causal-consequencial, conforme o exemplo seguinte.

Exemplo 16:

		comportamento ofensivo	O SR. BELTRANO E A ESPOSA DELE SRA. BELTRANA, PROPRIETARIOS DA CASA ONDE A COMUNICANTE RESIDIA COM A FAMILIA DE ALUGUEL, FORAM ATE ESSA CASA E PASSARAM A OFENDER A COMUNICANTE E SEU MARIDO FULANO, CHAMANDO-OS DE CALOTEIROS, LADROES, SEM VERGONHA, E OS HUMILHARAM,
consq ext		motivação da ofensa	ISSO PORQUE A COMUNICANTE DEVE UNS CINCO OU SEIS MESES DE ALUGUEL, BEM COMO AGUA E LUZ PARA OS PROPRIETARIOS DA CASA.

BOI #7

No Exemplo 16, a relação causal-consequencial é realizada explicitamente pela conjunção *porque* que conecta a *motivação da ofensa* ao *comportamento*

ofensivo, explicitando a relação de causa e efeito entre as duas fases, de modo que a relação conjuntiva evidencia a denominação e o propósito da própria fase *motivação da ofensa*.

4.4.7 Relações lógico-semânticas expoentes na fase *manifestação da vítima*

Na fase *manifestação da vítima* também predominam relações causais-consequenciais, conforme o Exemplo 17.

Exemplo 17:

ETAPA 2 Fato ofensivo	↑↑ Projeção		projeção introdutória	[A COMUNICANTE] COMUNICA
	suc	Ext	circunstâncias específicas	QUE EM HORA E LOCAL SUPRACITADO,
			comportamento ofensivo	SEU EX-COMPANHEIRO BELTRANO CHEGOU EM SUA CASA E NA FRENTE DE SUA FILHA LHE CHAMOU DE (VAGABUNDA, VELHA COROCA, PUTA...).
	suc	Ext	fatos complementares	[ANTES DISSO] QUE A COMUNICANTE ENTROU COM SEPARACAO NO FORUM LOCAL NO ANO DE 2010 E JA SAIU O DIVORCIO, MAS NAO FICOU ESTABELECIDO AS DATAS DE VISITAS DE SUA FILHA SICRANA DE 07 ANOS DE IDADE. INFORMA QUE CADA VEZ QUE SEU EX-COMPANHEIRO VAI VISITAR A FILHA A COMUNICANTE E AGREDIDA VERBALMENTE E AMEACADA DE SER RETIRADA DO PODER FAMILIAR.
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] NESTE ATO, REPRESENTA CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO NO FORUM LOCAL.
	consq	Int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS.

BOI #5

A etapa *manifestação da vítima*, no Exemplo 17, estabelece uma relação consequencial conclusiva que abrange todos as fases antecedentes, uma vez que é realizada pela conjunção interna implícita *portanto*, que aparece entre colchetes para indicar a elipse característica das relações lógico-semânticas implícitas. As setas compridas à esquerda representam a extensão das relações até a fase inicial da *projeção introdutória*.

Pode haver ainda nesta fase uma relação consequencial concessiva, conforme o exemplo seguinte:

Exemplo 18:

	adit ext	motivação da ofensa	E TODA VEZ CRIA ENCRENCA PELOS MESMOS MOTIVOS, POIS VIVE DIZENDO QUE O FILHO DELE ESTA MAL CASADO, REFERINDO-SE A PART. 1.
	consq int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] NAO DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA BELTRANO.

BOI #6

No exemplo 18, a vítima, embora ofendida, manifesta que não tem interesse em responsabilizar o ofensor. Nesse caso, a relação de consequência interna implícita entre a manifestação da vítima e a motivação da ofensa tem sentido concessivo.

4.4.8 Relações lógico-semânticas expoentes na fase *instruções*

Na fase *instruções*, há igualmente predominância das relações de consequência interna, conforme exemplo seguinte.

Exemplo 19:

	consq int	manifestação da vítima	[PORTANTO] MANIFESTA O DESEJO DE NAO REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO
	consq int	Instruções	FICANDO [DESSA FORMA] CIENTE DO PRAZO DECADENCIAL.

BOD #18

No exemplo acima, vemos novamente uma relação lógica de consequência, neste caso entre as fases *instruções* (prestadas pelo policial atendente) e a *manifestação da vítima* sinalizada pela conjunção interna implícita *dessa forma*, a qual tem o sentido conclusivo.

Há também uma variação com sentido concessivo nesta fase quando a manifestação negativa da vítima diante da ofensa em “*apesar disso por ora não representa*” não é esperada (contraexpectativa), conforme exemplo seguinte.

Exemplo 20:

	consq int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] POR ORA NAO REPRESENTA,
	consq int	Instruções	ESTANDO CIENTE [MESMO ASSIM] DO PRAZO DE 6 MESES PARA REPRESENTACAO.

BOD #13

No Exemplo 20, a relação implícita de consequência com sentido concessivo é sinalizada por *mesmo assim* entre colchetes.

4.4.9 Relações lógico-semânticas expoentes na fase *fechamento*

Nesta fase, por fim, são também predominantes as relações lógicas de consequência, como no seguinte exemplo.

Exemplo 21:

	consq int	manifestação da vítima	[PORTANTO] A COMUNICANTE NAO ESTA SUPORTANDO MAIS A SITUACAO E QUER SE SEPARAR DO COMPANHEIRO, BEM COMO AFASTA-LO DO LAR. DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE E REQUER AS MEDIDAS PROTETIVAS.
	consq int	Instruções	X
		Fechamento	[EM CONCLUSÃO] E O REGISTRO.

BOI #1

No Exemplo 21, há uma relação lógico-semântica característica das três últimas fases das duas etapas que compõem o histórico do BO, ou seja, uma relação de consequência implícita com sentido conclusivo que, neste exemplo, está sinalizada por “*em conclusão*” e consiste no encerramento do relato logo após a fase *instruções*. Outras expressões também são usadas nesta fase, tais como, “*nada mais*”, “*era o que havia a registrar*”, “*nada mais a constar*” etc. Conforme Costa (2014), esses termos são denominados de expressões terminológicas cristalizadas e, assim como as expressões que dão início ao histórico, na fase de projeção introdutória, apresentam uma certa estabilidade de recorrência no encerramento de boletins de ocorrência.

Destacamos, por fim, que não abordamos relações conjuntivas discursivas na *projeção introdutória* porquanto constitui uma fase que apresenta uma relação lógico-semântica (projeção verbal) tipicamente no nível interoracional.

Entretanto, constatamos nas análises que a fase *projeção introdutória*, que introduz o relato das etapas *Fato ofensivo-Implicações legais* está presente em 56

dos 60 textos que compõem o *corpus*, sendo realização linguística fundamental do gênero, sobretudo porque concretiza representações do dizer ofensivo.

Nesse sentido, percebemos que, a partir desta fase, pode haver em muitos BOs uma série de realizações com a conjunção “*que*” na sequência dos eventos relatados, conforme vemos no exemplo seguinte.

Exemplo 22:

*“Comparece para relatar **QUE**, em data e hora acima mencionados, foi ofendida, sendo chamada de vagabunda diante de diversas pessoas, bem como teve seus cabelos puxados e não foi agredida, efetivamente, porque a agressora, Beltrana, que trabalha como promotora de produtos Nestle, no supermercado Guanabara do Gassino, foi impedida por outras pessoas. **QUE**, ademais, Beltrana falou para diversas pessoas que a comunicante e vagabunda e anda com o marido dela, Sicrano, fato, este, inverídico. **QUE** não sabe o nome completo de Beltrana, sabendo informar, somente, que a mesma reside na rua vinte e quatro de maio, sobre a loja barriga verde. **QUE** não restou com lesões. **QUE**, após o fato, a acusada disse que a comunicante deveria se preparar, se cuidar, pois ira lhe matar. **QUE** tem testemunhas. **QUE** deseja representar criminalmente contra a acusada. Nada mais”.*

No texto acima, destacamos com negrito e letras maiúsculas a conjunção “*que*” para destacarmos a sequência de eventos que ela conecta a partir da oração projetante “*comparece para relatar*”. Essas realizações conjuntivas decorrentes de relações lógico-semânticas de projeção verbal ocorrem além dos limites de fases e etapas do gênero e, por isso, são destacadas para demonstrar que a projeção pode irradiar-se por todo o histórico do BO.

A projeção introdutória e a conjunção “*que*”, introduzindo orações projetadas numa sequência de eventos, revelam a importância da conjugação dos níveis do complexo oracional com o discursivo na análise de gêneros, possibilitando uma compreensão mais abrangente da caracterização das relações lógico-semânticas no gênero e de sua natureza.

Findas as análises e discussão dos resultados, passamos a tecer as considerações finais da tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação teórica procurou responder às seguintes questões de pesquisa: **1) qual gênero é instanciado no boletim de ocorrência de crimes de linguagem contra a honra?** e **2) Quais são suas etapas e fases, bem como as características das relações lógico-semânticas predominantes, sobretudo no nível do complexo oracional e semântico discursivo da Conjunção?**

A resposta para as questões de pesquisa acima formuladas constitui a tese central deste estudo. A base de sua solução está fundada na concepção de gênero adotada pela chamada Escola de Sydney, para a qual os gêneros constituem “processos sociais realizados em etapas e orientados para um objetivo” (ROSE; MARTIN, 2012, p. 54) e em princípios e categorias da Linguística Sistêmico-Funcional, que concebe a linguagem como um sistema sociossemiótico, assumindo relevo a influência do contexto na produção de significado.

Com isso em mente, realizamos uma análise geral do contexto do BO, verificando as condições de sua produção referentes às três variáveis contextuais: campo, relações e modo. Na variável campo, o BO constitui uma prática social cujo fim está em comunicar à polícia a ocorrência geralmente de um fato criminoso contra a honra de outrem e, por isso, tipicamente carregado de léxico avaliativo negativo explícito atitudinal de julgamento. Na variável relações, verificamos a assimetria da interação entre o policial civil atendente do BO, representando o poder coercitivo do Estado, e os demais participantes (vítimas, testemunhas, suspeitos). Da mesma forma, detectamos a assimetria de relações entre o suspeito, com o seu poder intimidatório, e vítimas e testemunhas da ofensa, o que é evidenciado nas etapas do *Fato ofensivo* e *Implicações legais*, respectivamente, pelas orientações dadas à vítima e pelas ofensas proferidas pelo ofensor à pessoa ofendida. Na variável modo, a linguagem exerce papel constitutivo do gênero, sendo o texto produzido pelo meio escrito, com a vítima utilizando o canal fônico e o policial atendente o canal gráfico, de forma que os potenciais destinatários do texto do BO (juizes, promotores, delegados, etc.) têm tipicamente uma participação passiva na sua produção.

Na sequência, o exame das etapas e fases do BO propiciou-nos revelar a estrutura esquemática que veio a configurar o gênero. Em seguida, a análise das relações lógico-semânticas entre etapas e fases possibilitou-nos evidenciar, por meio delas, as características dos textos analisados e seus propósitos específicos e

gerais. Para tal, procuramos utilizar conjugadamente as categorias dos sistemas do complexo oracional, para análise de relações lógicas entre etapas, e as categorias da conjunção para analisar as relações lógicas conjuntivas entre fases.

Ao final, demonstramos que o texto do boletim de ocorrência é um gênero integrante da família das histórias, mais precisamente um tipo de relato, porém com uma natureza específica, pois está inserido no contexto legal. Ressaltamos, nesse ponto, que o relato, por sua vez, constitui um gênero elementar mapeado em projeto da denominada Escola de Sydney em um contexto distinto, ou seja, no contexto escolar.

Dessa forma, diante das análises dos 60 textos que compõem o *corpus* de pesquisa, concluímos ter evidenciado que o texto do BO de crimes de linguagem contra a honra instância um gênero, o qual denominamos de *relato de ofensa*, integrante da família das histórias, cujo propósito principal é representar o dizer ofensivo para fins legais, sendo dividido em sete etapas, quais sejam: 1) Circunstâncias gerais; 2) Fato Ofensivo 3) Implicações legais; 4) Destinação 1; 5) Participantes; 6) Destinação 2 e 7) Policiais plantonistas, cada uma com suas respectivas fases.

Enquanto representação da experiência pessoal de terceiros materializada textualmente pelo policial civil atendente, o relato de ofensa pode resultar, por exemplo, de um relato pessoal oral da vítima da ofensa transformado pelo policial civil atendente em um relato de ofensa escrito, permeado e caracterizado por relações lógico-semânticas de projeção, evidenciando a representação feita pelo policial atendente do dizer do ofendido.

Dito de outro modo, isso significa que, enquanto o relato pessoal (ROSE; MARTIN, 2012) e o relato comissionado (ZAPPAVIGNA; MARTIN, 2018) ocupam-se com representações da experiência pessoal equivalentes ao da narrativa pessoal laboviana, o relato de ofensa ocupa-se com o relato da experiência pessoal de terceiros, no caso a vítima-alvo do comportamento linguístico ofensivo. Isso ocorre quando a pessoa ofendida, ao comparecer a uma delegacia de polícia, apresenta ao policial-atendente uma representação de eventos linguísticos ofensivos de sua experiência pessoal em decorrência dos quais foi vítima de avaliação negativa explícita (ofensa). É com base nessa representação de experiência linguística pessoal que lhe é reportada pela vítima que o policial-atendente irá elaborar a sua representação sobre o dizer do ofendido. A essa sobreposição de representações,

que se realiza na multiplicidade de projeções, denominamos, em estudos prévios, de metaprojeção. Portanto, essa dinâmica aparece realizada no texto tipicamente por meio de relações lógicas projetionais como uma das características predominantes do relato de ofensa.

Embora seja considerado um tipo de relato, o gênero que ora se revela como relato de ofensa tem suas etapas com designação própria, diferentes daquelas encontradas na família das estórias, mas que guardam equivalência entre si, podendo, v. g., as etapas *Circunstâncias gerais* e *Fato ofensivo* corresponderem, respectivamente, às etapas de *Orientação* e *Registro de eventos* características da família das estórias.

Tendo em vista que, como vimos, o propósito principal do gênero demonstrado linguisticamente nos BOs de crimes de linguagem contra a honra que integram o *corpus* é, do ponto de vista linguístico, representar o dizer ofensivo, o texto do BO é permeado de relações lógicas de projeção verbal, iniciando-se pela fase de *projeção introdutória* e irradiando-se por todo o seu histórico.

As análises com base nas categorias do complexo oracional, porém, revelaram relações lógico-semânticas que vão além do nível interoracional e interfásico quando exploramos os significados lógico-semânticos entre as etapas do gênero. Nesse sentido, as categorias do complexo oracional demonstraram como o texto do BO se expande a partir das etapas que compõem o histórico, ora elaborando-o para explicitar dados dos participantes, ora intensificando-o para acrescentar circunstâncias gerais (relativas ao registro do BO e ao fato ofensivo) e para trazer as implicações legais decorrentes do fato ofensivo e a destinação do BO. A projeção verbal, por sua vez, demonstra a sua importância tanto na demarcação de sequência de eventos, irradiando-se, muitas vezes, por todo o texto, como na representação de vozes, seja o dizer do ofensor, seja o dizer do ofendido, seja o dizer de outros participantes, possibilitando-se delimitar a autoria do que foi dito na representação produzida pelo policial atendente.

Do ponto de vista semântico-discursivo, o relato de ofensa é caracterizado pela prosódia avaliativa tipicamente distribuída na etapa do *Fato ofensivo*, na qual está a sequência de eventos que abrange o comportamento linguístico avaliativo derogativo. Nessa etapa, em conjunto com a etapa das *Implicações legais*, as análises revelaram, dentre os quatro tipos de relações conjuntivas básicas (adição, comparação, tempo e consequência), que predominam, entre as suas fases,

relações lógicas de consequência, que dizem respeito tipicamente às conclusões, no final do texto, relativas às manifestações da vítima da ofensa e as instruções emanadas do policial atendente, encerrando com as expressões cristalizadas que realizam o fecho final do relato. Predominam igualmente as relações lógicas de tempo sucessivo, que evidenciam basicamente as circunstâncias temporais da etapa do *Fato ofensivo*. As relações de adição revelam principalmente o acréscimo de fatos complementares relacionados ao comportamento ofensivo, ao passo que as relações de comparação, na fase do *comportamento ofensivo*, podem servir para explicitar ou parafrasear a ofensa sinalizada na fase da *preambulação*. Essas relações lógicas evidenciam o propósito das etapas e fases do gênero. Nesse sentido, destacamos que as relações lógico-semânticas reveladas, assim como as relações coesivas, superam os limites da constituição oracional dos relatos para estarem presentes entre as fases e etapas do gênero. Não são, portanto, apenas relações lógicas entre orações, mas entre as etapas do gênero e suas fases, fato sociosemiótico a demonstrar que os gêneros são instanciações de culturas.

Reconhecendo os limites desta pesquisa em face da amplitude e complexidade do tema, entendemos a necessidade de pesquisas posteriores para aprofundamento e ampliação dos temas aqui tratados com base em estudos de relações lógico-semânticas em Língua Portuguesa com o uso das categorias dos sistemas utilizados, inclusive abrangendo os demais sistemas discursivos. As pesquisas acerca do gênero aqui revelado também podem ser ampliadas no futuro para incluir a gravação da interação entre a vítima e o policial-atendente, possibilitado uma análise multimodal e mais abrangente, inclusive com análise de linguagem corporal, muito em voga atualmente nos estudos sistêmicos, sobretudo na denominada escola australiana, naquilo que podemos chamar de análise do discurso multimodal (ZAPPAVIGNA; MARTIN, 2018, p. 35).

Por fim, no âmbito policial, acreditamos que podem ser ampliadas pesquisas no sentido de investigar boletins de ocorrência que digam respeito a outros crimes e que possam ter outras características linguísticas, inclusive com a possibilidade de configurarem outros gêneros.

Por outro lado, no contexto de ensino, o presente estudo pode servir como ponto de partida para a abordagem de gênero no ensino-aprendizagem de produção de textos legais em academias de polícia nos cursos de formação e aperfeiçoamento de policiais civis, principalmente nas disciplinas de redação policial

ou equivalentes. Da mesma forma, sendo o boletim de ocorrência bastante presente na cultura brasileira, pois constitui um dos textos legais da polícia judiciária ao qual a população mais tem acesso, essa pesquisa pode também ser útil para estimular o seu ensino-aprendizagem no contexto escolar e universitário a fim de que os direitos e garantias fundamentais de cidadania, dentre os quais o de proteção à honra, possam ser exercidos conscientemente e com eficiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J.-M. **Linguistique Textuelle: des genres des discours aux textes**. Paris: Nathan, 1999.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAWARSHI, A.; REIFF, M. J. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. São Paulo: Parábola, [2010] 2013.

BAZERMAN, C. Speech acts, genres, and activity systems: how texts organize activity and people. In: BAZERMAN, C.; PRIOR, P. (Orgs.). **What writing does and how it does it: an introduction to analyzing texts and textual practices**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2004. p. 309-337.

BERBER-SARDINHA, T. **Linguística de corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

BERNSTEIN, B. **Class, Codes and Control. Volume 1: Theoretical Studies Towards a Sociology of Language**. London and Boston: Routledge and Kegan Paul, 1971.

BERNSTEIN, B. **The Structuring of Pedagogic Discourse**. London: Routledge, 1990.

BERNSTEIN, B. **Pedagogy, Symbolic Control and Identity: theory, research, critique**. London: Taylor & Francis, 1996.

BEZERRA, B. G. A propósito da “síntese brasileira” nos estudos de gêneros. **Revista de estudos da linguagem**, [S.l.], v. 24, n. 2, p. 465-491, mar., 2016. ISSN 2237-2083. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/6979/9134>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

BITTENCOURT, C. R. **Código Penal Comentado**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

BLOOMFIELD, L. **Language**. London: Allen & Unwin, 1933.

BORTOLUZZI, I. V. de. **Que justiça é essa?** Aspectos teórico-metodológicos da investigação de representações discursivas da justiça em acórdãos de habeas corpus e cartas do leitor. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

BRASIL. Decreto-lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. **Presidência da República**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del2848.htm>. Acesso em: 17 out. 2015.

BRASIL. Decreto-lei n. 3.689, de 3 de outubro de 1941. Código de Processo Penal. **Presidência da República**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del3689.htm>. Acesso em: 17 out. 2015.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 jun. 2018

BRONCKART, J.-P. La psychologie ne peut être que sociale et la didactique est l'une des ces disciplines majeures. In: BERNIÉ, J. P. (org.) **Apprentissage, développement et significations: hommage à Michel Brossard**. Bordeaux: Presse Universitaires de Bordeaux, 2001. p. 19-41.

CARVALHO, J. L. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 130-149.

CHOUKR, F. H. **Garantias constitucionais na investigação criminal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lumen Iuris, 2006.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. OEA. **Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem**. Bogotá, 1948. Disponível em: <https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/b.Declaracao_Americana.htm>. Acesso em: 10 jun. 2018.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. OEA. **Convenção Americana sobre Direitos Humanos**. San José, 1969. Disponível em: <http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/c.Convencao_Americana.htm>. Acesso em: 10 jun. 2018.

COSTA, M. I. P. **Estudo preliminar da terminologia empregada pela Polícia Civil do RS no Boletim de Ocorrência Policial**. 2009. 306f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

COSTA, M. I. P. **Terminologia jurídico-policial: proposta de elaboração de um glossário eletrônico**. 2014. 287f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

DAVID, R.; BRIERLEY, J. E. C. **Major Legal Systems in the World Today**. 3. ed. London: Stevens & Sons, 1985.

DE CONTO, J. M. **Representações sociais da mulher em situação de violência doméstica e familiar no contexto sócio-histórico de São Borja/RS**. 2012. 294f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FRANCO, A. S. et al. **Código penal e sua interpretação jurisprudencial**. 5 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1995. 3358p.

FUZER; C. CABRAL, S. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

FUZER; C. **Linguagem e representação nos autos de um processo penal: como operadores do direito representam atores sociais em um sistema de gêneros.** 2008. 269f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

FUZER; C. **Leitura e escrita em Língua Portuguesa na perspectiva sistêmico-Funcional.** Santa Maria, RS: PPGL – UFSM, 2014.

FUZER; C. Análise contextual e lexicogramatical da sentença condenatória no caso Isabella Nardoni. In: Virgínia Colares. (Org.). **Linguagem & direito: caminhos para a linguística.** São Paulo: Cortez, 2016, v. 1, p. 327-363.

GIBBONS, J. **Forensic Linguistics: an introduction to language in the justice system.** Victoria, Australia: Blackwell Publishing, 2005. 337 p.

GLEASON JUNIOR, H. A. **Contrastive analysis in discourse structure.** Monograph Series on Languages and Linguistics 21. Georgetown University Institute of Languages and Linguistics, 1968. [reprinted in A. Makkai and D. Lockwood (eds) (1973) *Readings in Stratificational Linguistics.* University, AL: Alabama University Press. 258-76].

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning,** London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English.** London: Longman (English Language Series 9), 1976.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective.** Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar.** 4. ed. London: Arnold, 2014.

HASAN, R. Text in the systemic-functional model. In W Dressler (ed.) **Current Trends in Textlinguistics.** Berlin: Walter de Gruyter. 1977. p. 228-46.

HASAN, R. Part II. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in social-semiotic perspective.** Oxford: Oxford University, 1989.

HÉLIE, M. F. **Traité de l'instruction criminelle, Tomo III.** De la police judiciaire. Paris: Henri Plon, 1866.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

- HYON, S. **Genre in three traditions**: implications for ESL. *TESOL Quarterly*, v. 30, n. 4, 1996, p. 693-722.
- JESUS, D. **Código Penal anotado**. 22. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.
- JESUS, S. N. **Discurso policial**: a subjetividade em Boletins de Ocorrência. 2008. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, 2008.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Ed.). **Essays on the verbal and visual arts**: proceedings of the 1966 Annual Spring Meeting of the American Ethnological Society. Seattle/London: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.
- MARTIN, J. R. **Factual writing**: exploring and challenging social reality. Geelong: Deaking University Press, 1985.
- MARTIN, J. R. **Factual writing**: exploring and challenging social reality. London: Oxford University Press, 1989.
- MARTIN, J.R. **English text**: system and structure. Amsterdam: Benjamins, 1992.
- MARTIN, J. R. **Macro-genres**: The ecology of the page. *Network* 21, 1994, p. 29-52.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with discourse**: meaning beyond the clause. Second edition. London & New York: Continuum, 2007.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Genre relations**: mapping culture. London: Equinox, 2008.
- MARTIN, J. R. Realisation, instantiation and individuation: some thoughts on identity in youth justice conferencing). *Delta*. v. 25, n. especial, São Paulo, 2009. p. 549-583.
- MARTIN, J. R. One of Three Traditions: Genre, Functional Linguistics, and the “Sydney School”. In: ARTEMEVA, N.; FREEDMAN, A. (Eds.). **Genre around the globe**: beyond the three traditions. Edmonton, AB: Trafford. 2016. p. 31-77.
- MATHIESSEN, C. M. I. M. **Lexicogrammatical cartography**: English systems. Tokyo: International Language Sciences Publications, 1995.
- MEDEIROS, P. M.; SILVA, J. A. O Código Florestal Brasileiro e o ciberativismo ambiental no Twitter. *Redes.com*, Espanha, n. 8, p. 85-106, out., 2013.
- MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.
- MILLER, C. Genre as social action. *Quarterly Journal of Speech*, n. 70, 1984. p. 151-167.
- MITCHELL, T.F. **The language of buying and selling in Cyrenaica**: a situational statement. *Hesperis*, 26:31-71, 1957.

MORAIS, F. B. C. Entre alhos e bugalhos: os diferentes usos do clítico SE na escrita acadêmica. 2013. 184 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

MOTTA-ROTH, D. A dinâmica de produção de conhecimento: teoria e dados, pesquisador e pesquisados. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 3, n. 1, p. 165-184, 2003.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. M. A short cartography of genre studies in Brazil. **Journal of English for Academic Purposes**, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.jeap.2015.05.006>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

MOURA, G. M. S. S.; LUCE, F. B. Encontros de serviço e satisfação de clientes em hospitais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 4, p. 434-440, jul./ago., 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000400010> Acesso em: 03-09-2018.

NASCIMENTO JR., M. S. **Análise crítica do discurso nos estudos de violência relacional: homens violentados por mulheres nos gêneros boletim de ocorrência e termo circunstanciado**. 2011. 159f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2012.

NUCCI, G. S. **Código Penal comentado**. 14. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

OLIVEIRA, M. A. **As notícias de crimes: uma análise retórico-argumentativa do discurso jornalístico on-line por antecipação ao discurso jurídico**. 2014. 242f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris, 1948. Disponível em: <<https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

PAULA, E., OLIVEIRA, T., TOMÉ, C. Análise discursiva da posição sujeito policial militar nos boletins de ocorrência de furto e roubo à residência do município de Sinop-MT. **Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 2, n. 1, p. 309-316, jan./jul., 2011. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/140>>. Acesso em: 11 mai. 2018.

RIBEIRO, M. R. **Judiciary police system of genres: a genre analysis of police report on language crimes against honour (calúnia, difamação and injúria)**. 2010. 54 f. Trabalho Final de Graduação (Licenciatura em Letras-Inglês). UFSM, Santa Maria, 2010.

RIBEIRO, M. R. **Representações para atores sociais em boletins de ocorrência de crimes de injúria**. 2014. 184f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

RIBEIRO, M. R. Representações para atores sociais em boletins de ocorrência de crimes de injúria. **ReVEL**, v. 12, n. 23, p. 255-296, mar./ago., 2014a.

RIBEIRO, M. R. A estrutura potencial do gênero do boletim de ocorrência sobre crimes de linguagem contra a honra. **Cadernos do IL**, n. 48, p. 120-143, jun./dez., 2014b.

RIBEIRO, M. R. Representações para atores sociais e para ofensa no ambiente de projeção oracional em boletins de ocorrência de injúria. In: FUZER; SILVA (Orgs.). **Linguagem e representações: estudos em linguística sistêmico-funcional**. Santa Maria: UFSM, PPGL Ed., 2017. p. 93-126.

RIBEIRO, M. R.; FUZER, C. A atitude em boletins de ocorrência de crimes de linguagem contra a honra: um estudo da ofensa verbal na perspectiva do sistema de avaliatividade. **Language and Law/Linguagem e Direito**, v. 1, n. 1, p. 109-121, 2014.

RIO GRANDE DO SUL. Lei n. 7.366, de 29 de março de 1980. **Dispõe sobre o Estatuto dos Servidores da Polícia Civil**. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/legiscomp/arquivo.asp?Rotulo=Lei%20n%BA%207366&idNorma=26&tipo=pdf>>. Acesso em: 10 de jun. de 2018.

RIO GRANDE DO SUL. **Constituição Estadual de 1989**. Promulgada em 3 de outubro de 1989. Disponível em: <http://www2.al.rs.gov.br/dal/LinkClick.aspx?fileticket=9p-X_3esaNg=&tabid=3683&mid=5358> Acesso em: 10 jun. 2018

RIO GRANDE DO SUL. Lei n. 10.994, de 18 de agosto de 1997. **Estabelece organização básica da Polícia Civil, dispõe sobre sua regulamentação e dá outras providências**. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/legiscomp/arquivo.asp?Rotulo=Lein%BA10994&idNorma=216&tipo=pdf>>. Acesso em: 10 de jun. de 2018.

RIO GRANDE DO SUL. Academia de Polícia Civil. Edital n.º 21/2017, de 18 de dezembro de 2017. **Concursos Públicos de ingresso nas carreiras de Escrivão de Polícia e de Inspetor de Polícia**. Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 18 dez. 2017, p. 79-106. Disponível em: <<https://secweb.procergs.com.br/doe/public/downloadDiario/diario-download-form.xhtml?dataPublicacao=2017-12-18>> Acesso em: 10-06-2018.

RIO GRANDE DO SUL. Academia de Polícia Civil. Edital n.º 08/2018, de 22 de fevereiro de 2018. **Concurso Público de ingresso na carreira de Delegado de Polícia**. Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 22 fev. 2018, p. 88-116. Disponível em: <<https://secweb.procergs.com.br/doe/public/downloadDiario/diario-download-form.xhtml?dataPublicacao=2018-02-22>> Acesso em: 10-06-2018.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROSE, D.; MARTIN, J. R. **Learning to Write, Reading to Learn: Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School**. London: Equinox, 2012.

SWALES, J. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. **A text and its commentaries**: toward a reception history of “Genre in three traditions” (Hyon, 1996). *Ibérica*, n. 24, 2012. p. 103-116.

TÂM, NGUYEN THI MINH. The Notion of Clause Complex in Systemic Functional Linguistics. **VNU Journal of Foreign Studies**, v. 29, n. 4, 2013, p. 25-36. Disponível em: <<http://tapchi.vnu.edu.vn/upload/2014/04/1172/3.pdf>> Acesso em: 27 jul. 2015.

TERRILL, R. J. **World criminal justice systems**: a survey. 7. ed. New Providence, NJ: Matthew Bender & Company, Inc., 2009.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. 3rd ed. London: Routledge, 2014.

TRISTÃO, R. M. S. **O Boletim de Ocorrência sob o aspecto da dêixis de base espacial como processo de instauração e manutenção de referência**. 2007. 141f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2007.

VAN LEEUWEN, T. Genre and field in critical discourse analysis: a synopsis. **Discourse and society**, v. 4, n. 2, 1993. p. 193-225.

WATSON-GECEO, K. A. Ethnography in ESL: defining the essentials. **TESOL Quarterly**, v. 22, n. 4, p. 575-592, 1988.

VENTOLA, E. **The structural of social interaction** – a systemic approach to the semiotics of service encounters. London: Frances Pinter, 1987.

VIAN, Jr., O.; LIMA-LOPES, R. E. A perspectiva teleológica de Martin para a análise de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 29-45.

VIEIRA ABRAHÃO, M. H. Metodologia na investigação de crenças. In: BARCELOS, A. M. F. e VIEIRA ABRAHÃO, M. H. (Orgs.). **Crenças e Ensino de Línguas**: foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas: Pontes, 2006. p. 219-231.

ZAPPAVIGNA M. MARTIN J. Conference Design: Genre and Macro-Genre. In: **Discourse and Diversionary Justice**. Palgrave Macmillan, Cham, 2018.

ANEXOS



ANEXO 1

Requerimento com autorização manuscrita do Chefe de Polícia para uso dos BOs em pesquisa

6 AB/CK/POL
R.H.
Pefino, no
14.06.2013

Ao Excelentíssimo Senhor RANOLFO VIEIRA JÚNIOR,
Digníssimo Chefe de Polícia do Estado,
PORTO ALEGRE – RS.

Del. Pol. Ranolfo Vieira Júnior
CHEFE DE POLÍCIA

MARCOS ROGÉRIO RIBEIRO, Delegado de Polícia, 3.a classe, padrão 12, matrícula 1.244771.4, identidade funcional n.º 1390538, RG 2021033432, vem a presença de Vossa Excelência, expor e, ao final, requerer o seguinte:

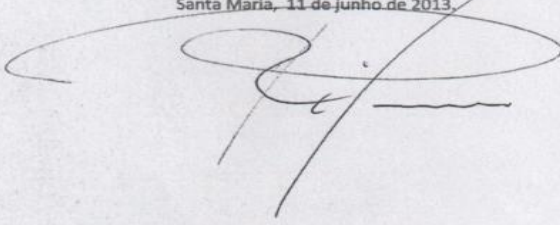
1. O signatário está desenvolvendo pesquisa, registrada sob n.º 032104, no Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade de Santa Maria, sob o título a "Representação social e linguística da ofensa verbal em boletins de ocorrência da polícia civil gaúcha sobre crimes de linguagem contra a honra (calúnia, difamação e injúria)".
2. O estudo deverá ser relevante e útil para, dentre outros fatores, servir de suporte a professores e alunos das academias de polícia no sentido de melhor compreender e produzir o gênero Boletim de Ocorrência (BO). Por esta mesma razão, poderá ser também útil em cursos de letras nesta área, uma vez que o BO é um gênero com o qual muitas pessoas, como experiência pessoal, mantêm contato em uma delegacia de polícia.
3. Ademais, a pesquisa poderá trazer revelações significativas acerca de como se dá, pelos policiais, a representação do crime por meio do uso da linguagem, contribuindo para enriquecer as pesquisas no âmbito da Linguística Forense. Numa perspectiva mais ampla, este estudo poderá também fornecer uma maior compreensão acerca das ocorrências criminais e do modo como a linguagem pode ser utilizada nesse campo legal.

DIANTE DO EXPOSTO:

Requer a Vossa Excelência autorização para acesso e uso dos boletins de ocorrência de Calúnia, Difamação e Injúria, registrados pela Polícia Civil em todo o território do RS, no período de 01-09-2011 a 30-09-2011, disponíveis no SCI, salientando que, caso seja atendida a solicitação, os nomes das pessoas envolvidas nos fatos registrados ou quaisquer outros dados que possam identificá-las, serão devidamente omitidos na pesquisa e nos textos e apresentações que dela decorrerem, assegurando-se o sigilo e a privacidade previstos na legislação pátria.

Nestes termos, pede e espera deferimento.

Santa Maria, 11 de junho de 2013.



APÉNDICES

APÊNDICE A

Análises-piloto da estrutura esquemática do histórico de BOs de calúnia, difamação e injúria

Etapas	Fases	BOC #6538/2011
Orientação	<i>cenário</i>	INFORMA A COMUNICANTE QUE TRABALHA NO LOCAL ACIMA DESCRITO E HOJE QUANDO CHEGOU PARA TRABALHAR NA REFERIDA RESIDENCIA
Registro (rol) de Eventos	<i>evento 1</i>	FOI ACUSADA [[DE TER FURTADO JOIAS, RELOGIO E DINHEIRO]].
Orientação	<i>cenário</i>	QUE NESTA RESIDENCIA A COMUNICANTE CUIDA DA SRA. SICRANA DE 77 ANOS DE IDADE,
Orientação	<i>cenário</i>	E NO DIA DE HOJE ESTAVA NO LOCAL ACUSANDO A COMUNICANTE O CUNHADO DE SICRANA DE NOME BELTRANO E A IRMA DE SICRANA DE NOME BELTRANA, SENDO QUE ALEM DESSES DOIS HAVIA UM OUTRO HOMEM [[NA QUAL DIZIA SER POLICIAL]] QUE ESTAVA INVESTIGANDO SENDO QUE A COMUNICANTE NAO O CONHECIA,
Registro (rol) de Eventos	<i>evento 2</i>	A TESTEMUNHA ABAIXO QUALIFICADA TRABALHA NO CONDOMINIO E PRESENCIOU A CENA DO FATO.
Orientação	<i>fecho</i>	E O REGISTRO.

Etapas	Fases	BOC #6543/2011
Registro (rol) de Eventos	<i>evento</i>	VITIMA RELATA QUE SUA TIA (BELTRANA) TERIA LHE ACUSADO DE TER VENDIDO A FILHA TETRANA. DIZ QUE TAL TIA AINDA LHE IMPEDE DE VISITAR A CRIANCA.
Orientação	<i>cenário</i>	DIZ QUE [[QUEM DETEM A GUARDA]] SERIA A REFERIDA TIA.
Registro (rol) de Eventos	<i>pedido da vítima</i>	PEDE APENAS O REGISTRO DO FATO PARA FINS DE DIREITO. NM.

Etapas	Fases	BOC #7958/2011
Registro (rol) de Eventos	<i>evento 1</i>	COMUNICA QUE A PARTICIPANTE 2, MAE DE SUA NAMORADA FULANA 1, O ACUSOU AOS GRITOS DE QUE DORMIA COM A NETA DELA DE NOME FULANA 2 DE 13 ANOS,
Orientação	<i>comentário</i>	FATO INVERIDICO.
Registro (rol) de eventos	<i>evento 2</i>	DIZ QUE BELTRANA DISCUTIU COM FULANA 1 E QUANDO DISSE QUE NAO DEIXARIA QUE OCORRESSEM AGRESSOES FISICAS, FOI CHAMADO DE CORNO, QUE FULANA 1 BOTAVA HOMENS PARA DENTRO DE CASA PARA DORMIREM COM A FULANA 2, QUE OS TRES ESTAVAM DORMINDO NA MESMA CAMA. VIZINHOS ESCUTARAM AS ACUSACOES DELA.
Orientação		FULANA 1 E FULANA 2 MORAM EM UMA CASA E BELTRANA EM OUTRA NO MESMO TERRENO.
Registro (rol) de Eventos	<i>pedido da vítima</i>	REPRESENTA CRIMINALMENTE CONTRA A ACUSADA.

Etapas	Fases	BOD #7537/2011
Registro (rol) de eventos	<i>evento 1</i>	RELATA QUE FOI CASADA DURANTE DEZESSEIS ANOS COM O ACUSADO, SENDO QUE [[FAZEM QUATRO ANOS]] QUE ESTA SEPARADA DO MESMO.
Registro (rol) de eventos	<i>evento 2</i>	OCORRE QUE VEM SENDO PERTURBADA PELO EX MARIDO, O QUAL FICA FALANDO QUE A VITIMA POSSUI UM CASO AMOROSO UM RAPAZ,
Orientação	<i>comentário</i>	O QUE DIZ NAO SER VERDADE.
Registro (rol) de eventos	<i>evento 3</i>	O ACUSADO AINDA CHAMA A VITIMA DE VAGABUNDA E QUE POSSUI MUITOS AMANTES E QUE POSSUI PROVAS PARA TIRAR SUA FILHA DE SEU PODER.
Registro (rol) de Eventos	<i>pedido da vítima</i>	DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO E NAO SOLICITA MEDIDA PROTETIVA DE URGENCIA.

Etapas	Fases	BOD #4089/2011
Registro (rol) de eventos	<i>evento 1</i>	COMPARECE A ESTA DELEGACIA PARA COMUNICAR QUE, SEU CUNHADO, BELTRANO, DESDE A DATA MENCIONADA, ESTA FALANDO PARA O SEU MARIDO, SICRANO, QUE A VITIMA MANTEVE RELACOES SEXUAIS COM ELE E QUE, ERA PARA O MARIDO DESTA LHE PERGUNTAR, COMO ELE ERA BOM NA CAMA.
Registro (rol) de eventos	<i>evento 2</i>	DESTACA QUE, NA DATA DE 19/09/2011, O CUNHADO FOI ATE A SUA CASA, E FICOU DANDO EM CIMA DA MESMA, POREM, DECLARA QUE NAO MANTEVE RELACOES COM ELE. BELTRANO TAMBEM FALOU PARA A MAE DA VITIMA E TAMBEM PARA A SUA IRMA, QUE HAVIA MANTIDO RELACOES COM ESTA.
Registro (rol) de eventos	<i>evento 3</i>	A VITIMA RELATA QUE, BELTRANO ESTA INFERNIZANDO A SUA VIDA, PORQUE A SUA IRMA, SICRANA, DECIDIU SAIR DE CASA, [[DEPOIS DE SER AGREDIDA POR BELTRANO]] E, ESTA NA CASA DA VITIMA, QUAL BELTRANO ESTA CULPANDO-A PELO FATO DA COMPANHEIRA NAO DESEJAR MAIS RETORNAR PARA A CASA.
Registro (rol) de eventos	<i>pedido da vítima</i>	A VITIMA DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE ACERCA DOS FATOS RELATADOS.
Orientação	<i>fecho</i>	NADA MAIS.

Etapas	Fases	BOD #6869/2011
Orientação	<i>cenário</i>	COMUNICA QUE NO DIA, HORARIO E LOCAL ACIMA, BEM COMO EM DATAS ANTERIORES,
Registro (rol) de Eventos	<i>evento 1</i>	A AUTORA ABAIXA QUALIFICADA, ESTA ACUSANDO A VITIMA [[DE TER UM CASO COM O EX MARIDO DELA.]]
Registro (rol) de Eventos	<i>evento 2</i>	A AUTORA CHEGOU AIR ATE O TRABALHO DO COMPANHEIRO DA VITIMA E FALAR PARA ELE QUE ELA TINHA PROVAS [[DE QUE A VITIMA TINHA UM CASO COM O EX COMPANHEIRO DA MESMA E COM OUTROS HOMENS]].
Registro (rol) de Eventos	<i>pedido da vítima</i>	DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA A AUTORA.

Etapas	Fases	BOI #1411/2011
Orientação	<i>cenário</i>	RELATA QUE SUA IRMA BELTRANA <<QUE RESIDE NO PATIO AO LADO DE SUA RESIDENCIA,>> FREQUENTEMENTE OFENDE A COMUNICANTE,
Registro (rol) de eventos	<i>evento 1</i>	CHAMANDO-A DE PUTA, SENDO QUE O FATO E MOTIVADO POR [[BELTRANA NAO GOSTAR DA COMUNICANTE]]
Registro (rol) de eventos	<i>evento 2</i>	NAO HA TESTEMUNA.
Registro (rol) de eventos	<i>pedido da vítima</i>	REPRESENTA CRIMINALMENTE CONTRA A AUTORA.

Etapas	Fases	BOI #1019/2011
Registro (rol) de eventos	<i>evento</i>	VITIMA NARRA QUE VEM SENDO IMPORTUNADA POR SUA VIZINHA BELTRANA, A QUAL PROFERE PALAVROES CONTRA SUA PESSOA OFENDENDO DE (PUTA, CADELA, EGUA) ENTRE OUTROS IMPROPERIOS.
Orientação	<i>cenário</i>	QUE ESTES FATOS JA OCORREM HA ALGUNS MESES.
Registro (rol) de eventos	<i>pedido da vítima</i>	DIZ QUE NO MOMENTO NAO DESEJA CONTINUIDADE DA ACAO PENAL,
Orientação	<i>instruções</i>	SENDO DEVIDAMENTE ORIENTADA DE QUE O DELITO E DE ACAO PENAL PRIVADA, HAVENDO A NECESSIDADE [[DE CONSTITUIR ADVOGADO PARA FINS DE APRESENTACAO DE QUEIXA-CRIME.]]

Etapas	Fases	BOI #3040/2011
Orientação	<i>cenário</i>	A DECLARANTE INFORMA QUE NA DATA ACIMA
Registro (rol) de eventos	<i>evento 1</i>	ESTEVE NA CASA DE SEU EX-COMPANHEIRO BELTRANO, PARA COBRAR UMA DIVIDA REFERENTE A VENDA DE UMA CAMA BOX, DA QUAL ELE DEVE R\$ 300,00, E ESTE LHE CHAMOU DE CALOTEIRA, VAGABUNDA E OUTRAS OFENSAS.
Registro (rol) de eventos	<i>evento 2</i>	TESTEMUNHOU O FATO O SR. SICRANO.
Registro (rol) de eventos	<i>pedido da vítima</i>	A DECLARANTE DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE. A DECLARANTE NAO DESEJA MEDIDAS PROTETIVAS.
Orientação	<i>cenário</i>	TELEFONE DE BELTRANO 00 00000000.

Etapas	Fases	BOI #6081/2011
Registro (rol) de eventos	<i>evento 1</i>	COMUNICA QUE O LOCUTOR DO BIG, <<NAO SABE INFORMAR SEU NOME,>> LHE OFENDEU AO RECLARMAR DE QUE O PRECO DO LEITE [[QUE ELE ANUNCIAVA]] NAO ERA O MESMO QUE LHE COBRARAM
Registro (rol) de eventos	<i>evento 2</i>	AO CHEGAR NO CAIXA, ENTAO ELE LHE CHAMOU DE VELHO SEM VERGONHA E DISSE QUE IRIA LHE QUEBRAR A CARA.
Orientação	<i>cenário</i>	TESTEMUNHA: SICRANO.
Orientação	instruções	ORIENTADO A CONSTITUIR UM ADVOGADO PARA INGRESSO DE QUEIXA-CRIME DENTRO DO PRAZO DECADENCIAL DE SEIS MESES.

APÊNDICE B

Análises-piloto de relações lógico-semânticas em BOs de calúnia, difamação e injúria

Número	Estrutura	Oração	(BOC #6538/2011)
1.	α	INFORMA A COMUNICANTE	
2.	" β 1	QUE TRABALHA NO LOCAL ACIMA DESCRITO	
3.	" $\beta+2x\beta$	E HOJE QUANDO CHEGOU PARA TRABALHAR NA REFERIDA RESIDENCIA	
4.	" $\beta\alpha$	FOI ACUSADA [[DE TER FURTADO JOIAS, RELOGIO E DINHEIRO]].	
5.	1	QUE NESTA RESIDENCIA A COMUNICANTE CUIDA DA SRA. SICRANA DE 77 ANOS DE IDADE,	
6.	+21	E NO DIA DE HOJE ESTAVA NO LOCAL ACUSANDO A COMUNICANTE O CUNHADO DE SICRANA DE NOME BELTRANO E A IRMA DE SICRANA DE NOME BELTRANA,	
7.	+2<=>1	SENDO QUE ALEM DESSES DOIS HAVIA UM OUTRO HOMEM <<NA QUAL DIZIA SER POLICIAL>> QUE ESTAVA INVESTIGANDO	
8.	=2	SENDO QUE A COMUNICANTE NAO O CONHECIA,	
9.	1	A TESTEMUNHA ABAIXO QUALIFICADA TRABALHA NO CONDOMINIO	
10.	+2	E PRESENCIOU A CENA DO FATO.	
11.		E O REGISTRO.	

Número	Estrutura	Oração	(BOC #6543/2011)
12.	α	VITIMA RELATA	
13.	" $\beta\alpha$	QUE SUA TIA (BELTRANA) TERIA LHE ACUSADO	
14.	= β	DE TER VENDIDO A FILHA TETRANA.	
15.	α	DIZ	
16.	" β	QUE TAL TIA AINDA LHE IMPEDE DE VISITAR A CRIANCA.	
17.	α	DIZ	
18.	" $\beta \alpha$	QUE QUEM DETEM A GUARDA	
19.	" $\beta= \beta$	SERIA A REFERIDA TIA.	
20.		PEDE APENAS O REGISTRO DO FATO PARA FINS DE DIREITO. NM.	

Número	Estrutura	Oração (BOC #7958/2011)
21.	α	COMUNICA
22.	$\beta\alpha$	QUE A PARTICIPANTE 2, MAE DE SUA NAMORADA FULANA 1, O ACUSOU AOS GRITOS
23.	$=\beta$	DE QUE DORMIA COM A NETA DELA DE NOME FULANA 2, FATO INVERIDICO.
24.	α	DIZ
25.	$\beta\alpha$	QUE BELTRANA DISCUTIU COM FULANA 1
26.	$\beta\times\beta\times\beta$	E <<QUANDO DISSE QUE NAO DEIXARIA QUE OCORRESSEM AGRESSOES FISICAS,>>
27.	$\beta\times\beta\alpha 1$	FOI CHAMADO DE CORNO,
28.	$\beta+2\alpha$	QUE FULANA 1 BOTAVA HOMENS PARA DENTRO DE CASA
29.	$\beta+2\times\beta$	PARA DORMIREM COM A FULANA 2,
30.	$\beta+2$	QUE OS TRES ESTAVAM DORMINDO NA MESMA CAMA.
31.		VIZINHOS ESCUTARAM AS ACUSACOES DELA.
32.		FULANA 1 E FULANA 2 MORAM EM UMA CASA E EVA EM OUTRA NO MESMO TERRENO.
33.		REPRESENTA CRIMINALMENTE CONTRA A ACUSADA.

Número	Estrutura	Oração (BOD #7537/2011)
34.	α	RELATA
35.	$\beta\alpha$	QUE FOI CASADA DURANTE DEZESSEIS ANOS COM O ACUSADO
36.	$\beta + \beta$	SENDO QUE FAZEM QUATRO ANOS [[QUE ESTA SEPARADA DO MESMO]].
37.	α	OCORRE
38.	$=\beta\alpha$	QUE VEM SENDO PERTURBADA PELO EX MARIDO,
39.	$=\beta=\beta \alpha$	O QUAL FICA FALANDO
40.	$\beta \alpha$	QUE A VITIMA POSSUI UM CASO AMOROSO UM RAPAZ,
41.	$\beta = \beta$	O QUE DIZ NAO SER VERDADE.
42.	α	O ACUSADO AINDA CHAMA A VITIMA DE VAGABUNDA
43.	$+\beta \alpha$	E QUE POSSUI MUITOS AMANTES
44.	$+\beta+\beta$	E QUE POSSUI PROVAS PARATIRAR SUA FILHA DE SEU PODER.
45.	A	DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO
46.	$+\beta$	E NAO SOLICITA MEDIDA PROTETIVA DE URGENCIA.

Número	Estrutura	Oração	BOD #4089/2011
47.	α	COMPARECE A ESTA DELEGACIA	
48.	$x\beta\alpha$	PARA COMUNICAR	
49.	" $\beta\alpha$	QUE, SEU CUNHADO, BELTRANO, DESDE A DATA MENCIONADA, ESTA FALANDO PARA O SEU MARIDO, SICRANO,	
50.	" $\beta\beta 1$	QUE A VITIMA MANTEVE RELACOES SEXUAIS COM ELE	
51.	" $\beta\beta+2\alpha$	E QUE, ERA PARA O MARIDO DESTA LHE PERGUNTAR,	
52.	" $\beta\beta+2\beta$	COMO ELE ERA BOM NA CAMA.	
53.	α	DESTACA	
54.	" $\beta 1$	QUE, NA DATA DE 19/09/2011, O CUNHADO FOI ATE A SUA CASA,	
55.	" $\beta x 2 1$	E FICOU DANDO EM CIMA DA MESMA,	
56.	$+2\alpha$	POREM, DECLARA	
57.	" β	QUE NAO MANTEVE RELACOES COM ELE.	
58.	α	BELTRANO TAMBEM FALOU PARA A MAE DA VITIMA E TAMBEM PARA A SUA IRMA,	
59.	" β	QUE HAVIA MANTIDO RELACOES COM ESTA.	
60.	α	A VITIMA RELATA QUE,	
61.	" $\beta 1$	BELTRANO ESTA INFERNIZANDO A SUA VIDA,	
62.	" $\beta x 2 \alpha$	PORQUE A SUA IRMA, SICRANA, DECIDIU	
63.	" $\beta x 2' \beta \alpha$	SAIR DE CASA,	
64.	" $\beta x 2' \beta x \beta 1$	DEPOIS DE SER AGREDIDA POR BELTRANO	
65.	" $\beta x 2 + 2 \alpha$	E, ESTA NA CASA DA VITIMA,	
66.	" $\beta x 2 = \beta \alpha$	QUAL BELTRANO ESTA CULPANDO-A	
67.	" $\beta x 2 x \beta \alpha$	PELO FATO DA COMPANHEIRA NAO DESEJAR	
68.	" $\beta x 2' \beta$	MAIS RETORNAR PARA A CASA.	
69.	α	A VITIMA DESEJA	
70.	' β	REPRESENTAR CRIMINALMENTE ACERCA DOS FATOS RELATADOS.	
		NADA MAIS.	

Número	Estrutura	Oração	BOD #6869/2011
71.	α	COMUNICA QUE NO DIA, HORARIO E LOCAL ACIMA, BEM COMO EM DATAS ANTERIORES,	
72.	" $\beta\alpha$	A AUTORA ABAIXA QUALIFICADA, ESTA ACUSANDO A VITIMA	
73.	" $\beta=\beta$	DE TER UM CASO COM O EX MARIDO DELA.	
74.	α	A AUTORA CHEGOU A IR ATE O TRABALHO DO COMPANHEIRO DA VITIMA	
75.	$x\beta \alpha$	E FALAR PARA ELE	
76.	" β [[=]]	QUE ELA TINHA PROVAS [[DE QUE AVITIMA TINHA UM CASO COM O EX COMPANHEIRO DA MESMA E COM OUTROS HOMENS]].	
77.	α	DESEJA	
78.	' β	REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA A AUTORA.	

Número	Estrutura	Oração	BOI #1411/2011
79.	α	RELATA	
80.	" $\beta<<=>>\alpha$	QUE SUA IRMA BELTRANA <<QUE RESIDE NO PATIO AO LADO DE SUA RESIDENCIA,>> FREQUENTEMENTE OFENDE A COMUNICANTE,	
81.	" $\beta=\beta \alpha$	CHAMANDO-A DE PUTA,	
82.	$+\beta$	SENDO QUE O FATO E MOTIVADO POR [[BELTRANA NAO GOSTAR DA COMUNICANTE]]	
83.		NAO HA TESTEMUNA.	
84.		REPRESENTA CRIMINALMENTE CONTRA A AUTORA.	

Número	Estrutura	Oração	(BOI #1019/2011)
85.	α	VITIMA NARRA	
86.	" $\beta \alpha$	QUE VEM SENDO IMPORTUNADA POR SUA VIZINHA BELTRANA,	
87.	" $\beta=\beta\alpha$	A QUAL PROFERE PALAVROES CONTRA SUA PESSOA	
88.	" $\beta+\beta$	OFENDENDO DE (PUTA, CADELA, EGUA) ENTRE OUTROS IMPROPERIOS.	
89.		QUE ESTES FATOS JA OCORREM HA ALGUNS MESES.	
90.	α	DIZ QUE NO MOMENTO	
91.	" $\beta 1$	NAO DESEJA CONTINUIDADE DA ACAO PENAL,	
92.	+ 2α	SENDO DEVIDAMENTE ORIENTADA	
93.	" $\beta\alpha$	DE QUE O DELITO E DE ACAO PENAL PRIVADA,	
94.	" $\beta=\beta[[=]]$	HAVENDO A NECESSIDADE [[DE CONSTITUIR ADVOGADO PARA FINS DE APRESENTACAO DE QUEIXA-CRIME.]]	

Número	Estrutura	Oração	(BOI #3040/2011)
95.	α	A DECLARANTE INFORMA	
96.	" $\beta\alpha$	QUE NA DATA ACIMA ESTEVE NA CASA DE SEU EX-COMPANHEIRO BELTRANO,	
97.	" $\beta\times\beta\alpha$	PARA COBRAR UMA DIVIDA REFERENTE A VENDA DE UMA CAMA BOX,	
98.	" $\beta<=<\beta>>1$	DA QUAL ELE DEVE R\$ 300,00,	
99.	" $\beta+2$	E ESTE LHE CHAMOU DE CALOTEIRA, VAGABUNDA E OUTRAS OFENSAS.	
100.		TESTEMUNHOU O FATO O SR. SICRANO.	
101.	α	A DECLARANTE DESEJA	
102.	' $\beta\alpha$	REPRESENTAR CRIMINALMENTE.	
103.		A DECLARANTE NAO DESEJA MEDIDAS PROTETIVAS.	
		TELEFONE DE BELTRANO 00 00000000.	

Número	Estrutura	Oração (BOI #6081/2011)
104.	α	COMUNICA
105.	$\beta \ll \Rightarrow \alpha$	QUE O LOCUTOR DO BIG, <<NAO SABE INFORMAR SEU NOME,>> LHE OFENDEU
106.	$\beta \times \beta \alpha$	AO RECLARMAR
107.	$\beta \ll = \beta \gg \alpha$	DE QUE O PRECO DO LEITE [[QUE ELE ANUNCIAVA]] NAO ERA O MESMO QUE LHE COBRARAM
108.	$\beta \times \beta 1$	AO CHEGAR NO CAIXA,
109.	$\beta \times 2 1$	ENTAO ELE LHE CHAMOU DE VELHO SEM VERGONHA
110.	$\beta \times 2 \alpha$	E DISSE
111.	$\beta \beta$	QUE IRIA LHE QUEBRAR A CARA.
		TESTEMUNHA: SICRANO.
112.	α	ORIENTADO
113.	β	A CONSTITUIR UM ADVOGADO PARA INGRESSO DE QUEIXA-CRIME DENTRO DO PRAZO DECADENCIAL DE SEIS MESES.

APÊNDICE C

Tabelas de etapas e fases nos BOs de calúnia

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #1
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL POLÍCIA CIVIL
	b) dados do registro	Ocorrência Policial nº 5956 / 2011 / 10.04.50 Orgão: 10.04.50 - GUAIBA Ano: 2011 Número: 5956 Data Registro: 05/09/2011 as 19:18 horas Comunicação: Pessoal
	c) circunstâncias do fato	Fato: 2015.05 - CALUNIA CONSUMADO Início: 05/09/2011 as 16:00 horas até 05/09/2011 as 16:30 horas área: Urbana Local: AV GOETHE, 000/ - R BRANCO - PORTO ALEGRE-RS - BRASIL Estab. comercial - Bares/restaurantes SUCHI DRIVE Fatos Complementares: Forma: Instrumento: Atuação: Vias de Acesso:
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	RELATA A VITIMA FULANA
	b) orientação	QUE NA TARDE DE HOJE FOI CALUNIADA PELA GERENTE DO RESTAURANTE ONDE A COMUNICANTE TRABALHA COMO AUXILIAR DE SERVICOS GERAIS, ACUSADA BELTRANA, RESTAURANTE SUCHI DRIVE, NA AV GOETHE EM PORTO ALEGRE;
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	QUE, NA PARTE DA MANHA
	b) comportamento do ofensor	ELA PERGUNTOU SE A COMUNICANTE NAO HAVIA VISTO UM ENVELOPE ONDE HAVERIA ALGUMA QUANTIDADE DE DINHEIRO, NAO DISSE A QUANTIA E NA PARTE DA TARDE VOLTOU A LHE INDAGAR, QUANDO ENTAO LHE ACUSOU DE TER FURTADO O DINHEIRO,
	c) negativa da vítima	O QUE A COMUNICANTE NAO FEZ;
	d) arrolamento de testemunha	-
	e) motivação da ofensa	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	-
	b) instruções	-
	c) fechamento	ERA O QUE HAVIA A REGISTRAR.

5 ETAPA Destinação 1	Órgão de Destino: 10.04.50 –GUAIBA	
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais (vítima)	<p>Participante: 1 - Vítima Presente Nome: FULANA Pai / Mãe: TETRANO 1 / TETRANA 2 Data Nascimento: 10/10/1982 Sexo: Feminino Cor Pele: Mulato Estado civil: Solteiro Grau de Instrução: Ensino fundamental Cor olhos: Castanho Naturalidade: GUAIBA - RS Nacionalidade: Brasileiro nato Documento: Carteira de identidade SSP/RS - RS Número: 0000000000 CNH: Endereço: RUA TREZE - VL PEDRAS BRANCAS, 000 - VL PEDRAS BRANCAS, GUAIBA RS, RS, BRASIL, CEP 92500-000, Fone (00) 00000000 Profissão: OUTROS Cargo: AUX SERV GERAIS Condição Física: Normal Endereço Profissional: GUAIBA RS, RS, BRASIL</p>
	b) pedido de manifestação e assinatura (vítima)	<p>A vítima deseja representar em juízo? Sim (X) Não () Assinatura: _____</p>
7 ETAPA Destinação 2	Destino 1.a via: _____	
8 ETAPA Políciais plantonistas	a) identificação e assinatura	<p>Equipe:</p> <p>Atendente.....: 1017637099 TETRANO 2 (a) _____</p> <p>Chefe Plantão: 8055336047 TETRANO 3 (a) _____</p> <p>Autor. Policial: 4083902629 TETRANO 4 (a) _____</p>

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #2
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	[A COMUNICANTE] COMUNICA
	b) orientação	QUE NA MANHA DE HOJE, O SR. BELTRANO, ESTEVE EM SUA CASA PARA PRESTAR UM SERVIÇO DE MONTAGEM DE MOVEIS. QUE ELE FOI EMBORA APOS CONCLUIR O TRABALHO,
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	MAS, A TARDE, PROXIMO DAS 13H 50 MIN,
	b) comportamento do ofensor	RETORNOU A SUA RESIDENCIA, ACUSANDO SEU FILHO, FULANO, DE DEZESSEIS ANOS, DE TER FURTADO SUA CARTEIRA, A QUAL, BELTRANO ALEGA, TER DEIXADO POR ALGUNS MINUTOS, EM UMA MESA, NA CASA DA COMUNICANTE. QUE O ACUSADO DISSE QUE NA CARTEIRA, HAVIA R\$400,00 E DOCUMENTOS, E SE CASO NAO FOSSEM DEVOLVIDOS POR FULANO ATE AS 17H DE HOJE, EFETUARIA REGISTRO DE OCORRENCIA CONTRA ELE.
	c) negativa da vítima	POREM, A COMUNICANTE ESCLARECE QUE TANTO ELA, QUANTO SEU FILHO, NADA TEM A VER COM O FURTO DA CARTEIRA.
	d) arrolamento de testemunha	-
	e) motivação da ofensa	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO.
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
5 ETAPA Destinação 1		√

6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais (mãe de menor)	√
	b) pedido de manifestação e assinatura (mãe de menor)	√
	c) dados pessoais (acusado)	√
	d) dados pessoais (vítima menor)	√
	e) pedido de manifestação e assinatura (vítima menor)	√
7 ETAPA Destinação 2		√
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #3
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	RELATA O COMUNICANTE
	b) orientação	-
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	QUE EM DATA, HORA E LOCAL SUPRA,
	b) comportamento do ofensor	SUA CUNHADA DE NOME BELTRANA 1, RESIDENTE NA RUA SIMPLICIO APOLINARIO DA SILVA, N. 000, BAIRRO BOA VISTA E BELTRANA 2, RESIDENTE NA MESMA RUA, AO LADO DA OFICINA DO BERTELI, PASSARAM A CHAMAR O COMUNICANTE DE TRAFICANTE DE DROGAS E LADRAO, POIS HAVIA FURTADO UM COMPUTADOR, NA MESMA OPORTUNIDADE,
	c) motivação da ofensa	DESCONHECEM OS MOTIVOS, MAS ACREDITAM QUE FOI FOCAS QUE FULANA ESTARIA VENDENDO FOTOS DE UMA FILHA DE BELTRANA 1
	d) negativa da vítima	FATO QUE NAO E VERDADE.
	e) arrolamento de testemunha	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	DESEJAM REPRESENTAR.
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
5 ETAPA Destinação 1		√
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais (vítima 1 e mãe de menor)	√
	b) pedido de manifestação e assinatura (vítima 1 e mãe de menor)	√

	c) dados pessoais (vítima 2 – filho menor)	√
	d) pedido de manifestação e assinatura (vítima 2 – filho menor)	√
	e) anexação de documentos	Documentos Termo de declarações: 1/2011 05/09/2011 19:13 Termo de declarações: 2/2011 05/09/2011 19:14
7 ETAPA Destinação 2		√
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #4
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	[O COMUNICANTE] COMUNICA
	b) orientação	-
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	QUE NO DIA DE HOJE, TOMOU CONHECIMENTO ATRAVES DE SUA SOGRA, SRA. SICRANA,
	b) comportamento do ofensor	QUE O COMUNICANTE TERIA FALADO QUE TETRANA, IRMA DA SOGRA DO COMUNICANTE ESTARIA COM AIDS,
	c) negativa da vítima	SENDO QUE O COMUNICANTE NAO FEZ TAL AFIRMACAO, E QUEM FALOU PARA A SOGRA DO COMUNICANTE, QUE TETRANA COM AIDS, FOI BELTRANA, QUE ATRIBUIU AO COMUNICANTE TAL AFIRMACAO, FATO QUE NAO E VERDADE.
	d) arrolamento de testemunha	-
	e) motivação da ofensa	-
	f) fatos complementares	TETRANA RESIDE NA RUA JOSE GARIBALDI 000, BAIRRO BOA PARADA, E BELTRANA RESIDE NA RUA LUCIO DIAS. NAO RECORDA O NR DA CASA.
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	NO MOMENTO NAO DESEJA REPRESENTAR CONTRA AS AUTORAS,
	b) instruções	FICANDO CIENTE DO PRAZO DE SEIS MESES PARA O OFERECIMENTO DA REPRESENTACAO, A CONTAR DA DATA DA CIENCIA DA AUTORIA DO FATO.
	c) fechamento	-
5 ETAPA Destinação 1		√
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√

	b) pedido de manifestação e assinatura	√
7 ETAPA Destinação 2		√
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #5
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	[O COMUNICANTE] COMUNICA
	b) orientação	-
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	QUE NA MANHA DE ONTEM, ENTRE AS 11:00 E AS 12:00 HORAS,
	b) comportamento do ofensor	BELTRANO 1, ROPRIETARIO DE UMA CASA DE CARNES NA AV. GENERAL OSORIO, PROXIMO DO BAILE DA MELANCIA, FOI ATE O LOCAL ONDE O COMUNICANTE ESTA TRABALHANDO EM UMA REFORMA, QUANDO O ACUSOU DE TER FURTADO FARELO PARA GADO DA PROPRIEDADE DELE, PROXIMO DO POSTO AZEREDO, NA 158, QUE O COMUNICANTE HAVIAM IDO ATE LA DE CAMINHAO E CARREGADO O FARELO DE PROPRIEDADE DELE. BELTRANO 1 SE FAZIA ACOMPANHAR DE MAIS DOIS HOMENS, TAL DE BELTRANO 2 E BELTRANO 3, QUE GERALMENTE ESTAO NA UNIAO OPERARIA, OS QUAI TAMBEM ACUSARAM O COMUNICANTE DO FURTO.
	c) fatos complementares	NO DIA DE HOJE, ENCONTROU BELTRANO 2, EM FRENTE AO JORNAL DIARIO SERRANO, QUANDO PERGUNTOU COMO HAVIA FICADO A ESTORIA DO FURTO, NO QUE BELTRANO 2 DISSE PARA O COMUNICANTE ESQUECER, POIS HAVIAM DADO UMA PRENSSA NO CASEIRO E AQUELE HAVIA CONFESSADO. ESLCARECE QUE NA PRIMEIRA OCASIAO EM QUE LHE PROCURARAM, O CASEIRO ESTAVA JUNTO NA CAMIONETE E AQUELES RETORNARAM LOGO APOS E AFIRMARAM QUE O CASEIRO HAVIA DITO QUE O CASEIRO TINHA CONFIRMADO QUE ERA O COMUNICANTE O AUTOR DO FURTO. JUNTO COM O COMUNICANTE, ESTAVA SEU COLEGA DE SERVICO HOMNERO, QUE TAMBEM FOI ACUSADO.
	d) negativa da vítima	-
	e) arrolamento de testemunha	SALIENTA QUE MAIS PESSOAS PRESENCIARAM AS ACUSACOES. QUE AS ACUSACOES FORAM FEITAS NO SEU LOCAL DE TRABALHO E PODERIAM TER LHE PREJUDICADO GRANDEMENTE.

	f) motivação da ofensa	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	MANIFESTA O DESEJO DE REPRESENTAR CONTRA OS AUTORES.
	b) instruções	-
	c) fechamento	EH O REGISTRO.
5 ETAPA Destinação 1	√	
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais autor	√
7 ETAPA Destinação 2	√	
8 ETAPA Políciais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #6
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	RELATA A VITIMA FULANO
	b) orientação	-
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	QUE FOI CALUNIADO NA NOITE DE HOJE PELA SUA COMPANHEIRA BELTRANA, COM A QUAL CONVIVE HA DEZESSEIS ANOS,
	b) comportamento do ofensor	TENDO ELA DITO QUE O COMUNICANTE TERIA ESTUPRADO AS DUAS FILHAS DO CASAL, QUE AS TERIA AGREDIDO,
	c) negativa da vítima	O QUE NAO E VERDADE,
	d) motivação da ofensa	TUDO PORQUE ELA FICA SEGUIDAMENTE EMBRIAGADA E AGE DE MANEIRA TOTALMENTE DESIQUILIBRADA;
	e) fatos complementares	QUE, NA NOITE DE HOJE, INCLUSIVE, ELA CORREU COM AS DUAS FILHAS DE CASA, AMBAS MENORES DE IDADE, TENDO O COMUNICANTE QUE SAIR PARA BUSCAR E DAR SOCORRO PARA AS FILHAS.
	f) arrolamento de testemunha	QUE, INCLUSIVE ESTA ACOMPANHADO NESSE MOMENTO DA SUA FILHA SICRANA, COM 16 ANOS, QUE CONFIRMA A SITUACAO PRECARIA QUE CONVIVE COM A MAE.
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	-
	b) instruções	-
	c) fechamento	ERA O QUE HAVIA A REGISTRAR.
5 ETAPA Destinação 1		√
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√

	c) dados pessoais do acusado	√
7 ETAPA Destinação 2		√
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #7
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	[A VÍTIMA] REGISTRA
	b) orientação	-
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	O FATO QUE ONTEM CONFORME HORA DA OCORRENCIA,
	b) comportamento do ofensor	A BELTRANA DISSE PARA TODOS OUVIREM QUE A VITIMA TERIA MATADO UMA PESSOA E IRIA PAGAR POR TAL FATO.
	c) negativa da vítima	-
	d) arrolamento de testemunha	-
	e) motivação da ofensa	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	A VITIMA DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA A AUTORA DO FATO PELO DELITO DE CALUNIA E DIFAMACAO.
	b) instruções	AUDIENCIA MARCADA PARA O DIA 06/12/2011 - 08:50 HORAS.
	c) fechamento	E O REGISTRO.
5 ETAPA Destinação 1		√
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado	√
	d) anexação de documentos	Documentos Termo de declarações: 1/2011 14/09/2011 09:45 Convite para esclarecimentos: 89/2011 14/09/2011 09:47 Convite para esclarecimentos: 90/2011 14/09/2011 09:48

7 ETAPA Destinação 2	√	
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #8
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	[A VÍTIMA] COMUNICA
	b) orientação	QUE TEVE UM RELACIONAMENTO POR CERCA DE 2 ANOS E 4 MESES COM A ACUSADA E ESTAO SEPARADOS HA 9 MESES. HAVIA MEDIDAS PROTETIVAS CONTRA A VITIMA.
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	INFORMA QUE NA DATA DE ONTEM, A ACUSADA ESTEVE NA SUA CASA E LHE CALUNIOU NA FRENTE DE SUA ATUAL NAMORADA, SICRANA (0000-0000)
	b) comportamento do ofensor	[A ACUSADA] DIZENDO QUE: A VITIMA BATIA NA ACUSADA; QUE BATEU NELA DURANTE A GRAVIDEZ; QUE O MESMO ERA RUIM COM ELA; QUE OS PAIS DELE FIZERAM MAL PARA ELA E QUE ELA VIVE EM CONDICOES PRECARIAS POR CULPA DA VITIMA.
	c) negativa da vítima	-
	d) arrolamento de testemunha	-
	e) motivação da ofensa	INFORMA QUE PAGA PENSAO PARA O FILHO TETRANO, DE 4 ANOS E ATRASOU A PENSAO 3 DIAS, MOTIVO PELO QUAL A MESMA FOI ATE SUA CASA PARA LHE COBRAR. INFORMA QUE E A TERCEIRA VEZ QUE A ACUSADA LHE PROCURA.
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	NAO DESEJA REPRESENTAR NO MOMENTO.
	b) instruções	CIENTIFICADO DO PRAZO DE SEIS MESES PARA EXERCER A REPRESENTACAO E ORIENTADO COMO PROCEDER.
	c) fechamento	-
5 ETAPA Destinação 1		√
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado	√
	d) dados pessoais da testemunha	√
7 ETAPA Destinação 2		√

8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√
---	----------------------------------	---

ETAPAS	FASES	TEXTOS BOC #9
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	RELATA O PART 01
	b) orientação	QUE FEZ CONTATO COM O ACUSADO PARA SABER SEUS DADOS PARA COMPLEMENTACAO DE UM TC CONFORME BO 13434/2011/100301, SENDO QUE A COLEGA SICRANA JA HAVIA FEITO CONTATO COM O MESMO ANTERIORMENTE E ESTE DISSE QUE NAO SABIA SE ERA DA POLICIA MESMO ELA INFORMANDO SEUS DADOS E O TELEFONE DA DP PARA CONTATO, NO DIA 13 DO CORRENTE QUANDO DO CONTATO, BELTRANO PEDIU PARA ENVIAR UM E-MAIL DA DP, COMO O OBJETIVO ERA A IDENTIFICACAO ASSIM O FEZ, MANDANDO I-MAIL PEDINDO SEUS DADOS, NO DIA DE HOJE LIGOU NOVAMENTE E O MESMO INFORMOU QUE SUA ADVOGADA DISSE QUE TERIAM QUE IR NO LOCAL DE SEU TRABALHO, INFORMOU QUE O TELEFONEMA ERA PARA EVITAR CONSTRANGIMENTOS E OTIMIZAR O SERVICO, PRATICA COMUM DESTA DELEGACIA AI O MESMO SOLICITOU QUE POLICIAIS FOSSEM ATE SEU LOCAL DE TRABALHO PARA QUE LHE IDENTIFICAR.
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	NESTE DIA QUANDO DA CHEGADA DO POLICIAL PARA IDENTIFCA-LO
	b) comportamento do ofensor	O MESMO DISSE QUE HAVIA SIDO AMEACADO POR TELEFONE PELO PARTICIPANTE 01 E QUE HAVIA REGISTRADO OCORRENCIA DE AMEACA EM DESFAVOR DO MESMO.
	c) negativa da vítima	-
	d) arrolamento de testemunha	-
	e) motivação da ofensa	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	DIANTE DOS FATOS DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO PELO CRIME DE CALUNIA.
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
5 ETAPA Destinação 1		√

6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado	√
	d) dados pessoais da testemunha	√
7 ETAPA Destinação 2	√	
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #10
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	-
	b) orientação	-
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	COMUNICANTE E VITIMA EM DATA, HORA E LOCAL ACIMA DESCRITOS
	b) comportamento do ofensor	FOI SOLICITADO P/QUE PAGASSE O VALOR QUE DESAPARECEU DO SEU LOCAL DE TRABALHO.
	c) negativa da vítima	QUE A VITIMA NAO RETIROU O DINHEIRO QUE SUMIU, R\$ 1.590,00 EM ESPECIE.
	d) fatos complementares	QUE ESTA NAO E A PRIMEIRA VEZ QUE DESAPARECE DINHEIRO DO LOCAL. QUE A VITIMA ALERTOU A GERENTE BELTRANA DE QUE DEVERIA COLOCAR O DINHEIRO EM UM COFRE E/OU DEVERIA COLOCAR CAMARAS DE SEGURANCA NO LOCAL, O QUE NAO OCORREU ATE O PRESENTE MOMENTO.
	e) arrolamento de testemunha	-
	f) motivação da ofensa	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	QUE A VITIMA DESEJA REPRESENTAR CIVIL E CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO.
	b) instruções	-
	c) fechamento	NADA MAIS.
5 ETAPA Destinação 1		√
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado	√
7 ETAPA Destinação 2		√
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #11
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	[A VÍTIMA] COMUNICA
	b) orientação	QUE ONTEM FOI FURTADA A CARTEIRA COM DINHEIRO E DOCUMENTOS DO SR BELTRANO, QUE E DONO DA EMPRESA METALURGICA ONDE TRABALHA ATE ONTEM QUANDO FOI DEMITIDO, MAS NAO SABIA QUE HAVIA SIDO DEMITIDO POR CAUSA DO FURTO,
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	SENDO QUE HOJE PELA MANHA
	b) comportamento do ofensor	BELTRANO FOI A SUA CASA E DISSE: ...EU VIM VER SE TU TEM A MINHA CARTEIRA, PORQUE EU PRECISO DOS MEUS DOCUMENTOS...EU TENHO QUE VIAJAR DOMINGO...TOCA ELA DENTRO DO PATIO DA FIRMA...QUE EU PRECISO MESMO.
	c) fatos complementares	QUE A EMPRESA METALURGICA FICA NA AV.ATALIBIO ATALIBIO T.REZENDE, N.0000. NAO SABE INFORMAR MAIORES DADOS SOBRE BELTRANO.
	d) negativa da vítima	-
	e) arrolamento de testemunha	-
	f) motivação da ofensa	-
	4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima
b) instruções	-	
c) fechamento	NADA MAIS.	
5 ETAPA Destinação 1		√
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
7 ETAPA Destinação 2		√
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #12
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	[O COMUNICANTE] RELATA
	b) orientação	QUE VEM SENDO CALUNIADO POR BELTRANA, MORADORA DE LINHA HERVAL, MESMA LOCALIDADE ONDE O COMUNICANTE RESIDE.
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	-
	b) comportamento do ofensor	QUE BELTRANA ESTA LHE ACUSANDO JUNTO COM SEUS FILHOS, DE QUE ESTARIA COM UM TELEFONE CELULAR PERTENCENTE AO IRMAO DELA, DE NOME TETRANO 1, QUE ALGUEM HAVIA FURTADO. QUE BELTRANA EFETUOU LIGACAO PARA SUA FILHA MENOR DE IDADE, EXIGINDO QUE ELA FOSSE ENTREGAR O CHIP QUE ERA DO IRMAO DELA.
	c) fatos complementares	QUE SUA FILHA FOI ATE ONDE BELTRANA ESTAVA E ESTA SIMPLEMENTE PEGOU O TELEFONE PERTENCENTE A SUA FILHA. QUE O REFERIDO CHIP FOI COLOCADO DE PROPOSITO NO CELULAR DE SUA FILHA POR UM TAL TETRANO 2, DA MESMA LOCALIDADE E QUE PROVAVELMENTE FOI O AUTOR DO FURTO.
	d) negativa da vítima	QUE O COMUNICANTE NADA TEM A VER COM O ASSUNTO E BELTRANAA MESMO ASSIM ESTA LHE CALUNIANDO E LHE AMEACANDO ATRAVES DE MENSAGENS PARA O SEU TELEFONE CELULAR.
	e) arrolamento de testemunha	-
	f) motivação da ofensa	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA BELTRANA.
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
5 ETAPA Destinação 1		√
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado	√

7 ETAPA Destinação 2	√	
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #13
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	[O COMUNICANTE] INFORMA
	b) orientação	QUE CONSTANTEMENTE AO ADENTRAR O LOCAL SUPRA E FORTEMENTE VIGIADO POR SEGURANCAS. QUE OS MESMO SEGUEM-O ENQUANTO ESTA FAZENDO COMPRAS. RELATA TAMBEM, QUE NA DATA E HORA SUPRA, FORA REVISTADO POR UM DOS MESMOS. SALIENTA QUE ESTE FATO NAO ACONTECE APENAS NESTE ESTAB. SUPRA, TAMBEM EM OUTROS LOCAIS DA EMPRESA WALLMART, QUE TAMBEM E SEGUIDO. DIZ QUE O INDIVIDUO QUE REVISTOU-O ESTAVA SEM IDENTIFICACOES DA EMPRESA
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	-
	b) comportamento do ofensor	E QUE O MESMO TERIA AFIRMADO QUE O COMUNICANTE TERIA FURTADO ALGO DO ESTABELECIMENTO.
	c) negativa da vítima	-
	d) arrolamento de testemunha	-
	e) motivação da ofensa	-
	f) fatos complementares	QUE A GERENCIA DO LOCAL NEGOU IDENTIFICACOES DE QUEM SERIA O INDIVIDUO QUE O REVISTOU. DEIXA ESTA PARA FINS DE DIREITO. QUE ESTE QUE O REVISTOU IDENTIFICOU-SE COMO POLICIAL.
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE.
	b) instruções	-
	c) fechamento	ERA O REGISTRO.
5 ETAPA Destinação 1		√
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais do comunicante-vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√

7 ETAPA Destinação 2	√	
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #14
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da estapa 3)	a) projeção introdutória	[A VÍTIMA] COMUNICA
	b) orientação	-
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	QUE NA DATA E HORA SUPRA,
	b) comportamento do ofensor	SEU VIZINHO - BELTRANO - FOI ATE SUA RESIDENCIA E DISSE-LHE QUE DURANTE UM SERVICO DE REBOCO QUE A VITIMA FIZERA EM SUA RESIDENCIA, ESTE *PEGARA* DOIS CARTOES BANCARIOS E UM CHEQUE, SENDO UM CARTAO DE CREDITO E OUTRO DE CONTA CORRENTE.
	c) fatos complementares	BELTRANO CONTRATOU-O PARA FAZER UM SERVICO QUE DUROU CERCA DE DEZ DIAS, NESTE INTERVA-LO DE TEMPO BELTRANO ACUSA, FULANO, DE TER ROUBADO. FULANO DISSE A BELTRANO QUE REGISTRASSE OCORRENCIA,
	d) comportamento do ofensor	MAS AQUELE DISSE QUE PARA *CHINELO* NAO VALIA A PENA REGISTRAR. DISSE TAMBEM QUE MARCO FEZ USO DO CARTAO EM POSTO DE COMBUSTIVEL NO VALOR DE R\$ 49,00, E TAMBEM DESCONTOU O CHEQUE.
	e) negativa da vítima	-
	f) arrolamento de testemunha	-
	g) motivação da ofensa	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	DESEJA REPRESENTAR PELA ACAO PENAL.
	b) instruções	-
	c) fechamento	NM.

5 ETAPA Destinação 1	√	
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) anexação de documentos	Documentos Termo de declarações: 1/2011 23/09/2011 09:22
7 ETAPA Destinação 2	√	
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #15
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	A VITIMA REGISTRA
	b) orientação	-
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	QUE NO DIA, HORARIO E LOCAL ACIMA, APOS FAZER A FAXINA NA COZINHA DO BAR MARISOL,
	b) comportamento do ofensor	SEU IRMAO BELTRANO, QUE E PROPRIETARIO DO BAR, LHE ACUSOU DE TER ROUBADO R\$ 90,00, EM DINHEIRO, DELE, INCLUSIVE ELE LHE FALOU QUE TINHA TRAZIDO O DVD COM A GRAVACAO DO ROUBO.
	c) fatos complementares	QUE COSTUMA FAZER FAXINA NA CASA E NO BAR, QUE TUDIO NO MESMO PREDIO.
	d) negativa da vítima	-
	e) arrolamento de testemunha	-
	f) motivação da ofensa	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	QUE DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA SEU IRMAO.
	b) instruções	A VITIMA FOI ORIENTADA QUE DEVE CONSTITUIR DEFENSOR PUBLICO OU ADUOGADO PARA INGRESSAR COM QUEIXA-CRIME NO FORO DE TRAMANDAI/RS, POIS EM SEIS MESES OCORRE A DECADENCIA DE PRAZO PARA INCIAR O OPROCEDIMENTO.
	c) fechamento	NADA MAIS A CONSTAR.
5 ETAPA Destinação 1		√
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado	√
	d) anexação de documentos	Documentos Termo de declarações: 1/2011 23/09/2011 15:13
7 ETAPA Destinação 2		√

8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√
---	----------------------------------	---

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #16
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	[O COMUNICANTE] RELATA
	b) orientação	-
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	QUE HOJE, POR VOLTA DAS 12H30MIN,
	b) comportamento do ofensor	O SR. BELTRANO, PROPRIETARIO DE UM BAR PROXIMO A SUA RESIDENCIA, ESTEVE NA CASA DO COMUNICANTE E LHE ACUSOU DE TER COMPRADO OBJETOS FURTADOS. ELE DISSE AINDA QUE O INDIVIDUO CONHECIDO POR TETRANO TERIA ESTADO NA CASA DO COMUNICANTE APOS TER PRATICADO FURTO NO ESTABELECIMENTO DELE.
	c) negativa da vítima	QUE NADA DO QUE E ACUSADO POR BELTRANO OCORREU.
	d) arrolamento de testemunha	-
	e) motivação da ofensa	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	NAO DESEJA REPRESENTAR CONTRA O ACUSADO.
	b) instruções	FOI ORIENTADO DO PRAZO DECADENCIAL DE SEIS MESES PARA A REPRESENTACAO.
	c) fechamento	-
5 ETAPA Destinação 1		√
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
7 ETAPA Destinação 2		√
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #17
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	REFEREM AS VITIMAS FULANA 1 E FULANA 2
	b) orientação	-
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	-
	b) comportamento do ofensor	QUE O ACUSADO BELTRANO E A MAE DELE BELTRANA, FALAM PARA TODA SUA VIZINHANCA DE QUE A VITIMA FULANA 1 E SUAS VIZINHAS FULANA 3, E FULANA 4, AMBAS RESIDENTE NO MESMO ENDERECO DA VITIMA FULANA 1, *ANDAM FALANDO DE QUE A VITIMA FULANA 2 E O ACUSADO BELTRANO FAZEM ARRUACA NA VILA, INCOMODANDO AS VITIMAS SUPRA CITADAS E OUTROS VIZINHOS* E *QUE SE NAO PARASSEM COM AS FOFOCAS, IRA ABRIR BOCA, E BOTAR OS PODRES PARA FORA DE FULANA 1 E FULANA 3*.
	c) negativa da vítima	FATO QUE SEGUNDO A VITIMA FULANA 1, NAO HE VERDADE.
	d) arrolamento de testemunha	TESTEMUNHAS: A MAE DA VITIMA FULANA 1, SRA SICRANA BRAGA, MESMO ENDERECO DESTA VITIMA.
	e) motivação da ofensa	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	NO MOMENTO NAO DESEJA REPRESENTAR.
	b) instruções	CIENTIFICADA DE QUE TEM O PRAZO DE SEIS MESES PARA REPRESENTAR, SE ASSIM O DESEJAR, DEVENDO CONSTITUIR ADVOGADO OU PROCURAR A DEFENSORIA PUBLICA.
	c) fechamento	-
5 ETAPA Destinação 1		√
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais da vítima 2	√
	d) b) pedido de manifestação e assinatura	√

	e) dados pessoais do acusado	√
7 ETAPA Destinação 2		√
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #18
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	-
	b) orientação	POR SUSPEITA DE TER CONTRAÍDO RUBEOLA A COMUNICANTE CONSULTOU NA UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO - UPA/, NO DIA 20-09-2011, SENDO ATENDIDA PELO MEDICO SICRANO, QUE MEDICOU E RECOMENDOU O AFASTAMENTO DA COMUNICANTE DO SERVIÇO PELO PERÍODO MÍNIMO DE TRÊS (03) DIAS, CONFORME COPIA DO ATESTADO ORA ARRECADADO.
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	NESTA DATA, AO RETORNAR PARA TRABALHAR
	b) comportamento do ofensor	[A COMUNICANTE] FOI OFENDIDA, AOS GRITOS, EM MEIO AOS COLEGAS E PÚBLICO EM GERAL, PELO PATRÃO BELTRANO, QUE ACUSOU SER FALSO TAL DOCUMENTO E DE QUE NADA VALIA, ATIRANDO O PAPEL NO ROSTO DA COMUNICANTE.
	c) fatos complementares	ESCLARECE QUE TRABALHA NESTA EMPRESA DESDE O DIA 17-04-2011. APÓS DUAS SEMANAS DE TRABALHO FOI SOLICITADA A CARTEIRA DE TRABALHO, A QUAL PERMANECE EM PODER DO EMPREGADOR. APÓS O EVENTO RELATADO O ACUSADO DISSE PARA A COMUNICANTE QUE NÃO PRECISAVA MAIS TRABALHAR, AINDA EXIGINDO QUE ASSINASSE UM PAPEL. A COMUNICANTE NÃO SABE INFORMAR QUAL O TEOR DESSE DOCUMENTO, ENTRETANTO NEGOU-SE A ASSINAR E SAIU DAQUELE ESTABELECIMENTO CHORANDO.
	d) negativa da vítima	-
	e) arrolamento de testemunha	-
	f) motivação da ofensa	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	DIANTE DO CONSTRANGIMENTO PÚBLICO E OFENSAS A QUE A COMUNICANTE FOI VÍTIMA, MANIFESTA O DESEJO INEQUÍVOCO DE REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO.
	b) instruções	-
	c) fechamento	-

5 ETAPA Destinação 1		√
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado	√
	d) anexação de documentos	Objetos Tipo: Descrição: Documentos COPIA REPROGRAFICA DO ATESTADO MEDICO FIRMADO PELO DR SICRANO, NO UPA-NAVEGANTES. Documentos Auto de arrecadação: 20790/2011 24/09/2011 16:54
7 ETAPA Destinação 2		√
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #19
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	[A DECLARANTE] COMUNICA
	b) orientação	-
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	QUE NESTA DATA, NO HORARIO SUPRACITADO, ENCONTRAVA-SE EM CASA QUANDO LA CHEGOU
	b) comportamento do ofensor	O CASAL BELTRANA E BELTRANO, ACUSANDO-A DE TER FURTADO UMA CADELA DELES, NAO INFORMANDO QUANDO TERIA SIDO O FATO. ALEM DISSO LHE CHAMARAM DE LADRONA E SEMVERGONHA.
	c) negativa da vítima	-
	d) arrolamento de testemunha	O FATO FOI PRESENCIADO APENAS PELO PAI DA DECLARANTE, QUE FICOU AO SEU LADO DURANTE A CONVERSA QUE TEVE COM OS ACUSADOS.
	e) motivação da ofensa	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	DESEJA REPRESENTAR CONTRA AMBOS POR CALUNIA E INJURIA
	b) instruções	E FOI ORIENTADA QUE DEVE PROCURAR UM ADVOGADO PARA OFERECER QUEIXACRIME DIRETO EM JUIZO NO PRAZO DE SEIS MESES.
	c) fatos complementares	OS ACUSADOS RESIDEM NA RUA DUQUE DE CAXIAS, NR. 0000, N/C.
	d) fechamento	E O REGISTRO.
5 ETAPA Destinação 1		√
6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) anexação de documentos	Documentos Termo de declarações: 1/2011 25/09/2011 22:08 Certidão: 3728/2011 25/09/2011 22:52
7 ETAPA Destinação 2		√
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOC #20
1 ETAPA Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
2 ETAPA preambulação (obs.: pode ser incluída como fases da etapa 3)	a) projeção introdutória	RELATA, A VITIMA,
	b) orientação	-
3 ETAPA Fato ofensivo	a) circunstâncias especiais	QUE NA DATA DE 25/09/2011 POR VOLTA DAS 15:00H, ESTAVA TRABALHANDO NA LANCHERIA BATORE LANCHES, NO ENDERECO JA MENCIONADO, COMO ATENDENTE DE CAIXA QUANDO
	b) comportamento do ofensor	ADENTROU O ACUSADO, BELTRANO, PROPRIETARIO DO ESTABELECIMENTO, QUE FALOU EM ALTO E BOM TOM QUE ESTAVA FALTANDO DINHEIRO DO CAIXA E QUE ESTA SITUACAO NAO FICARIA ASSIM.
	c) fatos complementares	A VITIMA SENTIU QUE A ACUSACAO ERA PROFERIDA CONTRA A SUA PESSOA POIS HAVIA TRABALHADO NO CAIXA NA NOITE ANTERIOR.
	d) comportamento do ofensor	QUE BELTRANO FEZ O MESMO COMENTARIO A COLEGAS DA VITIMA ACUSANDO-A DE SER RESPONSAVEL PELA FALTA DE DINHEIRO DO CAIXA.
	e) fatos complementares	QUE POR DIVERSAR VEZES A VITIMA FOI ASSEDIADA PELO ACUSADO QUE LHE FEZ PROPOSTAS INDECOROSAS. QUE O ACUSADO SE APROSSIMAVA DA VITIMA E LHE BILISCA A CINTURA DEPOIS PROFERIA COMENTARIOS OBSCENOS. A VITIMA FICOU PROFUNDAMENTE CONSTRANGIDA, PERANTE SEUS COLEGAS E CLIENTES DA LANCHERIA, PELO MODO COMO O ACUSADO INSINUOU QUE A VITIMA TERIA FURTADO DINHEIRO DO CAIXA.
	f) negativa da vítima	-
	g) arrolamento de testemunha	-
	h) motivação da ofensa	-
4 ETAPA Implicações legais	a) pedido da vítima	A VITIMA DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA BELTRANO.
	b) instruções	-
	c) fechamento	NADA MAIS.
5 ETAPA Destinação 1		√

6 ETAPA Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado	√
7 ETAPA Destinação 2	√	
8 ETAPA Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

APÊNDICE D

Resumo das etapas e de quantitativo de fases nos BOs de calúnia¹⁰⁰

ETAPAS	FASES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	dados institucionais	20
	dados do registro	20
	circunstâncias do fato	20
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção introdutória	19
	preambulação	8
	circunstâncias especiais	17
	comportamento ofensivo	20
	negativa da vítima	9
	fatos complementares	12
	arrolamento testemunhal	4
	motivação da ofensa	3
ETAPA 3 Implicações legais	manifestação da vítima	18
	instruções	7
	fechamento	11
ETAPA 4 Destinação 1	órgão destinatário	20
ETAPA 5 Participantes¹⁰¹	dados pessoais da vítima	20
	pedido de manifestação e assinatura	20
	dados pessoais do acusado	12
	dados pessoais da testemunha	2
	anexação de documentos	6
ETAPA 6 Destinação 2	destinatário da 1.a via	20
ETAPA 7 Policiais plantonistas	identificação e assinatura	20

¹⁰⁰ Obs.: mudamos algumas etapas e fases das análises realizadas nos quadros anteriores

¹⁰¹ Embora não tenham sido encontrados no *corpus*, pode haver outros participantes, tais como *indiciado*, *autor*, *adolescente infrator*, *comunicante*, *suspeito*.

APÊNDICE F

Tabelas de etapas e fases nos BOs de difamação

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #1
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL POLÍCIA CIVIL
	b) dados do registro	Ocorrência Policial nº 385 / 2011 / 15.29.11 Orgão: 15.29.11 - BOSSOROCA Ano: 2011 Número: 385 Data Registro: 05/09/2011 as 16:23 horas Comunicação: Pessoal
	c) circunstâncias do fato	Fato: 2015.10 - DIFAMACAO - CALUNIA CONSUMADO Início: 02/09/2011 as 23:00 horas até 03/09/2011 as 12:00 horas Área: Urbana Local: -, - BOSSOROCA-RS - BRASIL Estab.comercial - Lojas/outros ONIBUS FACULDADE Fatos Complementares: Forma : Instrumento: Atuação : Vias de Acesso:
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	-
	b) preambulação ¹⁰²	QUE CONVIVEU COM BELTRANA DURANTE 06 ANOS POSSUINDO UM FILHA DE 04 ANOS. HA DOIS MESES ESTAO SEPARADOS PORQUE BELTRANA QUIS, ELA DESEJOU A SEPARACAO E ELA SAIU DE CASA. O COMUNICANTE PAGA PENSÃO PARA A FILHA E A CRIANÇA FICA DE SEGUNDA A SEXTA COM O COMUNICANTE, PASSANDO A NOITE COM O COMUNICANTE. DURANTE O DIA A FILHA FICA NA CRECHE ENQTO O COMUNICANTE TRABALHA. NO SABADO PELA MANHA DEIXOU A FILHA NA CASA DE BELTRANA PORQUE IA PARA SAO LUIZ GONZAGA.
	c) circunstâncias especiais	AO MEIO DIA AO CHEGAR NA CASA DE SUA MAE SOUBE QUE BELTRANA NO ONIBUS DA FACULDADE NA NOITE ANTERIOR
	d) comportamento ofensivo	FIZERA ESCANDALO, CHOROU DIZENDO QUE O COMUNICANTE A ESTAVA PERSEGUINDO E QUE HAVIA CONTRATADO ALGUÉM PARA MATAR ELA E SEGUNDO SOUBE O PAI DELA COMUNICOU A BM QUE FOI ESPERAR O ONIBUS NO TREVO DA ENTRADA DA CIDADE, LOCAL ONDE O COMUNICANTE A MATARIA.
	e) negativa da vítima	COMO NAO DEVE NADA DO ALEGADO E QUE TOMOU CONHECIMENTO

¹⁰² Conforme observamos nos quadros dos BOs de calúnia (Apêndice C), a *preambulação* passa a constituir uma fase da etapa *Fato ofensivo* do relato de ofensa e não mais, por si só, uma etapa.

	f) manifestação da vítima	REGISTRA ESPERANDO QUE BELTRANA EXPLIQUE OS FATOS,
	g) fatos complementares	POIS NA SEXTA DEPOIS DE IR NA IGREJA COM A FILHA FOI PARA CASA E NAO SAIU MAIS POIS ESTAVA COM SUA FILHA. QUE APOS A SEPARACAO SEU CONTATO COM BELTRANA E MINIMO REFERINDO-SE SOMENTE A QUESTAO DA FILHA, SENDO QUE COMO JA DISSE O COMUNICANTE E QUEM FICA MAIS COM A CRIANCA.
	h) arrolamento testemunhal	-
	i) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	-
	b) instruções	-
	c) fechamento	NADA MAIS.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	Órgão de Destino: 15.29.11 - BOSSOROCA
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	Participante: 1 – Vítima Presente Nome: FULANO Pai / Mãe: TETRANO 1 / TETRANA 1 Data Nascimento: 17/02/1974 Sexo: Masculino Estado civil : Solteiro Grau de Instrução: Ensino médio Cor Pele : Branca Naturalidade: BOSSOROCA - RS Nacionalidade: Brasileiro nato Cor olhos: Castanho Documento : Não apresentou documento Número: CNH: Endereço: RUA DIONISIO VIEIRA ARAUJO, 000, BOSSOROCA RS, RS, BRASIL, CEP 97850-000, Fone 00000000 Profissão: Cargo: Condição Física: Normal Endereço Profissional: , BOSSOROCA RS, RS, BRASIL
	d) pedido de manifestação e assinatura	A vítima deseja representar em juízo? Sim (X) Não () Assinatura:
	e) dados pessoais do acusado	Participante: 2 - Acusado Nome: BELTRANA Pai / Mãe: TETRANO 2/ TETRANA 2 Data Nascimento: 31/03/1988 Sexo: Feminino Estado civil: Solteiro Grau de Instrução: Ensino médio Cor Pele: Branca Naturalidade: AUGUSTO PESTANA - RS Nacionalidade: Brasileiro nato Cor olhos: Azul Documento : Não apresentou documento Número: CNH: Endereço: RUA DIONISIO VIEIRA ARAUJO, BOSSOROCA RS, RS, BRASIL, CEP 97850-000, Fone (00) 00000000 Profissão: Cargo: Condição Física: Normal Endereço Profissional: , BOSSOROCA RS, RS, BRASIL
	f) dados pessoais da testemunha	X
	g) anexação de documentos	Termo de declarações: 1/2011 05/09/2011 16:34
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	Destino 1ª via: _____

<p>ETAPA 7 Policiais plantonistas</p>	<p>a) identificação e assinatura</p>	<p>Atendente.....: 8051658766 TETRANO 3 (a) _____</p> <p>Chefe Plantão: 1042245231 TETRANA 3 (a) _____</p> <p>Autor. Policial: 1023314717 TETRANO 4 (a) _____</p>
---	--------------------------------------	---

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #2
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	RELATA A COMUNICANTE
	b) preambulação	QUE VEM SOFRENDO CONSTRANGIMENTOS DEVIDO AS FOCOCAS QUE ESTAO SENDO ESPALHADAS A SEU RESPEITO. REFERE QUE E CASADA COM FULANO E QUE SEU CASAMENTO VEM SENDO ATINGIDO COM TODAS DIFAMACOES. SABE QUE BELTRANO FALOU DESTA VEZ, QUE NAO SABE SE FOI ELE O INVENTOR DAS FOCOCAS DAS OUTRAS DIVERSAS VEZES. QUE QUASE JA SEPAROU DO SEU MARIDO POR CAUSA DAS FOCOCAS NO MES DE JANEIRO E NO MES DE JULHO
	c) comportamento ofensivo	QUE O ACUSADO DIZ QUE FICA PISCANDO, PUXANDO CONVERSA E SE OFERECENDO PARA OUTROS HOMENS.
	d) circunstâncias especiais	-
	e) negativa da vítima	-
	f) fatos complementares	MENCIONA QUE TRABALHA NO MERCADO DO SEU PAI, SUPER ECKERT, E QUE TRABALHAVA ANTERIORMENTE NO BAR AO LADO DO MERCADO DEVIDO AS AS FOCOCAS SEREM TANTAS. QUE AS BRIGAS DO CASAL SE TORNAVAM CADA VEZ PIORES E ACREDITAVAM QUE COMECANDO A TRABALHAR NO MERCADO ACABARIAM AS FOCOCAS. QUE SEU CUNHADO, SICRANO, FICOU SABENDO ATRAVES DE UM PRIMO SICRANO 2 QUE O BELTRANO HAVIA CONTADO PARA ELE. QUE O CUNHADO CONTOU PARA A COMUNICANTE HOJE POIS OUVIU DENTRO DA LOJA EM QUE TRABALHA, COMERCIAL PEDRALLI. QUE O MARIDO JA FICOU NOVAMENTE DESCONFIADO E COBROU DA COMUNICANTE SOBRE AS FOCOCAS.
	g) arrolamento testemunhal	-
h) motivação da ofensa	-	
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	-
	b) instruções	-

	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado	-
	d) dados pessoais da testemunha	-
	e) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #3
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	DECLARA
	b) preambulação	-
	c) circunstâncias especiais	-
	d) comportamento ofensivo	QUE SUA CUNHADA, BELTRANA, ESTA CONTANDO A PESSOAS VIZINHAS DA VITIMA ENTRE OUTRAS, QUE A DECLARANTE TEM UM CASO COM SEU COLEGA DE TRABALHO FULANO,
	e) negativa da vítima	POREM A HISTORIA NAO SERIA VERDADEIRA,
	f) fatos complementares	QUE INCLUSIVE SEU MARIDO, IRMAO DE BELTRANA, E A ESPOSA DE FULANO NAO ACREDITAM NAS HISTORIAS DE BELTRANA.
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	NAO DESEJA REPRESENTAR
	b) instruções	CIENTE DO PRAZO DE SEIS MESES.
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado/ <u>autor</u>	√
	d) dados pessoais da testemunha	-
	e) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #4
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	[A COMUNICANTE] RELATA
	b) preambulação	-
	c) circunstâncias especiais	QUE NA DATA, HORA E LOCAL MENCIONADOS ACIMA
	d) comportamento ofensivo	FOI INTERPELADA POR BELTRANA, A QUAL LHE ACUSOU INJUSTAMENTE DE TER RELACIONAMENTO AMOROSO COM FULANO,
	e) negativa da vítima	O QUE SEGUNDO A COMUNICANTE NUNCA OCORREU;
	f) comportamento ofensivo	BELTRANA DISSE QUE OS EMPREGADOS QUE ORDENHAM AS VACAS E OUTROS PESSOAS TAMBEM TINHAM LHE CONTADO;
	g) fatos complementares	-
	h) arrolamento testemunhal	-
	i) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	MANIFESTA O DESEJO DE NAO REPRESENTAR,
	b) instruções	SENDO INFORMADA DO PRAZO DECADENCIAL.
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do autor	√
	d) dados pessoais da testemunha	-
	e) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #5
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICA
	b) circunstâncias especiais	QUE NO DOMINGO A TARDE
	c) preambulação	FOI DIFAMADA E INJURIADA PELA SUA IRMA BELTRANA, END. RUA ULYSSES RODRIGUES NR.000,
	d) circunstâncias especiais	FATO OCORRIDO NO INTERIOR DO LAR DA VELHICE, LOCAL ONDE SUA MAE TETRANA DE 87 ANOS, ESTA INTERNADA.
	e) comportamento ofensivo	DIZ QUE BELTRANA CHAMOU SUA PESSOA DE SEM VERGONHA, APROVEITADORES, DIZENDO QUE DEPOIS QUE TIRARAM TUDO DE SUA MAE TETRANA COLOCARAM ELA NO ASILO, CHAMANDO TAMBEM SEU MARIDO FULANO DE SEM VERGONHA, VELHO SUJO, QUE TINHA GASTADO TUDO NA ZONA, QUE ESTAVA CEGO POR QUE NAO PRESTA.
	f) negativa da vítima	-
	g) fatos complementares	DIZ QUE CUIDA DE SUA MAE TETRANA, E QUE SUA IRMA BELTRANA NAO QUER CUIDAR DELA E COMO CUIDAVA DELA SOZINHA E TEM PROBLEMAS DE SAUDE COLOCOU TETRANA NO ASILO POR UNS DIAS, PARA FAZER UM TRATAMENTO.
	h) arrolamento testemunhal	-
	i) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	-
	b) instruções	NAO PUBLICAR.
	c) fechamento	NADA MAIS.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√

ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	dados pessoais do acusado	-
	dados pessoais da testemunha	-
	anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #6
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICA
	b) preambulação	QUE VIVEU COM O ACUSADO POR QUASE TRES ANOS E COM ELE POSSUI UM FILHO DE OITO MESES. QUE O ACUSADO NAO AJUDA COM AS DESPESAS DO MENINO
	c) circunstâncias especiais	-
	d) comportamento ofensivo	E AINDA DIZ PARA TODOS QUE SE SEPAROU DA COMUNICANTE PORQUE ESTA TINHA DOIS AMANTES.
	e) negativa da vítima	-
	f) fatos complementares	QUE O ACUSADO LIGA PARA A COMUNICANTE E COLOCA OS AMIGOS NA LINHA PARA DEBOCHAREM DELA.
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	DESEJA PROCESSAR O ACUSADO E NAO REQUER MEDIDA PROTETIVA.
	b) instruções	-
	c) fechamento	NADA MAIS.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado	√
	d) dados pessoais da testemunha	X
	e) anexação de documentos	Termo de declarações: 1/2011 06/09/2011 17:19
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #7
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICA
	b) preambulação	QUE O CITADO PRESTOU SERVICOS DE PANFLETAGEM A FIRMA ONDE TRABALHAM AS VITIMAS, APOS A SAIDA DO MESMO DO EMPREGO PASSOU A FALAR MAL DAS MESMAS,
	c) circunstâncias especiais	-
	d) comportamento ofensivo	DIZ QUE AS MESMAS SAO VAGABUNDAS, QUE LEVAM HOMENS PARA DENTRO DA FIRMA DURANTE O HORARIO DE EXPEDIENTE, AMEACANDO A COMUNICANTE DE MORTE.
	e) negativa da vítima	-
	f) fatos complementares	QUE O ACUSADO FALA AS MESMAS COISAS EM TODOS OS LOCAIS POR ONDE ANDA. ELE TEM UMA CHAVE DA PORTA DA FINANCEIRA E NAO QUER DEVOLVER
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	-
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima 1	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais da vítima 2	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	√
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD # 8
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	O COMUNICANTE INFORMA
	b) preambulação	-
	c) circunstâncias especiais	QUE HA CERCA DE QUINZE DIAS
	d) comportamento ofensivo	VEM RECEBENDO MENSAGENS, ORIUNDA DO NR. 54-9668-8077, AS QUAIS ADUZEM QUE SUA FILHA, FULANA, SAIU COM UM MONTE DE GENTE, COM VARIAS PESSOAS E, POR ISSO, IRA SER DIVULGADO NA INTENET.
	e) circunstâncias especiais	NA MANHA DE ONTEM,
	f) comportamento ofensivo	FOI RECEBIDA NOVA MENSAGEM A QUAL POSSUI O SEGUINTE TEOR: AS PROVAS TE MANDO PELA INTERNET DE MEIO- DIA PORQUE ESTOU AQUI EM MATO GROSSO TRABALHANDO.
	g) negativa da vítima	-
	h) fatos complementares	O COMUNICANTE DESCONHECE A AUTORIA DESSE DELITO, MAS ACREDITA QUE ESSE FATO POSSA ESTAR SENDO PRATICADO POR PESSOA QUE CONHECE A FAMILIA, PORQUE O AUTOR POSSUI O NUMERO DOS CELULARES DE TODOS
	i) arrolamento testemunhal	
	j) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima/ <u>representante</u>	NA CONDICAO DE REPRESENTANTE DE FULANA, NO MOMENTO DEIXA DE REQUER A INSTAURACAO DE PROCEDIMENTO POLICIAL,
	b) instruções	TENDO SIDO ALERTADO DO PRAZO DECADENCIAL DE 06 (SEIS) MESES PARA EXERCER ESSE DIREITO.
	c) fechamento	-
ETAPA 4	a) órgão destinatário	√

Destinação 1		
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	-
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #9
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMPARECE PARA RELATAR
	b) circunstâncias especiais	QUE, EM DATA E HORA ACIMA MENCIONADOS, FOI OFENDIDA, SENDO CHAMADA DE VAGABUNDA DIANTE DE DIVERSAS PESSOAS, BEM COMO TEVE SEUS CABELOS PUXADOS E NAO FOI AGREDIDA, EFETIVAMENTE, PORQUE A AGRESSORA, BELTRANA, QUE TRABALHA COMO PROMOTORA DE PRODUTOS NESTLE, NO SUPERMERCADO GUANABARA DO CASSINO, FOI IMPEDIDA POR OUTRAS PESSOAS.
	c) preambulação	QUE, ADEMAIS, BELTRANA FALOU PARA DIVERSAS PESSOAS QUE A COMUNICANTE E VAGABUNDA E ANDA COM O MARIDO DELA, TETRANO,
	d) comportamento ofensivo	FATO, ESTE, INVERIDICO.
	e) negativa da vítima	QUE NAO SABE O NOME COMPLETO DE BELTRANA, SABENDO INFORMAR, SOMENTE, QUE A MESMA RESIDE NA RUA VINTE E QUATRO DE MAIO, SOBRE A LOJA BARRIGA VERDE. QUE NAO RESTOU COM LESOES. QUE, APOS O FATO, A ACUSADA DISSE QUE A COMUNICANTE DEVERIA SE PREPARAR, SE CUIDAR, POIS IRA LHE MATAR.
	f) fatos complementares	QUE TEM TESTEMUNHAS.
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	QUE DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA A ACUSADA.

	b) instruções	-
	c) fechamento	NADA MAIS.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do autor	√
	d) dados pessoais da testemunha	-
	e) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #10
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICOU
	b) preambulação	NO PLANTAO DA DPPA QUE SUA FILHA FULANA PEREIRA, COM 15 ANOS DE IDADE, ESTUDA NA ESCOLA OSVALDO ARANHA DESTA CIDADE, SENDO QUE JUNTO NA MESMA SALA DE AULA TABEM ESTUDA UM MILITAR DO 12 BE COMB LOCAL, O QUAL APENAS SABE CHAMAR-SE BELTRANO,
	c) circunstâncias especiais	E QUE HA DOIS MESES PARA CA
	d) comportamento ofensivo	O REFERIDO MILITAR COLEGA DE AULA DA FILHA DO COMUNICANTE, PASSOU A DIZER E A FALAR PARA VARIAS PESSOAS NO RECINTO DA ESCOLA QUE A FULANA ESTA GRAVIDA DO MESMO,
	e) negativa da vítima/ <u>representante</u>	O QUE NAO E VERDADE POIS FULANA NUNCA CHEGOU PERTO DELE E NUNCA NAMOROU O MESMO.
	f) circunstâncias especiais	QUE DESDE ESSE TEMPO PARA CA
	g) comportamento ofensivo	ESSE MILITAR PASSOU A DAR TELEFONEMAS PARA O CELULAR DA ESPOSA DO COMUNICANTE, ONDE AFIRMA QUE A FULANA ESTA GRAVIDA DELE E QUE ELE QUER FALAR COM O COMUNICANTE, POREM NAO DIZ QUAL E O ASSUNTO. QUE DA MESMA FORMA ESSE BELTRANO DIZ PARA O NAMORADO DA FULANA QUE ELA ESTA GRAVIDA DELE TENTANDO PREJUDICAR O NAMORO DA MESMA.
	h) fatos complementares	-
	i) arrolamento testemunhal	-

	j) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	QUER APENAS COMUNICAR O FATO NESTE ORGAO PARA POSTERIORMENTE LEVAR O CASO AO CONHECIMENTO DO COMANDANTE DO 12 BE COMB SOBRE AS ATITUDES DESSE MILITAR DO EXERCITO.
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do representante da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	-
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #11
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMPARECE NESTA DP A PART. 1 PARA COMUNICAR
	b) circunstâncias especiais	QUE NA HORA, DATA E LOCAL SUPRTACITADOS
	c) preambulação	FOI VITIMA DE DIFAMACAO POR PARTE DOS PARTICIPANTES 2 E 3. ISTO PORQUE OS MESMOS RESIDIAM NA CASA ONDE MORAVA E ERA ALVO DE VARIAS DISCUSOES DURANTE UM ANO, SENDO QUE TENTADO INTERVIR NESTAS BRIGAS, MUITAS VEZES ERAM OFENDIDA. SEMPRE RELEVOU,
	d) circunstâncias especiais	SO QUE NO DIA DE HOJE,
	e) comportamento ofensivo	OS ACUSADOS LHE DISSERAM QUE A VITIMA FAZIA PONTO NO RETORNO DO TREVO DA CIDADE.
	f) negativa da vítima	-
	g) fatos complementares	COMO FICOU INDIGNADA COM TAL SITUACAO, COMPARECE NA DP PARA REGISTRO DE OCORRENCIA.
	h) arrolamento testemunhal	-
	i) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	-
	b) instruções	-
	c) fechamento	E O REGISTRO.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado 1	√
	d) dados pessoais do acusado 2	√
	e) dados pessoais da testemunha	-
	f) anexação de documentos	Termo de declarações: 1/2011 15/09/2011 17:53
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #12
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	INFORMA
	b) preambulação	QUE AO FAZER UM SERVICO DE ELETRICA NA ASSOCIACAO DOS FUNCIONARIOS DO MIN PUBLICO,DEIXOU SEU DOCUMENTO NA PORTARIA.QUE O SR BELTRANO DE UNS 45 ANOS O QUAL EH DONO DA EMPRESA JAS SERV DE LIMPEZA,APROVEITOU QUE A CARTEIRA ESTAVA NA PORTARIA E PESQUISOU A FICHA DO CMTE.ESTE FATO SE DEU NO FINAL DO ANO PASSADO,LA ACABOU CONHECENDO SICRANA E PASSARAM A MORAR JUNTOS.
	c) circunstâncias especiais	DESDE AI
	d) comportamento ofensivo	O CHEFE DELA SR. BELTRANO PASSOU A DAR SUGESTA PARA ELA COMO : TU NAO VE QUE O FULANO NAO EH HOMEM PRA TI.TU MERECE COISA MELHOR. O FULANO EH UM DROGADO. VEIO FUGIDO DE CANELA
	e) negativa da vítima	-
	f) fatos complementares	COMO SICRANA NAO ACATOU O QUE ELE QUERIA, QUE ERA LARGAR O FULANO, ELE DEMITIU SICRANA, FEZ ELA ASSINAR A RESCISAO.O AVISO VALE ATE 06/10/2011-HOJE O CMTE LIGOU PARA A ASSOCIACAO E DISSE QUE SE ELE CONTINUASSE ESPALHANDO PARA TODOS NA ASSOCIACAO QUE ELE TEVE ENVOLVIMENMTO COM DROGAS NO PASSADO,VIRIA NA DP

		P/REGISTRA CONTRA ELE HOJE DE MANHA QUANDO SICRANA FOI TRABALHAR FOI IMPEDIDA DE ENTRAR POR BELTRANO NA ASSOCIACAO. ELAPEDIU PARA DEIXAREM AO MENOS PEGAR SEUS PERTENCES. JORGE FOI RISPIDO E AGIU COM IGNORANCIA DIZENDO : PEGA AS TUAS COISAS LIGEIRO E TE MANDA DAQUI.NAO QUERO MAIS VER VOCES AQUI.NO DIA QUE A SICRANA FOI ASSINAR A RESCISAO, BELTRANO A MANDOU IR NO CONTADOR NO BAIRRO SAO JOAO,NAO DEU AS PASSAGENS E AINDA DESCONTOU DOI SALARIO O DIA. AINDA FALOU PARA SICRANA QUE IA ARRUMAR UM ADVOGADO PARA AJUDA-LO A COLOCA-LA NA RUA SEM DIREITO A NADA.
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	-
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima 1	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais da vítima 2	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	-
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #13
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	A VITIMA COMPARECE PARA INFORMAR
	b) circunstâncias especiais	QUE JA HA ALGUM TEMPO
	c) preambulação	VEM SENDO DIFAMADA PELAS PARTICIPANTE 02 E 03 AS QUAIS SAO SUAS CUNHADAS.
	d) comportamento ofensivo	QUE CONSTANTEMENTE AS NOMINADAS FALAM PARA TERCEIROS QUE A VITIMA TEM AMANTES, DIZEM QUE E VAGABUNDA, QUE CADA SEMNA TEM UM NOVO RELACIONAMENTO
	e) negativa da vítima	FATO QUE NAO E VERDADEIRO.
	g) fatos complementares	QUE AS DUAS CHEGARAM JA A DIFAMARAM INCLUSIVE AO SEU MARIDO DIZENDO QUE ELE E UM CORNO.
	h) arrolamento testemunhal	-
	i) motivação da ofensa	QUE NAO SABE AS RAZOES DE TAIS FATOS ACREDITAM QUE SEJA EM FUNCAO DE CIUMES QUE AS DUAS TEM EM RELACAO A UM AUXILIO FINANCEIRO QUE O CASAL RECEBEU DA FAMILIA DE SEU MARIDO.
	j) circunstâncias especiais	QUE NA NOITE DE ONTEM
	k) comportamento ofensivo	SUA SOGRA LHE TELEFONOU DIZENDO QUE BARBARA HAVIA CHEGADO EM CASA E CONTADO QUE UMA AMIGA DELA DE NOME BELTRANA, HAVIA VISTO A VITIMA SAINDO DE UM AUTOMOVEL, SENDO QUE ESTA ESTARIA NA COMPANHIA DE UM OUTRO HOMEM,
l) negativa da vítima	FATO QUE E INVERIDICO.	
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	POR ORA NAO REPRESENTA,
	b) instruções	ESTANDO CIENTE DO

		PRAZO DE 6 MESES PARA REPRESENTACAO.
	c) fechamento	NM.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado 1	√
	d) dados pessoais do acusado 2	-
	e) dados pessoais da testemunha	-
	f) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #14
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	DECLARA
	b) preambulação	-
	c) circunstâncias especiais	QUE NA DATA E HORA DO FATO
	d) comportamento ofensivo	BELTRANA QUE TRABALHA NA MESMA ESCOLA DA DECLARANTE COMO EDUCADORA INFANTIL, FALOU PARA A SENHORA SICRANA , MAE DO ALUNO DA DECLARANTE DE NOME TETRANO, PRE ESCOLA, QUE A DECLARANTE NAO DAVA AULA DIREITO PARA AS CRIANCAS, SO PASSAVA FILMES,
	e) negativa da vítima	-
	f) fatos complementares	ONDE ELA PUDESSE DIFAMAR A DECLARANTE E A ESCOLA FARIA QUE IRIA INCOMODAR.
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	QUE OS MOTIVOS SERIAM POR CAUSA DE UMA OCORRENCIA POLICIAL QUE A DECLARANTE ESTA SENDO ACUSADA DE AMARRAR UM ALUNO NUM PE DE DE MESA NA REFERIDA ESCOLA , FATO MENTIROSO QUE PRETENDE TOMAR AS PROVIDENCIAS CABIVEIS.
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	-
	b) instruções	FICA NOTIFICADA A COMPARECER NO JUIZADO ESPECIAL CRIMINAL DIA 07 DE DEZEMBRO DE 2011, AS 13H45MIN , CASO NAO COMPARECA OS AUTOS FICARAO AGUARDANDO REPRESENTACAO, COM VALIDADE ATE SEIS MESES A CONTAR DA DATA DO FATO.
	c) fechamento	E O REGISTRO.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√

ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado	√
	d) dados pessoais da testemunha	-
	e) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #15
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICA
	b) preambulação	QUE BELTRANA VIVE LHE IMPORTUNANDO.
	c) circunstâncias especiais	QUE NO DIA E HORA CITADOS,
	d) comportamento ofensivo	BELTRANA FICOU DIZENDO NA RUA QUE O COMUNICANTE ERA UM SEM VERGONHA E QUE ESTAVA DEBOCHANDO DA CARA DELA.
	e) negativa da vítima	-
	f) fatos complementares	QUE CERTA VEZ BELTRANA LIGOU PARA O LOCAL DE TRABALHO DO COMUNICANTE E DISSE QUE NAO ERA PARA O COMUNICANTE IR NA CASA DELA, POIS E ELE QUEM INSTALA INTERNET, PORQUE ELA DISSE QUE NAO SE DAVA COM O COMUNICANTE E QUE NAO IA COM A CARA DELE.
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA BELTRANA, QUE MORA NA RUA OITO, N. 000, CIDADE BAIXA.
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado	-
	d) dados pessoais da testemunha	-
	e) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #16
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICA
	b) preambulação	QUE FOI DIFAMADA PELA EX-CUNHADA, BELTRANA, 28 ANOS, MORADORA ENCIMA DO PREDIO ODEON, 28 ANOS,
	c) circunstâncias especiais	-
	d) comportamento ofensivo	ELA QUE COMENTOU, DE MANEIRA DIFAMATORIA, NO FACEBOOK, CF DOCUMENTO ANEXO, QUE A COMUNICANTE ESTARIA FAZENDO - PROGRAMAS- JUNTO COM A TETRANA, SUA ATUAL CUNHADA.
	e) negativa da vítima	
	f) fatos complementares	QUE NAO E A PRIMEIRA VEZ QUE ACONTECE TAL FATO.
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	QUE DESEJA VER PROCESSADA A AUTORA DA DIFAMACAO.
	b) instruções	(FOI NOTIFICDA A COMPARECER AO PODER JUDICIARIA PARA MANIFESTAR SUA INTENCAO).
	c) fechamento	NM.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais do acusado	-
	d) dados pessoais da testemunha	-
	e) anexação de documentos	Objetos Tipo: Descrição: Outros UMA FOLHA DO FACEBOOK COM REFERENCIA A COMUNICANTE DA OC. 8898/151210/2011. Documentos Auto de arrecadação: 8898/2011 24/11/2011 11:42
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√

ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√
---	-------------------------------	---

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #17
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	[A COMUNICANTE] INFORMA
	b) preambulação	QUE ESTA VISITANDO A MAE, QUE MORA NA AV INDUSTRIAL E AO ABRIR A CAIXA DE CORREIOS DA RESIDENCIA,
	c) circunstâncias especiais	NA MANHA DE HOJE,
	d) preambulação	ENCONTROU UM ENVELOPE (CORRESPONDECIA) DESTINADA A SUA MAE, CONTENDO EM SEU INTERIOR UMA FOLHA TIPO A4, CUJO CONTEUDO (IMPRESSO NA COR PRETA) EH OFENSIVO A PESSOA DA COMUNICANTE,
	e) comportamento ofensivo	RELATANDO QUE VEM PARA A CIDADE FAZER FESTA, DAR VOLTINHA COM A AMIGA QUE TRABALHA NO CRAIS (CRAS) E QUE HA COMENTARIOS SOBRE A VIDA DA COMUNICANTE.
	f) fatos complementares	CITA A CARTA, AINDA, QUE A EMITENTE PENSA EM ENVIAR COPIA AO ESPOSO DA COMUNICANT, FAZENDO REFERENCIA AO MARIDO, QUE EH DELEGADO. NAO DECLINA SUSPEITOS, EMBORA TENHA SUSPEITAS. ANEXARA A CORRESPONDECIA EM DATA FUTURA.
	g) fechamento	NADA MAIS.
	h) arrolamento testemunhal	-
	i) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	-
	b) instruções	ORIENTADA DE QUE FATOS NOVOS DEVEM SER NOTICIADOS A AUTORIDADE POLICIAL E, SENDO DESCOBERTO A AUTORIA, DEVERA MANIFESTAR INTERESSE

		EM REPRESENTAR, CASO SEJA DE INTERESSE, OBSERVANDO O PRAZO DECADENCIAL.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado	-
	d) dados pessoais da testemunha	-
	e) anexação de documentos	Objetos Tipo: Outros Descrição: CARTA, CONTENDO UMA FOLHA TIPO A4, CUJO TEXTO ESTA IMPRESSO EM COR PRETA.
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #18
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICA
	b) preambulação	QUE TEVE UM RELACIONAMENTO DE APROXIMADAMENTE 07 MESES COM O INDIVIDUO BELTRANO NAO TENDO FILHOS EM COMUM. ESTAO SEPARADOS ACERCA DE 03 MESES.
	c) circunstâncias especiais	APOS O TERMINO DO RELACIONAMENTO
	d) comportamento ofensivo	BELTRANO PASSOU A OFENDER A COMUNICANTE DIZENDO QUE A MESMA E - VAGABUNDA, VADIA, QUE ANDAVA COM TODO MUNDO-.
	e) negativa da vítima	
	f) fatos complementares	ALEM DE OFENDER MORALMENTE O ACUSADO PASSA O DIA - RONDANDO A CASA DA COMUNICANTE-. NAO E A PRIMEIRA VEZ QUE E OFENDIDA POREM ATE ENTAO NAO HAVIA EFETUADO REGISTRO POLICIAL
	g) arrolamento testemunhal	TODAS AS OFENSAS FORAM OUVIDAS PELO FILHO DA COMUNICANTE SICRANO DE 11 ANOS
	h) motivação da ofensa	
	i) fatos complementares	AS OFENSAS SAO FEITAS COM TELEFONEMAS QUE NAO TEM HORA PARA OCORREREM.
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	MANIFESTA O DESEJO DE NAO REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO
	b) instruções	FICANDO CIENTE DO PRAZO DECADENCIAL.
	c) fechamento	-
	d) manifestação da vítima	SOLICITA QUE SEJAM ADOTADAS AS MEDIDAS PROTETIVAS.
ETAPA 4	a) órgão destinatário	√

Destinação 1		
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	✓
	b) pedido de manifestação e assinatura	✓
	c) dados pessoais do acusado	✓
	d) dados pessoais da testemunha	X
	e) anexação de documentos	Solicitação de Medida Protetiva: 8599/2011 24/09/2011 16:03 Termo de declarações: 1/2011 24/09/2011 16:05
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	✓
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	✓

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #19
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	A VITIMA COMUNICA
	b) circunstâncias especiais	QUE NA DATA, HORA E LOCAL REGISTRADOS
	c) preambulação	FOI DIFAMADA POR UMA COLEGA DE SEVICO CHAMADA BELTRANA.
	d) comportamento ofensivo	QUE BELTRANA FOI ATE O SETOR NO QUAL TRABALHA NA ULBRA E PASSOU A LHE XINGAR AOS BERROS COM PALAVRAS DE BAIXO CALAO DIANTE DE SEIS COLEGAS. QUE BELTRANA PROCEDEU DESTE MODO ALEGANDO QUE A VITIMA ESTAVA DEBOCHANDO E FAZENDO FOFOCA SOBRE A PESSOA DELA PARA OUTROS COLEGAS.
	e) negativa da vítima	QUE NUNCA DEU QUALQUER MOTIVO PARA QUE BELTRANA AGISSE ASSIM.
	f) fatos complementares	-
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	QUE BELTRANA PROCEDEU DESTE MODO ALEGANDO QUE A VITIMA ESTAVA DEBOCHANDO E FAZENDO FOFOCA SOBRE A PESSOA DELA PARA OUTROS COLEGAS.
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	QUE NAO DESEJA, NO MOMENTO, REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA BELTRANA
	b) instruções	E ESTA CIENTE DO PRAZO DECADENCIAL DE SEIS MESES PARA
	c) fechamento	
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	√
	b) pedido de manifestação e assinatura	√
	c) dados pessoais do acusado	√
	d) dados pessoais da testemunha	-
	e) anexação de documentos	Termo de declarações: 1/2011

		25/09/2011 23:06
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOD #20
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	✓
	b) dados do registro	✓
	c) circunstâncias do fato	✓
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICA
	b) preambulação	
	c) circunstâncias especiais	COMO PROPRIETARIO DO RESTAURANTE E PIZZARIA CONCORDIAS LTDA, NESTA DATA POR VOLTA DAS 22 H E 30 MIN
	d) preambulação	PERGUNTOU A SEU FUNCIONARIO BELTRANO PORQUE ELE ESTAVA FECHANDO O RESTAURANTE NAQUELA HORA, POIS O HORARIO DE ATENDIMENTO E ATE AS 24 H ,
	e) comportamento ofensivo	ENTAO BELTRANO CHAMOU A VITIMA DE SUJO, LADRAO E QUE ANDA COM AS FUNCIONARIAS DO RESTAURANTE
	f) negativa da vítima	-
	g) fatos complementares	NAO HOUE NENHUM TIPO DE AGRESSAO FISICA, SOMENTE VERBAL
	h) arrolamento testemunhal	-
	i) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	NAO DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO.
	b) instruções	-
	c) fechamento	NADA MAIS.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	✓
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	✓
	b) pedido de manifestação e assinatura	✓
	c) dados pessoais do acusado	✓
	d) dados pessoais da testemunha	-
	e) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	✓
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	✓

APÊNDICE G

Resumo das etapas e de quantitativo de fases dos BOs de difamação

ETAPAS	FASES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	dados institucionais	20
	dados do registro	20
	circunstâncias do fato	20
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção introdutória	19
	preambulação	16
	circunstâncias especiais	15
	comportamento ofensivo	20
	negativa da vítima	7
	fatos complementares	17
	arrolamento testemunhal	2
	motivação da ofensa	3
ETAPA 3 Implicações legais	manifestação da vítima	13
	instruções	10
	fechamento	10
ETAPA 4 Destinação 1	órgão destinatário	20
ETAPA 5 Participantes	dados pessoais da vítima	20
	pedido de manifestação e assinatura	20
	dados pessoais do acusado	12
	dados pessoais da testemunha	0
	anexação de documentos	7
ETAPA 6 Destinação 2	destinatário da 1.a via	20
ETAPA 7 Policiais plantonistas	identificação e assinatura	20

APÊNDICE I

Tabela de etapas e fases nos BOs de injúria

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #1
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL POLÍCIA CIVIL
	b) dados do registro	Ocorrência Policial n 97 / 2011 / 10.04.26 Orgão: 10.04.26 - ALVORADA - P/ MULHER Ano: 2011 Número: 97 Data Registro: 05/09/2011 as 14:43 horas Comunicação: Pessoal
	c) circunstâncias do fato	Fato: 2015.15 - INJURIA CONSUMADO Início: 04/09/2011 as 22:00 horas área: Urbana Local: RUA CAMPOS VERDES, 0000/ - - ALVORADA-RS - BRASIL Residência Fatos Complementares: Forma: Instrumento: Atuação: Vias de Acesso:
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	RELATA A COMUNICANTE
	b) preambulação	QUE CONVIVE COM SEU COMPANHEIRO, ABAIXO QUALIFICADO, EM TORNO DE VINTE E TRES ANOS, E, ATUALMENTE, A RELACAO DO CASAL ESTA INSUSTENTAVEL,
	c) comportamento ofensivo	POIS O MESMO A AGRIDE VERBALMENTE, CHAMANDO-A DE VAGABUNDA, SEM-CARATER, SEM-VERGONHA, PROSTITUTA, ENTRE OUTRAS, TUDO SEM FUNDAMENTO,
	d) circunstâncias especiais	SENDO A ULTIMA VEZ, NA DATA E HORARIO ACIMA CITADOS.
	e) fatos complementares	O MESMO TAMBEM A ACUSOU DE TER LHE FURTADO A IMPORTANCIA DE R\$ 500,00, ALEGANDO QUE ESTAVA EMBAIXO DO COLCHAO DA CAMA DO CASAL, O QUE NAO E VERDADE.
	f) negativa da vítima	-
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	A COMUNICANTE NAO ESTA SUPORTANDO MAIS A SITUACAO E QUER SE SEPARAR DO COMPANHEIRO, BEM COMO AFASTA-LO DO LAR. DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE E REQUER AS MEDIDAS PROTETIVAS.
	b) instruções	-
	c) fechamento	E O REGISTRO.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	Órgão de Destino: 10.04.26 -ALVORADA - P/ MULHER
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima	Participante: 1 - Vítima Presente Nome: FULANA Pai / Mãe: TETRANO 1 / TETRANA 1 Data Nascimento: 29/10/1959 Sexo: Feminino Cor Pele:

		<p>Preta</p> <p>Estado civil: Desquitado Grau de Instrução: Ensino fundamental Cor olhos: Castanho</p> <p>Naturalidade: RESTINGA SECA - RS Nacionalidade: Brasileiro nato</p> <p>Documento: Carteira de identidade SSP/RS - RS Número: 0000000000</p> <p>CNH:</p> <p>Endereço: CAMPOS VERDES, 0000 - SALOME, ALVORADA RS, RS, BRASIL, Fone (00) 00000000</p> <p>Profissão: EMPREG. DOMESTICO Cargo: DESEMPREGADA Condição Física: Normal</p> <p>Endereço Profissional:</p>
	b) pedido de manifestação e assinatura	<p>A vítima deseja representar em juízo? Sim (X) Não ()</p> <p>Assinatura:</p>
	c) dados pessoais do acusado	<p>Participante: 2 - Acusado Presente</p> <p>Nome: BELTRANO</p> <p>Pai / Mãe: TETRANO 2 / TETRANA 2</p> <p>Data Nascimento: 12/06/1953 Sexo: Masculino Cor Pele: Preta</p> <p>Estado civil: Casado Grau de Instrução: Ensino fundamental</p> <p>Cor olhos: Preto</p> <p>Naturalidade: RESTINGA SECA - RS Nacionalidade: Brasileiro nato</p> <p>Documento: Não apresentou documento -Número: CNH:</p> <p>Endereço: RUA CAMPOS VERDES, 0000 - SALOME, ALVORADA RS, RS, BRASIL, Fone (00) 00000000</p> <p>Profissão: OUTROS Cargo: BORRACHEIRO Condição Física: Normal</p> <p>Endereço Profissional: ALVORADA RS, RS, BRASIL</p>
	d) dados pessoais da testemunha	-
	e) anexação de documentos	<p>Documentos</p> <p>Termo de declarações: 1/2011 05/09/2011 15:02</p> <p>Solicitação de Medida Protetiva: 97/2011 05/09/2011 15:14</p>
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	Destino 1.a via: _____
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	<p>Equipe:</p> <p>Atendente.....: 7014095082 TETRANA 3 (a) _____</p> <p>Chefe Plantão: 6034661873 S...TETRANO 3 (a) _____</p> <p>Autor. Policial: 3065456406 TETRANA 4 (a) _____</p>

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #2
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	✓
	b) dados do registro	✓
	c) circunstâncias do fato	✓
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	DECLARAM AS VITIMAS
	b) preambulação	-
	c) circunstâncias especiais	QUE EM DIVERSAS DATAS E HORARIOS
	d) comportamento ofensivo	RECEBEM LIGACOES TELEFONICAS COM TEOR DIFAMATORIO CONTRA FULANO, CHAMANDO-O DE LADRAO, TRAFICANTE, EXPLORADOR, QUE IRA SUPRIMIR A HERANCA DA FAMILIA DA FULANA 1, COM QUEM ELE POSSUI UNIAO ESTAVEL.
	e) negativa da vítima	-
	f) fatos complementares	QUE A VITIMA FULANA 2, SOGRA DE FULANO, TAMBEM RECEBE DIVERSAS LIGACOES SIMILARES. QUE NAS DATAS DE: 28/08/2011, DAS 16H, ATE AS 16H45MIN, 30/08/2011 17H30MIN, RECEBIDAS NO TELEFONE NUMERO 00-0000-0000, PERTENCENTE A FULANA 2. JA NA DATA DE 01/09/2011, AS 19H50MIN, CHAMADA RECEBIDA NO TELEFONE DE FULANA 1.
	g) arrolamento testemunhal	QUE NAO POSSUI SUSPEITOS NEM TESTEMUNHAS DO FATO EM TELA.
	h) fatos complementares	SALIENTA QUE A PRIMEIRA LIGACAO RECEBIDA FOI EFETUADA COM VOZ MASCULINA E AS DUAS ULTIMAS COM VOZ FEMININA.
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	AS VITIMAS MANIFESTAM O INTERESSE DE REPRESENTAR CONTRA O AUTOR DO FATO EM TELA, PARA TANTO, SOLICITAM A QUEBRA DE SIGILO TELEFONICO.
	b) instruções	-
	c) fechamento	NADA MAIS.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	✓
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais da vítima 1	✓
	b) pedido de manifestação e assinatura	✓
	c) dados pessoais da vítima 2	✓
	d) pedido de manifestação e assinatura	✓
	e) dados pessoais da vítima 3	✓
	f) pedido de manifestação e assinatura	✓
	g) dados pessoais do acusado	-
	h) dados pessoais da testemunha	-
i) anexação de documentos	-	
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	✓
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	✓

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #3
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICA
	b) preambulação	-
	c) circunstâncias especiais	QUE POR VOLTA DAS 11H25MIN DO DIA DE HOJE, QUANDO ESTAVA DESLOCANDO EM VIA PUBLICA NA VIATURA DISCRETA PLACA ILY-0000 E APOS TER ESTACIONADO A MESMA NA RUA CORONEL SERAFIM,
	d) comportamento ofensivo	O ACUSADO, JA QUALIFICADO, PAROU A CAMINHONETE PLACA IQQ-0000, COR PRETA, A QUAL ESTAVA CONDUZINDO NO MEIO DA VIA PUBLICA E COMECOU A PROFERIR OFENSAS EM VOZ ALTA AO COMUNICANTE, DIZENDO: <DA ONDE EH QUE TU TIROU A CARTEIRA, COMPROU? COMO EH QUE ME ULTRAPASSOU PELA DIREITA SEU FILHO DA MAE, SEU MERDA>.
	e) negativa da vítima	-
	f) fatos complementares	O COMUNICANTE NADA RESPONDEU, APENAS FICOU EM SILENCIO E IDENTIFICOU O CONDUTOR E O VEICULO.
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	QUE REQUER INSTAURACAO DE ACAO PENAL CONTRA O AUTOR DOS FATOS.
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	-
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	√
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	Documentos Termo de declarações: 1/2011 05/09/2011 13:51
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #4
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICA
	b) preambulação	-
	c) circunstâncias especiais	QUE EM DATA, HORA E LOCAL MENCIONADO,
	d) motivação da ofensa	PELO MOTIVO DE BELTRANO, CUNHADO DA COMUNICANTE TER PERDIDO UMA ACAO DE ANULACAO DE ESCRITURA DAS TERRAS QUE ERAM DA SOGRA DA COMUNICANTE,
	e) comportamento ofensivo	ESTE NAO SE CONFORMA E COMECA A CHAMA-LA DE CADELA, MOSTRA-LHE A LINGUA E FAZ GESTO COM A MAO ESQUERDA ERGUENDO PARA CIMA OS DEDO INDICADOR E MEDIO.
	f) arrolamento testemunhal	NAO TEM TESTEMUNHA DO FATO.
	g) negativa da vítima	-
	h) fatos complementares	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	DEVIDO AO OCORRIDO MANIFESTA O DESEJO EM REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO.
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	√
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #5
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICA
	b) preambulação	-
	c) circunstâncias especiais	QUE EM HORA E LOCAL SUPRACITADO,
	d) comportamento ofensivo	SEU EX-COMPANHEIRO BELTRANO CHEGOU EM SUA CASA E NA FRENTE DE SUA FILHA LHE CHAMOU DE (VAGABUNDA, VELHA COROCA, PUTA...).
	e) negativa da vítima	-
	f) fatos complementares	QUE A COMUNCIANTE ENTROU COM SEPARACAO NO FORUM LOCAL NO ANO DE 2010 E JA SAIU O DIVORCIO, MAS NAO FICOU ESTABELECIDO AS DATAS DE VISITAS DE SUA FILHA SICRANA DE 07 ANOS DE IDADE. INFORMA QUE CADA VEZ QUE SEU EX-COMPANHEIRO VAI VISITAR A FILHA A COMUNICANTE E AGREDIDA VERBALMENTE E AMEACADA DE SER RETIRADA DO PODER FAMILIAR.
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	NESTE ATO, REPRESENTA CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO NO FORUM LOCAL.
	b) instruções	-
	c) fechamento	NADA MAIS.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	√
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	Documentos Termo de declarações: 1/2011 06/09/2011 09:31 Solicitação de Medida Protetiva: 745/2011 06/09/2011 09:40
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #6
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	INFORMA A VITIMA
	b) preambulação	-
	c) circunstâncias especiais	QUE SEU SOGRO BELTRANO FOI PASSEAR NA CASA DA PART. 1 QUANDO
	d) comportamento ofensivo	COMECOU A LHE XINGAR, CHAMANDO DE BURRA,
	e) negativa da vítima	-
	f) fatos complementares	DIZENDO QUE ERA PARA A VITIMA SAIR DE CASA QUANDO ELE FOSSE LA PASSEAR. A DESAVENCA DE MUITO TEMPO, POIS BELTRANO RESIDE EM CANABARRO - RS E VEM VISITAR OS AMIGOS E PARENTES SOMENTE ALGUMAS VEZES AO ANO
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	E TODA VEZ CRIA ENCRENCA PELOS MESMOS MOTIVOS, POIS VIVE DIZENDO QUE O FILHO DELE ESTA MAL CASADO, REFERINDO-SE A PART. 1.
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	NAO DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA BELTRANO.
	b) instruções	CIENTIFICADA DO PRAZO DECADENCIAL DE SEIS MESES PARA EXERCER O DIREITO DE REPRESENTACAO CONTRA O AUTOR DO FATOS.
	c) fechamento	NADA MAIS.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	-
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #7
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICA
	b) preambulação	-
	c) circunstâncias especiais	QUE NA DATA E HORARIO ACIMA,
	d) comportamento ofensivo	O SR. BELTRANO E A ESPOSA DELE SRA. BELTRANA, PROPRIETARIOS DA CASA ONDE A COMUNICANTE RESIDIA COM A FAMILIA DE ALUGUEL, FORAM ATE ESSA CASA E PASSARAM A OFENDER A COMUNICANTE E SEU MARIDO FULANO, CHAMANDO-OS DE CALOTEIROS, LADROES, SEM VERGONHA, E OS HUMILHARAM,
	e) negativa da vítima	-
	f) motivação da ofensa	ISSO PORQUE A COMUNICANTE DEVE UNS CINCO OU SEIS MESES DE ALUGUEL, BEM COMO AGUA E LUZ PARA OS PROPRIETARIOS DA CASA.
	g) fatos complementares	QUE JA SE MUDARAM DESTA CASA. QUE BELTRANO MANDOU DIZER POR UMA CUNHADA DA COMUNICANTE QUE ERA PARA SE CUIDAREM.
	h) arrolamento testemunhal	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	NAO DESEJA REPRESENTAR EM JUIZO.
	b) instruções	CIENTIFICADA DO PRAZO LEGAL DE SEIS MESES PARA EXERCER SEU DIREITO.
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	-
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #8
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICA
	b) preambulação	-
	c) comportamento ofensivo	QUE A PESSOA DE BELTRANO DO QUAL O COMUNICANTE ALUGA UM CASA, COMPARECEU EM SUA RESIDENCIA LHE CHAMANDO DE NEGRO SUGO, VELHACO, DE DROGADO, E DE FILHO DA PUTA.
	d) motivação da ofensa	OS MOTIVOS E DEVIDO O COMUNICANTE TER ATRASADO 09 DIAS O PAGAMENTO DO ALUGUEL.
	e) circunstâncias especiais	QUE O FATO ACONTECEU NO PATIO DA RESIDENCIA, NA PRESENCA DA ESPOSA DO COMUNICANTE.
	f) negativa da vítima	-
	g) fatos complementares	QUE MORA NA RESIDENCIA A 04 MESES SENDO QUE SOMENTE ESTE MES QUE ATRASOU O REFERIDO ALUGUEL DEVIDO O COMUNICANTE ESTAR ATENDENDO SEU PAI QUE ENCONTRA-SE NO HOSPITAL DE IJUI, INCLUSIVE APOS O FATO O COMUNICANTE ARRUMOU O DINHEIRO E JA EFETUOU O PAGAMENTO.
	h) arrolamento testemunhal	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO, O QUAL MORA ATRAS DO HOTEL ELSENAU PROXIMO DE UM MATINHO.
	b) instruções	-
	c) fechamento	NADA MAIS.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	-
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #9
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICA
	b) circunstâncias especiais	QUE EM DATA SUPRA
	c) preambulação	SE ENCONTRAVA NO SEU LOCAL DE TRABALHO, NO POSTO DE SAUDE MUNICIPAL, MOMENTO EM QUE ATENDEU A SENHORA BELTRANA, A QUAL ESTAVA ACOMPANHAVA UMA NETA PARA SE ATENDIDA E COMO ELA QUERIA QUE FOSSE ATENDIDA NA HORA, MAS COMO TINHA UMAS PESSOAS, FOI FALAR COM A SUA CHEFE PARA O ATENDIMENTO DE URGENCIA
	d) comportamento ofensivo	E FOI AFENDIDA PELA MESMA, A QUAL DISSE - SUA EGUA, VAGABUNDA, ENTRE OUTRAS PALAVRAS INJURISOSAS.
	e) negativa da vítima	-
	f) fatos complementares	-
	g) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	QUE NAO DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE NA DATA DE HOJE,
	b) instruções	FICANDO CIENTE DO PRAZO DECADENCIAL DE SEIS MESES, A PARTIR DO CONHECIMENTO DO FATO, SUPRACITADO.
	c) arrolamento testemunhal	QUE POSSUI TESTEMUNHAS DO EVENTO.
	d) fechamento	NM.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	-
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #10
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMPARECE NESTA DELEGACIA DE POLICIA PARA COMUNICAR
	b) circunstâncias especiais	QUE NA DATA, HORARIO E LOCAL MENCIONADOS
	c) preambulação	FOI INJURIADA POR SEU ESPOSO BELTRANO.
	d) comportamento ofensivo	RELATA QUE BELTRANO LHE INJURIOU DIZENDO: VAGABUNDA, SAFADA, CADELA.
	e) negativa da vítima	-
	f) fatos complementares	QUE APOS A DISCUSSAO BELTRANO PEGOU AS ROUPAS DA COMUNICANTE E LHE COILOCOU PARA FORA DE CASA.
	g) motivação da ofensa	QUE A DESAVENCA SE DEU PELO FATO DE BELTRANO SENTIR CIUMES DA COMUNICANTE COM SEUS COLEGAS DE TRABALHO.
	h) fatos complementares	ACRESCENTA QUE ESTA CASADA COM BELTRANO HA APROXIMADAMENTE NOVE ANOS E COM O MESMO NAO POSSUI FILHOS.
	i) arrolamento testemunhal	QUE NAO HA TESTEMUNHAS DO FATO.
ETAPA 3 Implicações legais	a) instruções	QUE A VITIMA FOI ORIENTADA A CONSTITUIR ADVOGADO CASO DESEJE REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO.
	b) manifestação da vítima	DISPENSOU AS MEDIDAS DE PROTECAO.
	c) fechamento	E O REGISTRO.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	√
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #11
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	-
	b) preambulação	X
	c) circunstâncias especiais	NA TARDE DO DIA 11/09/2011, EM TORNO DAS 19HS00MIN, QUANDO PASSOU EM FRENTE A RESIDENCIA DE NUMERO 000, DA RUA ARTHUR AUGUSTO GENHARDT, NO BAIRRO MORADA DO SOL,
	d) motivação da ofensa	SEM MOTIVO ALGUM,
	e) comportamento ofensivo	AS PESSOAS DE NOME: BELTRANA E BELTRANO, LHE ATACARAM NA RUA E CHAMARAM-NA DE BEBADA E QUE IRIAM CHAMAR PARA A POLICIA,
	f) negativa da vítima	SENDO QUE A COMUNICANTE NAO PODE BEBER NENHUM TIPO DE BEBIDA ALCOOLICA, POIS TOMA REMEDIOS CONTROLADOS E E IMPERTENSA.
	g) fatos complementares	-
	h) arrolamento testemunhal	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	MANIFESTA O DESEJO DE REPRESENTAR CRIMINALMENTE POR CRIME DE INJURIA CONTRA OS ACUSADOS.
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	-
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	Documentos Termo de declarações: 1/2011 15/09/2011 17:12
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #12
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	REGISTRA
	b) preambulação	QUE FOI INJURIADA E QUASE AGREDIDA POR BELTRANO(RUA JORNAL O GUAIBA, 000 - COLINA),
	c) circunstâncias especiais	QUANDO FOI ATE A CASA QUE LOCA DA EX MULHER DELE.
	d) motivação da ofensa	ACONTECE QUE ELE GANHOU A CASA EM PARTILHA DE BENS E AGORA QUER QUE A COMUNICANTE PAGUE A ELE OS DIAS RESTANTES DO CONTRATO LOCATICIO. QUE BELTRANO ARROMBOU A CASA E DISSE QUE NAO IRA SAIR DE DENTRO ATE QUE A COMUNICANTE O PAGUE. QUE BRAVO,
	e) comportamento ofensivo	ELE A CHAMOU DE VAGABUNDA, CHINELONA ETC
	f) negativa da vítima	-
	g) fatos complementares	E SOMENTE NAO A AGREDIU PORQUE A MULHER DELE O SEGUROU.
	h) arrolamento testemunhal	FOI TESTEMUNHA DO FATO O SR. SICRANO, O QUAL MORA NA MESMA RUA.
	i) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	MANIFESTA O DESEJO DE REPRESENTAR CONTRA O ACUSADO.
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	-
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #13
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	A VITIMA COMUNICA
	b) preambulação	-
	c) circunstâncias especiais	QUE NA DATA DE HOJE, APOS TER FICADO COM A FILHA NO EM SEU DIA DE FOLGA DAS SUAS AULAS, CONFORME ACORDO FIRMADO ENTRE AMBOS,
	d) comportamento ofensivo	A ACUSADA FOI ATE A EMPRESA DA VITIMA E PARA BUSCAR A FILHA, SICRANA, DE OITO ANOS DE IDADE E PASSOU A INJURIAR E DIFAMAR A VITIMA COM PALAVRAS DO TIPO: ORDINARIO, DESGRACADO, VOU TE PRENDER, TU VAI ME PAGAR, AOS GRITOS DE FORMA DESCONTROLADA, FAZENDO UM GRANDE ESCANDALO NA EMPRESA DO COMUNICANTE,
	e) motivação da ofensa	TUDO PORQUE ELE DISSE QUE HOJE A NOITE NAO PODERIA FICAR COM A FILHA PARA ELA, CONFORME ESTAVA IMPONDO A ACUSADA AO PAI DA CRIANCA, NAO PEDINDO, SEGUNDO RELATA A VITIMA E QUE ESSE FATO GEROU UMA REVOLTA MUITO GRANDE NA MENINA QUE PASSOU A BATER NA MAE E DIZER: NAO FALA ASSIM DO MEU PAI QUE EU O AMO, CHORANDO MUITO.
	f) fatos complementares	TEME INCLUSIVE PELA SANIDADE DA FISICA E MENTAL DA CRIANCA.
	g) negativa da vítima	-
	h) arrolamento testemunhal	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	DESEJA REPRESENTAR.
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	√
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #14
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	COMUNICA
	b) preambulação	-
	c) comportamento ofensivo	QUE A FILHA DA SUA VIZINHA, BELTRANA, 23 ANOS DE IDADE, RESIDENTE NA RUA EMILIO VON REISSWITZ, 000, BAIRRO CELESTE,
	d) circunstâncias especiais	ESTEVE NA FRENTE DO PORTAO DA SUA CASA,
	e) comportamento ofensivo	OFENDENDO A ESPOSA DO COMUNICANTE FULANA, CHAMANDO-A DE <PUTA E VAGABUNDA>.
	f) negativa da vítima	-
	g) manifestação da vítima	-
	h) fatos complementares	-
	i) arrolamento testemunhal	-
	j) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	-
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	-
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #15
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) preambulação	-
	b) projeção introdutória	COMPARECE A ESTA DELEGACIA PARA COMUNICAR QUE,
	c) circunstâncias especiais	-
	d) comportamento ofensivo	QUE, SEU MARIDO, BELTRANO, ULTIMAMENTE ESTA A DISTRATANDO DEMAIS E OFENDENDO-A, CHAMANDO ESTA DE -VAGABUNDA-, ENTRE OUTRAS PALAVRAS DE BAIXO CALAO.
	e) negativa da vítima	-
	f) fatos complementares	DECLARA QUE, VIVEU MARITALMENTE COM BELTRANO PELO PERIODO DE 20 ANOS E NAO DORMEM MAIS NO MESMO QUARTO, HA APROXIMADAMENTE 01 ANO. REGISTRA A PRESENTE PORQUE, A SITUACAO ESTA INSUSTENTAVEL E SEUS 03 FILHOS, QUE SAO ADOLESCENTES, ESTAO COBRANDO UMA INICIATIVA DESTA. TEME QUE, EM MEIO HA ALGUMA DISCUSSAO, SEUS FILHOS PERCAM A PACIENCIA COM O PAI.
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	A VITIMA DESEJA ENCAMINHAR A DOCUMENTACAO PARA A SUA SEPARACAO LEGAL. REGISTRA PARA FINS DE DIREITO E, POR ORA, NAO DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE,
	b) instruções	FICANDO CIENTE DO PRAZO DECADENCIAL DE SEIS MESES. JA PROCUROU A DEFENSORIA PUBLICA.
	c) fechamento	NADA MAIS.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	√
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	-
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #16
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	✓
	b) dados do registro	✓
	c) circunstâncias do fato	✓
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	RELATA
	b) preambulação	QUE HA SETE ANOS ESTA AMIGADA COM BELTRANO, E POSSUI UMA FILHA, TETRANA, COM QUATRO ANOS DE IDADE, SENDO QUE POSSUI MAIS CINCO FILHOS DE OUTRO RELACIONAMENTO. A COMUNICANTE E BELTRANO RESIDEM NOS FUNDOS DA CASA DE SUA MAE.
	c) comportamento ofensivo	BELTRANO INGERE BEBIDA ALCOOLICA E LHE OFENDE CHAMANDO-A DE VAGABUNDA, DESGRACADA, PUTA, ETC,
	d) circunstâncias especiais	-
	e) negativa da vítima	-
	f) fatos complementares	E HOJE, ALEM DE LHE OFENDER, AINDA QUEBROU OS DOIS CONTROLES DA TELEVISAO, E PEGOU UM FACA E PASSOU A AMEACAR O PADRASTO E IRMAO DA COMUNICANTE. SUA FILHA SICRANA LIGOU PARA A BRIGADA E OS POLICIAIS SICRANO 1 E SICRANO 2 AO CHEGAREM NA CASA ENCONTRARAM BELTRANO SAINDO COM O FACA NA MAO, POIS ESTAVA INDO ATRAS DE SEU PADRASTO QUE ESTAVA NO INTERIOR DO PARQUE DE RODEIOS. O FACA FOI APRESENTADO PELO POLICIAL MILITAR SICRANO 1. A COMUNICANTE NAO FOI AGREDIDA E NEM AMEACADA, APENAS SOFREU OFENSAS VERBAIS.
	g) arrolamento testemunhal	-
	h) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	NO MOMENTO NAO DESEJA REPRESENTAR, APENAS QUER DEIXAR O FATO REGISTRADO.
	b) fatos complementares	BELTRANO NAO FOI OUVIDO EM RAZAO DE ESTAR VISIVELMENTE EMBRIAGADO.
	c) instruções	-
	d) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	✓
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	✓
	d) pedido de manifestação e assinatura	✓
	e) dados pessoais do acusado	✓
	f) dados pessoais da testemunha	-
g) objetos apreendidos	Objetos Tipo: Descrição: Arma branca UM FACA MARCA TRAMONTINA, CABO PLASTICO	

		PRETO, COM CERCA DE 40CM DE LAMINA;
	h) anexação de documentos	Documentos Auto de apreensão: 3612/2011 24/09/2011 15:43 Termo de declarações: 1/2011 24/09/2011 15:44
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	✓
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	✓

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #17
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	✓
	b) dados do registro	✓
	c) circunstâncias do fato	✓
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) preambulação	-
	b) projeção introdutória	COMPARECE NESTE PLANTAO PARA COMUNICAR
	c) preambulação	QUE NO DIA DE ONTEM FOI NA CASA DE SUA MAE TETRANA, OCASIAO QUE FOI VER UM POCO NEGRO DO VISINHO BELTRANO QUE ESTA VAZANDO PARA TERRENO DE SUA MAE.
	d) circunstâncias especiais	QUE NA OCASIAO
	e) comportamento ofensivo	BELTRANO AO VER A COMUNICANTE PASSOU A LHE OFENDER VERBALMENTE CHAMANDO-A DE MUNAIA, QUE ERA UMA LAIA E QUE COMUNICANTE TINHA MATADO O MARIDO.
	f) negativa da vítima	-
	g) fatos complementares	QUE A COMUNICANTE SE RETITOU DO LOCAL PARA EVITAR MAIS CONFUSAO.
	h) arrolamento testemunhal	QUE O FATO FOI TESTEMUNHADO POR SICRANA, QUE RESIDE NA CASA DE MAE.
	i) motivação da ofensa	-
	j) fatos complementares	QUE SOBRE O VAZAMENTO DO POCO NEGRO, A COMUNICANTE E SUA IRMA IRAO NO FORUM SE INFORMAR. QUE TAMBEM O FATO FOI DADO CONHECIMENTO A PREFEITURA E A PATRAN, MAS NADA FOI SOLUCIONADO E ORIENTARAM A IR NO FORUM. BELTRANO RESIDE NA RUA CAMPOS VERGUEIRO, AO LADO DO NUMERO 00.
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	RENUNCIA DIREITO DE REPRESENTACAO.
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	✓
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	✓
	d) pedido de manifestação e assinatura	✓
	e) dados pessoais do acusado	-
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	Documentos Termo de declarações: 1/2011 24/09/2011 08:16
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	✓
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	✓

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #18
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	RELATA
	b) circunstâncias especiais	QUE NA DATA, HORARIO E LOCAL CITADOS ACIMA,
	c) comportamento ofensivo	O ACUSADO DISSE: - VAI TOSSIR NA BUNDA DA TUA MAE -.
	d) fatos complementares	ALGUNS MINUTOS DEPOIS, QUANDO O COMUNICANTE FOI NOVAMENTE AO PATIO, O ACUSADO CUSPIU EM DIRECAO AO COMUNICANTE, MAS NAO O ACERTOU.
	e) circunstâncias especiais	INFORMA TAMBEM, QUE NO DIA 19/09/2011, POR VOLTA DA UMA HORA DA MADRUGADA,
	f) comportamento ofensivo	O ACUSADO, GRITOU: - PEIDORREIRO, TU TA MORANDO AQUI DE FAVOR -.
	g) circunstâncias especiais	NO OUTRO DIA, POR VOLTA DAS 22 HORAS,
	h) comportamento ofensivo	O ACUSADO INSULTOU A VITIMA, PROFERINDO OS MESMOS INSULTOS.
	i) negativa da vítima	-
	j) arrolamento testemunhal	-
	k) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO.
	b) instruções	
	c) fechamento	ERA O REGISTRO.
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado	√
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	Documentos Termo de declarações: 1/2011 24/09/2011 20:21
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #19
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	✓
	b) dados do registro	✓
	c) circunstâncias do fato	✓
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	RELATA
	b) preambulação	-
	c) circunstâncias especiais	QUE NESTA DATA, HORARIO E LOCAL CITADO
	d) comportamento ofensivo	A SRA BELTRANA, SUA VIZINHA E IRMA DA DONA DA CASA EM QUE RESIDE, CHAMOU-LHE DE VAGABUNDO, SEM-VERGONHA, ORDINARIO E DE VELHO(SIC).
	e) negativa da vítima	-
	f) arrolamento testemunhal	-
	g) motivação da ofensa	A MOTIVACAO, PORQUE QUANDO FOI MORAR NO LOCAL, NAO QUIS DEIXAR EM SUA CASA UM LAVATARIO COM UM SUPORTE PERTENCENTE A ACUSADA EM SUA CASA.
	h) fatos complementares	DESDE ENTAO, A ACUSADA, IMPLICA, INCLUSIVE, PERTURBRANDO A SUA TRANQUILIDADE COM SOM ALTO ATE ALTAS HORAS DA MADRUGADA.
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	DESEJA REPRESENTAR CONTRA A ACUSADA.
	b) instruções	-
	c) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	✓
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	✓
	d) pedido de manifestação e assinatura	✓
	e) dados pessoais do acusado	-
	f) dados pessoais da testemunha	-
	g) anexação de documentos	Documentos Termo de declarações: 1/2011 25/09/2011 10:14
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	✓
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	✓

ETAPAS	FASES	TEXTO BOI #20
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	a) dados institucionais	√
	b) dados do registro	√
	c) circunstâncias do fato	√
ETAPA 2 Fato ofensivo	a) projeção introdutória	INFORMA A VITIMA
	b) circunstâncias especiais	QUE NAS PROXIMIDADES DA ISCARIA TITONI
	c) preambulação	E NOTOU QUE FULANO, CUJO ENDEREÇO COMERCIAL E EM OUTRA ISCARIA, LOCALIZADA NA RUA DAVI CANABARRO, ESTAVA ATIRANDO COM UMA ESPINGARDA DE PRESSÃO, EM UM ALVO DO OUTRO LADO DA RUA, IDENTIFICOU-SE COMO POLICIAL CIVIL E PEDIU QUE PARASSE COM OS DISPAROS, FULANO PAROU,
	d) circunstâncias especiais	MOMENTOS DEPOIS
	e) comportamento ofensivo	BELTRANO, PROPRIETÁRIO DA ISCARIA TITONI, PASSOU PELA VITIMA E O CHAMOU DE PAU NO CU,
	f) negativa da vítima	-
	g) fatos complementares	-
	h) arrolamento testemunhal	-
	i) motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	a) manifestação da vítima	-
	b) arrolamento testemunhal	-
	c) instruções	VITIMA CIENTE QUE DEVERA INGRESSAR COM QUEIXA CRIME, NO FORUM LOCAL.
	d) fechamento	-
ETAPA 4 Destinação 1	a) órgão destinatário	√
ETAPA 5 Participantes	a) dados pessoais do comunicante	-
	b) pedido de manifestação e assinatura	-
	c) dados pessoais da vítima	√
	d) pedido de manifestação e assinatura	√
	e) dados pessoais do acusado 1	√
	f) dados pessoais do acusado 2	√
	g) dados pessoais do acusado 3	√
	h) dados pessoais do acusado 4	√
	i) dados pessoais da testemunha	-
	j) anexação de documentos	Documentos Termo de declarações: 1/2011 25/09/2011 11:55
ETAPA 6 Destinação 2	a) destinatário da 1.a via	√
ETAPA 7 Policiais plantonistas	a) identificação e assinatura	√

APÊNDICE J

Resumo das etapas e de quantitativo de fases nos BOs de injúria

ETAPAS	FASES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
ETAPA 1 Circunstâncias gerais	dados institucionais	20
	dados do registro	20
	circunstâncias do fato	20
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção introdutória	19
	preambulação	7
	circunstâncias especiais	18
	comportamento ofensivo	20
	negativa da vítima	1
	fatos complementares	15
	arrolamento testemunhal	6
motivação da ofensa	9	
ETAPA 3 Implicações legais	manifestação da vítima	18
	instruções	6
	fechamento	9
ETAPA 4 Destinação 1	órgão destinatário	20
ETAPA 5 Participantes	dados pessoais da vítima	20
	pedido de manifestação e assinatura	20
	dados pessoais do acusado	10
	dados pessoais da testemunha	0
	anexação de documentos	9
ETAPA 6 Destinação 2	destinatário da 1.a via	20
ETAPA 7 Policiais plantonistas	identificação e assinatura	20

APÊNDICE L

Tabelas de análises interfásicas em BOs de calúnia

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #1
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	RELATA A VITIMA FULANA
			preambulação	QUE NA TARDE DE HOJE FOI CALUNIADA PELA GERENTE DO RESTAURANTE ONDE A COMUNICANTE TRABALHA COMO AUXILIAR DE SERVICOS GERAIS, ACUSADA BELTRANA, RESTAURANTE SUCHI DRIVE, NA AV GOETHE EM PORTO ALEGRE;
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE, NA PARTE DA MANHA
			comportamento ofensivo	ELA PERGUNTOU SE A COMUNICANTE NAO HAVIA VISTO UM ENVELOPE ONDE HAVERIA ALGUMA QUANTIDADE DE DINHEIRO, NAO DISSE A QUANTIA E NA PARTE DA TARDE VOLTOU A LHE INDAGAR, QUANDO ENTAO LHE ACUSOU DE TER FURTADO O DINHEIRO,
	consq	int	negativa da vítima	O QUE [PORÉM] A COMUNICANTE NAO FEZ;
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	-	-	manifestação da vítima	-
	-	-	instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] ERA O QUE HAVIA A REGISTRAR.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #2
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	[A COMUNICANTE] COMUNICA
			preambulação	QUE NA MANHA DE HOJE, O SR. BELTRANO, ESTEVE EM SUA CASA PARA PRESTAR UM SERVICO DE MONTAGEM DE MOVEIS. QUE ELE FOI EMBORA APOS CONCLUIR O TRABALHO, MAS,
	suc	ext	circunstâncias específicas	A TARDE, PROXIMO DAS 13H 50 MIN,
			comportamento ofensivo	RETORNOU A SUA RESIDENCIA, ACUSANDO SEU FILHO, FULANO, DE DEZESSEIS ANOS, DE TER FURTADO SUA CARTEIRA, A QUAL, BELTRANO ALEGA, TER DEIXADO POR ALGUNS MINUTOS, EM UMA MESA, NA CASA DA COMUNICANTE. QUE O ACUSADO DISSE QUE NA CARTEIRA, HAVIA R\$400,00 E DOCUMENTOS, E SE CASO NAO FOSSEM DEVOLVIDOS POR FULANO ATE AS 17H DE HOJE, EFETUARIA REGISTRO DE OCORRENCIA CONTRA ELE.
	consq	int	negativa da vítima	POREM , A COMUNICANTE ESCLARECE QUE TANTO ELA, QUANTO SEU FILHO, NADA TEM A VER COM O FURTO DA CARTEIRA.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO.
	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #3
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	RELATA O COMUNICANTE
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE EM DATA, HORA E LOCAL SUPRA,
			comportamento ofensivo	SUA CUNHADA DE NOME BELTRANA 1, RESIDENTE NA RUA SIMPLICIO APOLINARIO DA SILVA, N. 000, BAIRRO BOA VISTA E BELTRANA 2, RESIDENTE NA MESMA RUA, AO LADO DA OFICINA DO BERTELI, PASSARAM A CHAMAR O COMUNICANTE DE TRAFICANTE DE DROGAS E LADRAO, POIS HAVIA FURTADO UM COMPUTADOR, NA MESMA OPORTUNIDADE,
	consq	ext	motivação da ofensa	DESCONHECEM OS MOTIVOS , MAS ACREDITAM QUE FOI FOFOCAS QUE TETRANA ESTARIA VENDENDO FOTOS DE UMA FILHA DE BELTRANA 1,
			negativa da vítima	FATO QUE NAO E VERDADE.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] DESEJAM REPRESENTAR.
	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #4
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	[O COMUNICANTE] COMUNICA
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NO DIA DE HOJE, TOMOU CONHECIMENTO ATRAVES DE SUA SOGRA, SRA. SICRANA,
			comportamento ofensivo	QUE O COMUNICANTE TERIA FALADO QUE TETRANA, IRMA DA SOGRA DO COMUNICANTE ESTARIA COM AIDS,
	consq	int	negativa da vítima	[PORÉM] SENDO QUE O COMUNICANTE NAO FEZ TAL AFIRMACAO, E QUEM FALOU PARA A SOGRA DO COMUNICANTE, QUE MARIA ERCILIA ESTARIA COM AIDS, FOI BELTRANA, QUE ATRIBUIU AO COMUNICANTE TAL AFIRMACAO, FATO QUE NAO E VERDADE.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
	adit	ext	fatos complementares	TETRANA RESIDE NA RUA JOSE GARIBALDI 000, BAIRRO BOA PARADA, E BELTRANA RESIDE NA RUA LUCIO DIAS. NAO RECORDA O NR DA CASA.
ETAPA 3 Implicações legais	suc	ext	manifestação da vítima	NO MOMENTO NAO DESEJA REPRESENTAR CONTRA AS AUTORAS,
	consq	int	instruções	[PORÉM] FICANDO CIENTE DO PRAZO DE SEIS MESES PARA O OFERECIMENTO DA REPRESENTACAO, A CONTAR DA DATA DA CIENCIA DA AUTORIA DO FATO.
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #5
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	[O COMUNICANTE] COMUNICA
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NA MANHA DE ONTEM, ENTRE AS 11:00 E AS 12:00 HORAS,
			comportamento ofensivo	BELTRANO 1, ROPRIETARIO DE UMA CASA DE CARNES NA AV. GENERAL OSORIO, PROXIMO DO BAILE DA MELANCIA, FOI ATE O LOCAL ONDE O COMUNICANTE ESTA TRABALHANDO EM UMA REFORMA, QUANDO O ACUSOU DE TER FURTADO FARELO PARA GADO DA PROPRIEDADE DELE, PROXIMO DO POSTO AZEREDO, NA 158, QUE O COMUNICANTE HAVIAM IDO ATE LA DE CAMINHAO E CARREGADO O FARELO DE PROPRIEDADE DELE. BELTRANO 1 E SE FAZIA ACOMPANHAR DE MAIS DOIS HOMENS, TAL DE BELTRANO 2 E BELTRANO 3, QUE GERALMENTE ESTAO NA UNIAO OPERARIA, OS QUAI TAMBEM ACUSARAM O COMUNICANTE DO FURTO.
	suc	ext	fatos complementares	NO DIA DE HOJE , ENCONTROU BELTRANO 2, EM FRENTE AO JORNAL DIARIO SERRANO, QUANDO PERGUNTOU COMO HAVIA FICADO A ESTORIA DO FURTO, NO QUE BELTRANO 2 DISSE PARA O COMUNICANTE ESQUECER, POIS HAVIAM DADO UMA PRENSA NO CASEIRO E AQUELE HAVIA CONFESSADO. ESLCARECE QUE NA PRIMEIRA OCASIAO EM QUE LHE PROCURARAM, O CASEIRO ESTAVA JUNTO NA CAMIONETE E AQUELES RETORNARAM LOGO APOS E AFIRMARAM QUE O CASEIRO HAVIA DITO QUE O CASEIRO TINHA CONFIRMADO QUE ERA O COMUNICANTE O AUTOR DO FURTO. JUNTO COM O COMUNICANTE, ESTAVA SEU COLEGA DE SERVICO HOMNERO, QUE TAMBEM FOI ACUSADO.
	-	-	negativa da vítima	-
	adit	ext	arrolamento testemunhal	[ALÉM DISSO] SALIENTA QUE MAIS PESSOAS PRESENCIARAM AS ACUSACOES. QUE AS ACUSACOES FORAM FEITAS NO SEU LOCAL DE TRABALHO E PODERIAM TER LHE PREJUDICADO GRANDEMENTE.
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] MANIFESTA O DESEJO DE REPRESENTAR CONTRA OS AUTORES.
	-	-	instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] EH O REGISTRO.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #6
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	RELATA A VITIMA FULANO
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE FOI CALUNIADO NA NOITE DE HOJE PELA SUA COMPANHEIRA BELTRANA, COM A QUAL CONVIVE HA DEZESSEIS ANOS,
			comportamento ofensivo	TENDO ELA DITO QUE O COMUNICANTE TERIA ESTUPRADO AS DUAS FILHAS DO CASAL, QUE AS TERIA AGREDIDO,
	consq	int	negativa da vítima	O QUE [PORÉM] NAO E VERDADE,
	consq	ext	motivação da ofensa	TUDO PORQUE ELA FICA SEGUIDAMENTE EMBRIAGADA E AGE DE MANEIRA TOTALMENTE DESIQUILIBRADA;
	adit	ext	fatos complementares	QUE, NA NOITE DE HOJE, INCLUSIVE , ELA CORREU COM AS DUAS FILHAS DE CASA, AMBAS MENORES DE IDADE, TENDO O COMUNICANTE QUE SAIR PARA BUSCAR E DAR SOCORRO PARA AS FILHAS.
	adit	ext	arrolamento testemunhal	QUE, INCLUSIVE ESTA ACOMPANHADO NESSE MOMENTO DA SUA FILHA SICRANA COM 16 ANOS, QUE CONFIRMA A SITUACAO PRECARIA QUE CONVIVE COM A MAE.
ETAPA 3 Implicações legais	-	-	manifestação da vítima	-
	-	-	instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] ERA O QUE HAVIA A REGISTRAR.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #7
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	[A VÍTIMA] REGISTRA
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	O FATO QUE ONTEM CONFORME HORA DA OCORRENCIA,
			comportamento ofensivo	A BELTRANA DISSE PARA TODOS OUVIREM QUE A VITIMA TERIA MATADO UMA PESSOA E IRIA PAGAR POR TAL FATO.
	-	-	negativa da vítima	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] A VITIMA DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA A AUTORA DO FATO PELO DELITO DE CALUNIA E DIFAMACAO.
	adit	ext	instruções	[ADEMAIS] AUDIENCIA MARCADA PARA O DIA 06/12/2011 - 08:50HORAS.
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] E O REGISTRO.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #8
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	[A VÍTIMA] COMUNICA
			preambulação	QUE TEVE UM RELACIONAMENTO POR CERCA DE 2 ANOS E 4 MESES COM A ACUSADA E ESTAO SEPARADOS HA 9 MESES. HAVIA MEDIDAS PROTETIVAS CONTRA A VITIMA.
	suc	ext	circunstâncias específicas	INFORMA QUE NA DATA DE ONTEM, A ACUSADA ESTEVE NA SUA CASA E LHE CALUNIOU NA FRENTE DE SUA ATUAL NAMORADA, SICRANA (0000-0000)
	sem	ext	comportamento ofensivo	[OU SEJA] [A ACUSADA] DIZENDO QUE: A VITIMA BATIA NA ACUSADA; QUE BATEU NELA DURANTE A GRAVIDEZ; QUE O MESMO ERA RUIM COM ELA; QUE OS PAIS DELE FIZERAM MAL PARA ELA E QUE ELA VIVE EM CONDICÕES PRECARIAS POR CULPA DA VITIMA.
	-	-	negativa da vítima	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	adit	ext	motivação da ofensa	[ALÉM DISSO] INFORMA QUE PAGA PENSÃO PARA O FILHO TETRANO, DE 4 ANOS E ATRASOU A PENSÃO 3 DIAS, MOTIVO PELO QUAL A MESMA FOI À SUA CASA PARA LHE COBRAR. INFORMA QUE É A TERCEIRA VEZ QUE A ACUSADA LHE PROCURA.
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] NÃO DESEJA REPRESENTAR NO MOMENTO.
	consq	int	instruções	[MESMO ASSIM] CIENTIFICADO DO PRAZO DE SEIS MESES PARA EXERCER A REPRESENTAÇÃO E ORIENTADO COMO PROCEDER.
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #9
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	RELATA O PART 01
			preambulação	QUE FEZ CONTATO COM O ACUSADO PARA SABER SEUS DADOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DE UM TC CONFORME BO 13434/2011/100301, SENDO QUE A COLEGA SICRANA JA HAVIA FEITO CONTATO COM O MESMO ANTERIORMENTE E ESTE DISSE QUE NAO SABIA SE ERA DA POLICIA MESMO ELA INFORMANDO SEUS DADOS E O TELEFONE DA DP PARA CONTATO, NO DIA 13 DO CORRENTE QUANDO DO CONTATO, BELTRANO PEDIU PARA ENVIAR UM E-MAIL DA DP, COMO O OBJETIVO ERA A IDENTIFICAÇÃO ASSIM O FEZ, MANDANDO I-MAIL PEDINDO SEUS DADOS, NO DIA DE HOJE LIGOU NOVAMENTE E O MESMO INFORMOU QUE SUA ADVOGADA DISSE QUE TERIAM QUE IR NO LOCAL DE SEU TRABALHO, INFORMOU QUE O TELEFONEMA ERA PARA EVITAR CONSTRANGIMENTOS E OTIMIZAR O SERVICO, PRATICA COMUM DESTA DELEGACIA AI O MESMO SOLICITOU QUE POLICIAIS FOSSEM ATE SEU LOCAL DE TRABALHO PARA QUE LHE IDENTIFICAR.
	suc	ext	circunstâncias específicas	NESTE DIA QUANDO DA CHEGADA DO POLICIAL PARA IDENTIFCA-LO
			comportamento ofensivo	O MESMO DISSE QUE HAVIA SIDO AMEACADO POR TELEFONE PELO PARTICIPANTE 01 E QUE HAVIA REGISTRADO OCORRENCIA DE AMEACA EM DESFAVOR DO MESMO.
	-	-	negativa da vítima	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	DIANTE DOS FATOS DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO PELO CRIME DE CALUNIA.
	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #10
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	-
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	COMUNICANTE E VITIMA EM DATA, HORA E LOCAL ACIMA DESCRITOS
			comportamento ofensivo	FOI SOLICITADO P/QUE PAGASSE O VALOR QUE DESAPARECEU DO SEU LOCAL DE TRABALHO.
	consq	int	negativa da vítima	QUE A VITIMA [PORÉM] NAO RETIROU O DINHEIRO QUE SUMIU, R\$ 1.590,00 EM ESPECIE.
	adt	ext	fatos complementares	[ADEMAIS] QUE ESTA NAO E A PRIMEIRA VEZ QUE DESAPARECE DINHEIRO DO LOCAL. QUE A VITIMA ALERTOU A GERENTE BELTRANA DE QUE DEVERIA COLOCAR O DINHEIRO EM UM COFRE E/OU DEVERIA COLOCAR CAMARAS DE SEGURANCA NO LOCAL, O QUE NAO OCORREU ATE O PRESENTE MOMENTO.
			arrolamento testemunhal	-
			motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] QUE A VITIMA DESEJA REPRESENTAR CIVIL E CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO.
	-	-	instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #11
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	[A VÍTIMA] COMUNICA
			preambulação	QUE ONTEM FOI FURTADA A CARTEIRA COM DINHEIRO E DOCUMENTOS DO SR BELTRANO, QUE E DONO DA EMPRESA METALURGICA ONDE TRABALHA ATE ONTEM QUANDO FOI DEDITIDO, MAS NAO SABIA QUE HAVIA SIDO DEDITIDO POR CAUSA DO FURTO,
	suc	ext	circunstâncias específicas	SENDO QUE HOJE PELA MANHA
	-	-	comportamento ofensivo	BELTRANO FOI A SUA CASA E DISSE: ...EU VIM VER SE TU TEM A MINHA CARTEIRA, PORQUE EU PRECISO DOS MEUS DOCUMENTOS...EU TENHO QUE VIAJAR DOMINGO...TOCA ELA DENTRO DO PATIO DA FIRMA...QUE EU PRECISO MESMO.
	adit	ext	fatos complementares	[ALÉM DISSO] QUE A EMPRESA METALURGICA FICA NA AV.ATALIBIO ATALIBIO T.REZENDE, N.0000. NAO SABE INFORMAR MAIORES DADOS SOBRE BELTRANO.
	-	-	negativa da vítima	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] [A VÍTIMA] DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE.
	-	-	instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #12
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	[O COMUNICANTE] RELATA
			preambulação	QUE VEM SENDO CALUNIADO POR BELTRANA, MORADORA DE LINHA HERVAL, MESMA LOCALIDADE ONDE O COMUNICANTE RESIDE.
	-	-	circunstâncias específicas	-
			comportamento ofensivo	QUE BELTRANA ESTA LHE ACUSANDO JUNTO COM SEUS FILHOS, DE QUE ESTARIA COM UM TELEFONE CELULAR PERTENCENTE AO IRMAO DELA, DE NOME TETRANO 1, QUE ALGUÉM HAVIA FURTADO. QUE BELTRANA EFETUOU LIGACAO PARA SUA FILHA MENOR DE IDADE, EXIGINDO QUE ELA FOSSE ENTREGAR O CHIP QUE ERA DO IRMAO DELA.
	consq	ext	fatos complementares	[POR ISSO] QUE SUA FILHA FOI ATE ONDE BELTRANA ESTAVA E ESTA SIMPLEMENTE PEGOU O TELEFONE PERTENCENTE A SUA FILHA. QUE O REFERIDO CHIP FOI COLOCADO DE PROPOSITO NO CELULAR DE SUA FILHA POR UM TAL TETRANO 2, DA VILA CANECA, DA MESMA LOCALIDADE E QUE PROVAVELMENTE FOI O AUTOR DO FURTO.
	consq	int	negativa da vítima	QUE O COMUNICANTE [PORÉM] NADA TEM A VER COM O ASSUNTO E BELTRANA MESMO ASSIM ESTA LHE CALUNIANDO E LHE AMEACANDO ATRAVES DE MENSAGENS PARA O SEU TELEFONE CELULAR.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
-	-	motivação da ofensa	-	
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] [O COMUNICANTE] DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA CLAUDET.
	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #13
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	[O COMUNICANTE] INFORMA
			preambulação	QUE CONSTANTEMENTE AO ADENTRAR O LOCAL SUPRA E FORTEMENTE VIGIADO POR SEGURANÇAS. QUE OS MESMO SEGUEM-O ENQUANTO ESTA FAZENDO COMPRAS. RELATA TAMBEM, QUE NA DATA E HORA SUPRA, FORA REVISTADO POR UM DOS MESMOS. SALIENTA QUE ESTE FATO NAO ACONTECE APENAS NESTE ESTAB. SUPRA, TAMBEM EM OUTROS LOCAIS DA EMPRESA WALLMART, QUE TAMBEM E SEGUIDO. DIZ QUE O INDIVIDUO QUE REVISTOU-O ESTAVA SEM IDENTIFICACOES DA EMPRESA
	-	-	circunstâncias específicas	-
	adit	ext	comportamento ofensivo	E QUE O MESMO TERIA AFIRMADO QUE O COMUNICANTE TERIA FURTADO ALGO DO ESTABELECIMENTO.
	-	-	negativa da vítima	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
	adit	ext	fatos complementares	[ALÉM DISSO] QUE A GERENCIA DO LOCAL NEGOU IDENTIFICACOES DE QUEM SERIA O INDIVIDUO QUE O REVISTOU. DEIXA ESTA PARA FINS DE DIREITO. QUE ESTE QUE O REVISTOU IDENTIFICOU-SE COMO POLICIAL.
ETAPA 3 Implicações legais	consq	ext	manifestação da vítima	[PORTANTO] DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE.
	-	-	instruções	-
	consq	ext	fechamento	[EM CONCLUSÃO] ERA O REGISTRO.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #14
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	[A VÍTIMA] COMUNICA
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NA DATA E HORA SUPRA,
			comportamento ofensivo	SEU VIZINHO - BELTRANO - FOI ATE SUA RESIDENCIA E DISSE-LHE QUE DURANTE UM SERVICO DE REBOCO QUE A VITIMA FIZERA EM SUA RESIDENCIA, ESTE *PEGARA* DOIS CARTOES BANCARIOS E UM CHEQUE, SENDO UM CARTAO DE CREDITO E OUTRO DE CONTA CORRENTE.
	suc	ext	fatos complementares	[ANTES] BELTRANO CONTRATOU-O PARA FAZER UM SERVICO QUE DUROU CERCA DE DEZ DIAS, NESTE INTERVA-LO DE TEMPO BELTRANO ACUSA, FULANO, DE TER ROUBADO. FULANO DISSE A BELTRANO QUE REGISTRASSE OCORRENCIA,
	consq	int	comportamento ofensivo	MAS AQUELE DISSE QUE PARA *CHINELO* NAO VALIA A PENA REGISTRAR. DISSE TAMBEM QUE FULANO FEZ USO DO CARTAO EM POSTO DE COMBUSTIVEL NO VALOR DE R\$ 49,00, E TAMBEM DESCONTOU O CHEQUE.
	-	-	negativa da vítima	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] [A VÍTIMA] DESEJA REPRESENTAR PELA ACAO PENAL.
	-	-	instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NM.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #15
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	A VITIMA REGISTRA
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NO DIA, HORARIO E LOCAL ACIMA, APOS FAZER A FAXINA NA COZINHA DO BAR MARISOL,
			comportamento ofensivo	SEU IRMAO BELTRANO FARIA, QUE E PROPRIETARIO DO BAR, LHE ACUSOU DE TER ROUBADO R\$ 90,00, EM DINHEIRO, DELE, INCLUSIVE ELE LHE FALOU QUE TINHA TRAZIDO O DVD COM A GRAVACAO DO ROUBO.
			atos complementares	QUE COSTUMA FAZER FAXINA NA CASA E NO BAR, QUE TUDIO NO MESMO PREDIO.
	-	-	negativa da vítima	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] [A VÍTIMA] QUE DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA SEU IRMAO.
	adit	ext	instruções	[ALÉM DISSO] A VITIMA FOI ORIENTADA QUE DEVE CONSTITUIR DEFENSOR PUBLICO OU ADUOGADO PARA INGRESSAR COM QUEIXA-CRIME NO FORO DE TRAMANDAI/RS, POIS EM SEIS MESES OCORRE A DECADENCIA DE PRAZO PARA INCIAR O OPROCEDIMENTO.
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS A CONSTAR.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #16
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	[O COMUNICANTE] RELATA
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE HOJE, POR VOLTA DAS 12H30MIN,
			comportamento ofensivo	O SR. BELTRANO, PROPRIETARIO DE UM BAR PROXIMO A SUA RESIDENCIA, ESTEVE NA CASA DO COMUNICANTE E LHE ACUSOU DE TER COMPRADO OBJETOS FURTADOS. ELE DISSE AINDA QUE O INDIVIDUO CONHECIDO POR TETRANO TERIA ESTADO NA CASA DO COMUNICANTE APOS TER PRATICADO FURTO NO ESTABELECIMENTO DELE.
	consq	int	negativa da vítima	[PORÉM] QUE NADA DO QUE E ACUSADO POR BELTRANO OCORREU.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] [O COMUNICANTE] NAO DESEJA REPRESENTAR CONTRA O ACUSADO.
	consq	int	instruções	[MESMO ASSIM] FOI ORIENTADO DO PRAZO DECADENCIAL DE SEIS MESES PARA A REPRESENTACAO.
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #17
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	REFEREM AS VITIMAS FULANA 1 E FULANA 2,
	-	-	preambulação	-
	-	-	circunstâncias específicas	-
			comportamento ofensivo	QUE O ACUSADO BELTRANO E A MAE DELE BELTRANA, FALAM PARA TODA SUA VIZINHANCA DE QUE A VITIMA FULANA 1 E SUAS VIZINHAS FULANA 3, E FULANA 4, AMBAS RESIDENTE NO MESMO ENDERECO DA VITIMA FULANA 1, *ANDAM FALANDO DE QUE A VITIMA FULANA 2 E O ACUSADO BELTRANO FAZEM ARRUACA NA VILA, INCOMODANDO AS VITIMAS SUPRA CITADAS E OUTROS VIZINHOS* E *QUE SE NAO PARASSEM COM AS FOCAS, IRA ABRIR BOCA, E BOTAR OS PODRES PARA FORA DE FULANA 1 E FULANA 3*.
	consq	int	negativa da vítima	FATO [PORÉM] QUE SEGUNDO A VITIMA FULANA 1, NAO HE VERDADE.
			arrolamento testemunhal	TESTEMUNHAS: A MAE DA VITIMA FULANA 1, SRA SICRANA, MESMO ENDERECO DESTA VITIMA.
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] NO MOMENTO NAO DESEJA REPRESENTAR.
	consq	int	instruções	[MESMO ASSIM] CIENTIFICADA DE QUE TEM O PRAZO DE SEIS MESES PARA REPRESENTAR, SE ASSIM O DESEJAR, DEVENDO CONSTITUIR ADVOGADO OU PROCURAR A DEFENSORIA PUBLICA.
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #18
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	-
			preambulação	POR SUSPEITA DE TER CONTRAÍDO RUBEOLA A COMUNICANTE CONSULTOU NA UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO - UPA/, NO DIA 20-09-2011, SENDO ATENDIDA PELO MEDICO SICRANO, QUE MEDICOU E RECOMENDOU O AFASTAMENTO DA COMUNICANTE DO SERVIÇO PELO PERÍODO MÍNIMO DE TRES (03) DIAS, CONFORME COPIA DO ATESTADO ORA ARRECADADO.
	suc	ext	circunstâncias específicas	NESTA DATA, AO RETORNAR PARA TRABALHAR
			comportamento ofensivo	[A COMUNICANTE] FOI OFENDIDA, AOS GRITOS, EM MEIO AOS COLEGAS E PÚBLICO EM GERAL, PELO PATRÃO BELTRANO, QUE ACUSOU SER FALSO TAL DOCUMENTO E DE QUE NADA VALIA, ATIRANDO O PAPEL NO ROSTO DA COMUNICANTE.
	adit	ext	fatos complementares	[ADEMAIS] ESCLARECE QUE TRABALHA NESTA EMPRESA DESDE O DIA 17-04-2011. APOS DUAS SEMANAS DE TRABALHO FOI SOLICITADA A CARTEIRA DE TRABALHO, A QUAL PERMANECE EM PODER DO EMPREGADOR. APOS O EVENTO RELATADO O ACUSADO DISSE PARA A COMUNICANTE QUE NÃO PRECISAVA MAIS TRABALHAR, AINDA EXIGINDO QUE ASSINASSE UM PAPEL. A COMUNICANTE NÃO SABE INFORMAR QUAL O TEOR DESSE DOCUMENTO, ENTRETANTO NEGOU-SE A ASSINAR E SAIU DAQUELE ESTABELECIMENTO CHORANDO.
	-	-	negativa da vítima	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] DIANTE DO CONSTRANGIMENTO PÚBLICO E OFENSAS A QUE A COMUNICANTE FOI VÍTIMA, MANIFESTA O DESEJO INEQUÍVOCO DE REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO.
	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #19
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	[A DECLARANTE] COMUNICA
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NESTA DATA, NO HORARIO SUPRACITADO, ENCONTRAVA-SE EM CASA QUANDO LA CHEGOU
			comportamento ofensivo	O CASAL BELTRANA E BELTRANO, ACUSANDO-A DE TER FURTADO UMA CADELA DELES, NAO INFORMANDO QUANDO TERIA SIDO O FATO. ALEM DISSO LHE CHAMARAM DE LADRONA E SEMVERGONHA.
			negativa da vítima	-
	adit	ext	arrolamento testemunhal	[ADEMAIS] O FATO FOI PRESENCIADO APENAS PELO PAI DA DECLARANTE, QUE FICOU AO SEU LADO DURANTE A CONVERSA QUE TEVE COM OS ACUSADOS.
	-	-	emotivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] DESEJA REPRESENTAR CONTRA AMBOS POR CALUNIA E INJURIA
	adit	Ext	instruções	E FOI ORIENTADA QUE DEVE PROCURAR UM ADVOGADO PARA OFERECER QUEIXACRIME DIRETO EM JUIZO NO PRAZO DE SEIS MESES.
	adit	int	fatos complementares	[ALÉM DISSO] OS ACUSADOS RESIDEM NA RUA DUQUE DE CAXIAS, NR. 0000, N/C.
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] E O REGISTRO.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOC #20
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	RELATA, A VITIMA,
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NA DATA DE 25/09/2011 POR VOLTA DAS 15:00H, ESTAVA TRABALHANDO NA LANCHERIA BATORE LANCHES, NO ENDERECO JA MENCIONADO, COMO ATENDENTE DE CAIXA QUANDO
			comportamento ofensivo	ADENTROU O ACUSADO, BELTRANO, PROPRIETARIO DO ESTABELECIMENTO, QUE FALOU EM ALTO E BOM TOM QUE ESTAVA FALTANDO DINHEIRO DO CAIXA E QUE ESTA SITUACAO NAO FICARIA ASSIM.
	suc	ext	fatos complementares	[ENTÃO] A VITIMA SENTIU QUE A ACUSACAO ERA PROFERIDA CONTRA A SUA PESSOA POIS HAVIA TRABALHADO NO CAIXA NA NOITE ANTERIOR.
	adit	ext	comportamento ofensivo	[ALÉM DISSO] QUE BELTRANO FEZ O MESMO COMENTARIO A COLEGAS DA VITIMA ACUSANDO-A DE SER RESPONSAVEL PELA FALTA DE DINHEIRO DO CAIXA.
	adit	ext	fatos complementares	[ADEMAIS] QUE POR DIVERSAR VEZES A VITIMA FOI ASSEDIADA PELO ACUSADO QUE LHE FEZ PROPOSTAS INDECOROSAS. QUE O ACUSADO SE APROSSIMAVA DA VITIMA E LHE BILISCA A CINTURA DEPOIS PROFERIA COMENTARIOS OBSCENOS. A VITIMA FICOU PROFUNDAMENTE CONSTRANGIDA, PERANTE SEUS COLEGAS E CLIENTES DA LANCHERIA, PELO MODO COMO O ACUSADO INSINUOU QUE A VITIMA TERIA FURTADO DINHEIRO DO CAIXA.
	-	-	negativa da vítima	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais			manifestação da vítima	[PORTANTO] A VITIMA DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA BELTRANO.
	-	-	instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS.

APÊNDICE M

Tabelas de análises interfásicas em BOs de difamação¹⁰³

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #1
ETAPA 2 Fato ofensivo	-	-	projeção introdutória	-
			preambulação	QUE CONVIVEU COM BELTRANA DURANTE 06 ANOS POSSUINDO UM FILHA DE 04 ANOS. HA DOIS MESES ESTAO SEPARADOS PORQUE BELTRANA QUIS, ELA DESEJOU A SEPARACAO E ELA SAIU DE CASA. O COMUNICANTE PAGA PENSAO PARA A FILHA E A CRIANCA FICA DE SEGUNDA A SEXTA COM O COMUNICANTE, PASSANDO A NOITE COM O COMUNICANTE. DURANTE O DIA A FILHA FICA NA CRECHE ENQTO O COMUNICANTE TRABALHA. NO SABADO PELA MANHA DEIXOU A FILHA NA CASA DE BELTRANA PORQUE IA PARA SAO LUIZ GONZAGA.
	consq	int	circunstâncias específicas	AO MEIO DIA AO CHEGAR NA CASA DE SUA MAE SOUBE QUE BELTRANA NO ONIBUS DA FACULDADE NA NOITE ANTERIOR
			comportamento ofensivo	FIZERA ESCANDALO, CHOROU DIZENDO QUE O COMUNICANTE A ESTAVA PERSEGUINDO E QUE HAVIA CONTRATADO ALGUEM PARA MATAR ELA E SEGUNDO SOUBE O PAI DELA COMUNICOU A BM QUE FOI ESPERAR O ONIBUS NO TREVO DA ENTRADA DA CIDADE, LOCAL ONDE O COMUNICANTE A MATARIA.
	consq	ext	negativa da vítima	COMO NAO DEVE NADA DO ALEGADO E QUE TOMOU CONHECIMENTO
			manifestação da vítima	REGISTRA ESPERANDO QUE BELTRANA EXPLI QUE OS FATOS,
	consq	ext	fatos complementares	POIS NA SEXTA DEPOIS DE IR NA IGREJA COM A FILHA FOI PARA CASA E NAO SAIU MAIS POIS ESTAVA COM SUA FILHA. QUE APOS A SEPARACAO SEU CONTATO COM BELTRANA E MINIMO REFERINDO-SE SOMENTE A QUESTAO DA FILHA, SENDO QUE COMO JA DISSE O COMUNICANTE E QUEM FICA MAIS COM A CRIANCA.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	-	-	manifestação da vítima	-
	-	-	instruções	-
			fechamento	NADA MAIS.

¹⁰³ Os BOs com o título de difamação mas que, na realidade, caracterizavam claramente crime de injúria foram descartados.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #2
	projeção	-	projeção introdutória	RELATA A COMUNICANTE
			preambulação	QUE VEM SOFRENDO CONSTRANGIMENTOS DEVIDO AS FOCOCAS QUE ESTAO SENDO ESPALHADAS A SEU RESPEITO. REFERE QUE E CASADA COM FULANO E QUE SEU CASAMENTO VEM SENDO ATINGIDO COM TODAS DIFAMACOES. SABE QUE BELTRANO FALOU DESTA VEZ, QUE NAO SABE SE FOI ELE O INVENTOR DAS FOCOCAS DAS OUTRAS DIVERSASVEZES. QUE QUASE JA SEPAROU DO SEU MARIDO POR CAUSA DAS FOCOCAS NO MES DE JANEIRO E NO MES DE JULHO
	-	-	circunstâncias específicas	-
	consq	ext	comportamento ofensivo	[POIS] QUE O ACUSADO DIZ QUE FICA PISCANDO, PUXANDO CONVERSA E SE OFERECENDO PARA OUTROS HOMENS.
	-	-	negativa da vítima	-
	adit	ext	fatos complementares	[ADEMAIS] MENCIONA QUE TRABALHA NO MERCADO DO SEU PAI, SUPER ECKERT, E QUE TRABALHAVA ANTERIORMENTE NO BAR AO LADO DO MERCADO DEVIDO AS AS FOCOCAS SEREM TANTAS. QUE AS BRIGAS DO CASAL SE TORNAVAM CADA VEZ PIORES E ACREDITAVAM QUE COMECANDO A TRABALHAR NO MERCADO ACABARIAM AS FOCOCAS. QUE SEU CUNHADO, SICRANO, FICOU SABENDO ATRAVES DE UM PRIMO SICRANO 2 QUE O MIRO HAVIA CONTADO PARA ELE. QUE O CUNHADO CONTOU PARA A COMUNICANTE HOJE POIS OUVIU DENTRO DA LOJA EM QUE TRABALHA, COMERCIAL PEDRALLI. QUE O MARIDO JA FICOU NOVAMENTE DESCONFIADO E COBROU DA COMUNICANTE SOBRE AS FOCOCAS.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3	-	-	manifestação da vítima	-
Implicações legais	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #3
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	DECLARA
	-	-	preambulação	-
	-	-	circunstâncias específicas	-
			comportamento ofensivo	QUE SUA CUNHADA, BELTRANA, ESTA CONTANDO A PESSOAS VIZINHAS DA VITIMA ENTRE OUTRAS, QUE A DECLARANTE TEM UM CASO COM SEU COLEGA DE TRABALHO FULANO,
	consq	int	negativa da vítima	POREM A HISTORIA NAO SERIA VERDADEIRA,
	adit	ext	fatos complementares	QUE INCLUSIVE SEU MARIDO, IRMAO DE BELTRANA, E A ESPOSA DE FULANO NAO ACREDITAM NAS HISTORIAS DE BELTRANA.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] NAO DESEJA REPRESENTAR
	consq	int	instruções	[MESMO ASSIM] CIENTE DO PRAZO DE SEIS MESES.
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #4
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	[A COMUNICANTE] RELATA
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NA DATA, HORA E LOCAL MENCIONADOS ACIMA
			comportamento ofensivo	FOI INTERPELADA POR BELTRANA, A QUAL LHE ACUSOU INJUSTAMENTE DE TER RELACIONAMENTO AMOROSO COM FULANO,
	consq	int	negativa da vítima	[PORÉM] O QUE SEGUNDO A COMUNICANTE NUNCA OCORREU;
	adt	int	comportamento ofensivo	[ALÉM DISSO] BELTRANA DISSE QUE OS EMPREGADOS QUE ORDENHAM AS VACAS E OUTROS PESSOAS TAMBEM TINHAM LHE CONTADO;
	-	-	fatos complementares	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] MANIFESTA O DESEJO DE NAO REPRESENTAR,
	consq	int	instruções	[MESMO ASSIM] SENDO INFORMADA DO PRAZO DECADENCIAL.
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #5
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	COMUNICA
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NO DOMINGO A TARDE
			preambulação	FOI DIFAMADA E INJURIADA PELA SUA IRMA BELTRANA, END. RUA ULYSSES RODRIGUES NR.4000,
	suc	ext	circunstâncias específicas	FATO OCORRIDO NO INTERIOR DO LAR DA VELHICE, LOCAL ONDE SUA MAE TETRANA SOARES DE 87 ANOS, ESTA INTERNADA.
	sem	ext	comportamento ofensivo	[OU SEJA] DIZ QUE BELTRANA CHAMOU SUA PESSOA DE SEM VERGONHA, APROVEITADORES, DIZENDO QUE DEPOIS QUE TIRARAM TUDO DE SUA MAE TETRANA COLOCARAM ELA NO ASILO, CHAMANDO TAMBEM SEU MARIDO FULANO DE SEM VERGONHA, VELHO SUJO, QUE TINHA GASTADO TUDO NA ZONA, QUE ESTAVA CEGO POR QUE NAO PRESTA.
	-	-	negativa da vítima	-
	adt	ext	fatos complementares	[ALÉM DISSO] DIZ QUE CUIDA DE SUA MAE TETRANA, E QUE SUA IRMA BELTRANA NAO QUER CUIDAR DELA E COMO CUIDAVA DELA SOZINHA E TEM PROBLEMAS DE SAUDE COLOCOU TETRANA NO ASILO POR UNS DIAS, PARA FAZER UM TRATAMENTO.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
		motivação da ofensa	-	
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] NAO PUBLICAR.
	-	-	instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTOS BOD #6
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	COMUNICA
			preambulação	QUE VIVEU COM O ACUSADO POR QUASE TRES ANOS E COM ELE POSSUI UM FILHO DE OITO MESES. QUE O ACUSADO NAO AJUDA COM AS DESPESAS DO MENINO
	-	-	circunstâncias específicas	-
	adit	ext	comportamento ofensivo	E AINDA DIZ PARA TODOS QUE SE SEPAROU DA COMUNICANTE PORQUE ESTA TINHA DOIS AMANTES.
	-	-	negativa da vítima	-
	adit	ext	fatos complementares	[ALÉM DISSO] QUE O ACUSADO LIGA PARA A COMUNICANTE E COLOCA OS AMIGOS NA LINHA PARA DEBOCHAREM DELA.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
			motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] [A COMUNICANTE] DESEJA PROCESSAR O ACUSADO E NAO REQUER MEDIDA PROTETIVA.
	-	-	instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #7
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	COMUNICA
			preambulação	QUE O CITADO PRESTOU SERVICOS DE PANFLETAGEM A FIRMA ONDE TRABALHAM AS VITIMAS, APOS A SAIDA DO MESMO DO EMPREGO PASSOU A FALAR MAL DAS MESMAS,
	-	-	circunstâncias específicas	-
	sem	ext	comportamento ofensivo	[OU SEJA] DIZ QUE AS MESMAS SAO VAGABUNDAS, QUE LEVAM HOMENS PARA DENTRO DA FIRMA DURANTE O HORARIO DE EXPEDIENTE, AMEACANDO A COMUNICANTE DE MORTE.
	-	-	negativa da vítima	-
	adit	ext	fatos complementares	[ALÉM DISSO] QUE O ACUSADO FALA AS MESMAS COISAS EM TODOS OS LOCAIS POR ONDE ANDA. ELE TEM UMA CHAVE DA PORTA DA FINANCEIRA E NAO QUER DEVOLVER
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	-	-	manifestação da vítima	-
	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #8
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	O COMUNICANTE INFORMA
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE HA CERCA DE QUINZE DIAS
			comportamento ofensivo	VEM RECEBENDO MENSAGENS, ORIUNDA DO NR. 00-0000-0000, AS QUAIS ADUZEM QUE SUA FILHA, FULANA, SAIU COM UM MONTE DE GENTE, COM VARIAS PESSOAS E, POR ISSO, IRA SER DIVULGADO NA INTERNET.
	suc	ext	circunstâncias específicas	NA MANHA DE ONTEM,
			comportamento ofensivo	FOI RECEBIDA NOVA MENSAGEM A QUAL POSSUI O SEGUINTE TEOR: AS PROVAS TE MANDO PELA INTERNET DE MEIO-DIA PORQUE ESTOU AQUI EM MATO GROSSO TRABALHANDO.
	-	-	negativa da vítima	-
	consq	int	fatos complementares	[APESAR DISSO] O COMUNICANTE DESCONHECE A AUTORIA DESSE DELITO, MAS ACREDITA QUE ESSE FATO POSSA ESTAR SENDO PRATICADO POR PESSOA QUE CONHECE A FAMILIA, PORQUE O AUTOR POSSUI O NUMERO DOS CELULARES DE TODOS
	-	-	arrolamento testemunhal	-
		motivação da ofensa	-	
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima/ <u>representante</u>	[DESSA FORMA] NA CONDICAÇÃO DE REPRESENTANTE DE FULANA, NO MOMENTO DEIXA DE REQUER A INSTAURACÃO DE PROCEDIMENTO POLICIAL,
	consq	int	instruções	TENDO [CONTUDO] SIDO ALERTADO DO PRAZO DECADENCIAL DE 06 (SEIS) MESES PARA EXERCER ESSE DIREITO.
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #9
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	COMPARECE PARA RELATAR
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE, EM DATA E HORA ACIMA MENCIONADOS,
			preambulação	FOI OFENDIDA, SENDO CHAMADA DE VAGABUNDA DIANTE DE DIVERSAS PESSOAS, BEM COMO TEVE SEUS CABELOS PUXADOS E NAO FOI AGREDIDA, EFETIVAMENTE, PORQUE A AGRESSORA, BELTRANA, QUE TRABALHA COMO PROMOTORA DE PRODUTOS NESTLE, NO SUPERMERCADO GUANABARA DO CASSINO, FOI IMPEDIDA POR OUTRAS PESSOAS.
	adit	ext	comportamento ofensivo	QUE, ADEMAIS , BELTRANA FALOU PARA DIVERSAS PESSOAS QUE A COMUNICANTE E VAGABUNDA E ANDA COM O MARIDO DELA, TETRANO,
	consq	int	negativa da vítima	FATO, ESTE, [PORÉM] INVERIDICO.
	adit	ext	fatos complementares	[ALÉM DISSO] QUE NAO SABE O NOME COMPLETO DE BELTRANA, SABENDO INFORMAR, SOMENTE, QUE A MESMA RESIDE NA RUA VINTE E QUATRO DE MAIO, SOBRE A LOJA BARRIGA VERDE. QUE NAO RESTOU COM LESOES. QUE, APOS O FATO, A ACUSADA DISSE QUE A COMUNICANTE DEVERIA SE PREPARAR, SE CUIDAR, POIS IRA LHE MATAR.
	adit	ext	arrolamento testemunhal	[ADEMAIS] QUE TEM TESTEMUNHAS.
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	QUE [PORTANTO] DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA A ACUSADA.
	-	-	instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #10
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	COMUNICOU
			preambulação	NO PLANTAO DA DPPA QUE SUA FILHA FULANA, COM 15 ANOS DE IDADE, ESTUDA NA ESCOLA OSVALDO ARANHA DESTA CIDADE, SENDO QUE JUNTO NA MESMA SALA DE AULA TABEM ESTUDA UM MILITAR DO 12 BE COMB LOCAL, O QUAL APENAS SABE CHAMAR-SE BELTRANO,
	suc	ext	circunstâncias específicas	E QUE HA DOIS MESES PARA CA
			comportamento ofensivo	O REFERIDO MILITAR COLEGA DE AULA DA FILHA DO COMUNICANTE, PASSOU A DIZER E A FALAR PARA VARIAS PESSOAS NO RECINTO DA ESCOLA QUE A FULANA ESTA GRAVIDA DO MESMO, O QUE [PORÉM] NAO E VERDADE POIS FULANA NUNCA CHEGOU PERTO DELE E NUNCA NAMOROU O MESMO.
	consq	int	negativa da vítima/ <u>representante</u>	
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE DESDE ESSE TEMPO PARA CA
			comportamento ofensivo	ESSE MILITAR PASSOU A DAR TELEFONEMAS PARA O CELULAR DA ESPOSA DO COMUNICANTE, ONDE AFIRMA QUE A FULANA ESTA GRAVIDA DELE E QUE ELE QUER FALAR COM O COMUNICANTE, POREM NAO DIZ QUAL E O ASSUNTO. QUE DA MESMA FORMA ESSE BELTRANO DIZ PARA O NAMORADO DA FULANA QUE ELA ESTA GRAVIDA DELE TENTANDO PREJUDICAR O NAMORO DA MESMA.
	-	-	fatos complementares	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] QUER APENAS COMUNICAR O FATO NESTE ORGAO PARA POSTERIORMENTE LEVAR O CASO AO CONHECIMENTO DO COMANDANTE DO 12 BE COMB SOBRE AS ATITUDES DESSE MILITAR DO EXERCITO.
	-	-	instruções	-
			fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #11
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	COMPARECE NESTA DP A PART. 1 PARA COMUNICAR
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NA HORA, DATA E LOCAL SUPRTACITADOS
			preambulação	FOI VITIMA DE DIFAMACAO POR PARTE DOS PARTICIPANTES 2 E 3. ISTO PORQUE OS MESMOS RESIDIAM NA CASA ONDE MORAVA E ERA ALVO DE VARIAS DISCUSSOES DURANTE UM ANO, SENDO QUE TENTADO INTERVIR NESTAS BRIGAS, MUITAS VEZES ERAM OFENDIDA. SEMPRE RELEVOU,
	suc	ext	circunstâncias específicas	SO QUE NO DIA DE HOJE,
			comportamento ofensivo	OS ACUSADOS LHE DISSERAM QUE A VITIMA FAZIA PONTO NO RETORNO DO TREVO DACIDADE.
	-	-	negativa da vítima	-
	consq	ext	fatos complementares	COMO FICOU INDIGNADA COM TAL SITUACAO, COMPARECE NA DP PARA REGISTRO DE OCORRENCIA.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	-	-	manifestação da vítima	-
	-	-	instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] E O REGISTRO.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #12
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	INFORMA
			preambulação	QUE AO FAZER UM SERVICO DE ELETRICA NA ASSOCIACAO DOS FUNCIONARIOS DO MIN PUBLICO,DEIXOU SEU DOCUMENTO NA PORTARIA.QUE O SR BELTRANO DE UNS 45 ANOS O QUAL EH DONO DA EMPRESA JAS SERV DE LIMPEZA, APROVEITOU QUE A CARTEIRA ESTAVA NA PORTARIA E PESQUISOU A FICHA DO CMTE. ESTE FATO SE DEU NO FINAL DO ANO PASSADO, LA ACABOU CONHECENDO SICRANA PASSARAM A MORAR JUNTOS.
	suc	ext	circunstâncias específicas	DESDE AI
			comportamento ofensivo	O CHEFE DELA SR. BELTRANO PASSOU A DAR SUGESTA PARA ELA COMO: TU NAO VE QUE O FULANO NAO EH HOMEM PRA TI.TU MERECE COISA MELHOR. O FULANO EH UM DROGADO. VEIO FUGIDO DE CANELA
			negativa da vítima	-
	adit	ext	fatos complementares	[ALÉM DISSO] COMO SICRANA NAO ACATOU O QUE ELE QUERIA, QUE ERA LARGAR O FULANO, ELE DEMITIU CLAIR, FEZ ELA ASSINAR A RESCISAO.O AVISO VALE ATE 06/10/2011-HOJE O CMTE LIGOU PARA A ASSOCIACAO E DISSE QUE SE ELE CONTINUASSE ESPALHANDO PARA TODOS NA ASSOCIACAO QUE ELE TEVE ENVOLVIMENMTO COM DROGAS NO PASSADO, VIRIA NA DPP/REGISTRA CONTRA ELE HOJE DE MANHA QUANDO SICRANA FOI TRABALHAR FOI IMPEDIDA DE ENTRAR POR BELTRANO NA ASSOCIACAO. ELA PEDIU PARA DEIXAREM AO MENOS PEGAR SEUS PERTENCES. BELTRANO FOI RISPIDO E AGIU COM IGNORANCIA DIZENDO: PEGA AS TUAS COISAS LIGEIRO E TE MANDA DAQUI. NAO QUERO MAIS VER VOCES AQUI. NO DIA QUE A SICRANA FOI ASSINAR A RESCISAO, BELTRANO A MANDOU IR NO CONTADOR NO BAIRRO SAO JOAO,NAO DEU AS PASSAGENS E AINDA DESCONTOU DOI SALARIO O DIA. AINDA FALOU PARA SICRANA QUE IA ARRUMAR UMADVOGADO PARA AJUDA-LO A COLOCA-LA NA RUA SEM DIREITO A NADA.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	-	-	manifestação da vítima	-
	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #13
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	A VITIMA COMPARECE PARA INFORMAR
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE JA HA ALGUM TEMPO
			preambulação	VEM SENDO DIFAMADA PELAS PARTICIPANTE 02 E 03 AS QUAIS SAO SUAS CUNHADAS.
	sem	int	comportamento ofensivo	[OU SEJA] QUE CONSTANTEMENTE AS NOMINADAS FALAM PARA TERCEIROS QUE A VITIMA TEM AMANTES, DIZEM QUE E VAGABUNDA, QUE CADA SEMANA TEM UM NOVO RELACIONAMENTO
	conseq	int	negativa da vítima	FATO QUE [PORÉM] NAO E VERDADEIRO.
	adit	ext	fatos complementares	QUE [ALÉM DISSO] AS DUAS CHEGARAM JA A DIFAMARAM INCLUSIVE AO SEU MARIDO DIZENDO QUE ELE E UM CORNO.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	consq	ext	motivação da ofensa	QUE NAO SABE AS RAZOES DE TAIS FATOS ACREDITAM QUE SEJA EM FUNCAO DE CIUMES QUE AS DUAS TEM EM RELACAO A UM AUXILIO FINANCEIRO QUE O CASAL RECEBEU DA FAMILIA DE SEU MARIDO.
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NA NOITE DE ONTEM
			comportamento ofensivo	SUA SOGRA LHE TELEFONOU DIZENDO QUE FULANA HAVIA CHEGADO EM CASA E CONTADO QUE UMA AMIGA DELA DE NOME BELTRANA, HAVIA VISTO A VITIMA SAINDO DE UM AUTOMOVEL, SENDO QUE ESTA ESTARIA NA COMPANHIA DE UM OUTRO HOMEM,
	consq	int	negativa da vítima	FATO QUE [PORÉM] E INVERIDICO.
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] POR ORA NAO REPRESENTA,
	consq	int	instruções	ESTANDO CIENTE [MESMO ASSIM] DO PRAZO DE 6 MESES PARA REPRESENTACAO.
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NM.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #14
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	DECLARA
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NA DATA E HORA DO FATO
			comportamento ofensivo	BELTRANAQUE TRABALHA NA MESMA ESCOLA DA DECLARANTE COMO EDUCADORA INFANTIL, FALOU PARA A SENHORA SICRANA , MAE DO ALUNO DA DECLARANTE DE NOME TETRANO, PRE ESCOLA, QUE A DECLARANTE NAO DAVA AULA DIREITO PARA AS CRIANCAS, SO PASSAVA FILMES,
	-	-	negativa da vítima	-
	adit	ext	fatos complementares	[E] ONDE ELA PUDESSE DIFAMAR A DECLARANTE E A ESCOLA FARIA QUE IRIA INCOMODAR.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	consq	ext	motivação da ofensa	QUE OS MOTIVOS SERIAM POR CAUSA DE UMA OCORRENCIA POLICIAL QUE A DECLARANTE ESTA SENDO ACUSADA DE AMARRAR UM ALUNO NUM PE DE DE MESA NA REFERIDA ESCOLA , FATO MENTIROSO QUE PRETENDE TOMAR AS PROVIDENCIAS CABIVEIS.
ETAPA 3 Implicações legais	-	-	manifestação da vítima	-
	consq	int	instruções	[DESSA FORMA] FICA NOTIFICADA A COMPARECER NO JUIZADO ESPECIAL CRIMINAL DIA 07 DE DEZEMBRO DE 2011, AS 13H45MIN, CASO NAO COMPARECA OS AUTOS FICARAO AGUARDANDO REPRESENTACAO, COM VALIDADE ATE SEIS MESES A CONTAR DA DATA DO FATO.
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] E O REGISTRO.

ETAPAS	RLS	INT/EXT	FASES	TEXTO BOD #15
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	COMUNICA
			preambulação	QUE BELTRANA VIVE LHE IMPORTUNANDO.
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NO DIA E HORA CITADOS,
			comportamento ofensivo	BELTRANA FICOU DIZENDO NA RUA QUE O COMUNICANTE ERA UM SEM VERGONHA E QUE ESTAVA DEBOCHANDO DA CARA DELA.
	-	-	negativa da vítima	-
	suc	ext	fatos complementares	QUE CERTA VEZ BELTRANA LIGOU PARA O LOCAL DE TRABALHO DO COMUNICANTE E DISSE QUE NAO ERA PARA O COMUNICANTE IR NA CASA DELA, POIS E ELE QUEM INSTALA INTERNET, PORQUE ELA DISSE QUE NAO SE DAVA COM O COMUNICANTE E QUE NAO IA COM A CARA DELE.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA BELTRANA, QUE MORA NA RUA OITO, N. 562, CIDADE BAIXA.
	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #16
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	COMUNICA
			preambulação	QUE FOI DIFAMADA PELA EX-CUNHADA, BELTRANA, 28 ANOS, MORADORA ENCIMA DO PREDIO ODEON, 28 ANOS,
	-	-	circunstâncias específicas	-
	sem	int	comportamento ofensivo	[OU SEJA] ELA QUE COMENTOU, DE MANEIRA DIFAMATORIA, NO FACEBOOK, CF DOCUMENTO ANEXO, QUE A COMUNICANTE ESTARIA FAZENDO - PROGRAMAS- JUNTO COM A TETRANA, SUA ATUAL CUNHADA.
	-	-	negativa da vítima	-
	adit	ext	fatos complementares	QUE [ADEMAIS] NAO E A PRIMEIRA VEZ QUE ACONTECE TAL FATO.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	QUE [PORTANTO] DESEJA VER PROCESSADA A AUTORA DA DIFAMACAO.
	consq	ext	instruções	[POR ISSO] , (FOI NOTIFICDA A COMPARECER AO PODER JUDICIARIA PARA MANIFESTAR SUA INTENCAO).
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NM.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #17
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	[A COMUNICANTE] INFORMA
			preambulação	QUE ESTA VISITANDO A MAE, QUE MORA NA AV INDUSTRIAL E AO ABRIR A CAIXA DE CORREIOS DA RESIDENCIA,
	suc	ext	circunstâncias específicas	NA MANHA DE HOJE,
			preambulação	ENCONTROU UM ENVELOPE (CORRESPONDECIA) DESTINADA A SUA MAE, CONTENDO EM SEU INTERIOR UMA FOLHA TIPO A4, CUJO CONTEUDO (IMPRESSO NA COR PRETA) EH OFENSIVO A PESSOA DA COMUNICANTE,
	sem	int	comportamento ofensivo	[ISTO É] RELATANDO QUE VEM PARA A CIDADE FAZER FESTA, DAR VOLTINHA COM A AMIGA QUE TRABALHA NO CRAIS (CRAS) E QUE HA COMENTARIOS SOBRE A VIDA DA COMUNICANTE.
	adit	ext	fatos complementares	CITA A CARTA, AINDA , QUE A EMITENTE PENSA EM ENVIAR COPIA AO ESPOSO DA COMUNICANT, FAZENDO REFERENCIA AO MARIDO, QUE EH DELEGADO. NAO DECLINA SUSPEITOS, EMBORA TENHA SUSPEITAS. ANEXARA A CORRESPONDECIA EM DATA FUTURA.
			fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	-	-	manifestação da vítima	-
	consq	int	instruções	ORIENTADA [POR FIM] DE QUE FATOS NOVOS DEVEM SER NOTICIADOS A AUTORIDADE POLICIAL E, SENDO DESCOBERTO A AUTORIA, DEVERA MANIFESTAR INTERESSE EM REPRESENTAR, CASO SEJA DE INTERESSE, OBSERVANDO O PRAZO DECADENCIAL.

ETAPAS	RLS	INT/EXT	FASES	TEXTO BOD #18
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	COMUNICA
			preambulação	QUE TEVE UM RELACIONAMENTO DE APROXIMADAMENTE 07 MESES COM O INDIVIDUO BELTRANO NAO TENDO FILHOS EM COMUM. ESTAO SEPARADOS ACERCA DE 03 MESES.
	suc	ext	circunstâncias específicas	APOS O TERMINO DO RELACIONAMENTO
			comportamento ofensivo	BELTRANO PASSOU A OFENDER A COMUNICANTE DIZENDO QUE A MESMA E - VAGABUNDA, VADIA, QUE ANDAVA COM TODO MUNDO-.
	-	-	negativa da vítima	-
	adit	ext	fatos complementares	ALEM DE OFENDER MORALMENTE O ACUSADO PASSA O DIA -RONDANDO A CASA DA COMUNICANTE-. NAO E APRIMEIRA VEZ QUE E OFENDIDA POREM ATE ENTAO NAO HAVIA EFETUADO REGISTRO POLICIAL
	adit	ext	arrolamento testemunhal	[ADEMAIS] TODAS AS OFENSAS FORAM OUVIDAS PELO FILHO DA COMUNICANTE SICRANO DE 11 ANOS
	-	-	motivação da ofensa	-
	adit	ext	fatos complementares	[ALÉM DISSO] AS OFENSAS SAO FEITAS COM TELEFONEMAS QUE NAO TEM HORA PARA OCORREREM.
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] MANIFESTA O DESEJO DE NAO REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO
	conseq		instruções	FICANDO [DESSA FORMA] CIENTE DO PRAZO DECADENCIAL.
	-	-	fechamento	-
	adit	ext	manifestação da vítima	[ADEMAIS] SOLICITA QUE SEJAM ADOTADAS AS MEDIDAS PROTETIVAS.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #19
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	A VITIMA COMUNICA
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NA DATA, HORA E LOCAL REGISTRADOS
			preambulação	FOI DIFAMADA POR UMA COLEGA DE SEVICO CHAMADA BELTRANA.
	sem	int	comportamento ofensivo	[OU SEJA] QUE BELTRANA FOI ATE O SETOR NO QUAL TRABALHA NA ULBRA E PASSOU A LHE XINGAR AOS BERROS COM PALAVRAS DE BAIXO CALAO DIANTE DE SEIS COLEGAS. QUE BELTRANA PROCEDEU DESTE MODO ALEGANDO QUE A VITIMA ESTAVA DEBOCHANDO E FAZENDO FOFOCA SOBRE A PESSOA DELA PARA OUTROS COLEGAS.
			negativa da vítima	QUE [PORÉM] NUNCA DEU QUALQUER MOTIVO PARA QUE BELTRANA AGISSE ASSIM.
	-	-	fatos complementares	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	consq	int	motivação da ofensa	QUE BELTRANA [PORÉM] PROCEDEU DESTE MODO ALEGANDO QUE A VITIMA ESTAVA DEBOCHANDO E FAZENDO FOFOCA SOBRE A PESSOA DELA PARA OUTROS COLEGAS.
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] QUE NAO DESEJA, NO MOMENTO, REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA BELTRANA
	consq	int	instruções	E ESTA CIENTE DO PRAZO DECADENCIAL DE SEIS MESES PARA
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOD #20
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	COMUNICA
			preambulação	
	suc	ext	circunstâncias específicas	COMO PROPRIETARIO DO RESTAURANTE E PIZZARIA CONCORDIAS LTDA, NESTA DATA POR VOLTA DAS 22 H E 30 MIN
			preambulação	PERGUNTOU A SEU FUNCIONARIO BELTRANO PORQUE ELE ESTAVA FECHANDO O RESTAURANTE NAQUELA HORA, POIS O HORARIO DE ATENDIMENTO E ATE AS 24 H ,
	suc	ext	comportamento ofensivo	ENTAO BELTRANO CHAMOU A VITIMA DE SUJO, LADRAO E QUE ANDA COM AS FUNCIONARIAS DO RESTAURANTE
	-	-	negativa da vítima	-
	dif	int	fatos complementares	[POR OUTRO LADO] NAO HOUVE NENHUM TIPO DE AGRESSAO FISICA, SOMENTE VERBAL
	-	-	arrolamento testemunhal	-
ETAPA 3 Implicações legais			motivação da ofensa	-
	consq	int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] NAO DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO.
	-	-	instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS.

APÊNDICE N

Tabelas de análises interfásicas em BOs de injúria

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #1
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	RELATA A COMUNICANTE
			preambulação	QUE CONVIVE COM SEU COMPANHEIRO, ABAIXO QUALIFICADO, EM TORNO DE VINTE E TRES ANOS, E, ATUALMENTE, A RELACAO DO CASAL ESTA INSUSTENTAVEL,
	consq	ext	comportamento ofensivo	POIS O MESMO A AGRIDE VERBALMENTE, CHAMANDO-A DE VAGABUNDA, SEM-CARATER, SEM-VERGONHA, PROSTITUTA, ENTRE OUTRAS, TUDO SEM FUNDAMENTO,
	suc	ext	circunstâncias específicas	SENDO A ULTIMA VEZ, NA DATA E HORARIO ACIMA CITADOS.
	adit	ext	fatos complementares	[ALÉM DISSO] O MESMO TAMBEM A ACUSOU DE TER LHE FURTADO A IMPORTANCIA DE R\$ 500,00, ALEGANDO QUE ESTAVA EMBAIXO DO COLCHAO DA CAMA DO CASAL, O QUE NAO E VERDADE.
			negativa da vítima	-
			arrolamento testemunhal	-
		motivação da ofensa	-	
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] A COMUNICANTE NAO ESTA SUPORTANDO MAIS A SITUACAO E QUER SE SEPARAR DO COMPANHEIRO, BEM COMO AFASTA-LO DO LAR. DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE E REQUER AS MEDIDAS PROTETIVAS.
	consq	int	instruções	-
			fechamento	[EM CONCLUSÃO] E O REGISTRO.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #2
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	DECLARAM AS VITIMAS
			preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE EM DIVERSAS DATAS E HORARIOS
			comportamento ofensivo	RECEBEM LIGACOES TELEFONICAS COM TEOR DIFAMATORIO CONTRA FULANO, CHAMANDO-O DE LADRAO, TRAFICANTE, EXPLORADOR, QUE IRA SUPRIMIR A HERANCA DA FAMILIA DA FULANA 1, COM QUEM ELE POSSUI UNIAO ESTAVEL.
			negativa da vítima	-
	adit	ext	fatos complementares	[ALÉM DISSO] QUE A VITIMA FULANA 2, SOGRA DE FULANO, TAMBEM RECEBE DIVERSAS LIGACOES SIMILARES. QUE NAS DATAS DE: 28/08/2011, DAS 16H, ATE AS 16H45MIN, 30/08/2011 17H30MIN, RECEBIDAS NO TELEFONE NUMERO 54-3267-8132, PERTENCENTE A FULANA 2. JA NA DATA DE 01/09/2011, AS 19H50MIN, CHAMADA RECEBIDA NO TELEFONE DE FULANA 1.
	adit	ext	arrolamento testemunhal	[E] QUE NAO POSSUI SUSPEITOS NEM TESTEMUNHAS DO FATO EM TELA.
	adit	ext	fatos complementares	[ADEMAIS] SALIENTA QUE A PRIMEIRA LIGACAO RECEBIDA FOI EFETUADA COM VOZ MASCULINA E AS DUAS ULTIMAS COM VOZ FEMININA.
			motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] AS VITIMAS MANIFESTAM O INTERESSE DE REPRESENTAR CONTRA O AUTOR DO FATO EM TELA, PARA TANTO, SOLICITAM A QUEBRA DE SIGILO TELEFONICO.
			instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #3
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	COMUNICA
			preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE POR VOLTA DAS 11H25MIN DO DIA DE HOJE, QUANDO ESTAVA DESLOCANDO EM VIA PUBLICA NA VIATURA DISCRETA PLACA ILY-0336 E APOS TER ESTACIONADO A MESMA NA RUA CORONEL SERAFIM,
			comportamento ofensivo	O ACUSADO, JA QUALIFICADO, PAROU A CAMINHONETE PLACA IQQ-0000, COR PRETA, A QUAL ESTAVA CONDUZINDO NO MEIO DA VIA PUBLICA E COMECOU A PROFERIR OFENSAS EM VOZ ALTA AO COMUNICANTE, DIZENDO: <DA ONDE EH QUE TU TIROU A CARTEIRA, COMProu? COMO EH QUE ME ULTRAPASSOU PELA DIREITA SEU FILHO DA MAE, SEU MERDA>.
			negativa da vítima	-
	suc	ext	fatos complementares	[ENTÃO] O COMUNICANTE NADA RESPONDEU, APENAS FICOU EM SILENCIO E IDENTIFICOU O CONDUTOR E O VEICULO.
			arrolamento testemunhal	-
		motivação da ofensa	-	
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] QUE REQUER INSTAURACAO DE ACAO PENAL CONTRA O AUTOR DOS FATOS.
			instruções	-
			fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #4
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	COMUNICA
			preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE EM DATA, HORA E LOCAL MENCIONADO,
	consq	ext	motivação da ofensa	PELO MOTIVO DE BELTRANO, CUNHADO DA COMUNICANTE TER PERDIDO UMA AÇÃO DE ANULAÇÃO DE ESCRITURA DAS TERRAS QUE ERAM DA SOGRA DA COMUNICANTE,
			comportamento ofensivo	ESTE NÃO SE CONFORMA E COMEÇA A CHAMA-LA DE CADELA, MOSTRA-LHE A LINGUA E FAZ GESTO COM A MÃO ESQUERDA ERGUENDO PARA CIMA OS DEDOS INDICADOR E MEDIO.
	adit	ext	arrolamento testemunhal	[ADEMAIS] NÃO TEM TESTEMUNHA DO FATO.
			negativa da vítima	-
fatos complementares			-	
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	DEVIDO AO OCORRIDO MANIFESTA O DESEJO EM REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO.
			instruções	-
			fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #5
ETAPA 2 Fato ofensivo	↑↑ projeção		projeção introdutória	COMUNICA
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE EM HORA E LOCAL SUPRACITADO,
			comportamento ofensivo	SEU EX-COMPANHEIRO BELTRANOI CHEGOU EM SUA CASA E NA FRENTE DE SUA FILHA LHE CHAMOU DE (VAGABUNDA, VELHA COROCA, PUTA...).
	suc	ext	fatos complementares	[ANTES DISSO] QUE A COMUNCIANTE ENTROU COM SEPARACAO NO FORUM LOCAL NO ANO DE 2010 E JA SAIU O DIVORCIO, MAS NAO FICOU ESTABELECIDO AS DATAS DE VISITAS DE SUA FILHA SICRANA DE 07 ANOS DE IDADE. INFORMA QUE CADA VEZ QUE SEU EX-COMPANHEIRO VAI VISITAR A FILHA A COMUNICANTE E AGREDIDA VERBALMENTE E AMEACADA DE SER RETIRADA DO PODER FAMILIAR.
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] NESTE ATO, REPRESENTA CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO NO FORUM LOCAL.
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #6
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	INFORMA A VITIMA
			preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE SEU SOGRO BELTRANO FOI PASSEAR NA CASA DA PART. 1 QUANDO
			comportamento ofensivo	COMECOU A LHE XINGAR, CHAMANDO DE BURRA,
			negativa da vítima	-
	adit	ext	fatos complementares	[E] DIZENDO QUE ERA PARA A VITIMA SAIR DE CASA QUANDO ELE FOSSE LA PASSEAR. A DESAVENCA DE MUITO TEMPO, POIS BELTRANO RESIDE EM CANABARRO - RS E VEM VISITAR OS AMIGOS E PARENTES SOMENTE ALGUMAS VEZES AO ANO
			arrolamento testemunhal	-
	adit	ext	motivação da ofensa	E TODA VEZ CRIA ENCRENCA PELOS MESMOS MOTIVOS, POIS VIVE DIZENDO QUE O FILHO DELE ESTA MAL CASADO, REFERINDO-SE A PART. 1.
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] NAO DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA BELTRANO.
	conseq	int	instruções	[MESMO ASSIM] CIENTIFICADA DO PRAZO DECADENCIAL DE SEIS MESES PARA EXERCER O DIREITO DE REPRESENTACAO CONTRA O AUTOR DO FATO.
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #7
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	COMUNICA
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NA DATA E HORARIO ACIMA,
			comportamento ofensivo	O SR. BELTRANO E A ESPOSA DELE SRA. BELTRANA, PROPRIETARIOS DA CASA ONDE A COMUNICANTE RESIDIA COM A FAMILIA DE ALUGUEL, FORAM ATE ESSA CASA E PASSARAM A OFENDER A COMUNICANTE E SEU MARIDO FULANO, CHAMANDO-OS DE CALOTEIROS, LADROES, SEM VERGONHA, E OS HUMILHARAM,
	-	-	negativa da vítima	-
	consq	ext	motivação da ofensa	ISSO PORQUE A COMUNICANTE DEVE UNS CINCO OU SEIS MESES DE ALUGUEL, BEM COMO AGUA E LUZ PARA OS PROPRIETARIOS DA CASA.
	suc	ext	fatos complementares	QUE JA ¹⁰⁴ SE MUDARAM DESTA CASA. QUE BELTRANO MANDOU DIZER POR UMA CUNHADA DA COMUNICANTE QUE ERA PARA SE CUIDAREM.
			arrolamento testemunhal	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] NAO DESEJA REPRESENTAR EM JUIZO.
	conseq	int	instruções	[MESMO ASSIM] CIENTIFICADA DO PRAZO LEGAL DE SEIS MESES PARA EXERCER SEU DIREITO.
			fechamento	-

¹⁰⁴ Item continuativo

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #8
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	COMUNICA
			preambulação	-
			comportamento ofensivo	QUE A PESSOA DE BELTRANO DO QUAL O COMUNICANTE ALUGA UM CASA, COMPARECEU EM SUA RESIDENCIA LHE CHAMANDO DE NEGRO SUGO, VELHACO, DE DROGADO, E DE FILHO DA PUTA.
	consq	ext	motivação da ofensa	OS MOTIVOS ¹⁰⁵ E DEVIDO O COMUNICANTE TER ATRASADO 09 DIAS O PAGAMENTO DO ALUGUEL.
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE O FATO ACONTECEU NO PATIO DA RESIDENCIA, NA PRESENÇA DA ESPOSA DO COMUNICANTE.
			negativa da vítima	-
	adit	ext	fatos complementares	[E] QUE MORA NA RESIDENCIA A 04 MESES SENDO QUE SOMENTE ESTE MES QUE ATRASOU O REFERIDO ALUGUEL DEVIDO O COMUNICANTE ESTAR ATENDENDO SEU PAI QUE ENCONTRA-SE NO HOSPITAL DE IJUI, INCLUSIVE APOS O FATO O COMUNICANTE ARRUMOU O DINHEIRO E JA EFETUOU O PAGAMENTO.
		arrolamento testemunhal	-	
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO, O QUAL MORA ATRAS DO HOTEL ELSENAU PROXIMO DE UM MATINHO.
			instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS.

¹⁰⁵ conjunção-entidade (metáfora lógica)

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #9
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	COMUNICA
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE EM DATA SUPRA
			preambulação	SE ENCONTRAVA NO SEU LOCAL DE TRABALHO, NO POSTO DE SAUDE MUNICIPAL, MOMENTO EM QUE ATENDEU A SENHORA BELTRANA, A QUAL ESTAVA ACOMPANHAVA UMA NETA PARA SE ATENDIDA E COMO ELA QUERIA QUE FOSSE ATENDIDA NA HORA, MAS COMO TINHA UMAS PESSOAS, FOI FALAR COM A SUA CHEFE PARA O ATENDIMENTO DE URGENCIA
	adt	ext	comportamento ofensivo	E FOI AFENDIDA PELA MESMA, A QUAL DISSE -SUA EGUA, VAGABUNDA, ENTRE OUTRAS PALAVRAS INJURISOSAS.
	-	-	negativa da vítima	-
	-	-	fatos complementares	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[APESAR DISSO] QUE NAO DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE NA DATA DE HOJE,
	consq	int	instruções	[MESMO ASSIM] FICANDO CIENTE DO PRAZO DECADENCIAL DE SEIS MESES, A PARTIR DO CONHECIMENTO DO FATO, SUPRACITADO.
	adit	ext	arrolamento testemunhal	[ADEMAIS] QUE POSSUI TESTEMUNHAS DO EVENTO.
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NM.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #10
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	COMPARECE NESTA DELEGACIA DE POLICIA PARA COMUNICAR
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NA DATA, HORARIO E LOCAL MENCIONADOS
			preambulação	FOI INJURIADA POR SEU ESPOSO BELTRANO
	sem	ext	comportamento ofensivo	[OU SEJA,] RELATA QUE BELTRANO E LHE INJURIOU DIZENDO: VAGABUNDA, SAFADA, CADELA.
			negativa da vítima	-
	suc	ext	fatos complementares	QUE APOS A DISCUSSAO BELTRANO PEGOU AS ROUPAS DA COMUNICANTE E LHE COIOCOU PARA FORA DE CASA.
	consq	ext	motivação da ofensa	QUE A DESAVENCA SE DEU PELO FATO DE BELTRANO SENTIR CIUMES DA COMUNICANTE COM SEUS COLEGAS DE TRABALHO.
	adit	ext	fatos complementares	ACRESCENTA QUE ESTA CASADA COM BELTRANO HA APROXIMADAMENTE NOVE ANOS E COM O MESMO NAO POSSUI FILHOS.
	adit	ext	arrolamento testemunhal	[ALÉM DISSO] QUE NAO HA TESTEMUNHAS DO FATO.
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	instruções	[DESSA FORMA] QUE A VITIMA FOI ORIENTADA A CONSTITUIR ADVOGADO CASO DESEJE REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO.
	consq	int	manifestação da vítima	[PORÉM] [A VÍTIMA] DISPENSOU AS MEDIDAS DE PROTECAO.
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] E O REGISTRO.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #11
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	-
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	NA TARDE DO DIA 11/09/2011, EM TORNO DAS 19HS00MIN, QUANDO PASSOU EM FRENTE A RESIDENCIA DE NUMERO 231, DA RUA ARTHUR AUGUSTO GENHARDT, NO BAIRRO MORADA DO SOL,
	consq	ext	motivação da ofensa	SEM MOTIVO ALGUM,
			comportamento ofensivo	AS PESSOAS DE NOME: BELTRANA E BELTRANO, LHE ATACARAM NA RUA E CHAMARAM-NA DE BEBADA E QUE IRIAM CHAMAR PARA A POLICIA,
	consq	int	negativa da vítima	SENDO QUE A COMUNICANTE [PORÉM] NAO PODE BEBER NENHUM TIPO DE BEBIDA ALCOOLICA, POIS TOMA REMEDIOS CONTROLADOS E E IMPERTENSA.
	-	-	fatos complementares	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
ETAPA 3 Implicações legais	conseq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] MANIFESTA O DESEJO DE REPRESENTAR CRIMINALMENTE POR CRIME DE INJURIA CONTRA OS ACUSADOS.
	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #12
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	REGISTRA
			preambulação	QUE FOI INJURIADA E QUASE AGREDIDA POR BELTRANO(RUA JORNAL O GUAIBA, 000 - COLINA),
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUANDO FOI ATE A CASA QUE LOCA DA EX MULHER DELE.
	consq	ext	motivação da ofensa	ACONTECE QUE ELE GANHOU A CASA EM PARTILHA DE BENS E AGORA QUER QUE A COMUNICANTE PAGUE A ELE OS DIAS RESTANTES DO CONTRATO LOCATICIO. QUE BELTRANO A ARROMBOU A CASA E DISSE QUE NAO IRA SAIR DE DENTRO ATE QUE A COMUNICANTE O PAGUE.
	consq	ext	comportamento ofensivo	[POR ISSO] QUE BRAVO, ELE A CHAMOU DE VAGABUNDA, CHINELONA ETC
			negativa da vítima	-
	adit	ext	fatos complementares	E SOMENTE NAO A AGREDIU PORQUE A MULHER DELE O SEGUROU.
	adit	ext	arrolamento testemunhal	[ALÉM DISSO,] FOI TESTEMUNHA DO FATO O SR. SICRANO, O QUAL MORA NA MESMA RUA.
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] MANIFESTA O DESEJO DE REPRESENTAR CONTRA O ACUSADO.
	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #13
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	A VITIMA COMUNICA
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NA DATA DE HOJE, APOS TER FICADO COM A FILHA NO EM SEU DIA DE FOLGA DAS SUAS AULAS, CONFORME ACORDO FIRMADO ENTRE AMBOS,
			comportamento ofensivo	A ACUSADA FOI ATE A EMPRESA DA VITIMA E PARA BUSCAR A FILHA, SICRANA, DE OITO ANOS DE IDADE E PASSOU A INJURIAR E DIFAMAR A VITIMA COM PALAVRAS DO TIPO: ORDINARIO, DESGRACADO, VOU TE PRENDER, TU VAI ME PAGAR, AOS GRITOS DE FORMA DESCONTROLADA, FAZENDO UM GRANDE ESCANDALO NA EMPRESA DO COMUNICANTE,
	consq	ext	motivação da ofensa	TUDO PORQUE ELE DISSE QUE HOJE A NOITE NAO PODERIA FICAR COM A FILHA PARA ELA, CONFORME ESTAVA IMPONDO A ACUSADA AO PAI DA CRIANCA, NAO PEDINDO, SEGUNDO RELATA A VITIMA E QUE ESSE FATO GEROU UMA REVOLTA MUITO GRANDE NA MENINA QUE PASSOU A BATER NA MAE E DIZER: NAO FALA ASSIM DO MEU PAI QUE EU O AMO, CHORANDO MUITO.
	adit	int	fatos complementares	TEME INCLUSIVE ¹⁰⁶ PELA SANIDADE DA FISICA E MENTAL DA CRIANCA.
			negativa da vítima	-
		arrolamento testemunhal	-	
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] DESEJA REPRESENTAR.
	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

¹⁰⁶ item continuativo

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #14
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção	-	projeção introdutória	COMUNICA
	-	-	preambulação	-
			comportamento ofensivo	QUE A FILHA DA SUA VIZINHA, BELTRANA, 23 ANOS DE IDADE, RESIDENTE NA RUA EMILIO VON REISSWITZ, 000, BAIRRO CELESTE,
	suc	ext	circunstâncias específicas	ESTEVE NA FRENTE DO PORTAO DA SUA CASA,
	adit	ext	comportamento ofensivo	[E] OFENDENDO A ESPOSA DO COMUNICANTE FULANA, CHAMANDO-A DE <PUTA E VAGABUNDA>.
	-	-	negativa da vítima	-
	-	-	manifestação da vítima	-
	-	-	fatos complementares	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	-	-	manifestação da vítima	-
	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #15
ETAPA 2 Fato ofensivo	-	-	preambulação	-
	projeção	-	projeção introdutória	COMPARECE A ESTA DELEGACIA PARA COMUNICAR QUE,
	-	-	circunstâncias específicas	-
			comportamento ofensivo	SEU MARIDO, BELTRANO, ULTIMAMENTE ESTA A DISTRATANDO DEMAIS E OFENDENDO-A, CHAMANDO ESTA DE -VAGABUNDA-, ENTRE OUTRAS PALAVRAS DE BAIXO CALAO.
			negativa da vítima	-
	adit	ext	fatos complementares	[ALÉM DISSO] DECLARA QUE, VIVEU MARITALMENTE COM BELTRANVO PELO PERIODO DE 20 ANOS E NAO DORMEM MAIS NO MESMO QUARTO, HA APROXIMADAMENTE 01 ANO. REGISTRA A PRESENTE PORQUE, A SITUACAO ESTA INSUSTENTAVEL E SEUS 03 FILHOS, QUE SAO ADOLESCENTES, ESTAO COBRANDO UMA INICIATIVA DESTA. TEME QUE, EM MEIO HA ALGUMA DISCUSSAO, SEUS FILHOS PERCAM A PACIENCIA COM O PAI.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] A VITIMA DESEJA ENCAMINHAR A DOCUMENTACAO PARA A SUA SEPARACAO LEGAL. REGISTRA PARA FINS DE DIREITO E, POR ORA, NAO DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE,
	consq	int	instruções	[MESMO ASSIM] FICANDO CIENTE DO PRAZO DECADENCIAL DE SEIS MESES. JA PROCUROU A DEFENSORIA PUBLICA.
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] NADA MAIS.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #16
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	RELATA
			preambulação	QUE HA SETE ANOS ESTA AMIGADA COM BELTRANO, E POSSUI UMA FILHA, TETRANA, COM QUATRO ANOS DE IDADE, SENDO QUE POSSUI MAIS CINCO FILHOS DE OUTRO RELACIONAMENTO. A COMUNICANTE E BELTRANO RESIDEM NOS FUNDOS DA CASA DE SUA MAE.
	adit	ext	comportamento ofensivo	[E] BELTRANO INGERE BEBIDA ALCOOLICA E LHE OFENDE CHAMANDO-A DE VAGABUNDA, DESGRACADA, PUTA, ETC,
	-	-	circunstâncias específicas	-
	-	-	negativa da vítima	-
	adit	ext	fatos complementares	E HOJE, ALEM DE LHE OFENDER, AINDA QUEBROU OS DOIS CONTROLES DA TELEVISAO, E PEGOU UM FACA E PASSOU A AMEACAR O PADRASTO E IRMAO DA COMUNICANTE. SUA FILHA SICRANA LIGOU PARA A BRIGADA E OS POLICIAIS SICRANO 1 E SICRANO 2 AO CHEGAREM NA CASA ENCONTRARAM BELTRANO SAINDO COM O FACA NA MAO, POIS ESTAVA INDO ATRAS DE SEU PADRASTO QUE ESTAVA NO INTERIOR DO PARQUE DE RODEIOS. O FACA FOI APRESENTADO PELO POLICIAL MILITAR SICRANO 1. A COMUNICANTE NAO FOI AGREDIDA E NEM AMEACADA, APENAS SOFREU OFENSAS VERBAIS.
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
	ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima
consq		int	fatos complementares	[POR FIM] BELTRANO NAO FOI OUVIDO EM RAZAO DE ESTAR VISIVELMENTE EMBRIAGADO.
-		-	instruções	-
-		-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #17
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	COMPARECE NESTE PLANTAO PARA COMUNICAR
			preambulação	QUE NO DIA DE ONTEM FOI NA CASA DE SUA MAE TETRANA, OCASIAO QUE FOI VER UM POCO NEGRO DO VISINHO BELTRANO QUE ESTA VAZANDO PARA TERRENO DE SUA MAE.
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NA OCASIAO
			comportamento ofensivo	BELTRANO AO VER A COMUNICANTE PASSOU A LHE OFENDER VERBALMENTE CHAMANDO-A DE MUNAIA, QUE ERA UMA LAIA E QUE COMUNICANTE TINHA MATADO O MARIDO.
	-	-	negativa da vítima	-
	consq	ext	fatos complementares	[POR ISSO] QUE A COMUNICANTE SE RETITOU DO LOCAL PARA EVITAR MAIS CONFUSAO.
	adit	ext	arrolamento testemunhal	[ALÉM DISSO,] QUE O FATO FOI TESTEMUNHADO POR SICRANA, QUE RESIDE NA CASA DE MAE.
	-	-	motivação da ofensa	-
	adit	ext	fatos complementares	[ADEMAIS] QUE SOBRE O VAZAMENTO DO POCO NEGRO, A COMUNICANTE E SUA IRMA IRAO NO FORUM SE INFORMAR. QUE TAMBEM O FATO FOI DADO CONHECIMENTO A PREFEITURA E A PATRAN, MAS NADA FOI SOLUCIONADO E ORIENTARAM A IR NO FORUM. BELTRANO RESIDE NA RUA CAMPOS VERGUEIRO, AO LADO DO NUMERO 00.
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[EM CONCLUSÃO] [A COMUNICANTE] RENUNCIA DIREITO DE REPRESENTACAO.
	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #18
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	RELATA
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NA DATA, HORARIO E LOCAL CITADOS ACIMA,
			comportamento ofensivo	O ACUSADO DISSE: - VAI TOSSIR NA BUNDA DA TUA MAE -.
	suc	ext	fatos complementares	ALGUNS MINUTOS DEPOIS, QUANDO O COMUNICANTE FOI NOVAMENTE AO PATIO, O ACUSADO CUSPIU EM DIRECAO AO COMUNICANTE, MAS NAO O ACERTOU.
	adit	ext	circunstâncias específicas	INFORMA TAMBEM , QUE NO DIA 19/09/2011, POR VOLTA DA UMA HORA DA MADRUGADA,
			comportamento ofensivo	O ACUSADO, GRITOU: - PEIDORREIRO, TU TA MORANDO AQUI DE FAVOR -.
	consq	int	circunstâncias específicas	NO OUTRO DIA, POR VOLTA DAS 22 HORAS,
			comportamento ofensivo	O ACUSADO INSULTOU A VITIMA, PROFERINDO OS MESMOS INSULTOS.
			negativa da vítima	-
			arrolamento testemunhal	-
			motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] DESEJA REPRESENTAR CRIMINALMENTE CONTRA O ACUSADO.
	-	-	instruções	-
	consq	int	fechamento	[EM CONCLUSÃO] ERA O REGISTRO.

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #19
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	RELATA
	-	-	preambulação	-
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NESTA DATA, HORARIO E LOCAL CITADO
			comportamento ofensivo	A SRA BELTRANA, SUA VIZINHA E IRMA DA DONA DA CASA EM QUE RESIDE, CHAMOU-LHE DE VAGABUNDO, SEM-VERGONHA, ORDINARIO E DE VELHO(SIC).
	-	-	negativa da vítima	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	consq	ext	motivação da ofensa	A MOTIVACAO , PORQUE QUANDO FOI MORAR NO LOCAL, NAO QUIS DEIXAR EM SUA CASA UM LAVATARIO COM UM SUPORTE PERTENCENTE A ACUSADA EM SUA CASA.
	suc	ext	fatos complementares	DESDE ENTAO , A ACUSADA, IMPLICA, INCLUSIVE, PERTURBRANDO A SUA TRANQUILIDADE COM SOM ALTO ATE ALTAS HORAS DA MADRUGADA.
ETAPA 3 Implicações legais	consq	int	manifestação da vítima	[PORTANTO] DESEJA REPRESENTAR CONTRA A ACUSADA.
	-	-	instruções	-
	-	-	fechamento	-

ETAPAS	RLS	EXT/INT	FASES	TEXTO BOI #20
ETAPA 2 Fato ofensivo	projeção		projeção introdutória	INFORMA A VITIMA
	suc	ext	circunstâncias específicas	QUE NAS PROXIMIDADES DA ISCARIA TITONI
			preambulação	E NOTOU QUE FULANO, CUJO ENDERECO COMERCIAL E EM OUTRA ISCARIA, LOCALIZADA NA RUA DAVI CANABARRO, ESTAVA ATIRANDO COM UMA ESPINGARDA DE PRESSAO, EM UM ALVO DO OUTRO LADO DA RUA, IDENTIFICOU-SE COMO POLICIAL CIVIL E PEDIU QUE PARASSE COM OS DISPAROS, FULANO PAROU,
	suc	ext	circunstâncias específicas	MOMENTOS DEPOIS
			comportamento ofensivo	BELTRANO, PROPRIETARIO DA ISCARIA TITONI, PASSOU PELA VITIMA E O CHAMOU DE PAU NO CU,
	-	-	negativa da vítima	-
	-	-	fatos complementares	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	-	-	motivação da ofensa	-
ETAPA 3 Implicações legais	-	-	manifestação da vítima	-
	-	-	arrolamento testemunhal	-
	consq	int	instruções	[EM CONCLUSÃO] VITIMA CIENTE QUE DEVERA INGRESSAR COM QUEIXA CRIME, NO FORUM LOCAL.
	-	-	fechamento	-